

Dulce Alexandra de Oliveira Lopes Delgado

**Transcrição e análise e de uma colectânea sebastianista
do século XIX.**

Mestrado em Estudos Portugueses Interdisciplinares

Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria José Ferro Tavares

Universidade Aberta

Lisboa - 2005

Agradecimentos

Nos anos lectivos de 2003/2004 e 2004/2005 tive o privilégio de frequentar o Mestrado de Estudos Portugueses da Universidade Aberta.

Privilégio por ter podido assistir a seminários que me deram chaves para aceder a toda uma vasta área de novos conhecimentos no âmbito de matérias como a História, a Linguística e a Literatura, matérias diversas mas convergentes na compreensão do *todo* que é a cultura portuguesa.

Privilégio por ter conhecido professoras de grande competência, empenhadas e acessíveis, nas quais sempre pudemos encontrar apoio.

Também considero um privilégio termos formado um grupo de mestrandos com relações muito cordiais, podendo contar com o apoio mútuo na realização dos trabalhos académicos.

Privilégio, enfim, por ter tido a sorte de ter tido uma orientadora de excepção, que é para mim uma referência. O interesse e a qualidade dos cursos livres da Universidade Aberta a que assisti em 2003 levaram-me a matricular-me no curso de mestrado em *Estudos Portugueses Interdisciplinares*. Um dos cursos livres foi subordinado ao tema *Império e Milénio*, leccionado pela Professora Doutora Maria José Ferro Tavares, que viria a aceitar orientar-me na dissertação de mestrado.

Assim, expresso o meu agradecimento à minha orientadora, pelo apoio, pelos seus argutos e competentes conselhos e, também, pela paciência. Estou reconhecida à Universidade Aberta, que, desde o ano 2000, para mim tem sido uma segunda casa.

Agradeço às professoras responsáveis pelos seminários do MEPI, Professoras Doutoras Maria Adelaide Millán Costa, Ana do Nascimento Piedade, Hanna Jakubowicz Batoréo, Maria João Branco, Rosa Sequeira e Ana Paula Avelar, a formação de excelente qualidade que nos foi ministrada.

Também estou devedora aos colegas do curso de mestrado e amigos, Clara, Paula, Rosa, Rui e Sofia e à Teresa, colega dos cursos livres.

Quero expressar o meu apreço pelo profissionalismo e disponibilidade dos funcionários do Arquivo Histórico de Almada, da Biblioteca Municipal de Almada e do Centro de Documentação da Universidade Aberta e, também, à secretária do mestrado Sra. D. Ana Caeiro.

Uma palavra ainda para agradecer à Professora Doutora Valentina Trifonova, pela marca que deixou; e à minha família, por tudo.

Bem hajam!

ÍNDICE:	3
ABREVIATURAS UTILIZADAS	7
PARTE I - ANÁLISE DO MANUSCRITO	8
1 - INTRODUÇÃO:	9
1. 1 – MESSIANISMO E MILENARISMO	10
1. 2 - O MILENARISMO EM PORTUGAL	15
1. 2. 1 - Bandarra e as suas trovas. Aparecimento do mito sebastianista.	15
1. 2. 2 - O profetismo em Vieira à luz dos textos compilados.....	19
1. 2. 3 - Colectâneas de carácter sebastianista	22
1. 3– CARACTERÍSTICAS DOS TEXTOS PROFÉTICOS.....	24
2 - A COLECTÂNEA EM ANÁLISE	29
2. 1- APRESENTAÇÃO GERAL	29
2. 1. 1 - O compilador.....	29
2. 1. 2 - A compilação	31
2. 1. 3 - Apresentação geral dos textos recolhidos na colectânea	32
2. 1. 4 - As autoridades “alegadas”	33
2. 2 - TEMAS COMUNS AOS TEXTOS DO MANUSCRITO	37
2. 2. 1 - A Restauração profetizada:	40
2. 2. 2 - O tema do “ínfel” nas profecias portuguesas: antagonismo contra o Muçulmano.	41
2. 2. 3 - A “ameaça” francesa	46
2. 2. 4 - Uma Rainha em Portugal – um dos sinais das profecias	47
2. 2. 5- A Ilha encoberta. Imagens do paraíso no lugar de exílio do <i>Desejado</i> . .	48
2. 2. 6 - A unificação religiosa	50
2. 2. 7 - Justiça para os pequenos – um eco joaquimita	52
2. 2. 8 - Prognósticos	53
2. 3 - BREVE ANÁLISE DE ALGUNS TEXTOS PARADIGMÁTICOS	55
2. 4 - BIBLIOGRAFIA CITADA NO MANUSCRITO.....	56
2. 5 – SÍMBOLOS MAIS SIGNIFICATIVOS PRESENTES NA COLECTÂNEA	74
2. 6 - CRITÉRIOS DE TRANSCRIÇÃO.....	78
3 - CONCLUSÃO	80
PARTE II - TRANSCRIÇÃO DO MANUSCRITO	82
<i>Iº TOMO</i>	83
<i>CARTA DO PADRE ANTÓNIO VIEIRA</i>	84

SATISFAÇÃO APOLOGETICA.....	85
PAPEL EM QUE SE PROVA A VINDA DO REY D. SEBASTIAÕ PELO PADRE ANTONIO VIEYRA DA COMPANHIA DE JEZUS.....	107
<i>Profecias da Sibila Eritrea</i>	112
<i>Profecia que está na Livraria de Sto Antonio de Cascais</i>	115
<i>Profecia de S. Theofillo Bispo,</i>	116
<i>Professia de Santa Leocadia</i>	116
<i>Professia de S. Angelo Carmelita</i>	117
<i>Profecia de S. Nicolau Factor</i>	118
<i>Professias tiradas das cartas de S. Francisco de Paula</i>	119
<i>Professias de Frei Joaõ da Rocaçelsa</i>	121
<i>Professias de S. Izidoro.</i>	123
<i>Vatecinio de S. Methodio</i>	123
<i>Vatecinio que o Padre Gregorio de Almeida</i>	124
<i>Vatecinio de Joaõ Carrion</i>	124
<i>Vatecinio do Padre Anchieta</i>	124
<i>Vatecinios de Pedro de Frias comentador das professias de S. Izidoro</i>	125
<i>Vatecinios do venerável Pe. Antonio da Conceição,</i>	126
<i>Vatecinios do Ermitaõ de Monserrate</i>	130
<i>Vaticinios que tinha o Il.mo Sr. Bispo de Lisboa</i>	131
<i>D. Miguel de Castro</i>	131
<i>Revelação de Santa Thereza de Jezus</i>	131
<i>Declaraçoins da Madre Leocádia da Conceição,</i>	132
<i>Revelaçoins do Fr. Pedro de Bastos tiradas da sua vida</i>	137
<i>Revelaçoins de Leonor Rodrigues</i>	137
<i>Revelaçoins da serva de Deos Maria da Cruz</i>	138
<i>Revelaçoins da Soror Martha de Christo Relegioza no Convento da Esperança</i>	139
<i>Frei Marcos de Guadalaxara</i>	141
<i>Acanturuley,</i>	154
<i>Professias de Santo Izidoro</i>	158
<i>Trovas celebradas do Ourives da Cidade de Braga</i>	165
<i>Professias de S. Theotonio</i>	170
“ <i>VERSOS QUE VIERAÕ COM A ESPADA DO REY D. AFFONSO HENRRQUES</i>	177

VATECINIOS DE SÃO FREI GIL PORTUGUEZ.....	180
2º TOMO.....	182
<i>BANDARRA</i> <i>DESCUBERTO NAS SUAS TROVAS.....</i>	183
<i>Prefacio.....</i>	183
<i>Trovas de Gonçalo Anes Bandarra.....</i>	186
<i>Outavas de Bocarro.....</i>	202
<i>Collecção de varias Professias.....</i>	213
<i>Altar de S. Thome.....</i>	213
<i>Professias do Beato Gil.....</i>	214
<i>Professia de Santo Izidoro, e Cassandra.....</i>	214
<i>Professia de S. Theophilo.....</i>	215
<i>Professias do Monge Rolando.....</i>	215
<i>Professia de hum Frade de S. Francisco.....</i>	216
<i>Professia do Abbade Gil.....</i>	216
<i>Professia de S. Claudio.....</i>	217
<i>Professia de S. Çerilo.....</i>	217
<i>Professias de Santa Leocadia.....</i>	217
<i>Professia do Padre Joze de Anieta (Anchieta).....</i>	218
<i>PROFESSIAS DE ÇEPEDA.....</i>	220
<i>FR. JOAÕ DA BARROCA.....</i>	224
<i>PROFESSIAS DO PRETINHO DO JAPAÕ.....</i>	230
<i>PROFESSIAS QUE HUM MOURO DE GRANADA.....</i>	237
<i>ATTESTAÇÃO DE HUNS RELIGIOSOS DE S. ANTONIO DOS CAPUCHOS.....</i>	242
<i>PROFESSIAS DE HUM LAVRADOR DO ALGARVE.....</i>	247
<i>PROFESSIA DE FR. BARTHOLOMEU SALUTIVO.....</i>	248
<i>MOURO DA BERBERIA E ACAN BURULEI.....</i>	249
<i>PROFESSIA DE S. CEZARIO BISPO DE ARLES.....</i>	250
<i>NOTÍCIAS, CURIOSIDADES E SINAIS.....</i>	251
III - FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	267
1 - FONTES.....	267
1 . 1 – Fontes manuscritas.....	267
1 . 2 - Fontes impressas.....	267
2 – BIBLIOGRAFIA.....	271

2 . 1 - Dicionários, Enciclopédias, Histórias gerais	271
2 . 2 - Bibliografia Geral.....	272
2 . 2 . 1 – Obras históricas e estudos	272
2 . 2 . 2 – Obras literárias.....	282
3 - ENDEREÇOS ELECTRÓNICOS	283

ANEXO cópia do manuscrito em análise

Abreviaturas utilizadas

À Biblioteca Nacional corresponde a sigla 'B.N'.

A abreviatura 'INIC' indica edições do Instituto Nacional de Investigação Científica.

As citações recolhidas da transcrição são assinaladas pela inscrição 'D' com as páginas da presente dissertação.

As citações recolhidas dos dois manuscritos, com folhas numeradas, que se transcrevem na segunda parte do trabalho e cuja fotocópia constitui o anexo, são assinaladas pelos signos 'MT1' ou 'MT2' conforme o tomo manuscrito de que se trata.

Parte I - Análise do Manuscrito

1 - Introdução:

Do enorme labor literário dos antigos costuma colher-se, de preferência, aquilo que nos diz respeito mais directamente, valorizando temas mais canónicos ou respeitáveis, porque compreensíveis, e desvalorizando (ou mesmo desprezando) obras consideradas menores e que, não tendo resistido ao tempo, permanecem desconhecidas.

Na listagem de livros esquecidos encontram-se muitas obras sobre profecias ou astrologia, por exemplo, que, por tratarem de matéria ultrapassada, são pouco estudadas (pelo menos por parte de ensaios académicos). Vale, no entanto, a pena analisar muitos desses livros esquecidos já que, entre matéria porventura com pouco interesse científico, se encontram por vezes pistas para compreender as mentalidades da época.

O presente trabalho visa a transcrição e o estudo de uma colectânea de trovas proféticas, sinais e vaticínios de índole sebastianista, reunidos e copiados em dois volumes manuscritos por um anónimo, de 1815 a 1835. Do critério da escolha e da importância atribuída aos trechos copiados, bem como da apreciação das notas que ligam algumas citações, procurar-se-á retirar elementos de análise que tenham relevância para a intenção de entrever aspectos do pensamento do compilador, aspectos que eventualmente possam ser generalizados a um determinado tipo de mentalidade coeva.

Sendo o trabalho realizado no seguimento de um curso de Estudos Portugueses Interdisciplinares, procurar-se-á utilizar alguns elementos das matérias de Literatura e Linguística, embora a presente dissertação se procure situar preferencialmente no campo da História. Mas afinal, utilizar várias perspectivas é o que sempre se faz: as disciplinas não são estanques, contribuindo cada uma com um método próprio para nos conseguirmos aproximar, tanto quanto possível, da *realidade* presente e passada.

Tentar-se-á, assim, mergulhar um pouco na atmosfera da época, apreciando de que “matéria” eram feitos os sonhos de uma parte dos portugueses.

Para o estudo da miscelânea, que se transcreve na parte II, foram abordados os aspectos gerais da problemática que gira em torno das profecias e prognósticos de carácter messiânico e sebastianista de que a compilação trata. A análise é breve, pela quantidade de épocas e assuntos a que se refere: compilados na primeira metade do século XIX, os apontamentos manuscritos abordam temas relativos aos mitos fundadores da nacionalidade e à identidade portuguesa, copiando autores ligados à Restauração, privilegiando-se os temas de referência sebastianista, que demonstrem a antiguidade e natureza providencial do destino imperial de Portugal. Ao longo do trabalho são focados alguns aspectos que parecem paradigmáticos do milenarismo, adaptados ao caso português. Foram escolhidos alguns textos para ilustrar essa similitude com o milenarismo e cujos temas são recorrentes nas colectâneas sebastianistas.

Atendeu-se aos processos e argumentos usados para a demonstração da validade das profecias e vaticínios, procurando vislumbrar a opinião e processos mentais do compilador, cujos comentários nos transmitem a sua versão dos acontecimentos na sociedade em rápida mudança em que vive. O autor da recolha em miscelânea em estudo, sendo testemunha de uma época em que parece lastimar viver, mostra a sua nostalgia por um tempo de glórias passadas.

1. 1 – Messianismo e milenarismo

Desde os primeiros registos que chegaram à nossa época se revela a preocupação de dar um sentido à existência dos indivíduos e das comunidades. Essa busca de sentido toma muitas vezes a forma de elaboração de mitos sobre um herói fundador, procurando explicar as origens de um grupo humano; são assim realçados os valores, cultura e identidade da comunidade fundada dessa forma mítica.

Além da efabulação sobre a idade dourada das origens, o homem também sonha com o futuro, que quer feliz e de abundância. A forma como projecta esse futuro varia muito, tanto no tempo como no espaço geográfico, mas de forma geral tenta dar um sentido à vida, um sentido à história.

Para os hebreus, cuja cultura tanto influenciou a nossa, já por via do cristianismo, já directamente pelo secular convívio e posterior miscigenação dentro da Península, a esperança num futuro melhor foi-se sedimentando na espera de um messias redentor.

A crença messiânica serviu para trazer esperança, alívio e consolo aos que sofriam exílio ou opressão, mostrando uma “luz ao fundo do túnel” das adversidades. O judeu português Samuel Usque tentou dar um sentido à história do seu povo para o consolar das “tribulações”¹ que sofria, entre o exílio dos que conseguiram partir e a opressão sentida pelos que ficaram numa pátria que se lhes tinha tornado adversa. As oito vias para a consolação divina podem ser resumidas como as da prudência, ciência e sabedoria. A nona e última consolação indicada por Usque é o alcance da Terra Prometida, a herança de Israel, Jerusalém.²

Há várias interpretações para a causa do messianismo, que pode ser visto como nascendo da frustração, da crise ou do desespero. Numa visão mais optimista, o motor do messianismo é a esperança. De qualquer forma, será da dicotomia crise/esperança que nasce o desejo de Redenção.

A história judaica explica o desenvolvimento por ciclos: a uma época de grandeza, correspondendo a uma aproximação a Deus e ao favorecimento divino, podem suceder-se ciclos de afastamento de Deus, pecado e soberba e conseqüente sofrimento e expiação. A reaproximação a Deus e a própria esperança na redenção levam à libertação e ao engrandecimento da nação.

Os cristãos tendem a explicar o transcorrer da história de forma mais linear, decorrendo no sentido ascensional. Para eles, o Redentor já veio salvar a humanidade. No messianismo cristão, a Redenção tende a ser espiritualizada, afastando-se da história - o Reino Perfeito não é deste mundo. Nessa concepção mais rigorosa, trata-se agora de evoluir no sentido do fim dos tempos e do Juízo Final; no entanto, muitas correntes do cristianismo, afastando-se da ortodoxia, procuram explicar a história por meio de periodizações.

É o caso da concepção acerca da sucessão de impérios, inspirada em Daniel, em que se verifica a intenção de explicar a história da humanidade.

¹ O trigésimo terceiro e último fôlio da obra do judeu português é dedicado à descrição das bênçãos que Deus derrama sobre Jerusalém, Samuel Usque, *Consolação às Tribulações de Israel*, fac-símile da Edição de Ferrara de 1553, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, vol I, p.258

² Pinharanda Gomes, *História da Filosofia Portuguesa. A Filosofia Hebraico-Portuguesa*, Lisboa, Guimaraes Editores, 1999, p. 227

Comprova-se a periodização da história também na progressão das Sete Idades que decorreram desde a Criação, na concepção de Santo Agostinho, segundo a qual a Sétima Idade³ seria a Era perfeita, na qual os homens viveriam na Cidade de Deus e a bem aventurança seria alcançada.

Joaquim de Fiore sistematiza e interpreta de forma nova a progressão da História, dividindo-a em três idades: à Idade do Pai - correspondendo à predominância do Velho Testamento, época austera ligada a conceitos de ordem e disciplina e na qual a submissão à Lei tinha sido necessária aos homens – ter-se-ia seguido a Idade do Filho, sob a influência do Novo Testamento. Essa Idade, começada no tempo de Cristo (ou de S. João Baptista), temperada pelo Evangelho, estaria a dar lugar e a preparar a Idade do Espírito.

A Terceira Idade, a começar em 1260 (embora a data fosse aproximada, já que Joaquim de Fiore considerava que a transição entre as Idades podia durar duas ou três gerações)⁴, seria a Idade do Espírito Santo e duraria até ao Juízo Final. Nessa época perfeita, os monges seriam o exemplo de um mundo irmanado pela pobreza evangélica.⁵ O mundo veria o fim da opressão, os mistérios seriam revelados e os povos convertidos pela evidência do Espírito Santo. Na passagem entre idades haveria, porém, guerras e devastação.⁶

A simbologia usada pelos Profetas hebreus inspiram o milenarismo: em Isaías há referências a inundações, guerras, terror, fome, trevas, fogo, cólera divina, mas também a Luz e Esperança. Jeremias refere-se ao dia terrível, Dia da Ira do Senhor, motivada pela infidelidade religiosa e injustiças sociais. O profeta prega que, após a catástrofe, será possível recomeçar tudo, porque Deus ajudará o seu povo, transmitindo a esperança na misericórdia divina. O profeta Ezequiel fala das terras de Gog e de Magog, de onde sairão os que virão a cavalo invadir as terras pacíficas do povo de Deus (o que mais tarde será interpretado como previsão das invasões mongóis, por exemplo). Prediz os Dias da Ira, manifestados em cataclismos naturais, doença e morte, dos quais o povo

³ A este período, no capítulo que denominou precisamente “Da Septima Idade que se começou no Tempo do Meestre”, alude Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, Barcelos, Livraria Civilização Editora, Vol. I, sd, pp. 349 – 350

⁴ Claude Carozzi e Huguette Taviani-Carozzi, *La Fin des Temps*, Paris, Flammarion, 1999, p.218

⁵ Conforme Maria Leonor Buescu na introdução a António Vieira, *História do Futuro*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992, p. 18. Ver Jaime Cortesão, *Os Descobrimientos Portugueses-I*, Lisboa, Livros Horizonte, 1975, pp. 126/7

⁶ Carozzi, *Ibidem*, p. 220

eleito será salvo por Deus. A importância dada ao número sete, recorrente no judaísmo, é particularmente realçada por Ezequiel. Outros profetas, como Sofonias, anunciavam o fim, tempos de escuridão e desespero, aos quais só poderiam ser poupados os justos.

A libertação também era anunciada pelos profetas hebreus. Para Zacarias, o Messias era justo, estabeleceria a paz depois de obter a vitória e entraria na Cidade Santa num jumento. Nesse dia, até de noite haveria claridade. Profetas como Joel, Amós e Malaquias referiam os sinais anunciadores do julgamento final: pragas de insectos, secas, incêndios, eclipses, terremotos. Malaquias prediz a vinda de um mensageiro (Elias) a anunciar a vinda do Senhor, no grande e terrível dia.

No livro de Daniel é revelado o futuro vislumbrado através da interpretação de sonhos, como o de Nabucodonosor, que pede ao profeta a interpretação para uma visão acerca de uma estátua com pés de barro e de ferro, feita também de ouro e bronze, que se desmorona quando uma pedra embate nos pés. O livro de Daniel tinha uma interpretação para o decorrer da história, com a sucessão de impérios e o fim dos tempos, que é precedido da vinda do rei messias.⁷ Essas ideias relativas ao tempo, aos impérios, ao “ídolo abominável”, ao fim do mundo com a vitória sobre o ídolo e à eternidade do reino que se lhes seguiria, foram aproveitadas nas ideologias apocalípticas, judaicas ou cristãs.

Correntes milenaristas surgiram frequentemente, ao longo do tempo, no seio do cristianismo. Herdeiras do milenarismo hebreu, as teses milenaristas cristãs advogam igualmente a salvação, que terá as seguintes características, sistematizadas por Norman Cohn: será uma salvação colectiva reservada aos fiéis, será realizada na Terra, estará para breve (os sinais do fim do mundo estão geralmente presentes na época em que os crentes vivem) será universal, perfeita e miraculosa, já que realizada por agentes sobrenaturais ou com a sua ajuda.⁸ Geralmente, esse Reino dos Santos é representado como muito durável - embora os mil anos possam ser simbólicos - e como uma era de felicidade, muitas vezes precedida de destruições e mortandades. As catástrofes, explicadas como agente catalisador do *Millennium*, tornam-se mais suportáveis.

⁷ Maria José Tavares, “O Imaginário Apocalíptico dos profetas”, in *Milénio e Império, O Caso Português*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, suporte em CD ROM, Cap. 2.1.

⁸ Norman Cohn, *Na Senda do Milénio*, Lisboa, Editorial Presença, 1981, p. 11.

A crença no reino messiânico passou aos cristãos por intermédio do Apocalipse de São João, onde se diz que o anjo de Deus encarcerará o demónio durante mil anos. Os justos ressuscitarão e viverão felizes na terra durante esses mil anos.

No século II aderem ao milenarismo figuras como São Justino e Santo Ireneu. Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, renega as teses milenaristas nas quais chegou a acreditar. Caídas no esquecimento essas teses reaparecem na Europa do Norte, com os movimentos milenaristas da viragem do século XI para o XII, tomando a forma de revoltas sócio-religiosas.

O desejo de domínio de Jerusalém, assimilada à Jerusalém Celeste, acabando com o domínio da Cidade Santa pelos infiéis, impulsionou as Cruzadas, no que concerne à parte espiritual: a Guerra Santa era legitimada pela convicção de que a anteceder o Fim dos Tempos ainda se daria o grande Combate entre o Bem e o Mal⁹ e o novo centro espiritual desse Reino seria Jerusalém.

Com Joaquim de Fiore as ideias milenaristas tomam novo fôlego. As suas teses exerceram forte impressão nos Franciscanos, que as adaptaram de forma mais aceitável para a ortodoxia, pugnando pela ideia da instauração do Reino Milenário do Espírito. O culto do Espírito Santo, introduzido em Portugal pela Rainha D. Isabel de Aragão, resulta da influência franciscana e continua a ser celebrado por portugueses e comunidades que deles receberam influxos culturais.

Inspirados nos Descobrimentos onde vêem implicações escatológicas, com o encontro de toda uma nova humanidade, missionários de várias congregações, entre os quais Franciscanos e Jesuítas, fazem uma recuperação doutrinária do milenarismo aplicando-o à missionação com vista à conversão universal.¹⁰

As ideias do monge calabrês continuaram a influenciar movimentos milenaristas e espíritos inquietos durante séculos e foram sendo construídas utopias à concretização das quais se dedicaram abnegadamente gerações de generosos crentes e iluminados.

Nos séculos XIX e XX floresceram inúmeras correntes filosóficas e políticas que se podem filiar no espírito do Milénio.

⁹ Nos nossos dias continua a haver interpretações escatológicas que levam a encarniçadas guerras “santas”, nas quais os justos (que se se tornarem mártires, ainda que suicidas, ganham o paraíso), devem dominar os pecadores infiéis: não deve haver piedade para com as populações: quem não se converte merece a morte. Também os suicídios colectivos de membros de seitas religiosas, que esperam assim apressar o fim do mundo, se podem filiar nas correntes milenaristas.

¹⁰ Jaime Cortesão refere-se detalhadamente ao papel dos Franciscanos na epopeia dos Descobrimentos, como em *Os Descobrimentos Portugueses-I*, Lisboa, Livros Horizonte, 1975, pp.101/114 e 256/270

Na viragem para o terceiro milénio surgiram novamente preocupações e esperanças de carácter messiânico, tendo recrudescido as correntes e seitas milenaristas, filiadas ou não nas religiões tradicionais.

1. 2 - O milenarismo em Portugal

A esperança e refúgio num mundo melhor imaginário e utópico, que parecem ser características da espécie humana, acentuando-se em datas simbólicas ou em épocas de crise, têm, no nosso país, interpretações próprias, como as manifestações do *Sebastianismo* e da espera pelo *Quinto Império*, fenómenos sobre os quais interessa reflectir.

As concepções imperiais de Portugal, com os Descobrimentos e Expansão em pano de fundo, ajudaram a sedimentar uma ideia de predestinação divina para a missão de expandir a cristandade (e a cultura e ideologia portuguesas). O destino grandioso de Portugal, agente da Redenção Universal, passava pela responsabilidade de catequizar os gentios com que se ia contactando. Estas concepções utópicas tiveram correspondência prática no Padroado Português, um misto de direitos, privilégios e deveres concedidos pelo papado ao Reino de Portugal, que se instituiu como patrono das missões e das instituições da igreja em grandes zonas que iam sendo descobertas.¹¹

1. 2. 1 - Bandarra e as suas trovas. Aparecimento do mito sebastianista.

No rescaldo da desastrosa derrota de Alcácer Quibir, que deixou o Reino muito depauperado, com grande parte da sua elite morta ou prisioneira em Marrocos e com um grave problema de continuidade dinástica, surgiu o mito da sobrevivência do jovem rei,

¹¹ O estabelecimento do Padroado foi um importante trunfo de Portugal para a divulgação da sua religião e cultura. Esse direito foi estabelecido pela bula *Inter Caetera* de Calisto III em 1456 e foi sendo sucessivamente regulado por meio de iniciativas papais ao longo do século XVI. Tal privilégio, dado à Ordem de Cristo, acabou por ser entregue à Coroa portuguesa com a convergência da administração daquela Ordem na pessoa dos monarcas portugueses.

O monopólio português da actividade missionária na maior parte da Ásia foi revogado em 1608, abrindo caminho à actividade independente de evangelização, onde não fosse efectivo o senhorio das terras pela administração da Coroa. O padroado português manteve-se no Brasil e em zonas como as dominadas por Goa, Malaca ou Macau, mas não houve condições políticas para a manutenção desse privilégio no espaço asiático, ao longo do século XVII. Os conflitos entre os missionários do *Sagrado Colégio* e os missionários ligados ao padroado português foram muito prolongados no tempo (até ao século XIX, pelo menos) tendo, em vários casos, dificultado a evangelização de territórios cuja circunscrição estivesse pouco definida. Conforme Joel Serrão, *Dicionário da História de Portugal*, Porto, Livraria Figueirinhas, vol.IV, pp. 508-510.

que se teria exilado voluntariamente para remissão das suas faltas. Havia de voltar, quando fosse a vontade de Deus.

A população em choque não queria acreditar no massacre de tantos portugueses, a começar pelo do rei. E entre os sobreviventes não havia quem se atrevesse a confessar ter assistido à morte do soberano (não era admissível para a honra de um súbdito assistir à morte do seu rei numa batalha e sobreviver para o contar), o que ajudou a sedimentar o mito.¹² Começaram a surgir efabulações para contornar tão funestos acontecimentos, tendo as trovas de Bandarra recomeçado a circular, sendo aplicadas ao ressurgimento de D. Sebastião, misturando elementos do *Encoberto* - mito proveniente do Levante hispânico e da cultura muçulmana -¹³ e mitos ligados ao regresso do rei Artur, do Imperador Frederico II ou do Imperador dos “Últimos Dias”. As profecias do sapateiro de Trancoso têm sido uma das principais fontes do messianismo português.

Gonçalo Eanes, o Bandarra, sapateiro natural de Trancoso, terá nascido por volta de 1500. Apesar de o Tribunal da Inquisição nada ter provado acerca da origem judaica de Bandarra, quando da sua prisão em 1540, a sua genealogia poderia ter ligações ao judaísmo. Algumas características da sua actividade, os círculos em que se movia, a circulação das suas trovas nos meios conversos de várias cidades, as suas ligações de amizade, tinham muito a ver com os cristãos novos.¹⁴

Porém, Bandarra afirmava-se cristão. Numa trova, fazendo-se questionar por um honrado velho judeu, responde à questão acerca da sua proveniência negando ser “dessa gente”: *Tudo o que me perguntais,/ Respondi assim dormente,/ Senhor, não sou dessa gente/Nem conheço esses tais;/ Mas segundo os sinais/ Vós sois do povo cerrado,/Que Deus pôs por seu mandado/ Nessas partes orientais.*¹⁵

¹² Lucette Valensi alonga-se acerca das versões da Batalha de Alcácer Quibir (Batalha dos Três Reis) que variam conforme a perspectiva dos três principais grupos em confronto – estratégias para tratar um acontecimento traumático por parte dos portugueses e partidários de Mulei Mahamet, por um lado, e do outro, o aproveitamento triunfante de Al-Mançur que se apropriou da vitória, usando-a de forma propagandística mostrando-se como o verdadeiro vencedor. Lucette Valensi, *Fábulas da Memória. A Gloriosa Batalha dos Três Reis*, Porto, Edições Asa, 1996.

¹³ Cf. Luís Carmelo, *O milagre de Ourique ou um mito nacional de sobrevivência*, <http://bocc.ubi.pt/pag/carmelo-luis-Ourique.html>, p. 4

¹⁴ Além do meio em que vivia, em Trancoso - terra em que cristãos-velhos e cristãos-novos pareciam viver em boa vizinhança - essa convivência pode ser deduzida pelo facto, documentado, de se corresponder com cristãos-novos e de, nas suas deslocações a Lisboa, Bandarra se hospedar em casa de gente daquela comunidade, como João de Bilbiz. Ver Maria José Ferro Tavares “Características do messianismo judaico em Portugal” in *Estudos Orientais II. O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Lisboa, Instituto Oriental/Universidade Nova de Lisboa, 1991, pp. 255- 257

¹⁵ Sonho terceiro, quadras CXIX e CXX, “*Profecias*” do Bandarra, *Sapateiro de Trancoso*, apresentação de António Carlos Carvalho, Vega, 2000, p.79

Note-se, todavia, que numa altura em que a Inquisição já começava a perseguir os cristãos novos, não convinha apregoar ligações aos judeus, embora as questões da “limpeza de sangue” ainda não fossem um assunto premente nos processos do Santo Ofício. No século seguinte, a questão da descendência de judeus já pesava, por exemplo, para se receber ordens, como se pode apreciar na inquirição sobre a limpeza de sangue de um descendente de Bandarra; o requerente viu a sua diligência aprovada, por não constar que o sapateiro de Trancoso tivesse ligações ao judaísmo no processo inquisitorial.

O suposto analfabetismo de Bandarra, usado como argumento, entre outros autores, pelo Padre António Vieira, que se lhe refere como “homem idiota e humilde” para demonstrar a proveniência divina das suas trovas, que não poderiam ter sido compostas por um pobre ignorante, é desmentido, entre outros indícios, pela familiaridade com o texto da Bíblia (“brívia”) de que teria cópia.

Outro sinal que desmente a ignorância de Bandarra é a assinatura, por sua mão, da abjuração no processo do Santo Ofício.

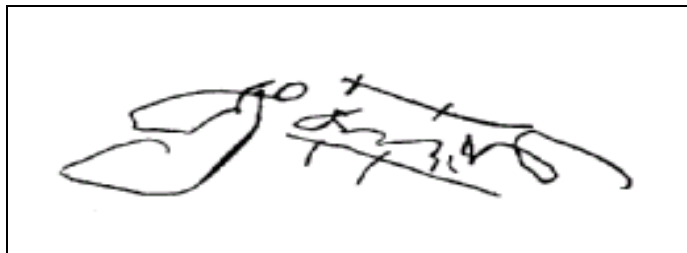


Figura 1. Apud Teixeira de Aragão, *Diabruras, Santidades e Profecias*, Lisboa, Vega, 1996, p.164

Essa assinatura, cuja representação acima se reproduz, serviu a Teixeira de Aragão para constatar as poucas letras de Bandarra e ironizar acerca da “glória nacional” que é o autor de tal autógrafo mal caligrafado ser tão estimado e celebrado. Mas é de notar a circunstância em que o autógrafo é encontrado: na confissão obtida pela Inquisição. Trata-se da assinatura de uma pessoa sujeita a grande pressão psicológica, obrigada a abjurar as suas convicções e esperanças e certamente assustada, ainda que Bandarra tenha tido tratamento bastante mais benigno do que posteriormente viriam a ter muitos prisioneiros do Santo Ofício.¹⁶

¹⁶ Seria de pensar que aspecto teria a assinatura de qualquer letrado depois de sujeito aos “tratos de polé” que a Inquisição por vezes utilizava para interrogar os acusados. Os acusados assinavam as suas

Para elaborar as suas trovas, Bandarra ter-se-ia inspirado nas profecias atribuídas a S. Isidoro, lidas através de coplas de Pedro de Frias, frade cartuxo castelhano, com as suas ideias acerca da monarquia mundial, liderada por um rei encoberto, predestinado a dominar o Império Otomano¹⁷. A matéria da Bretanha e das Lendas Arturianas que continuavam a ser lidas na sua época e as tradições espanholas sobre o encoberto também podem ter influenciado o sapateiro profeta. O Antigo Testamento, ao qual Bandarra parece ter tido acesso por uma cópia em vernáculo, foi porém a principal fonte de inspiração.¹⁸

Bandarra teve bastante fama em vida e influenciou gerações de portugueses. Muitos contemporâneos seus, ilustres e talentosos, grandes nomes da nossa literatura, apesar do valor da sua obra, não marcaram tanto a sociedade da sua época. Ao longo dos séculos o sapateiro de Trancoso foi sendo bandeira do sebastianismo, da restauração, do nacionalismo anti-francês, do liberalismo e miguelismo, da Regeneração, mas a sua fama não foi só póstuma. Já no seu tempo era conhecido e muito popular. Foi valorizado por cristãos novos, mas também por cristãos velhos, como portador de uma mensagem redentora. Ao longo do tempo a sua obra foi sendo evocada com carinho e usada por partidários de várias facções e ideologias, numa extraordinária plasticidade.

Bandarra viveu numa terra onde a convivência entre judeus e cristãos tinha sido constante e de boa vizinhança durante muito tempo. Na época em que viveu, em Trancoso a mentalidade desconfiada contra o vizinho judeu, que havia de ser fomentada pela Inquisição, ainda não tinha tido tempo de sedimentar.

As trovas de Bandarra têm um carácter optimista e são portadoras de esperança. As suas profecias transmitem confiança num futuro de concórdia. A obra de Gonçalo Eanes tem suficiente ductilidade para ser adaptada aos acontecimentos que se possam

confissões depois do interrogatório, por vezes não as podendo assinar por sua mão, havendo uma forma de contornar essa dificuldade: o amanuense de serviço ao Santo Ofício assinava a confissão, a rogo, por o próprio não poder assinar, por ser analfabeto ou por “via do tormento”.

¹⁷ Como o prova a correspondência mantida com cristãos-novos, já mencionada, como a consulta a Bandarra acerca da interpretação de trechos das coplas do cartuxo castelhano, feita por Francisco Mendes, médico do Cardeal-Infante D. Afonso. Ver João Lúcio de Azevedo, *A evolução do Sebastianismo*, Lisboa, Editorial Presença, 1984, p. 10

¹⁸ Conforme Maria José Ferro Tavares, “Características do messianismo judaico em Portugal” in *Estudos Orientais II. O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Lisboa, Instituto Oriental/Universidade Nova de Lisboa, 1991, pp. 255-261. *Milénio e Império*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, pp. 45-49; Elias Lipiner, *Gonçalo Anes Bandarra e os Cristãos-Novos*, Associação Portuguesa de Estudos Judaicos / Câmara Municipal de Trancoso, 1996.

esperar. Estes factores podem ajudar a explicar a popularidade e longevidade das trovas do profeta popular, que Pessoa celebra nos conhecidos versos da sua *Mensagem*:

Sonhava, anónimo e disperso,/ O Império por Deus mesmo visto,/Confuso como o Universo/E plebeu como Jesus Cristo./Não foi nem santo nem herói,/Mas Deus sagrou com Seu sinal/Este, cujo coração foi/Não português, mas Portugal. ¹⁹

1. 2. 2 - O profetismo em Vieira à luz dos textos compilados

Quando se lê a obra do Padre António Vieira é difícil ficar indiferente ao seu discurso fluente e cativante. Era brilhante no seu tempo e brilhante se mantém hoje a sua argumentação, conseguindo seduzir os leitores e fazê-los, se não aderir, pelo menos compreender os seus sonhos.

Aproveitando e interpretando as trovas de Bandarra, o Padre António Vieira organizou e sistematizou a noção do papel reservado a Portugal no destino do mundo. A sua visão profética foi evoluindo ao longo da vida, muito rica em contactos com gente de áreas geográficas e civilizações muito diferentes. Podemos constatar essa evolução pela obra que deixou e pela hierarquização que o próprio fazia das criações por ele mais estimadas: a carta *Esperanças de Portugal*, os livros da *História do Futuro* e a *Clavis Prophetarum*. O próprio estilo e a escolha da língua em que está escrito esse *corpus* profético demonstram a gradação da sua importância para o autor: do estilo mais simples, das *Esperanças*, passando pelo estilo grandioso e pelos elaborados argumentos esgrimidos em vernáculo na *História do Futuro* (dirigida aos portugueses e por isso escrita na sua língua) até ao registo académico, dirigido a colegas eclesiásticos (e aos inquisidores) versados em teologia e ao uso do latim na *Clavis*.²⁰

Na época em que escreve a carta *Esperanças de Portugal...* copiada no manuscrito em estudo,²¹ parecia acreditar sinceramente na ressurreição do rei D. João

¹⁹ Fernando Pessoa, *Obras Completas I*, s.l., RBA e Círculo de Leitores, 2005, p.30

²⁰ Enquanto produções como a carta *Esperanças de Portugal*, sobretudo, mas também a *História do Futuro*, suscitaram grande escândalo e oposição das autoridades eclesiásticas portuguesas, a *Clavis* foi recebida com apreço pelo seu mérito académico e registo mais aceitável pela Teologia, cf. António Vasconcelos de Saldanha “A dimensão política dos escritos messiânicos do Padre António Vieira” in *Vieira escritor*, Lisboa, Cosmos, 1997, pp. 157-273; Maria José Ferro Tavares, “O messianismo na obra do Padre António Vieira”, in *Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira, Actas do Congresso Internacional*, Braga, Universidade Católica Portuguesa/ Província Portuguesa da Companhia de Jesus, 1999, Vol I, p.164

²¹ D:84/ MT1:1-84. A carta do Padre António Vieira ao Bispo do Japão, Padre André Fernandes, datada de 29 de Abril de 1659 ficou conhecida pelo o título de *Esperanças de Portugal/ Quinto Império do Mundo/ Primeira e Segunda Vida de El-Rei D. João o Quarto/ Escritas por Gonçaleanes Bandarra*,

IV, que julgava necessária à concretização das suas esperanças. Essa crença poderia estar inspirada e favorecida pela crença cabalística na reencarnação, ou metempsicose, difundida entre os judeus da época, ideia essa que já tinha sido veiculada, por exemplo, por Manuel Bocarro, nos estudos sobre a pedra filosofal.²² No decurso das suas estadias em Roma, Paris e, sobretudo, em Amesterdão, Vieira contactou com rabinos portugueses, nomeadamente com Menasseh ben Israel, interessando-se pelo problema das relações entre o cristianismo e o judaísmo. O jesuíta procurava uma forma de adaptar a religião católica de maneira a incluir os cristãos novos na sua mensagem, com o fim de os fazer sentir mais confortáveis na sua nova religião, evitando ritos que costumavam provocar alguma dificuldade de aceitação para a mentalidade e cultura dos conversos. A sua idealização de constituição política era também inclusiva, juntando nesse reino quimérico povos de proveniência diferente, embora convertidos ao catolicismo.

No entanto, ao Padre António Vieira a conversão das massas de gentios com que se deparava na sua vida de missionário, sendo uma missão ao mesmo tempo urgente e inadiável, chegou a afigurar-se, por outro lado, quase impossível. A tarefa era dramaticamente urgente, tanto mais que a conversão universal era uma condição para que fossem cumpridas as profecias relativas ao fim dos tempos que estava na iminência de chegar. As dificuldades não o demoviam, no entanto.

Os jesuítas foram pioneiros na aprendizagem das línguas de povos remotos na Ásia e América, trabalho a que se dedicaram com grande determinação. Vieira, em 1662, no Sermão da Epifânia, explica de forma magistral as dificuldades de catequizar gente de uma cultura quase alienígena, porque sem pontos de contacto nem linguístico, nem cultural ou civilizacional com a cultura europeia.

“Se eu não entendo a língua de gentio, nem o gentio entende a minha, como o hei-de converter e trazer Cristo? Por isso temos por regra e instituto aprender todos a língua ou línguas da terra, onde imos pregar; e esta é a maior dificuldade e o maior trabalho daquela espiritual conquista, (...) Nós que imos buscar, somos os que lhes havemos de estudar e saber a língua. E quanta dificuldade e trabalho seja haver de aprender um europeu, não com mestre ou com livros como os Magos, mas sem livro, sem mestre, sem princípio, e sem documento algum, não uma, senão muitas línguas bárbaras,

título esse escrito na capa do processo. Ver notas adicionais de João Lúcio de Azevedo em Padre António Vieira, *Cartas*, Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1970, p. 574.

²² Cf. Francisco Moreno de Carvalho, «www.vidaslusofonas.pt/manoel_bocarro_frances.htm»

incultas e hórridas: só quem o padece, e Deus por quem se padece o sabe.

Quando Deus confundiu as línguas na Torre de Babel ponderou Filo Hebreu que todos ficaram mudos e surdos, porque ainda que todos falavam todos ouviam, nenhum entendia o outro. Na antiga Babel houve setenta e duas línguas: na Babel do rio das Amazonas já se conhecem mais de cento cinquenta, tão diversas entre si como a nossa e a grega; e assim quando chegamos, todos nós somos mudos, e todos eles surdos.”²³

Apesar destas dificuldades, que podem ser apercebidas no relato sobre as missões incluídas na sua carta a D. Afonso VI, datada de 28 de Novembro de 1659 ²⁴, o padre visionário tinha a profunda convicção de que o Quinto Império,²⁵ o Reino de Cristo consumado na Terra, se cumpriria brevemente.

O sonho de Daniel sobre o ídolo derrubado com uma pedra, representando os impérios que se sucedem na História, foi uma ideia explorada pelo Padre António Vieira para a sua efabulação sobre o Quinto Império.²⁶

“Da mesma maneira a duração da estátua dos impérios era composta de diferentes idades. A sua primeira idade, que é o tempo dos Assírios, foi idade de ouro, a segunda, que é o tempo dos Persas, foi idade de prata, a terceira, que é o tempo dos Gregos, foi idade de bronze, a quarta, que é o primeiro Império dos Romanos, foi idade de ferro, a quinta, que é este último tempo dos mesmos Romanos, é idade de ferro e barro. E basta que nesta última idade, como decrépita, daquela estátua ou daqueles Reinos se haja de levantar o *Quinto Império*(...) Assim que o Império que promete Daniel não é Império já passado, senão que está ainda por vir”²⁷

Para Vieira, o Império prometido, que os sinais já anunciavam, era o Império de Cristo:

“ É certa e de fé que este Quinto Império de que falamos, anunciado e prometido pelos Profetas, é o Império de Cristo e dos Cristãos. (...) Primeiramente,

²³ Padre António Vieira, *Sermões*, Porto, Lello e Irmão, vol. I, tomo II, 1959, pp. 23 –24.

²⁴ Padre António Vieira, *Cartas*, coordenadas e anotadas por João Lúcio de Azevedo, tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1970, pp. 528-548

²⁵ Ver Maria Leonor Carvalhão Buescu na introdução à obra de António Vieira, *História do Futuro*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992, pp. 17–25, Maria José Ferro Tavares “O Padre António Vieira, os Judeus e os Cristãos Novos”, in *Homenagem a Maria Leonor Buescu*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova, Lisboa, edições Colibri, 2003

²⁶ Já antes de Vieira, e do ponto de vista do Messianismo judaico entre outros que interpretavam a sucessão de impérios sugerida pelo sonho de Daniel, Isaac Abravanel esperava o quinto império do rei-Messias, depois da queda do quarto império - o romano - por ele assimilado à cristandade. Maria José Ferro Tavares “Características do messianismo judaico em Portugal” in *Estudos Orientais II. O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Lisboa, Instituto Oriental/Universidade Nova de Lisboa, 1991, pp. 245 – 266, p.252

²⁷ António Vieira, *História do Futuro*, edição crítica de Maria Leonor Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992, p. 260

aquela pedra que derrubou a estátua e desfez as quatro monarquias figuradas nos quatro metais, e depois cresceu e a sua grandeza ocupou e encheu toda a Terra, é Cristo, o qual em muitos outros lugares da Escritura se chama Pedra”²⁸

Porém, Cristo não governaria directamente, mas através do Papa de Roma - a quem cabia o poder espiritual - e do rei de Portugal, proclamado Imperador do Mundo representando o poder temporal.²⁹ A estes mandatários caberia manter a unidade dos povos na fé, a fraternidade e a paz perpétua, alcançada depois de tantas tribulações.

1. 2. 3 - Colectâneas de carácter sebastianista

Chegaram à actualidade muitas colecções que reúnem opúsculos, profecias, prognósticos, vaticínios e artigos com matéria sebastianista, em muitos casos manuscritas. Em Portugal, durante muito tempo e muito depois da generalização da impressão, apreciava-se um livro pela sua raridade; uma biblioteca com muitos manuscritos era valorizada. Por outro lado, era frequente multiplicar as cópias. A valorização do livro manuscrito está ligada a uma “mentalidade que continua a privilegiar o saber raro”³⁰

Nos catálogos das Bibliotecas portuguesas pode ser encontrada uma apreciável quantidade de colectâneas e miscelâneas de carácter sebastianista,³¹ algumas misturando manuscritos e opúsculos impressos, cujos índices ou descrições são exemplificados pelos seguintes, respigados entre muitos dos existentes na Biblioteca Nacional:

²⁸ *Ibidem*, p. 271

²⁹ Maria José Ferro Tavares, “O messianismo na obra do Padre António Vieira”, in *Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira*, Braga, Universidade Católica Portuguesa/ Província Portuguesa da Companhia de Jesus, 1999, Actas, vol. I, p.158

³⁰ Diogo Ramada Curto, *O discurso político em Portugal (1600 – 1650)*, Lisboa, Centro de Estudos de História e Cultura Portuguesa, 1988, p. 102.

³¹ Teixeira de Aragão indica uma relação de autoridades alegadas pelas especulações sebastianistas, em que entram santos e personagens, fictícias ou não, a quem foram atribuídas profecias acerca da matéria. Dessa listagem fazem parte vários autores a quem são atribuídas muitos dos trechos que se encontram no manuscrito em análise, como:

“S. Isidoro arcebispo de Sevilha no IV século, S. Frei Gil, S. Cyrillo, S. Theotonio, o beato António, S. Thereza, S. Leocadia, etc.

Menos santos, mas não menos profetas, inventaram o Preto do Japão, as visões da madre Leocadia da Conceição, ... o Donato de Monserrate, o Mouro de granada(sic), o ourives de Braga, frei João da Barroca, e outros religiosos, ermitões, romeiros, além de numerosos anónimos. Até a filha de Príamo, morto na destruição de Troia, não deixou de profetisar a vinda de el-rei D. Sebastião” Teixeira de Aragão, *Diabruras, Santidades e Profecias*, Lisboa, Vega, 1996, p.166.

Livro antiprimeiro (B.N.,13085)

(Cópia da mesma mão) Manuscrito prologomenos a toda a historia do futuro em q se declara o fim e se provam os fundamentos della... author o P.e Antonio Vieyra da Comp.a de Jezus. Lisboa : António Pedroso Galvão, 1718. Discursos politicos, morais e historicos sobre a bem fundada esperança de vida e vinda do muito alto e poderoso Senhor Rey D. Sebastião para fundar em Portugal o Quinto e Universal Imperio divididos em sete discursos. Contém: Sentença do P.e Antonio Vieira (Sentença da Inquisição contra o P.e António Vieira, f. 132-174); Breve do SS. P.e Clemente X ao P.e Antonio Vieira da Companhia de Jezus... (f. 174-177 v.); e Deffensa do livro q se chama 5 Imperio e apologia do Livro *Clavis Profetarum de Regno Christi...* / q o P.e Anto. Vieira offereceo na Meza do Santo Off. estando prezo...(f. 177 v.-243

Vaticinio de Portugal (B.N., 5526)

Manuscrito, (Cópia de várias mãos). Contém documentos de cariz messiânico e profético sobre D. Sebastião, sendo alguns deles excertos de diversas obras, de que destacamos: *Reyno de Portugal, sua creassão e sucessos profetizados pello Ceo a Esdras...*/por Frey João da Cruz da Ordem de São Domingos (f. 1-71); *Monarchia Lusitana*/[Inacio de Guevara] (f. 72-103; *Trovas de Gonçalo Annes Bandarra sapateiro de obra grossa, natural de Trancozo em o anno de 1546* (f. 104-112); *Esperanças de Portugal quinto imperio do mundo e 2 vida del Rey D. João 4/escritas por Gonçalo Annes Bandarra e dadas a luz pelo gr.de P.e Antonio Vieira...* (f. 211-244); e *Papel em q se prova a vinda d'El Rey Dom Sebastião/pelo P.e An.to Vieyra da Companhia de Jesus* (f. 243-281);

Publicado: *O egregio encuberto ou demonstração dos principaes fundamentos em que se estribam os sebastianistas para esperarem pelo seo D. Sebastião*/por um sebastianista M. C. - Lisboa : Typografia de Martins, 1849

Profecias profetizadas pelo pretinho de Japão e por Gonçalo Annes de Bandarra, official de çapateiro, natural da villa de Trancoso bispado da Guarda, escolhidas de dous folhetos impressos um em Inglaterra no anno de 1815, e outro em Barcelona em 1809, Lisboa : [s.n.], Typ. de A. J. P. Ordem dos Frades Menores. (Lisboa) Capuchos. Convento de Santo António, 1847... Contém ainda: *Discurso do immortal Guilherme Pit...* - Lisboa : Impressão Regia (até p. 12); *Manifesto dos intensos affectos de dor, amor e ternura de Fernando VII...* - Lisboa: Impressam Regia, 1803. - Incompleto (até p. 56); *Diário Lisbonense*. - 24-7-1809 (p. 91-94); *A Gazeta de Lisboa*. - N 29, 2-8-1808 (p. 95-98); *Analyse à proclamação do General Junot aos habitantes de Lisboa em 16 de Agosto de 1808* / Luiz Antonio Furtado de Mendonça. - Coimbra : Imprensa da Universidade, 1808 (p. 105-117); *Copia de todos os officios do Juiz do Povo da cidade de Lisboa deregidos tanto aos generaes inglezes, como portuguezes, e alguns dos tribunaes do paiz, sobre a capitulação de 30 de Agosto de 1808* (p. 119-363); *Pastorais de Fr. Manuel do Cenáculo, Arcebispo de Évora* (p. 379-387); *Sonetos sobre a vinda de D.*

Sebastião / Joze Daniel Rodrigues da Costa (p. 441); *Ecloga de Albano e Damiana* / Joam Javier de Mattos. - Lisboa : Officina de Filippe da Silva e Azevedo, 1784 (p. 443-473);

Epitome das esperadas venturas de Portugal e resão da resão q tem os reputados loucos sebastianistas, não para persuadir ao curioso leytor a pia crensa mas para lhe diminuir a censura...(B.N., 5518)

Manuscrito: contém: *Encuberto Egrégio Dialogo Portuges* ; *Exame preciso dos fundamentos dos sebast.as nas mizerias em q se acha Portugal no anno de 1712*; *Reposta de certa pessoa a outra q lhe mandou perguntar o q sentia acerca del Rey D. Sebastião feita no anno de 1658*; *Declaração dos sonhos de Gonçalo Annes de Bandarra/compostos por elle mesmo, e estendidos pelo Padre Gabriel João (f. 100-107)*; *Prophetiae seu vaticinia quatuordecim tabellis expressa de horrendis calamitatibus orbi terrarum inpendentibus, de eversione Imperii Turcici et Mahometanae superstitionis abolitione, de Turcarum ad Christi fidem conversione, de Antichristi regni. Gregorii Jordani*

Pela descrição do conteúdo destas miscelâneas pode apreciar-se a repetição de temas e de autores das colectâneas sebastianistas, similares à que se está a analisar.

Pinheiro Chagas, a propósito do livro sobre profecias que o seu amigo Teixeira de Aragão lhe dedicou, considera que nas profecias “seguimos o espírito popular nas horas das angústias nacionais, e esse patriotismo tudo purifica e nobilita. Esses ingénuos vaticínios foram a consolação da alma portuguesa na hora das grandes tribulações”³²

1. 3- Características dos textos proféticos

Qualquer texto, literário ou não, pode ser apreendido de várias formas e a sua interpretação pode levar a conclusões muito alheias ao que estava na mente do seu autor ao escrevê-lo. Segundo Stanley Fish, “os significados não são propriedades nem de textos fixos e estáveis nem de leitores livres e independentes, mas de comunidades interpretativas que são responsáveis tanto pela forma das actividades do leitor quanto pelos textos que estas actividades produzem”³³.

³² Teixeira de Aragão, *Diabruras, Santidades e Profecias*, Lisboa, Vega, 1996, p.15

³³ Stanley Fish, “Como reconhecer um poema ao vê-lo” in *Palavra*, nº1, Rio de Janeiro, 1993, p.

Assim, a leitura qualificada de um texto permite não só interpretar o que está escrito, mas sobretudo construir um significado que se é levado a atribuir-lhe. A forma como o receptor do texto lhe atribui um significado depende do contexto em que está inserido e é produto de estruturas de pensamento sociais e culturais que variam muito com a época em que o receptor vive.

Fish dá um exemplo de como um texto pode ser interpretado de forma inesperada e curiosa: conta que, após uma aula de estilística, ficou anotada no quadro uma lista de nomes de professores e autores na área da linguística. Aos alunos da turma que teve aulas a seguir na mesma sala, que frequentavam um curso de poesia religiosa inglesa do século XVII, foi dito que aquela listagem de cinco nomes de linguistas era uma poema religioso que era suposto interpretar. Tal como Fish esperava, daquela aula saiu uma interpretação coerente do suposto poema. O facto de esses alunos estarem na disposição de ver conexões entre palavras e determinados a procurar um sentido central nesse amontoado aleatório de nomes levou-os a formular uma solução.³⁴ Estas conclusões facilmente se podem extrapolar para os textos de sentido profético, cuja interpretação depende da vontade do receptor que os interpreta segundo as suas conveniências e vontade.

Quando se está à espera que um texto diga o que se tem esperança que aconteça, o significado do que está escrito fica evidente. Os autores dos opúsculos copiados e o compilador da colecção de trovas em estudo acusam frequentemente os que não acreditam na interpretação “correcta” das profecias de serem cegos, imaturos e obstinados. Para eles é espantoso que alguém não veja uma verdade tão evidente. Noutros passos menos “claros”, usam expressões como “será muito atrevimento concluir?” numa demonstração de pouca segurança na interpretação atribuída ao texto em presença. Mas, a seguir, essas conclusões servem de base a novas proposições numa sucessão de silogismos cujo encadeamento acaba afinal por levar a interpretações bastante livres e longe do que está escrito.

Para validar profecias seguem-se alguns caminhos que podem ser sistematizados nos seguintes passos: a alegação de vários acontecimentos não comprováveis ou de boatos, a utilização abusiva de analogias e metáforas; a presunção de milagre ou a qualidade de “inexplicável” atribuído a um acontecimento difícil de interpretar; o raciocínio pós-facto, vendo relações causa - efeito em factos que simplesmente podem

³⁴ *Ibidem*, pp. 156/8

ocorrer em correlação; a sobrevalorização das coincidências, não verificáveis pela estatística, que conduz ao preconceito. A falácia da negação ou falso dilema: se se desacreditar uma posição, o ponto de vista antagónico tem de ser verdadeiro, já que, nesta tendência, a visão do mundo é dicotomizada. Esta técnica é usada por fundamentalistas religiosos e políticos, na fórmula “quem não está connosco está contra nós”.

Desacreditar o opositor para tirar razão aos seus argumentos também é um meio muito utilizado na colectânea em estudo e que conduz a resultados distorcidos. A elaboração do raciocínio conhecida por *Reductio Ad Absurdum*, embora tenha algum interesse como método para validar uma experiência, não pode ser usada de forma abusiva, sob pena de efectivamente levar a conclusões absurdas. Outra falácia do raciocínio, a imunidade ideológica, é talvez o principal problema dos autores dos comentários de profecias em presença neste trabalho: só são considerados os argumentos que validem as conclusões que os comentadores esperam tirar dos textos proféticos escolhidos. A verosimilhança de relatos contra as suas convicções não é considerada.³⁵

Na afirmação a seguir transcrita, retirada da colectânea, podem observar-se várias falácias, como o raciocínio circular ou tautologia - que utiliza a conclusão como uma nova declaração de uma das premissas - ou a absolutização da confiança nas autoridades, neste trecho representadas pelos canonizados e que transparece ao longo de toda a compilação. A confirmação pelas autoridades é um dos argumentos mais importantes na colectânea. As conclusões são suportadas por uma série de autoridades sobretudo ligadas à religião, mas também à história e astrologia.

“ou a opinião dos sebastianistas é justa, e provável, ou não. Para dizer que não, dificultosa cousa é de provar; porque é falso; e a razão mostra que é justa porque não é contra a fé, nem contra a utilidade comum: logo é justa. Que seja provável também se prova, porque se um canonizado afirmara alguma cousa ou por espírito profético, ou pela revelação de Deus, não há dúvida que fora provável o que ele afirmasse;”³⁶

O autor de um dos textos compilados constata ironicamente a forma como se pode interpretar livremente um texto profético (no entanto, ele próprio vai usar os

³⁵ Michael Shermer, *Porque acreditam as pessoas em Coisas Estranhas - pseudociência, superstição e outras confusões do nosso tempo*, Lisboa, Editora Replicação, Lda, 2001, pp.48 a 61

³⁶ D: 109/ MT1: 143

mesmos sofismas para provar o seu ponto de vista). Alonga-se em considerações sobre a forma de legitimar profecias:

“porque me persuado que não houve Profeta, que as diçese da maneira que hoje se mostraõ. Senaõ que os dezijozos da mudança dos Reynos e dos seculos, sobre o pouco que diçeraõ alguns varoins, acreçentáraõ elles tudo o que o seu dezeijo lhe pedia; porque vi algumas, que compostas desta maneyra, para lhe grangearem credito, as fazem axadas no sepulcro de S. Thome na India, e em livros de maõ antiquíssimos como as Oraçoins do Justo Juiz; e outras que sempre fingem axadas em Jeruzalem no Santo Sepulchro em hum caixaõ de xunbo etc.”³⁷

O estilo dos textos proféticos está ligado às suas intenções, como muito bem descreve o Padre António Vieira no trecho que se segue:

“Se já no mundo houve um profeta do passado, porque não haverá um historiador do futuro? Os profetas não chamam histórias às profecias, porque não guardam nelas estilo nem leis de história: não distinguem os tempos, não assinalam os lugares, não individuum as pessoas, não seguem a ordem dos casos e sucessos; e quando tudo isto viram e tudo disseram, é envolto em metáforas, disfarçado em figuras, escurecido em enigmas, e contado em frases próprias do espírito e estilo profético, mais acomodado à majestade e admiração dos mistérios que à notícia e inteligência deles.”³⁸

Conforme nota Fernando Gil,³⁹ em qualquer área, o conhecimento é feito sobre objectos num campo operatório que produz efeitos sobre esses objectos: ao serem reorganizados tornam-se inteligíveis. Por meio de quatro conceitos – operações e objectos, expectativa e preenchimento - o conhecimento em qualquer área permite prever acontecimentos ou comportamentos. Na área das ciências exactas são utilizados métodos experimentais que permitem repetir a experiência obtendo os mesmos resultados. Extrapolando os resultados para a realidade que se pretende estudar, obtém-se uma previsão mais ou menos fiável (pelo menos até que novos métodos demonstrem a pouca adequação dos resultados e alterem as conclusões).

Transpondo esses quatro conceitos para a análise das profecias, temos:

³⁷ D: 86/ MT1: 87/8

³⁸ Padre António Vieira, *Livro antepimeiro da História do Futuro*, edição crítica de José van den Besselaar, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983, p. 25.

³⁹ Fernando Gil e Helder Macedo, *Viagens do Olhar*, Porto, Campo de Letras, 1998, pp. 417 a 420

O texto profético como objecto, a grelha de interpretação como campo operatório, o sentido de interpretação que vai decorrer da expectativa e o preenchimento que será a realização da profecia – o preenchimento da expectativa. A confirmação pelo facto é a prova da profecia.

A preocupação em analisar minuciosamente as obras extraindo-lhes passagens, muitas vezes fora de contexto, que ilustrem teses, opiniões ou argumentos é artificial, embora seja um método prático e útil nos estudos literários. Muitas vezes também se força a interpretação dos textos procurando explicá-los pelos traços biográficos ou de carácter do seu autor. Contra explicações ou questões acerca da motivação para escrever algo, por vezes se insurgem os próprios autores, como numa curiosa passagem de um texto de Castilho, lamentando a sua incapacidade para explicar aos seus críticos um epigrama ironizando acerca da medicina, da sua autoria:

“Se me perguntassem como, porquê, e para quê engendrei este abortinho de epigrama, à fé que me poriam em grande aperto, porque sempre cri na medicina, (...). Epigramei-os porque Marcial, Moliere, Filinto e Bocage os tinham epigramado: epigramei-os porque isso era moda, e o há-de ser sempre, como aquela outra tonteria de falar e escrever contra as mulheres: epigramei-os, finalmente, porque não tinha outra coisa que fazer nessa hora, nem me doía nada.”⁴⁰

Também Bandarra parece pedir que não lhe façam extrapolações abusivas aos versos, na trova:

“*Inda que estem remoendo/ não me toquem no calçado*”⁴¹

⁴⁰ António Feliciano de Castilho, *Excavações poéticas*, 1844, p.276

⁴¹ Note-se que, enquanto na carta do Padre António Vieira ao Bispo do Japão, Padre André Fernandes, datada de 29 de Abril de 1659, conhecida pelo título de *Esperanças de Portugal/ Quinto Império do Mundo* só estão transpostos os dois últimos versos, (Padre António,Vieira, *Cartas*, coordenadas e anotadas por João Lúcio de Azevedo, Lisboa, Imprensa Nacional, 1970, vol.I, p. 524), no manuscrito em análise, onde se copia a mesma carta, está assinalada a trova completa de Bandarra “Contente sou, e pagado/ De lançar hum so remendo/ Inda que estem remoendo/ Não me toquem no calçado”, ver MT1:83.

2 - A colectânea em análise

2. 1- Apresentação geral

2. 1. 1 - O compilador

O compilador da colectânea analisada parece ter sido um eclesiástico de certa erudição, pelo conhecimento que demonstra de línguas como o latim ou o castelhano, pelo nível de linguagem utilizada nas notas, comentários e considerações com que procura conciliar os vaticínios com os acontecimentos que vão decorrendo, pela listagem de obras que cita e terá consultado. Pelo que se pode depreender do diário, viveu em Coimbra pelo menos de 1803 a 1834, parte desse tempo no Mosteiro de Santa Cruz.⁴² Pelas notas e citações bibliográficas que se encontram ao longo da colectânea, parece ter tido acesso fácil a uma biblioteca importante.

Pode constatar-se como, ao longo da primeira metade do século XIX, continua a haver o anseio de unificar a religião. O autor da compilação salienta o carácter de desígnio centralizador da Igreja que dirigirá o mundo, numa fase em que a sociedade do Antigo Regime se está a desestruturar e se começa a notar alguma diminuição da influência da Igreja na sociedade. Este assunto é marginalmente afluado, por exemplo no destaque dado à notícia do enforcamento de um condenado a uma sexta-feira de Quaresma;⁴³ quanto à perda de privilégios da Igreja, já há algumas indicações, como a notícia do desterro do Cardeal Patriarca de Lisboa para o Buçaco de 1821 a 1823⁴⁴ ou a

⁴² D: 262 / MT2: 134

⁴³ D: 261/ MT2: 132

⁴⁴ D: 258/ MT2: 123-124

breve anotação sobre um inventário dos bens do Mosteiro de Santa Cruz, mandado fazer em 1823 pelo Corregedor por ordem do Rei D. João VI⁴⁵

O autor da colectânea mostra, embora com alguma contenção, a sua antipatia pela Constituição e parece não ter em grande conta D. João VI – que lhe terá parecido demasiado contemporizador⁴⁶ - e D. Pedro IV, a quem se refere pouco, mas de quem salienta aspectos negativos: comenta com lástima a Independência do Brasil promovida pelo Príncipe Real de Portugal.⁴⁷ Quanto às suas reacções em relação a questões como a Maçonaria ou a Junta Provisória do Governo Supremo do Reino (a “revolução das tripas” como se escreve num fragmento jornalístico por ele salientado)⁴⁸ são bastante menos contidas. Destaca os factos que lhe parecem mais escandalosos do ponto de vista de mutação social, religiosa e política, as notícias mais curiosas ou estranhas e os fenómenos que lhe parecem indicar estarem reunidas as condições para o advento da sua quimera.

O compilador tem a intenção de provar a vinda próxima do Encoberto, que para ele é ainda o “Senhor D. Sebastião”. Este Rei, que teria mais de 300 anos na altura em que o espera, ainda pode chegar. Arranja-se uma forma expedita de provar essa possibilidade. Como pode ler-se na compilação, “Bem sabem os Juristas que enquanto não consta da morte de alguma pessoa, sempre se presume viva”.⁴⁹

Este curioso argumento “jurídico” é corroborado por toda uma série de notícias sobre várias personagens que atingiram uma idade propecta, coligidas na colectânea.⁵⁰

A crença firme de que é desígnio divino dar a Portugal um destino glorioso, apesar dos episódios por vezes mesquinhos que vai coleccionando, dá ao autor da compilação a convicção de ir decifrando o mistério da História, interpretando-a a seu gosto.

⁴⁵ D: 263/ MT2: 134

⁴⁶ É realçada a nomeação, por D. João VI, de um reitor para a Universidade que parece não agradar ao compilador. Na mesma página copia episódios que não favorecem o rei D: 259/ MT2:

⁴⁷ D: 262/ MT2:133

⁴⁸ D: 257/ MT2: 122

⁴⁹ D: 103/ MT1: 129

⁵⁰ Notícias acerca da extrema longevidade de personagens também se podem ler na página 727 do *Portugal Cuidadoso e Lastimado...* de Baião, segundo o autor anónimo do texto transcrito em D:103 /M1:130/1. As notícias acerca do escudeiro de Carlos Magno, “Ioam de Tampes”, que teria atingido a idade de 275 anos e sobre um bengali de 335 anos, estão registadas em Duarte Nunes do Leão, *Crónicas dos Reis de Portugal*, Porto Lello, 1975, pp. 61/2 e no livro do Padre Rafael Bluteau, *Prosas Portuguezas, Recitadas em diferentes congressos Académicos*, Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1736, p. 41.

2. 1. 2 - A compilação

Aos volumes manuscritos em estudo foi dado o título *Bandarra Descuberto nas suas trovas. Collecção das Professias as mais notaveis em respeito à felecidade de Portugal, e Cahida dos maiores Inpérios do Mundo*, que coincide com o título de um opúsculo editado em Londres em 1810.⁵¹ A compilação manuscrita integra toda essa pequena obra no 2º volume, de pp. 1 a 55, e está copiada de forma um pouco livre: são resumidos alguns parágrafos ou alteradas datas convenientes para a comprovação de vaticínios que se situem entre a data da edição e a data da cópia.

O texto que se transcreve está manuscrito, apresentado em dois volumes encadernados de páginas numeradas com as dimensões 22cm X 16cm. O 1º volume está datado de 1815 e tem 270 páginas. Há uma nota a lápis, na mesma caligrafia, acerca da intenção de recolher material para sete tomos, o que não parece ter chegado a acontecer, já que o 2º volume está escrito só até à página 145, estando as folhas em branco até à página 217, que tem o índice. A última anotação é acerca da morte do Príncipe D. Augusto Napoleão (sublinhando o nome Napoleão), primeiro marido da rainha D. Maria II, em 28 de Março de 1835.

Os volumes manuscritos estão em estado razoável e são legíveis. A caligrafia é relativamente cuidada. A ortografia, como a pontuação, é extremamente variável: a mesma palavra pode ter três, quatro e mais variantes.

A grande volatilidade da grafia nesta compilação pode ter várias explicações: o facto de a ortografia ainda não estar totalmente fixada no espaço de tempo em que decorreu a elaboração da cópia (1815-1835); a circunstância de a recolha ter sido feita presumivelmente de fontes diversas, de épocas diferentes e, possivelmente, nalguns casos, feita a partir de trechos já estropiados. Há trechos em latim, em castelhano e até em italiano (os versos do *Salutivo*). Os textos do século XVI, período de bilinguismo literário, mesmo quando escritos em português estão muitas vezes “contaminados” por castelhanismos, o que também pode ajudar a explicar a grande variedade da ortografia e da pontuação.⁵² Os critérios de transcrição do compilador também podem ter variado, copiando umas vezes os textos *ipsis verbis*, e outras vezes actualizando a grafia.

⁵¹ *Bandarra Descuberto nas suas trovas. Collecção das Professias as mais notaveis em respeito à felecidade de Portugal, e Cahida dos maiores Inperios do Mundo*, Londres, W. Lewis, 1810

⁵² Durante a dinastia filipina muitos autores portugueses escreviam e versejavam em castelhano, já que essa era a língua da corte e a utilização do castelhano permitia uma maior divulgação das obras. Essa tendência vinha já desde antes da união ibérica, com grandes nomes da nossa literatura como Camões e Gil Vicente, mas é acentuada com o domínio dos Filipes.

2. 1. 3 - Apresentação geral dos textos recolhidos na colectânea

Os trechos copiados variam muito em tamanho: tanto se encontram citações de 3 ou 4 linhas, como recolhas de dezenas de páginas.

Essa recolha em miscelânea de trechos variados de vaticínios, sinais, lendas e trovas proféticas, de autores e de épocas muito diferentes tem como tema genérico a promessa da futura grandeza de Portugal e o triunfo da religião católica. Ao longo da

A propósito da manutenção do uso literário da língua portuguesa, muitos autores se preocuparam, defendendo o seu uso privilegiado ou mesmo criticando o uso do castelhano, demonstrando a beleza e musicalidade da língua portuguesa, o seu prestígio e adequação a matérias altas, como Francisco Rodrigues Lobo que considera a língua portuguesa “branda para deleitar, grave para engrandecer, eficaz para mover, doce para pronunciar, breve para resolver e acomodada às matérias mais importantes da prática e escritura”. Continua no mesmo tom, lamentando porém que “pelo pouco que lhe querem seus naturais” a tragam “mais remendada que capa de pedinte” Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1990, p. 85. (Esta observação do escritor reflecte uma preocupação com a correcção da língua que se verifica ao longo do tempo e se mantém actual).

Muitos autores portugueses nesta época produzem obras panegíricas sobre Portugal, os seus costumes, as suas personalidades mais importantes – santos, heróis – acerca da excelência do clima, belezas naturais e arquitectónicas, acerca da língua portuguesa. Evocam a história, numa preocupação de destacar e enaltecer tudo o que distingue a nacionalidade portuguesa, cuja individualidade se sente correr o risco de se diluir na Península. Duarte Nunes do Leão escreve uma *Descrição do Reino de Portugal* e uma *Crónica dos Reis de Portugal*, aproveitando algumas matérias de crónicas anteriores, resumindo e actualizando a linguagem; de António de Sousa sai em 1631 a apologia *Flores de Espanha Excelências de Portugal*.

Autores famosos como D. Francisco Manuel de Melo escreveram tanto em português como em castelhano, sendo até pouco consensual em qual das histórias da Literatura (portuguesa ou espanhola) se devem inscrever alguns escritores.

Conforme é notado por Ana Paula Avelar em “Os Portugueses. Imagens Narrativas em Crónicas de Quinhentos – Traços de uma Identidade?” in *Discursos, Língua, Cultura e Sociedade*, Abril 1999, p. 171, a demonstrar que, já no século XVI havia a noção de que a língua era fundamental para a manutenção do império, está a constatação de João de Barros “As armas e padrões portugueses póstos em África e em Ásia, e em tantas mil ilhas (...) matérias sam, e póde-as o tempo gastar, però nam gastará doutrina, costumes, linguágem que os Portugueses nestas terras leixárem” João de Barros, *Diálogo em Louvor da nossa Lingoagem*, Maria Leonor Buescu, *Gramáticos Portugueses do século XVI*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1978, p. 90.

A utilização da língua materna é sempre um assunto sensível, que toca profundamente a identidade de um povo. Em Portugal a questão da variedade linguística costuma ser um assunto pacífico, já que a língua sedimentou há séculos com uma grande uniformidade, mas no período filipino a questão linguística chegou a pôr-se com dramatismo, o que foi sentido por alguns intelectuais portugueses da época como uma questão de sobrevivência da língua e de identidade nacional. Com a restauração, esse problema deixou de fazer sentido, tendo a língua portuguesa recuperado a quase exclusividade no campo literário (embora o Castelhana fosse esporadicamente usado em obras de ensaio, com pretensões de divulgação além fronteiras, como é o curioso caso de um tratado de teoria musical *Defensa de la música moderna*, escrita em castelhano pelo próprio rei português, publicado em Lisboa em 1649. Cf. Manuel Carlos de Brito e Luísa Cymbron, *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1999, p. 90.)

Como nota o linguista galego Antón Santamarina, Portugal “é un caso logrado de ‘retroceso do cambio linguístico’ (*reversing language shift*), similar ó que, as máis das veces sem fortuna, tratan de conseguir moitos outros países no mundo. Daquela época queda como testemuña no portugués unha non pequena invasión de castelanismos.” Antón Santamarina, «Bilinguismo e fronteiras. O caso galego» in *Variación linguística no espaço, no tempo e na sociedade*, Edições Colibri, 1994, p. 247.

compilação o seu autor liga, por vezes, os vários fragmentos com considerações pessoais acerca da relevância do que está a copiar. Na recolha podem encontrar-se excertos do Padre António Vieira – a conhecida carta *Esperanças de Portugal* - e um “papel” que é assacado ao Jesuíta, um texto anónimo com interpretação de trovas de Bandarra, cópia de um comentário ao terceiro corpo das trovas do sapateiro de Trancoso, oitavas de Bocarro, trechos de vaticínios atribuídos a Santo Isidoro, ao Abade Gil ou a Santa Teresa de Ávila, textos atribuídos a personagens lendárias ou fictícias; como se pode verificar, é uma recolha bastante heterogénea, a exemplo das compilações sebastianistas da época. Os autores são geralmente fontes utilizadas pelos sebastianistas para provarem as suas teses, as chamadas autoridades “alegadas”.

Embora a análise de trovas de Bandarra constitua apenas uma parte da compilação em estudo, a escolha do título genérico da recolha demonstra a importância que o colecionador atribuiu ao profeta de Trancoso.

2. 1. 4 - As autoridades “alegadas”

Para a confirmação das afirmações dos autores dos textos reunidos na compilação em estudo foram aduzidas profecias e vaticínios atribuídos a várias personagens que na época eram consideradas autoridades.

Além dos trechos ou citações de obras de autores bem determinados, como Bandarra, Padre António Vieira ou Manuel Bocarro, muitos textos coligidos na colectânea em análise são atribuídos a várias personagens, que podem ser profetas, religiosos, santos e beatos, personagens mais ou menos históricas ou fabulosas, ou são descrições de visões de gente comum, por vezes difícil de identificar.

Profecias tiradas dos livros sibilinos encontram-se de forma recorrente nas colecções sebastianistas, como na presente colectânea, onde se invocam versos da sibila Eritreia.⁵³ As sibilas eram profetisas lendárias, depositárias das mensagens divinas reveladas desde os mais remotos tempos; entre outras famosas sibilas estão as sibilas Cumeia e Tiburtina.

Atribuídos à sibila de Cumas ou à sibila Eritreia, os livros sibilinos terão sido compilações das profecias mais célebres e datariam, segundo a tradição, do tempo dos reis de Roma. Estavam guardados no Templo de Júpiter Capitolino, onde poderiam ser

⁵³ D:112-115/ MT1: 147-150

consultados em épocas especiais e por ordem do Senado. Foram destruídos e, posteriormente, reconstituídos com a ajuda de sibilas da Ásia Menor, que estariam na posse de fragmentos das antigas profecias. Santo Agostinho mostra respeitar as profecias das sibilas, às quais dedica um capítulo na *Cidade de Deus*⁵⁴. No século VI d.C. apareceram livros sibilinos apócrifos, de onde foram retirados e aceites pelos cristãos alguns vaticínios.⁵⁵ A partir do final da Idade Média as sibilas tornaram a ser respeitadas como profetas, de tal forma que, na arte cristã do período gótico e renascentista, as sibilas chegam a ser representadas ao lado dos apóstolos. O Padre António Vieira considerava as sibilas dotadas por Deus do dom da profecia e até mais bem informadas do que os profetas em matérias relacionadas com a vinda de Cristo.⁵⁶

Conferindo autoridade aos argumentos invocados, os autores dos trechos copiados invocam profecias ou trechos de santos, muitos tendo vivido séculos antes dos acontecimentos alegadamente previstos.

É o caso de Santa Leocádia, cristã toledana morta em 303, no tempo de Diocleciano, vítima das perseguições aos cristãos⁵⁷, a quem se atribui uma profecia sobre a conquista de África e Jerusalém pelos Lusitanos.

As profecias ditas de Santo Isidoro, arcebispo de Sevilha e organizador da Igreja visigótica nascido em Cartagena cerca de 560, copiadas na colectânea,⁵⁸ são, possivelmente, coplas compostas ou transcritas no século XV pelo cartuxo castelhano Pedro de Frias. Também estão copiados vaticínios em latim atribuídos ao autor de *Etimologias* em co-autoria com Cassandra, “princesa de Tróia filha de Príamo”⁵⁹.

S. Teotónio, Prior da Igreja de Santa Cruz de Coimbra desde a sua fundação e durante trinta anos, era natural da cidade galega de Tui. Segundo Duarte Nunes do Leão, D. Afonso Henriques prezava muito o prior, a quem pedia conselho para as

⁵⁴ Santo Agostinho *A Cidade de Deus*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, vol.I., livro XVII, cap. XXIII, p. 1751

⁵⁵ Ver J.G. Romão Coutinho, *Ontem e Amanhã Os profetas e o Futuro*, Lisboa Terramar, 2002, pp.40–43

⁵⁶ António Vieira, *História do Futuro*, edição crítica de Maria Leonor Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992, p. 346; também Frei Heitor Pinto equipara os dons das sibilas aos dos profetas: “E porque os Romanos Gentios não sabiam os oráculos dos diuinos prophetas, permittio Deos, que teussem os ditos das Sybilas” Frei Heitor Pinto, *Imagens da Vida de Cristo*, Porto, Lello e irmão, 1975, p. 780.

⁵⁷ Mons. Angelo Mercati e Mons. Augusto Pelzer (dirs.) *Dizionario Ecclesiastico*, Unione Tipografico-Editrice Torinese, 1955, vol.II, p. 636

⁵⁸ D: 123/ MT1: 168

⁵⁹ D: 214/ MT2: 45 Ver José van den Besselaar, *O Sebastianismo - História sumária*, Lisboa, Ministério da Educação e Cultura, 1987, p. 42

decisões importantes. Morreu com oitenta anos, com fama de santidade.⁶⁰ Na compilação, prediz a Revolução Francesa, o desrespeito pela Igreja e o regresso do *Desejado* a combater os invasores franceses.

A S. Frei Gil, vouzelense de origem nobre que se doutorou em Artes, Teologia e Medicina em Paris, exercendo medicina com sucesso, a lenda atribuiu pacto com o demónio, de que se livrou por intermédio da Virgem Maria.⁶¹ Contemporâneo de D. Sancho II, com as suas críticas à política deste rei para com o clero pode ter contribuído para a destituição do rei, segundo Frei Luís de Sousa⁶². Na obra em estudo, há profecias que lhe são atribuídas, bem como outras imputadas a um Beato Gil da Ordem dos Pregadores. Trata-se do mesmo S. Frei Gil, que efectivamente foi um dominicano apenas beatificado.⁶³

S. Francisco de Paula nasceu em 1416 na cidade calabresa de Paula. Foi o fundador da ordem dos Mínimos. Morreu em 1507 em França, onde tinha ido a pedido do moribundo Luís XI.⁶⁴

São Pedro de Alcântara (1499 – 1562), foi contemporâneo e correspondente de Santa Teresa de Ávila, sendo a biografia desta Santa a fonte de grande parte da informação biográfica sobre S. Pedro. Este franciscano espanhol da Estrita Observância chegou a viver entre os monges arrábidos. Entre as suas obras conta-se um pequeno Tratado sobre a *Oração*, que foi traduzido para muitas línguas europeias.⁶⁵ Na compilação, Santa Teresa de Ávila aparece preocupada com a sorte de D. Sebastião.

⁶⁰ Duarte Nunes do Leão, *Descrição do Reino de Portugal*, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa, 2002, pp. 265/6

⁶¹ O tema do pacto com o demónio e os estudos de magia em Toledo, que também são atribuídos a Frei Gil pelos hagiógrafos dominicanos, são uma elaboração frequente na Idade Média, nomeadamente a identificação de Toledo com artes ocultas. Este importante centro islâmico, ocupado pelos cristãos com Afonso VI de Leão, ficou durante séculos com uma aura de magia, assimilada às ciências e medicina. Cf. Aires Nascimento na introdução à obra de Frei Baltasar de S. João, *Vida de S. Frei Gil de Santarém*, Lisboa, INIC – Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 1989, p. 16

⁶² Frei Luís de Sousa, *História de S. Domingos*, Benfca, 1623, vol.I, pp. 216-220, *apud* Aires Nascimento *op. cit.*, p. 16. Esta afirmação da hagiografia só poderia ser validada pela crítica histórica na hipótese de um Mestre Gil Juliães, dominicano que morreu em Santarém, cuja intervenção nas querelas entre o clero e o rei pode ter contribuído para afastar do trono Sancho II, poder ser identificado com Frei Gil de Santarém, conforme questiona Maria João Branco, *Poder Real e Eclesiásticos. A evolução do conceito de Soberania Régia e a sua relação com a praxis Política de Sancho I e Afonso II*, Lisboa, Universidade Aberta, 1999, pp. 528/9

⁶³ Carlos Lino Seabra, *São Frei Gil de Vouzela. Um Escritor Medieval Português*, Vouzela, Câmara Municipal de Vouzela, 1996

⁶⁴ Kevin Knight, Enciclopédia Católica, edição electrónica ACI-PRENSA, 1999 <<http://www.encyclopediacatolica.com/>>

⁶⁵ *Ibidem*

Teresa Sánchez Cepeda D'Ávila y Ahumada,⁶⁶ a carmelita popularmente conhecida como Santa Teresa de Jesus, nasceu em Ávila em 1515 e morreu em Alba de Tormes em 1582.

Outras personagens a quem se atribuem vaticínios sobre a matéria sebastianista, são, por exemplo:

João de Rocacelsa, Jean de Roquetaillade ou Johannes de Rupescissa (1300-1365). Beditino aragonês, após a frequência da Universidade de Toulouse, tornou-se frade franciscano. Fez várias profecias acerca da necessidade de acabar com a corrupção do clero. Encarcerado vários anos por causa das críticas à Igreja, profetizou a queda de Roma e a transferência da sede da Igreja para Jerusalém. Vaticinou a conversão dos Judeus, o extermínio dos muçulmanos e o advento de uma era de paz que começaria em 1420.⁶⁷

Na colectânea estão recolhidos vaticínios de Frei João da Barroca. Segundo Fernão Lopes, este frade castelhano vivia em Jerusalém antes de vir para Lisboa, a recolher-se numa cela perto do Convento de S. Francisco onde ganhou fama de proferir vaticínios acertados. D. João teria consultado o frade, tendo-lhe este aconselhado a aceitar o cargo real, vaticinando-lhe a continuidade da sua dinastia, e assegurando-lhe o favor divino.⁶⁸ Um dos argumentos usados por João das Regras para defender a causa do Mestre de Avis nas cortes de Coimbra de 1385, para demonstrar a sua piedade, foi a circunstância de D. João ter acatado os conselhos de Frei João da Barroca.⁶⁹

A construção profética à volta de Frei João da Barroca de S. Francisco foi aproveitada para validar a posição do Mestre de Avis, bastardo real nunca legitimado pelo pai e assegurar a independência de Portugal face a Castela durante a crise dinástica começada em 1383. Ao vaticinar a longevidade da extirpe de D. João à frente dos destinos dos Portugueses, o franciscano dava valiosos argumentos aos seus partidários.⁷⁰

⁶⁶ *Ibidem*

⁶⁷ J.G. Romão Coutinho, *Ontem e Amanhã Os profetas e o Futuro*, Lisboa, Terramar, 2002, p. 94

⁶⁸ Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, Barcelos, Livraria Civilização Editora, Volume I s.d, p.p. 47/49

⁶⁹ *Idem*, p. 421.

⁷⁰ A promessa divina dada a D. João por intermédio do eremita franciscano frei João da Barroca evocava a promessa do eremita alentejano aparecido ao recém escolhido primeiro rei português, antes da mitificada batalha de Ourique. Essa promessa acerca da perenidade da independência de Portugal, surgida nas reelaborações da descrição da batalha de Ourique, foi sendo utilizada sempre que se mostrou necessário demonstrar a justeza da causa da independência política de Portugal. Independência face a Castela, por exemplo na crise de 1383/85; face a Espanha, durante a dinastia filipina e após a restauração,

Também ao Padre Anchieta são atribuídas profecias nesta colectânea. José de Anchieta nasceu em Santa Cruz de Tenerife (Canárias) e morreu no Brasil. Estudou no Colégio das Artes, em Coimbra desde os 14 anos. Tendo ingressado na Companhia de Jesus foi enviado como missionário para o Brasil, onde se distinguiu pela elaboração da primeira gramática tupi-guarany.

É autor de vasta obra em quatro línguas (português, latim, castelhano e tupi - que aprendeu com os índios do Brasil) que inclui teatro, cartas, sermões, poemas, catecismos e uma epopeia⁷¹. O Padre José de Anchieta é uma importante figura da cultura portuguesa e brasileira.

Ao “Pretinho do Japão”⁷², personagem que fazem viver no século XIV, começam a ser atribuídas trovas proféticas no séc. XVI e, a partir daí, constam frequentemente das colecções sebastianistas. Também um “Mouro de Granada” contemporâneo do “Pretinho” é suposto autor de trovas proféticas sobre o destino de Portugal. Segundo o Padre Agostinho de Macedo, no seu libelo contra os sebastianistas, o autor das trovas do “Pretinho do Japão” seria o Padre Clemente Gomes, jesuíta do século XVIII, e os versos do “Mouro” teriam por autor outro jesuíta, o Padre Manuel de Escobar⁷³

2.2 - Temas comuns aos textos do manuscrito

usando-se a promessa divina como argumento junto de Roma para conseguir o reconhecimento papal do renovado Reino de Portugal. Ver Maria José Ferro Tavares, *Milénio e Império*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, pp. 5 a 10. Na compilação em presença o argumento do juramento de Ourique é repetido várias vezes.

Durante o exílio brasileiro da família real no seguimento das invasões francesas, numa altura de crise nacional em que a independência do país chegou a estar em causa (lembremo-nos do Tratado de Fontainebleau, acordando a partilha de Portugal entre a dinastia espanhola de Bourbon e partidários de Napoleão) o milagre e a promessa de Ourique tornaram a ser insistentemente evocados.

⁷¹ Sebastião Tavares de Pinho, “Abertura na Sessão Inaugural” in *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra. Colégio das Artes da Universidade 1548-1998*, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida, p.21

⁷² Segundo a *Enciclopédia Luso Brasileira*, “pretinho da China” era uma das formas de chamar a um indivíduo que tivesse tez morena. Será que a expressão “pretinho do Japão” aparece por analogia? O padre Macedo questiona ironicamente a lógica da invenção desta personagem pelo padre Clemente Gomes: “Ainda reina o Pai Clemente Gomes, Preto do Japão, aonde não há Pretos, vivendo em era, em que em Portugal se não sabia que havia Japaõ,(...) e em que aqui não tinhaõ apparecido Pretos” José Agostinho de Macedo, *Os Sebastianistas*, Lisboa, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor do Conselho de Guerra, 1810, p. 14

⁷³ *Ibidem*, p. 47

A recolha de textos em estudo, que tem pendor sebastianista, pode também considerar-se uma colectânea de carácter milenarista por várias características comuns dos trechos copiados: neles se advoga que a salvação está iminente por estarem reunidas as condições do fim dos tempos, indicadas por vários sinais. O compilador procura demonstrar que está profetizado que o período glorioso do *Milénio* será conduzido por um rei ou imperador de origem portuguesa, providencial e guiado por Deus. Recolhe vários testemunhos buscando resposta sobre quem será esse agente divino que está *encoberto*. Procura, assim, comprovar o futuro grandioso reservado a Portugal, cujo povo foi eleito por Deus para conduzir a humanidade à felicidade e à unanimidade da fé católica.

Trata-se, na sua maioria, de textos ambíguos, utilizando geralmente linguagem simbólica ou hermética que há que decifrar, retratando cenários possíveis (mesmo se se força um pouco o conceito de “possível”, invocando para isso a onipotência divina, que pode alterar a realidade, como no caso da miraculosa longevidade de D. Sebastião ou mesmo a ressurreição de D. João IV). A manipulação do cenário futuro tem como objectivo trazer consolo e sentido a um presente desconfortável.

Essa esperança num futuro radioso é fundamentada por sinais que se manifestam na data da elaboração das profecias e que demonstram a iminência dos acontecimentos esperados. Depois de copiar trechos de temática profética, destacando os mais vincadamente sebastianistas – embora não deixe de copiar textos com outra filiação – o compilador preocupa-se em juntar factos e notícias que lhe parecem sinais da mudança que as profecias lhe anunciam. Sinais de vários tipos vão sendo coleccionados ao longo de anos, recortados de jornais e revistas, ou colhidos do que o compilador presencia ou do que ouve dizer. Assim, as últimas páginas dos cadernos estão preenchidas com uma colecção de apontamentos sobre fenómenos naturais, de natureza meteorológica, astronómica, geológica ou climática, factos políticos não habituais ou que causem consternação ao autor – no período em que escreve, de 1815 a 1835, há muitos factos políticos a assinalar - ou até notícias de comportamento insólito de animais (caso da invasão da cidade de Moscovo por ursos).

Um dos principais parâmetros comuns aos textos recolhidos é a confiança na vontade divina, que não é discutida e que se espera partilhada por autores e leitores. Muitas verdades dogmáticas, morais ou mitos transformados em “factos históricos” não precisam de ser demonstrados pelos autores porque se pressupõem já aceites pelos ouvintes.

A vontade de Deus serve como argumento para atestar a veracidade dos vaticínios: o emissor das profecias deve ser encarado como pessoa iluminada pelo espírito divino, situando-se no centro do mistério. A sua piedade ou vida exemplar serve para garantir a fiabilidade do que anuncia; se se trata de autor anónimo, a garantia é dada por quem transmitiu o texto ao compilador, com elocuições como “foi-me transmitido por pessoa de grande piedade e idoneidade” ou “Isto me diz fulano, homem de carácter verdadeiro”.

O enunciado dos vaticínios permite várias interpretações e, como raramente se anunciam de forma clara factos e datas, a ambiguidade dos textos permite ir protelando os acontecimentos previstos e aproveitar profecias com centenas de anos (e até milhares, no caso das profecias bíblicas). Certamente os autores das profecias assim aproveitadas estariam a anunciar eventos próximos ao seu tempo, já que, como escreve o Padre António Vieira, o futuro que interessa às pessoas é o que ainda podem presenciar e não o que possa ocorrer daí a gerações. Ao anunciar quando hão-de acontecer os eventos de que fala na sua *História do Futuro*, o Padre António Vieira promete que “são esperanças que hão-de ver os que vivem, ainda que não vivam muitos anos (...) as esperanças que tardam, tiram a vida; as esperanças que se vêem, não só não tiram a vida, mas acrescentam os dias e os alentos dela.”⁷⁴

Na colecção em estudo, embora grande parte dos trechos copiados diga respeito à grandeza de Portugal num futuro próximo, a componente do triunfo da religião católica parece ser a mais valorizada pelo compilador.

Vários acontecimentos esperados são recorrentes ao longo dos textos da miscelânea em análise. Alguns estão já cumpridos na época da compilação. É o caso da restauração da independência, das invasões francesas e da resistência popular aos invasores, do governo de uma mulher em Portugal, realçada como estranha novidade. Outros acontecimentos profetizados estão por cumprir: o regresso de D. Sebastião, por vezes já com descendência, a conquista de Jerusalém por um rei português tornado Imperador, a conversão dos judeus ao catolicismo, a vitória sobre o infiel e o herege e a unificação religiosa do mundo, debaixo do poder de um “ungido” católico e o advento de um tempo de justiça universal após um período mais ou menos turbulento.

Muitos dos acontecimentos previstos coincidem com as esperanças do Padre António Vieira que, na sua carta “*Esperanças de Portugal...*” faz a listagem dos eventos

⁷⁴ Padre António Vieira, *Livro Antepimeiro da História do Futuro*, edição crítica de José van den Besselaar, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983, p. 29

que espera com convicção (embora admita incerteza em relação às datas) e que, tirando a sua originalidade de crer na ressurreição de D. João IV, podem resumir as esperanças messiânicas que corriam:

“Em Espanha (o mundo) verá o rei de Portugal ressuscitado, e Castela vencida e dominada pelos Portugueses. Em Itália verá o Turco barbaramente vitorioso, e depois desbaratado e posto em fugida. Em Europa verá suspensão de armas entre todos os príncipes cristãos, católicos e não católicos; verá ferver o mar e a terra em exércitos e em armadas contra o inimigo comum. Na África e na Ásia, e em parte na mesma Europa, verá o Império Otomano acabado, e El-Rei de Portugal adorado Imperador de Constantinopla. Finalmente, com assombro de todas as gentes, verá aparecidas de repente as dez tribos de Israel, que há mais de dois mil anos desapareceram, reconhecendo por seu Deus e seu senhor a Jesus Cristo, em cuja morte não tiveram parte(...) mas saibam os que vivem que na primeira cena desta grande representação nadará todo o teatro em sangue, no qual ficará quase afogado o mesmo mundo.”⁷⁵

2. 2. 1 - A Restauração profetizada:

Correram muitas profecias ditas acerca da Restauração, popularizadas sobretudo durante o período da dinastia filipina e imediatamente depois de 1640.

As trovas de Bandarra, que tinham servido a causa sebastianista, populares entre o povo e citadas por um clero descontente com as medidas tomadas durante o reinado de Filipe III (de Portugal), passaram a ser interpretadas como vaticinando um D. João “alçado Rei”.

A Frei João da Barroca foram imputados vaticínios relativos à restauração da independência portuguesa de 1640, quando anuncia a D. João, ainda Mestre de Avis, os feitos da sua longínqua estirpe bragantina:

*Naõ gozará o Leão (Espanha)/ Muitos anos sua preza/Porque Bragança virá/ A tirar-lha com presteza./ Será o Leão vencido/ Só por hum manso cordeiro/ Que será em tudo igual/ Ao vosso nome primeiro*⁷⁶

Também ao “Pretinho do Japão” foram atribuídas previsões relativas à Restauração. “E os Fidalgos se han-de juntar/ A chamar hum João/ Que sem tenção/ Há-de

⁷⁵ Padre António Vieira, *Cartas*, coordenadas e anotadas por João Lúcio de Azevedo, Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1970, pp. 522/3

⁷⁶ D: 226/ MT2: 62

estar no Quintalão(...) *Em conclusão há-de ficar/ Em tal bonança o de Bragança/ Em 22 até 23, mas outra vez/ Há-de acabar se Deus quiser.*⁷⁷

O “Mouro de Granada”, por volta de 1500, aconselha Portugal a não desesperar com a sujeição a Espanha:

*“Naõ te assustes se (es)tiveres/ Por alguns anos cativo/ Por causa daquele Rei/ Que julgam morto, estando vivo.(...)/Porem um que for parente/ Te livrará do cativo/ Então ficarás triunfante/ E livre do Estrangeiro.”*⁷⁸

2. 2. 2 - O tema do “infel” nas profecias portuguesas: antagonismo contra o Muçulmano.

A julgar pela colectânea em análise, sobretudo nos argumentos dos “historiadores” invocados pelo autor de um dos textos mais extensos da compilação, haveria uma grande animosidade contra os muçulmanos datando dos primórdios da nacionalidade, sendo o zelo religioso uma característica dos reis portugueses⁷⁹; no entanto, o espaço ibérico medieval teve períodos de relativa aceitação e até harmonia entre as três principais religiões enraizadas na península. Mesmo durante a “reconquista”, embora tenha realmente havido massacres e destruição, verificou-se uma certa preocupação por parte do poder régio em manter as populações nas terras conquistadas, restando a vontade de converter à força as massas camponesas, e mesmo as urbanas, à religião dominante.

A ideia de uniformizar a religião e a cultura no espaço ibérico, tornando as populações culturalmente homogêneas, embora tenha manifestações anteriores, toma grande importância a partir do fim do século XV. Após a conquista do último reduto muçulmano na Península, a centralização cultural e religiosa acelera-se. E, se é por imposição de Castela que a expulsão (ou conversão forçada) dos judeus do território português começa, a expulsão dos mouros de Granada é insistentemente pedida aos Reis Católicos pelo nosso D. Manuel. Uma cláusula sobre a proibição de culto aos mouros hispânicos fazia parte das condições impostas por D. Manuel aos sogros, nas negociações para o seu casamento com D. Maria, conforme o seguinte excerto:

⁷⁷ D: 230/ MT2:67. De notar a precisão do vaticínio, que até se detém na relutância do Duque de Bragança em aceitar o trono, exemplo de profecia pós-evento.

⁷⁸ D: 237/ MT2:75

⁷⁹ Ver texto sebastianista atribuído ao Padre António Vieira em D: 107-176/ MT2:139-262; os argumentos dos “historiadores” encontram-se nas páginas: D: 150-151 / MT2:220-225

“Que se deribem as mesquitas e nam consintam aver em todos seus reinos e senhorios casa ordenada pera mouros averem de fazer oraçam, guardando os juramentos e firmas que tem feitas”⁸⁰

Depois de Lepanto, tendo os Habsburgos entrado em concorrência directa com os Muçulmanos Otomanos, e no seguimento do trauma de Alcácer Quibir, deixa de haver condições para a manutenção de mouriscos na Península. Considerados uma quinta coluna do Islão, são definitivamente expulsos em 1606. De notar os textos compilados atribuídos a mouros, que constituem um dos fundamentos no argumentário de um texto presente na colectânea, da autoria de um suposto Padre António Vieira, para a demonstração da sua tese sebastianista, como o seguinte, atribuído a um astrólogo mouro, chamado “Acan Burulei” ou “Acantureley”, que

deixara escrito no ano de 1200 em língua Árábica que aquela Monarquia (muçulmana?) será arruinada e destruída por um Rei nascido nos últimos fins do Poente (que é Portugal.) Este Rei, diz, será o castigo do povo de Mafoma, e açoute do povo de Ismael, o qual pelo favor da sua Religião começará a perseguir os Mouros, lançando-os fora de suas terras, e fazendo grandes armadas contra eles. A Espada dos Mouros estará então tão debotada que nada cortará..⁸¹

Um dos objectivos da empresa dos descobrimentos era a de encontrar aliados cristãos na luta contra o *infiel*. Assim, o encontro com o Reino do Preste João foi um resultado muito almejado. Acabar com o domínio do comércio das especiarias e produtos orientais detido pelos muçulmanos era um dos objectivos do Venturoso, como se pode ler na seguinte passagem da carta enviada por D. Manuel aos reis de Castela, em Julho de 1499, dando-lhes notícia do descobrimento da Índia:

“Sabemos que se pode fazer que nam há aí duvida que segundo a desposisam da Jente crista que acham, posto que tam confirmada na fé nom seja, nem dela tenha tão inteiro conhecimento, se nam siga e faça muito serviço de Deus em serem convertidos e inteiramente confirmados em sua santa fé, com grande exaltamento dela; (e depois de se assi confirmados, ser azo da destroçam dos Mouros daquelas partes), além de esperarmos em Nosso Senhor que o trato principal de que toda a mourama daquelas partes se aproveitava e que por suas maos se fazia, sem outras pessoas, nem linhagens nisso entenderem, per nossa

⁸⁰ *Documentos referentes a las relaciones com Portugal durante el reinado de Reyes Catolicos*, ed. De Antonio de Torre e Luis Suarez Fernandez, Valladolid, 1963, vol.III, pp. 31 e 32 , apud Maria José Tavares, “O avanço do Turco para Ocidente” in *Milénio e Império, O Caso Português*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, suporte em CD ROM , Cap. 6.2 p.2

⁸¹ D: 249/ MT2: 99

ordenança com os naturais e navios de nossos reinos, se mudar todo, para daqui se largamente poder prover toda a Cristandade desta parte da Europa das ditas especiarias e pedrarias, e que será com ajuda desse mesmo Deus que assi por sua mercê o ordena, mais causa de nossos prepósitos com mais fervor se exercitarem per o seu serviço na guerra dos Mouros de nossas conquistas destas partes, pera que Vossas Altezas tem tanto prepósito e nós tanta devoçam”⁸²

A descoberta do caminho para a Índia pela rota do Cabo havia inspirado a ideia de que a luta contra o infiel, tanto no Mediterrâneo como nas regiões mais longínquas, era lícita e ditada pela Providência.⁸³ O esperado encontro com a gente cristã da Índia tinha sido tomado também como sinal da universalidade do cristianismo e do favorecimento de Deus para com o cumprimento dessa missão pelos portugueses.

Porém, o contacto com o Oriente e a sua extraordinária diversidade étnica, linguística, cultural e religiosa, grande densidade populacional e secular convivência entre povos e culturas diferentes, mostrou a dificuldade de converter todas essas multidões.

Nessas paragens orientais, o proselitismo de qualquer religião esbarrava numa civilização de culturas sedimentadas, enraizadas e antigas, que foram estabelecendo ligações e sincretismos ao longo do tempo. Embora tivessem certa consciência da enormidade da tarefa de evangelização, os missionários católicos lançavam-se à tarefa com grande determinação, tendo conseguido estabelecer vários núcleos cristãos. Havia a esperança de conseguir a conversão de senhores locais, príncipes, reis e até mesmo imperadores⁸⁴, de forma a espalhar mais facilmente o cristianismo.

⁸² *Notícias de missionação e martírio na Índia e Insulíndia* / dir. Luís de Albuquerque, introdução. e selecção de textos Jorge Manuel dos Santos Alves, Lisboa, Alfa, 1989, pp. 49-50

⁸³ Refira-se a paradoxal influência que a descoberta da Rota do Cabo teve para a expansão otomana que acabou por ser facilitada, ao ter deixado os Turcos sem rivais poderosos no mundo muçulmano para lhes travarem o passo, com o descabro comercial e económico dos muçulmanos Mamelucos, activamente procurado por D. Manuel. No seguimento da ruína dos Mamelucos, xiitas, os turcos conquistam o Próximo Oriente – Síria, Palestina, Egipto - juntando essas zonas da bacia do Mediterrâneo às suas conquistas. Cf. João Paulo O. Costa, *D. Manuel I*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005, p. 208. Por outro lado, a derrota do aliado dos portugueses em Alcácer Quibir, que também procurava apoio no poder otomano nas suas pretensões ao Califado de Fez, travou a expansão turca às portas de Marrocos.

⁸⁴ É o caso das tentativas de conversão ao cristianismo dos imperadores mogóis Akbar (1556 - 1605) e Jahangir (1605 - 1627) por parte dos jesuítas. Estas personagens demonstravam bastante interesse pela religião e costumes europeus (dos *firangis*), notando-se a adopção de certas técnicas da arte europeia tanto sacra como laica, e parecendo prestar culto a imagens religiosas que aproximavam do trono. Mas esse interesse, interpretado pelos jesuítas como predisposição à conversão, teria a ver com um ecletismo religioso, curiosidade pelo diferente, e utilização das atenções prestadas pelos jesuítas como prestigante propaganda política. Edward Maclagan, *Os Jesuítas e o Grão Mogol*, Porto, Livraria Civilização ed., 1946.

Dada a natureza igualmente prosélita e o zelo religioso da religião muçulmana, a conversão dos muçulmanos ao cristianismo afigurava-se muito difícil. Assim, as relações entre as missões católicas e os potentados muçulmanos eram, geralmente, pouco produtivas. Por parte dos católicos havia tendência para considerar o mouro como um infiel sem esperança de redenção, o que é demonstrado pelas profecias que anunciam a destruição dos muçulmanos, apesar de haver alguns vaticínios portugueses que admitem a conversão dos islamitas.

De facto, algumas profecias incluem os muçulmanos convertidos num mundo de uma só religião regido pelos portugueses, o que é patente nos trechos dos seguintes autores:

Nas oitavas de Bocarro:

*“Muitos perecerão, se me não engano/ Reinos do mundo, o Polo significa,/ Mas o famoso Império Lusitano/ Livre do Ocaso eterno se amplifica./ O do Gentio, Mouro, o do Otomano,/ Que incensos a Lúcifer dedica/ Sujeito ao Luso forte brevemente,/ Verás que adora aí Cristo Omnipotente”*⁸⁵

Para S. Nicolau Factor “Seran tantas as vitorias que alcançaran de los Moros que de cien leguas vendran prostrados a sus pies entregar las llaves de las Cydades, e fortalezas; e en esta fuerma vendran con su canpo sobre Tunes, aonde formara una poderosa armada, e o exercito caminará por tierra.”⁸⁶

Mais do que convertê-los, muitos dos profetas recenseados pelo compilador advogam a destruição dos Muçulmanos ou do Império Otomano como se pode apreciar, por exemplo, no excerto do “Pretinho do Japão” :“...quem já assoma/ Contra a Turquia,/ A Monarquia Portuguesa./ A gente cruel do turbante/ Este Infante há-de vencer/ E a meu ver o seu pendão/ Há-de deixar tal vitoria/ Que sem escoria há-de ficar(...) a Heresia, e fantasia(...)E como he costume haverá lume/ Na Turquia.”⁸⁷

Segundo S. Francisco de Paula, o grande rei, à frente de uma nova ordem militar, numa reedição dos cruzados “Será Grande Capitão e Príncipe de gente Santa chamada os Crucifixeros de Cristo Jesus, com os quais abolirá a seita de Mafoma com todo o resto dos Infiéis. Aniquilará as Heresias e tiranias do Mundo.”⁸⁸ O Beato António também anuncia um imperador português que há-de vencer os muçulmanos, na data anunciada

⁸⁵ D: 205/MT2: 30-31

⁸⁶ D: 118/MT1: 158

⁸⁷ D: 236/MT2: 73

⁸⁸ D: 119/MT1: 160

por um cometa. “*Aquele grande Cometa/ Que antes há-de aparecer/Mostra que havemos vencer/Aquela malvada Seita.*”⁸⁹

O autor anónimo do texto atribuído ao Padre António Vieira mostra-se particularmente crispado contra os muçulmanos, demonstrando a sua aversão com termos como “*não contra homens... mas contra a brutal canalha dos infames seguidores de Mafoma, e blasfema cegueira maometana*”⁹⁰. No tempo de Vieira (e o anónimo que assina pelo jesuíta será pouco posterior) a cristandade vivia em crise. O Império Otomano apoderava-se da Hungria e sudeste europeu, a ameaça do Turco chegava ao próprio coração da Europa com o cerco a Viena; as cisões religiosas aprofundavam-se, com a reforma protestante a revelar-se irreversível e a dividir grandes áreas da Europa. Estes acontecimentos, as guerras e suas sequelas - fome e doenças - pareciam anunciar o Apocalipse⁹¹. O cortejo de desgraças já aí estava, já se vislumbravam os tempos da grande destruição do “teatro do Mundo afogado em sangue” descrito no trecho do Padre António Vieira acima citado. Faltava agora que se cumprisse a segunda parte das profecias, a “Era da Felicidade” por elas anunciada. Embora despertassem antipatia, os hereges e os infiéis tinham um contributo importante a dar a estes eventos, já que eram actores do drama sem os quais não se cumpriria a promessa divina. Mas aos infiéis muçulmanos raramente estava reservada a salvação, pelo que se pode concluir da interpretação das profecias em presença.

No princípio do século XVII, a má vontade católica contra o mouro continuava. Na Europa, com a progressão dos Otomanos já dentro de portas e acreditando-se na iminente invasão de Roma pelos turcos, havia a tendência de assimilar a ameaça turca a um dos sinais da vinda do Anticristo.

Mais difícil se torna justificar a crisação contra os muçulmanos espelhada nesta compilação, já entrado o séc. XIX. Porém, nesta época, o tema do infiel, muçulmano ou herege, parece já só ser utilizado por inércia, quando são copiados textos de épocas anteriores. A figura assimilada ao mal, nesta ideologia maniqueísta que não utiliza matizes para explicar uma realidade que só concebe a preto e branco, é já a de Bonaparte, que chega a ser visto como o Anticristo.⁹²

⁸⁹ D :128/ MT1: 177

⁹⁰ D: 150/ MT1: 220

⁹¹ Jean Delumeau, *La Peur en Occident. XIVE – XVIII siècles. Une Cité assiégé*, Librairie Arthème Fayard, 1978, pp. 201 - 203

⁹² No opúsculo *A Besta de Sete Cabeças e Dez Cornos, ou Napoleão, Imperador dos Francezes. Exposição Litteral do Capítulo XIII do Apocalipse* por hum Presbítero Andaluz, Visinho da Cidade de Málaga, Lisboa, Nova Oficina de João Rodrigo Neves, 1810, o autor traça a semelhança, ponto por ponto,

2. 2. 3 - A “ameaça” francesa

A Revolução Francesa teve uma extrema importância, no nosso país como no resto da Europa e zonas de influência europeia, na formação de novas mentalidades. Se bem que os grandes ideais da revolução, com as novas ideias de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, levassem muita gente a aderir à mudança, o “Grande Terror” e o posterior expansionismo francês refrearam bastantes entusiastas. Com a condução por Napoleão dos destinos da Revolução e de parte da Europa, ainda mais se complicou a teia das ideologias e simpatias pelos franceses. À medida que a guerra levava a infelicidade e o desastre a muitos povos europeus, simpatizantes estrangeiros da revolução francesa iam ficando desiludidos (é lendária a reacção de Beethoven à coroação de Napoleão como Imperador, riscando da sua *3ª Sinfonia* a dedicatória ao dirigente francês).

As três Invasões Francesas em território português semearam a indignação e revolta das populações contra os franceses fazendo perigar vidas e bens de quantos fossem suspeitos de simpatias pelas ideias da revolução. O contacto com as tropas invasoras e depois com os “libertadores” ingleses, as exacções e injustiças de uns e outros haviam de marcar as mentalidades e simpatias dos portugueses. Sopram ventos de mudança, a sociedade do antigo regime já não é estável. Também entre o clero há grande inquietação e a ausência da família real contribui para a instabilidade económica e política, mas sobretudo social e cultural. Com a insegurança causada pela mudança de referências sociais e culturais e com o sentimento de abandono causado pela ausência da família real, assistiu-se a um recrudescer da crença milenarista; o sebastianismo teve novo incremento e tornaram a circular as trovas de Bandarra e os vaticínios acerca da grandeza futura de Portugal. Deste ressurgimento dão prova as muitas edições de trovas de Bandarra e de várias profecias sebastianistas deste período e a grande quantidade de obras polemizando a questão, as chamadas “guerras sebásticas”. Conforme observou Joaquim Agostinho de Freitas, um dos defensores dos sebastianistas de oitocentos,

entre os sinais do Anticristo registados no Apocalipse de S. João e as características e acções de Napoleão.

Sepultada há longos annos essa Crença no somno do esquecimento, acordarão seus Sectarios no anno de 1808, e começarão de novo a revolver antigos manuscritos, e codices, oraculos da Crença(...) ⁹³

A essa actividade de revolver antigos “cartapácios” se dedicou o compilador da recolha em estudo, iniciada após a partida dos franceses, mas ainda no rescaldo da indignação suscitada pela destruição que tinham provocado. Regista várias profecias que lhe parecem dizer respeito à Revolução francesa, a Napoleão e às invasões francesas, como, por exemplo, as que são atribuídas ao “Mouro de Granada”, que assegura a vitória aos portugueses, com a ajuda do rei “que há-de vir”:

Aquele Reino sagaz/ Que de Deus despreza a Lei/ Verás, se me não engano,/ Matarem o próprio Rei./ Esse Reino desgraçado/ Capaz de enganar o mundo/Pois todos há-de vencer/ Levando tudo ao fundo./A Europa amotinada/ Andará toda inquieta/ Suas gentes oprimidas/ Batendo todos na testa./...Muitas Nações quererão/ Destruí-los, mas em vão,/Porém o Rei, que há-de vir,/Terá esse galardão. ⁹⁴

2. 2. 4 - Uma Rainha em Portugal – um dos sinais das profecias

Mas só será pelo tempo/ Que em Portugal reinar/ Em lugar de Rei mulher/(...)Alegra-te Lusitânia/ Que pouco mais tardará/ A vir o Rei encoberto/ Que Luzes ao mundo dará ⁹⁵

Este prognóstico do mesmo “Mouro de Granada” repete-se noutros vaticínios, que espelham a estranheza de uma mulher reinar em Portugal, dando-lhe o estatuto de sinal anunciador de grandes mudanças. Apesar de Portugal se reger por legislação que previa a coroação de uma herdeira, desde que o rei não tivesse filhos varões legítimos, ⁹⁶ nunca até ao reinado de D. Maria I esse acontecimento se tinha verificado. Quando o problema de não haver herdeiro varão legítimo se tinha posto, com a filha de D. Fernando a herdar o trono, o facto de ser casada com um rei estrangeiro acabou por lhe impossibilitar o reinado, não sem que antes o país se visse mergulhado numa guerra dinástica. Assim os povos ficavam mais descansados quando nascia um varão ao rei, por ser maior garantia de transição pacífica. Damião de Góis descreve as festas que se

⁹³ Joaquim Agostinho de Freitas, *Respostas às Proposições incluídas no Folheto intitulado Os sebastianistas por José Agostinho de Macedo*, Lisboa, Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1811, p.II

⁹⁴ D: 238/ MT2: 76

⁹⁵ D: 241/ MT2: 78

⁹⁶ Distintamente do que se verificava em Portugal e nos outros reinos peninsulares, nos países que se regiam pela Lei Sálica, como a França, as mulheres estavam excluídas do trono.

fizeram por ocasião do nascimento do príncipe que viria a ser D. João II, com a seguinte explicação para a grande alegria popular:

em Regno onde hos vassallos sam tao costumados a quererem Rei natural, e nam
strangeiro, ho que podera acontecer se há rainha nam parira mais que há Infante
donna Ioanna⁹⁷

No caso de D. Maria I o problema de poder haver um rei estrangeiro a reclamar a coroa portuguesa foi resolvido casando-a com o seu tio, o infante português D. Pedro.

As trovas atribuídas a Frei João da Barroca referem-se à rainha com pouca “madureza e siso”, em cujo reinado haverá grandes convulsões, com a chegada dos franceses:

*“E os que dele (D. João I) nascerem/ Alguns deles não terão/ A madureza e siso/
Que dos Reis o dote são./Nessa prole então será/ Preenchida do Reyno a Lei/
Porque reinará Mulher/ Por mancar então o Rei.”*⁹⁸

O “Prezinho do Japão” profetiza o fim dos Bragança, substituídos pelo *Desejado* – *Imperador*, quando uma mulher reinar em Portugal:

*Nenhum irmão José, e João/ Há de reinar, não há-de obter(...)/Porque virá/ Quem
ande abzente/ Com sua gente/ E se cumprirá o que mandar./ Mas eu já vou
dizer(...)/ Que na mulher se acabará/ Quem diria que só Maria/ Ficarà fora/ E
mais a Pedro/ (...)/ Já acabará a de Bragança. (...)Pois Deus lhe promete a
Geração./ Sebastião há-de mandar/E há-de ficar Imperador./ A Africana será
Cristã/ E a Toscana largará a Casa Santa /Quando reinar em Portugal uma
Mulher.*⁹⁹

2. 2. 5- A Ilha encoberta. Imagens do paraíso no lugar de exílio do *Desejado*.

Na presente colectânea há trechos acerca da Ilha Encoberta, de onde virá o redentor temporal, que evocam os mitos medievais relativos a ilhas encantadas, com o mesmo tipo de elementos: o nevoeiro ou as brumas, a impossibilidade de dar com o rumo para lá chegar, as sete cidades ou as sete colinas, a beleza natural, a abundância de água. Esta ideia associa o mito sebástico ao imaginário clássico das “Ilhas Afortunadas” ou à “Ilha das Sete Cidades”, ilha mítica de grande beleza onde estariam exilados os nobres visigodos que não tinham querido ficar submetidos aos mouros depois da invasão da Península. A “Ilha de Avalon” e “Ilha de S. Brandão” também são exemplos

⁹⁷ Damião de Góis, *Crónica do Príncipe D. João*, edição crítica de Graça de Almeida Rodrigues, UNL, Ciências Humanas e Sociais, Lisboa, 1977, p. 14

⁹⁸ D: 226/ MT2: 62

⁹⁹ D: 232/ MT2: 77

de ilhas que inspiram a descrição da terra de exílio do *Encoberto*. Há várias referências a esse local lendário; em 1693 é publicada uma narrativa da autoria de Fernando Correa, que diz ter estado na Ilha e falado com D. Sebastião.¹⁰⁰

No presente manuscrito, a mais completa referência a esse lugar mítico está na *Atestação de Religiosos de S. António dos Capuchos sobre a Ilha que viram no Mês de Julho de 1638*.¹⁰¹ Nesse relato é descrita detalhadamente a ilha encantada onde vive um velho de porte aristocrático, rodeado de um grave séquito, todos falando português já arcaico na época. Os religiosos descrevem a beleza natural e arquitectónica do lugar. Essa ilha tem a particularidade de se desvanecer nas brumas e normalmente não poder ser vista. A “atestação” tem um aspecto formal, com registo devidamente assinado.¹⁰²

Também Bandarra se refere à Ilha : *Este Sonho que sonhei/ É verdade muito certa/ Que lá da Ilha encoberta/ Vos há de chegar este Rei*.¹⁰³ O “Mouro de Granada” usa uma variante, fazendo o encoberto viver numa vila oculta: “... lá de huma oculta vila/ Onde Deus o tem guardado/ De lá mesmo Ele há-de vir/Para dar no mundo brado.”¹⁰⁴ Quanto a Bartolomeu Vaz Pinto, um algarvio de que se recolhem profecias, além de uma pitoresca descrição da ilha encoberta, encontra dois filhos a D. Sebastião, simplificando, assim, a questão da descendência:

Passou outra vez as aguas do Mar, e meteu-se em uma Ilha, que é uma barreira, cuja se chama Medina: tem sete vilas, e 4 Cidades. Uma Cidade tem duas léguas de comprido, que Deus tem encoberto, e ouviam-se cantar os Galos, e rinchar cavalos, e ninguém os via. Tem o Rei 2 filhos de mulher recebida, um Afonso, outro António..¹⁰⁵

O Ermitão de Monserrate, S. Nicolau Factor, o Beato António e Santo Isidoro também se ocupam da descendência de D. Sebastião, dando o mote para algumas obras de ficção literária surgidas nos séculos XIX e XX, como o romance do médico Samuel

¹⁰⁰ Pode ler-se a transcrição de alguns passos dessa narração de Fernando Correia em José van den Besselaar, *O Sebastianismo. História sumária*, Lisboa, Ministério da Educação e Cultura, 1987, pp.140-144. Ver ainda Maria José Tavares “O Milénio e a História” in *Discursos* (III série) Fevereiro 2002, p.33.

¹⁰¹ D: 242-246/ MT2: 81-89

¹⁰² O padre Macedo também se refere à certidão dos Capuchos, dando testemunho de que esta “atestação” costumava estar entre “a feira de papeis chamados proféticos” José Agostinho de Macedo, *Os Sebastianistas. Reflexões críticas sobre esta ridícula seita*, Lisboa, Oficina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1810, p.14

¹⁰³ D: 195/ MT2: 16, versos do 3º corpo de trovas.

¹⁰⁴ D: 240/ MT2: 78

¹⁰⁵ D: 247/ MT2: 90-91

da Maia, *História Maravilhosa de D. Sebastião Imperador do Atlântico*¹⁰⁶, que trata já a vida de um D. Sebastião II. O sebastianismo, ao longo do século XIX, foi passando da esfera política para o domínio da cultura e da literatura, sendo a figura do malogrado rei mitificada ou passada à categoria de símbolo do renascimento de Portugal.

2. 2. 6 - A unificação religiosa

*Muitos estão desejando/ Serem os povos juntados,/ Mas outros mui avisados/ O
estão arreceando:/ Arreceiam vir no bando/ Esse gigante Golias,/ Mas por ver
Enoque e Elias/ De outra parte estão folgando.*¹⁰⁷

Com estas trovas, Bandarra parece exprimir a inquietação e as dúvidas de grande parte dos seus coevos no que dizia respeito à aceitação dos conversos e cristãos novos no seio da sociedade cristã, mas constata que a presença dos profetas poderá dissipar as dúvidas dos que receiam essa aceitação. Bandarra como que legitima o direito do primeiro povo de Deus à Redenção, junto com a cristandade.

O Padre António Vieira mostra particular interesse nas trovas de Bandarra que prevêm o regresso das tribos perdidas de Israel e na importância desse regresso para a realização da promessa de acesso à Jerusalém terrestre. Para obviar às acusações de povo deicida, ideia corrente na época, aí estavam as tribos perdidas inocentes de tal crime. A sua conversão daria exemplo aos outros judeus, e todos mereceriam fazer parte dos escolhidos para viver no “Reino Perfeito”, ainda que não o mereçam no princípio, nas palavras das trovas apócrifas atribuídas a Bandarra. “*Doutos, e Sandeus conhecem/ Pelo volver das Estrelas/ Puras verdades mui belas/ Que ainda os Judeus não merecem.*”¹⁰⁸

Note-se que, segundo a bula de Clemente VII que estabeleceu a Inquisição em Portugal, era heresia considerar possível que judeus e mouros pudessem aceder à salvação eterna se permanecessem na sua religião.¹⁰⁹ Por isso, quem se preocupava com a salvação de todos, tinha de considerar como certa a conversão de judeus, infiéis, gentios, pagãos e hereges. O encontro com as tribos perdidas de Israel também tinha

¹⁰⁶ Samuel da Maia, *História Maravilhosa de Dom Sebastião Imperador do Atlântico*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1940. Muitas outras obras de ficção se basearam ou aproveitaram a figura de D. Sebastião. Recentemente, Fernando Campos baseou um dos seus romances na figura do *Desejado*, relacionando-o com o D. Sebastião “de Veneza” de que a compilação se ocupa em vários textos. Fernando Campos, *A Ponte dos Suspiros*, Lisboa, Difel, 2ª edição, 1999

¹⁰⁷ M.TI: 32-33

¹⁰⁸ Versos pertencentes ao terceiro corpo de trovas, transcritas em M2: 34-35

¹⁰⁹ Conforme Maria José Ferro Tavares, *Judaísmo e Inquisição. Estudos*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, p. 181

importância fulcral no messianismo judaico: segundo a sistematização de Abravanel,¹¹⁰ esse encontro era uma das condições necessárias à vinda do messias.

A muito conhecida trova em oitava de Bandarra, que a seguir se transcreve na forma citada pelo Padre António Vieira, é especialmente salientada pelo jesuíta que nota, de forma muito concisa, que

“a este universal conhecimento de Cristo se sucederá a paz universal do mundo, tão cantada e prometida por todos os profetas, debaixo de um só pastor e de um só monarca, que será o nosso felicíssimo Rei, instrumento de Deus...”

*Todos terão um amor,/Assim gentios pagãos/ como judeus e cristãos,/ Sem jamais haver error,/ Servirão a um só Senhor/ Jesú Cristo que nomeio;/ Todos crerão que já veio/ O ungido Salvador.(...)Tirárá toda a escória, / Será paz em todo o mundo...*¹¹¹

Para justificar a necessidade do aparecimento das tribos perdidas,¹¹² o Padre António Vieira continua citando Bandarra:

“onde o Bandarra trata por inteiro esta grande matéria é no seu «Sonho terceiro», o qual todo gasta na descrição e narração portentosa da vinda e aparecimento desta gente, e com estilo em partes muito mais levantado do que costuma. Representando, pois, que sonhava, diz assim Bandarra:

Sonhava com grão prazer,/ Que os mortos ressuscitavam,/E que todos se juntavam/ E tornavam a renascer./E que vinham os que estão/ Trás os rios escondidos,/ Sonhava que eram saídos/ Fora daquela prisão.”¹¹³

¹¹⁰ Isaac Abravanel, (1437–1508) exegeta do messianismo judaico, enumera as condições necessárias para o advento da Redenção, anunciada por muitos sinais e prodígios e antecedida por sofrimentos, nos quais inclui a expulsão dos judeus peninsulares, as quais compara ao êxodo do Egipto. Outra das vinte e duas condições da vinda do Messias é o retorno das tribos perdidas. Conforme Maria José Ferro Tavares “Características do messianismo judaico em Portugal” in *Estudos Orientais II. O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Lisboa, Instituto Oriental/Universidade Nova de Lisboa, 1991, p.251

¹¹¹ Padre António Vieira, *Cartas*, Tomo I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1970, p. 498. Ver MT1: 23.

¹¹² Numa visão incluída no Livro IV de Esdras, as dez tribos perdidas vivem separadas das outras nações em locais remotos, mas no fim dos séculos hão-de aparecer para se juntarem com os eleitos na Terra Santa. Conforme José van den Besselaar, *O Sebastianismo. História sumária*, Lisboa, Ministério da Educação e Cultura, 1987, p. 40

¹¹³ António Vieira, op.cit. p. 493. Note-se que a versão que Vieira escreve na sua carta tem algumas pequenas divergências com a que está copiada na recolha em estudo, o que muda um pouco o sentido dos versos: em M. T1: 29, está copiado: *Sonhava com gran prazer/ Que os mortos reçuzitavaõ/ E todos se levantavaõ/ Tornando a renaçer.// E que via aos que estaõ/ Tras os Rios escondidos/ Sonhava que eraõ sahidos/ Fora daquella prizaõ* (sublinhados nossos). Vieira quer vincar a ideia de que as tribos perdidas se juntariam e viriam, o que não está espelhado de forma tão evidente nos versos copiados pelo autor da recolha; ainda que esteja a copiar a versão da carta, o compilador segue as trovas de Bandarra por outra fonte, indicando o nº dos versos. A versão do compilador coincide com a que é apresentada por António Carlos Carvalho, “Profecias” do Bandarra, *Sapateiro de Trancoso*, Vega, 2000, p.77

A conversão dos judeus e o seu acesso ao Império são admitidos por mais profetas além de Bandarra. Veja-se o trecho do “Pretinho do Japão” tirado da miscelânea em estudo: *Só huma Luz há-de haver/ E se há-de adorar um só Deus/ E os Judeus acabarão de entender/ O que veio padecer por Adão.*”¹¹⁴

Embora raras, também há profecias que consideram não ser possível aos judeus encontrarem a terra da promessa, como a de “Cepeda”*“Vejo a gente reprovada/ Que cativeiros sofreu/ Ser chamada à sociedade/ Que por delitos perdeu/ Mas debalde assento fixo/ Jamais poderão achar/ Pois não tem, por castigo/ Sacerdócio, nem Altar.*”¹¹⁵

2. 2. 7 - Justiça para os pequenos – um eco joaquimita

As teses de Joaquim de Fiore, veiculadas pelos franciscanos espirituais, foram influenciando gerações na ânsia de encontrar a fraternidade numa sociedade mais justa, na qual uma igreja simples e despojada de bens materiais teria um papel importante.

O tema da reforma da Igreja, que é necessário purificar desde o frade ao pontífice, tem alguns defensores nesta colectânea, embora não pareça ser um tema particularmente destacado pelo compilador. Em São Nicolau Factor pode ler-se:

Este nuevo Pontífice tornará a Igreja a su antigo estado, e reduzirá los Hereges, e reducidos se juntaran com el Rey, en quem estará la graça de Diós. Tomarão os tezos das Iglezias, e hechos monedas, levantarán gente en el christianismo, e com poderoso exercito marcharan la buelta de Jeruzalem.¹¹⁶

Nesta recolha, também não há muitos vaticínios que tratem de matérias relacionadas com as injustiças de ricos contra pobres, mas esse tema é contemplado pelo dominicano São Frei Gil, que profetiza acerca de um tempo feliz e pacífico, em que os pobres deixarão de estar oprimidos: *Omnia mutabuntur./ Magnates opprimuntur./ Humiles exaltabuntur./ Orbis a tribus moderabitur./ Paz ubique erit./ Felices qui viderint.*¹¹⁷

Várias trovas de Bandarra versam o tema da justiça. Também o beato António vaticina melhores tempos para os humildes, nos seguintes versos:

Verás no mundo opressões/ E apertos mui de repente/ Naõ verás ninguém contente/ Senão os grandes Gailoins./Naõ terás a quem abrandes/ E com queixas muito menos/ Verás chorar os pequenos/ E só se hão-de rir os

¹¹⁴ D: 236/ MT2:74

¹¹⁵ D: 223/ MT2:58

¹¹⁶ D: 118/ MT1:157

¹¹⁷ D: 181/ MT1:267/8

*Grandes./ Mas então Cruel porfia/ Tudo se há-de trocar/ A alegria em pesar/
O pesar em alegria.*¹¹⁸

2. 2. 8 - Prognósticos

Quando veriam o cumprimento das suas esperanças, quando seria a *Hora*, era uma pergunta que os seguidores e crentes nas profecias ansiavam ver respondida. No entanto raramente encontravam uma resposta clara a essa questão. Todo um ramo da cabala, a gematria, trata de tentar decifrar os enigmas contidos nas profecias, utilizando elaboradas correspondências entre letras e números.¹¹⁹

Os prognósticos são menos frequentes do que as profecias sem data: segundo o Talmude, querer determinar datas certas para os acontecimentos era considerado soberba e devia ser evitado.¹²⁰ Essa relutância parece ter passado para os profetas,¹²¹ embora vários astrólogos judeus, cristãos novos ou cristãos velhos tenham tido a tentação de determinar o tempo em que teriam lugar os eventos esperados. Vemos assim ao longo do tempo várias datas marcadas para o aparecimento do Messias, do Anticristo, do Julgamento Final, do começo do Reino de Cristo, do Apocalipse, do Dilúvio Universal...

Como datas e nomes são indicados de forma hermética, utilizando metáforas ambíguas para os enunciar, quando o intérprete calcula uma data que acaba por passar em branco ou o nome que se conjecturou corresponde a uma impossibilidade há sempre hipótese de justificar o engano pela interpretação. E mesmo que na profecia se indique uma data sem ambiguidades, há uma explicação para a data ter passado sem que o vaticínio se cumprisse: ou o copista se enganou, ou não se divulgou o facto, ou a providência não quis que o acontecimento profetizado e cumprido fosse divulgado, como no comentário seguinte: “Em marcar a era de 1658 ou elle errou, ou algum copista, porque esta era já passou, e não veio nella, ou se veio não quis Deos que se desse a conhecer, ou o meteraõ em algum segredo até quando Deos N. Senhor quizer.”¹²²

¹¹⁸ D:129/ MT1: 177/8

¹¹⁹ Rui Grilo Capelo, *Profetismo e prognósticos políticos nos sécs. XVII e XVIII*, Coimbra, 1990, p. 59

¹²⁰ Cf. Pinharanda Gomes, *História da Filosofia Portuguesa. A Filosofia Hebraico-Portuguesa*, Lisboa, Guimarães Editores, 1999, p. 253.

¹²¹ Embora na Bíblia estejam assinalados prognósticos, como em Ap:12 “tempo, tempos e metade de um tempo” ou em Dan:8 onde se indica para a duração do Holocausto “Duas mil e trezentas tardes e manhãs”

¹²² D:248/ MT2: 93

Na compilação, observamos o “Mouro de Granada” a calcular a época em que virá o encoberto, de forma ininteligível.

“Se queres saber o tempo/ Em que isto há-de suceder/ Repara nas 5 Quinas/ Que a Portugal deram ser./Nelas com muita verdade/ Acharão o tempo certo/ Em que bem fácil dará/ Aquele que for esperto.”¹²³

O Padre António Vieira, por exemplo, ao longo da sua vida foi marcando datas sucessivas para a realização das suas expectativas de grandeza de Portugal, sem se deixar descoroçar pelo adiamento sucessivo desses “sucessos”. A figura que, como esperava, havia de levar Portugal à vitória também foi variando, à medida que os príncipes nos quais tinha posto a sua expectativa iam desaparecendo. Fundou as suas esperanças, sucessivamente, em D. Sebastião, em D. João IV, nos seus filhos D. Teodósio, D. Afonso VI e D. Pedro II e no primogénito de D. Pedro, o primeiro príncipe D. João que morreu muito pequeno, mas não sem que Vieira tenha tido tempo de lhe prever o Império do mundo. Se as suas esperanças não mudaram logo com a morte de D. João IV - tendo demonstrado a necessidade da ressurreição do rei para o cumprimento das profecias de Bandarra, que, na sua interpretação, o indicavam como o escolhido para imperador do mundo, como se pode ler na carta “*Esperanças de Portugal...*” – com o afastamento dos outros “candidatos a imperador” a recuperação foi mais rápida: Vieira ia dando uma explicação para o insucesso da previsão, remodelava o seu argumentário e seguia em frente, não deixando de acreditar que o mundo que idealizava estava iminente, numa comovente obstinação.

O tema do **destino imperial** de um rei português (o *Encoberto* regressado) levando ao **triunfo do cristianismo** sobre o mundo com a conquista de Jerusalém é central em grande parte dos textos proféticos compilados. Aqui se deixa, como exemplo, outro excerto do “Mouro de Granada” que, numa descomplexada miscelânea de épocas e problemas, advoga a vitória do rei Português sobre muçulmanos, franceses e espanhóis, e o seu domínio de todo o mundo.

Isto que digo há-de ser/ Imperador conhecido/ Vencerá Lua, Galo e Leão/ Por Deus o ter prometido./ Todo o mundo e seu poder/ Com Ele não poderá/ Antes toda a Redondeza/ Com respeito o temerá.”¹²⁴

¹²³ D. 241 /MT2: 78

¹²⁴ D: 240/ MT2: 77

2. 3 - Breve análise de alguns textos paradigmáticos

O conjunto de vaticínios do Beato António¹²⁵ é exemplar, já que reúne quase todos os eventos esperados pelos sebastianistas e tem as características das profecias milenaristas. Nele se expressa a ideia de que o mundo novo é precedido por tempos atribulados – por comparação com a imunidade que se segue à doença. Aparecem os sinais precursores do tempo novo: o grande cometa a anunciar a vitória sobre “a malvada seita”, as águas que correm turvas durante três dias a vaticinar o fim das mágoas de Portugal, com a vinda do “que por ‘S’ se começa” a fazer-se obedecer pelo mundo como “absoluto Senhor”. Esse rei “nunca esquecido” que vem da “bela terra ... que não é vista senão dos que vivem nela” e que já traz filhos guerreiros que assombram o inimigo, vem a “fazer-nos venturosos” como prémio da fidelidade de Portugal “à divina lei” e da confiança na espera. A mística da espera que é recompensada, um dos traços principais do messianismo, é reforçada no conselho dado pelos versos “Confia em teu esperar/ que pouco te ha-de custar/ nunca o muito pouco custa”. A verdade “saírá triunfante”, o “Encuberto Rey com coroa imperial” trará a serenidade que vem depois da “turbação” e as injustiças contra os pequenos, que antes não tinham a quem recorrer, serão resolvidas. Além dos sinais, também são dadas pistas para encontrar a data destes acontecimentos, que se verificarão “quando ao número quinto acrescentarem mais três”.

No texto atribuído a S. Nicolau Factor¹²⁶, podem encontrar-se vários elementos milenaristas: o surgimento do grande Pontífice que conseguirá reunir os cristãos, trazendo de volta ao catolicismo os protestantes. Este Papa ideal despojará a Igreja da sua riqueza¹²⁷ para fazer face às despesas com a conquista da Terra Santa. Vaticínio recorrente na colectânea é a conquista de Jerusalém pelo exército do Grande Rei dos cristãos reunificados pelo Papa. Encontra-se também a promessa de Deus, por intermédio de um Anjo, de favorecer os cristãos na Guerra Santa.

¹²⁵ António da Conceição, cónego secular de S. João Evangelista, ficou conhecido na tradição popular como Beato António.

¹²⁶ D: 118/ MT1: 156

¹²⁷ Parece ter sido pouco frequente haver propostas da parte da hierarquia católica no sentido de ser a Igreja a financiar iniciativas bélicas do Estado para alargar a fé. Está, no entanto, documentada uma proposta do bispo do Algarve, D. Fernando Coutinho, para que o clero entregasse fundos a D. João III no sentido de poder acorrer às praças portuguesas em Marrocos, que se encontravam com grandes dificuldades logísticas. Ver Valdemar Coutinho “De Dia e de Noite a Costa se Vigia” in *O Mediterrâneo Ocidental: Identidades e fronteira*, Lisboa, Edições Colibri, 2002, p. 151.

Nestas profecias verifica-se ainda o curioso panorama de uma Espanha com grande excesso de mulheres, o que deveria afigurar-se uma recompensa, ainda na Terra, para os homens que sobrevivessem à guerra já que aos que nela morressem estava reservado o Céu.¹²⁸ Como geralmente acontece nestes textos, todos os acontecimentos descritos parecem estar iminentes.

A passagem da compilação¹²⁹ em que se descrevem as visões¹³⁰ da Madre Leocádia está impregnada de simbologia cristã, cujo significado é desvendado ao longo do próprio texto. Estão presentes os anseios e a visão dos acontecimentos de uma parte da sociedade portuguesa sob os Filipes e logo após a Restauração. A promessa divina ao primeiro rei de Portugal é relembrada e confirmada, apesar de todas as vicissitudes que servem para depurar o reino. O destino imperial da monarquia portuguesa, na pessoa de D. Sebastião, é atestado pela visão profética da religiosa, que o vê com a coroa imperial. Transparece ainda a antipatia pela figura do Cardeal Rei, a quem, na visão da Madre, D. Afonso Henriques vira as costas, por ter entregado o Reino a estrangeiros.¹³¹ Nestas visões salienta-se o aspecto do apoio pessoal do *Encoberto* às lutas da Restauração.

2. 4 - Bibliografia citada no manuscrito

Com notas no corpo do texto ou indicações posteriores para situar os trechos que copia, muitas vezes com indicação de página, o compilador da colecção em estudo vai mostrando a quantidade de obras consultadas, numa bibliografia que coincide em geral com as fontes tradicionais do sebastianismo.

¹²⁸ A ideia de que aos mártires da Guerra contra o infiel estava reservado o Paraíso, independentemente dos seus pecados ou méritos, está amplamente demonstrado na literatura. No *Auto da Barca do Inferno*, os cavaleiros da Ordem de Cristo mortos na “partes d’África” entram directamente na Barca do Anjo, vide *As Obras de Gil Vicente*, direcção de José Camões, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa, Vol.I, 2002, pp. 241/2 . Essa convicção também está patente nas visões sobre Alcácer Quibir, acerca de uma multidão de homens vestidos de branco e salpicados de sangue, que entram por uma porta de onde sai uma luz radiante, conduzidos por dois Santos Mártires, descritas em Frei Manuel dos Santos, *Historia Sebástica*, Lisboa Occidental, Officina de Antonio Pedroso Galram, 1735 p. 433.

¹²⁹ D: 132/ MT1: 182

¹³⁰ Besselaar realça um interessante pormenor: as mulheres que aparecem nas colectâneas sebastianistas, como na presente compilação, quase sempre relatam, não profecias, mas “visões ou revelações, coisas mais conformes à modéstia feminina”. José van den Besselaar, *o Sebastianismo - História Sumária*, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação e Cultura, Lisboa, 1987, p. 45

¹³¹ Esta opinião pouco favorável é confirmada, por exemplo, pelas considerações do Conde de Ericeira, que, mesmo com o respeito devido a um rei português, escreve que o excessivo cuidado que D. Henrique teve, a ponto de ter morrido sem nomear sucessor, se pode explicar por ter “a irresolução por natureza e o receio por efeito do hábito e dos anos”. D. Luis de Meneses, Conde da Ericeira, *História de Portugal Restaurado*, Porto, Livraria Civilização, 1945, vol.I, pp. 26/7

Pelas datas de edição, pode constatar-se que a maior parte das obras se refere ao período logo após a Restauração. A resistência aos franceses é assimilada a essa época passada utilizando-se mesmo, por vezes, o termo *restauração* para nomear a expulsão dos exércitos napoleónicos. Mas, desta vez, à independência restaurada não corresponde um rei que esteja fisicamente no território português, notando-se algum ressentimento contra a família real que não regressa, apesar de passada a ameaça francesa. Essa decepção viraria alguns patriotas para o sebastianismo.¹³²

São as seguintes as obras e autores indicados no manuscrito, com o nome pelo qual o compilador os refere:

Andre Gonçalves Salmanticense, *Da Conjunção Máxima*

Antonio de Souza, *Luzitania Libertada*.

Barboza Maçedo (sic), *Biblioteca Lusitana*

Bocarro, *Anacephaleosis da Monarquia Lusitana*

Fernão de Queirós *Vida do Irmão Pedro de Bastos*

João Carreão *Chronicorum libellus*

D. João de Horosco Castilhano, *Tratado de verdadeira e falsa profesia*

D. Nicolao Monteiro, *A Voz da Rola*

Jorge Cardoso, *Agiológio Lusitano*

Justo Lipsio, *De Constancia*

Padre Vasconcelos, *Restauração de Portugal*

Padre Belchior de S. Anna, *Chronica dos Carmelitas*

Padre Gregorio de Almeida, *Restauração de Portugal*,

Padre José Agostinho, *Os Sebastianistas*

Padre Sebastião de Payva, *5ª Monarchia*.

Sarmiento, *Vitoria da Igreja*

Blutheau, D. João de Castro, o Padre Francisco Guadalaxara, o Padre Gonçalo Rodrigues e Salazar são referidos sem menção das obras consultadas.

¹³² Segundo uma irónica classificação de Agostinho de Macedo, encontram-se “três raças de sebastianistas: A primeira raça de Sebastianistas puritanos esperava(...) a vinda de elRei D. Sebastião (...).Se ele se demorava a chegar, era porque estava envergonhado, e corrido de não vencer a batalha. (...)

A segunda raça de Sebastianistas (...) explicaraõ as trovas de que elles mesmos eraõ autores, de tal maneira que (...) as fizeraõ quadrar a el Rei D. Joaõ IV.(...) Destas duas raças (...) nasceu agora outra de homens verdadeiramente destampados (...) que amalgamando as tróvas todas, mettendo, sem quê para quê, o juramento d’el Rei D. Affonso Henriques, sobre a aparição que nós todos piamente acreditamos, clamaõ importunissimamente que hade vir, e está chegando por instantes, el Rei D. Sebastiaõ, a quem a Rainha N. Senhora hade entregar o sceptro (...) correr a Évora e matar Bonaparte.” José Agostinho de Macedo, *Os Sebastianistas*, Lisboa, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1810, pp.9-11.

As obras *Chronicas carmelitanas*, *Europa Portuguesa*, o *Livro 37 das Vizoins dos tempos na Biblioteca dos Santos Padres*, o *Livro das Profecias de Santo Izidoro* e a obra *Vida do Sapateiro Simão Gomes* são mencionadas sem precisar o autor.¹³³

Edições da trovas de Bandarra

Durante anos as trovas correram sem que fossem editadas, já que tinham sido proibidas pelo Santo Ofício em 1543. Assim, circularam por cópias manuscritas que se foram adulterando, até 1603, ano em que D. João de Castro, que tinha sido partidário da causa de D. António e se tornou o mais empenhado dos ilustres sebastianistas do seu tempo, publica algumas trovas do sapateiro de Trancoso na sua *Paráfrase e Concordância de algumas Profecias de Bandarra*. Nessa obra, o autor queixa-se da grande quantidade de versões que existiam.¹³⁴ O neto homónimo do célebre Vice Rei do Estado Português da Índia escolhe as trovas que possam ser interpretadas de forma a preverem o regresso do *Desejado*, preferindo uma versão em detrimento de outra, como quando escolhe, na trova 88 a versão de *D. Foão*, em vez de *D. João*.

Em 1644 a totalidade das trovas é publicada em Nantes, por iniciativa do conde da Vidigueira e marquês de Nisa, embaixador em Paris. Esta versão festejava a aclamação de D. João IV.

Até 1665, data em que a Inquisição volta a proibir a obra de Bandarra (e a condenar o seu autor) as trovas são citadas em inúmeros livros de exaltação da independência de Portugal.

No reinado de D. João V aparece um segundo corpo de trovas atribuídas a Bandarra. Estas trovas tinham preocupações sociais criticando o esbanjamento de dinheiro nas obras emblemáticas do reinado do *Magnânimo*, descrevendo a pobreza do

¹³³ Algumas destas obras estavam nos Índices do Santo Ofício, como se pode verificar pelos excertos de documentos do anexo 1. É o caso de *Vox Turturis e Vida do Sapateiro Santo Simão Gomes*, do Index de 1768 e de *Jardim Ameno*, *Monarquia Lusitana*; *Império de Cristo*; *Anotação Astrológica*; *Esperanças de Portugal*, do Padre António Vieira; *Quinto Império do Mundo*; *Luz pequena lunar e Estelífera da Monarquia Lusitana*, *Anacephaleoses da Monarquia Lusitana*, de Bocarro, contidos na listagem de 1774. Parte dos livros referenciados foram mesmo sujeitos a pena de fogo. Apesar de tudo, os autores das referidas obras sentenciadas à queima tiveram mais sorte do que outros, queimados junto com as obras; há exemplos dessa sentença, até em cidades julgadas geralmente modelos de tolerância, como Genebra. Foi o caso de Michel Servet, teólogo e médico espanhol que, em 1553, por influência de Calvino, foi sentenciado à fogueira junto com o seu livro *Christianismi Restitutio*, no qual veiculava teses críticas contra a doutrina da Igreja.

¹³⁴ “Andam malissimamente escritas, com três principais géneros de erros: o primeiro é faltarem em muitos traslados ramos inteiros das trovas (...) o segundo, e maior porventura, é de alguns versos e palavras que lhe impuseram (...) o terceiro (...) é andarem transpostas, fora de seus lugares com que enevoam por extremo a sua inteligência” D. João de Castro, *Paraphrase et concordancia de alguas propheçias de Bandarra, çapateiro de Trancoso*, reprodução fac-simile da edição de 1603, Porto, Lopes da Silva, 1901, p.4

povo e vaticinando a chegada de um encoberto que daria exemplo de uma vida simples. Esta série é composta por 25 quadras, alegadamente extraídas de uma cópia “muito antiga” que o Cardeal Nunes da Cunha teria dado a Frei Francisco de Almeida.

Em 1727 a Inquisição volta a proibir a circulação das trovas, numa demonstração da popularidade de Bandarra e prova de que as trovas continuavam a ser lidas, apesar da anterior proibição. Como escreve João Lúcio de Azevedo, “nenhum livro se proibiu tantas vezes; e todavia nunca foi raro. A fé dos crentes prevaleceu ao temor das penas.”¹³⁵

Logo em 1729 aparece outra série de trovas atribuídas a Bandarra, alegadamente encontradas numa parede da capela mor da Igreja de S. Pedro de Trancoso, como se pode ler na compilação¹³⁶. Este terceiro corpo tem 37 quadras e foi aproveitado por toda uma nova geração de sebastianistas nos anos conturbados das invasões francesas e das guerras entre liberais e absolutistas. Nesta nova fase o rei encoberto foi sendo identificado como D. João VI, D. Pedro IV ou mesmo com D. Miguel, vindos do Brasil para pôr fim às desordens do Reino e aos sofrimentos do povo. Mas a vinda de D. Sebastião continuava a alimentar a fantasia dos crentes.

O terceiro corpo das trovas foi incluído na edição de Londres de 1809 (dita de Barcelona), comentada por frei José Leonardo da Silva, na de Lisboa de 1822 e na edição do Porto de 1866. Saíram três publicações avulsas do terceiro corpo das trovas, com comentários: uma editada em Londres em 1810 com o título *Bandarra descoberto nas sua trovas, colecção de profecias mais notáveis, respeito à felicidade de Portugal e caída dos maiores impérios do mundo*, opúsculo de que o compilador da obra em análise se terá servido, outras edições avulsas publicadas em Lisboa em 1822 e no Porto em 1852, sendo esta última comentada por Frei António Velho do Carmo de Barbosa, com o título *Explicação do terceiro corpo das profecias de Gonçalo Eanes de Bandarra, começadas a verificar no reinado do Sr. D. João V, e acabadas no reinado do Sr. D. Pedro IV*.

A edição de Londres 1809 teve uma 2ª edição no Porto, pela Imprensa Popular de J.L. de Sousa em 1866, com trovas inéditas.

¹³⁵ João Lúcio de Azevedo, *A evolução do Sebastianismo*, Lisboa, Editorial Presença, sd, p. 29

¹³⁶ D: 183/ MT2-prefácio

Comentadores das trovas foram, entre outros, D. João de Castro, o Padre António Vieira, Frei José Leonardo da Silva e Frei António do Carmo Barbosa.¹³⁷

Ao longo do séc. XX houve esporadicamente edições das trovas de Bandarra, geralmente de carácter académico.

Bocarro

Manuel Bocarro (Lisboa 1588 – Florença 1662), licenciado em Coimbra e doutorado em Medicina em Montpellier e Alcalá de Henares, dedicou-se também à Matemática e Astronomia. Além do Latim, conhecia o Grego e o Hebraico. Este humanista português de origem judaica (que no estrangeiro, fora da alçada da Inquisição, adoptou o nome judeu Jacob Rosales) era disputado nas cortes europeias pela sua competência no exercício da medicina, tendo sido elevado à condição de Conde Palatino por Fernando III da Alemanha. Contactou com astrónomos como Kepler e Galileu. Durante a sua vida sofreu dissabores, tendo mesmo sido preso por ordem de Filipe I pelo carácter patriótico e sebastianista da sua obra *Anacephaleoses da Monarquia Lusitana*.

Foi autor de bibliografia diversificada, versando temas de medicina e astronomia, além de obras de história.¹³⁸ Algumas das suas obras estiveram nos índices do Santo Ofício e, posteriormente, tornaram a ser proibidas pela Real Mesa Censória,

¹³⁷ José van den Besselaar *O Sebastianismo – História sumária*, Lisboa, Ministério da Educação e Cultura, 1987, pp. 189-182

¹³⁸ Bibliografia de Manuel Bocarro, Conforme Francisco Moreno de Carvalho www.vidaslusofonas.pt/manoel_bocarro_frances.htm em 10 de Maio de 2005.

Tratado dos Cometas que Apareceram em novembro passado de 1618. Lisboa, 1619.

Anacephaleoses da Monarchia Luzitana, Lisboa, 1624.

Luz Pequena Lunar e Estelijera da Monarchia Luzitana. Roma, 1626.

Brindis Nupcialis, Egloga Panegyrica Representada dos Senhores Isach e Sara Abas. Hamburgo, 1632.

Ode e Epigrama, em latim para a *Gramática Hebraica* (em português) de Moshe Ben Gideon Abudiente. Hamburgo, 1633.

Ode Saphicum. Amsterdam, 1637. (Escrito em honra ao IV volume do *De Medicorum Principum Historia*, do médico judeu português Zacuto Lusitano).

Epos Noeticum sive Carmen Intellectuale. Amsterdam, 1639. Texto incluído no livro *De Termino Vitae*.

Poema Laudatório. Lyon, 1642. Publicado no I volume da *Opera Omnia* de Zacuto Lusitano.

Poculum Poeticum. Lyon, 1642. Segundo poema de Rosales impresso do I volume do *De Medicorum Principum Historia*, de Zacuto Lusitano. Poema escrito sob a forma de um cálice.

Armatura medica:hoc est modo addiscendae medicinae per Zacutinas historias, earumque Praxin. Lyon, 1644. Publicado no II volume da *Opera Omnia* de Zacuto Lusitano.

Regnum Astrorum Reformatum. Hamburgo, 1644.

Status Astrologicus. Anacephaleosis I. Monarchiae Lusitanae. Hamburgo, 1644. Contém também o *Foetus Astrologici libri tres*, dedicado a D. Francisco de Mello.

Fasciculus Trium Verarum Propositionum Astronomicae, Astrologicae et Philosophicae. Florença, 1654.

que facilmente imaginava a influência dos jesuítas nas obras que não se adequavam ao ideário pombalino, como o *Anacephaleoses* e a *Luz pequena lunar e Estelífera da Monarquia Lusitana*. O primeiro foi mesmo sentenciado a queima, conforme extracto de uma sentença do Tribunal da Real Mesa Censória de 9/12/1774:

(...)Mando, que o livro intitulado "Anacephaleoses da Monarquia Lusitana; Autor Manoel Bocarro Francez, seja lacerado, e publicamente queimado com pregão na Praça do Comércio pelo Executor da Alta Justiça;

Segundo o texto da sentença, esse livro, escrito a mando dos jesuítas, servia

os seus perversos, e maliciosos Fins; quais eram os seguintes: Alienar com ela o Espírito do mesmo Monarca, todo possuído da alta, e alegre esperança de ser Ele o Primeiro Dominante de um novo, dilatado, glorioso, e poderosíssimo Império; Tirar os Povos de seu sossego; (pondo) os mesmos Povos já em pasmos e admirações extraordinárias; já em vãs e frívolas esperanças; e já finalmente em terrores pânicos, e indiscretíssimos sustos." Mostra o "Plano do malicioso, e bem estudado invento de um novo futuro Império, principiado em um Rei de Portugal de cujo Invento se tinham já servido, dando os mesmos Jesuítas com o referido Livro o primeiro passo para fundarem a crença do sonhado novo futuro Império

Nessa sentença considera-se que as obras astrológicas de Manuel Bocarro também devem ser banidas, por serem "ruinosas a uma Sociedade Iluminada, Civil e Cristã," e não terem nela lugar, já que ocupam os espíritos que se deviam dedicar à Ciência e fazem

"os Homens Estúpidos, Entusiastas, Supersticiosos, e Fanáticos: Sugerindo-lhes Objectivos falsos, quiméricos, e impossíveis: Persuadindo-lhes a fácil crença de affectados Prognósticos, falsas Profecias, e fingidas Revelações: Costumando-os a pensar em Futuros contingentes, quando não há Meio algum para se conhecerem; a esperar coisas vãs, e extraordinárias; e a investigar pelo natural Curso, e Movimento dos Astros futuros acontecimentos, que dependem do Livre Arbítrio: E convidando-os, e induzindo-os para trabalharem infatigavelmente por novas descobertas de preciosidades quiméricas, e riquezas impossíveis: As quais todas sobreditas cousas são a base da Ignorância, da Inspiência, da Superstição, e do Fanatismo"¹³⁹

¹³⁹ A sentença refere-se ainda ao *Jardim Ameno*, com "o qual pertenderam imprimir, e radicar nas imaginações fracas dos Homens simples, e de fácil persuasão, com a grande cópia de imposturas, que depois coligiram no outro também malicioso e pernicioso Livro, que compuseram com o titulo de "*Jardim Ameno; Monarquia Lusitana; Império de Cristo*" no qual acumularam famosas, e falsas Profecias, Revelações, Vaticínios e Prognósticos, atribuídos a vários Santos, Servos de Deus, Varões Ilustres, Astrólogos Eminentíssimos, Sibilas, e ate a Homens Pagãos; preparando antecipadamente os ânimos para acreditarem as ditas Profecias, e revelações com algumas delas, que fizeram por no sobredito Livro na "*Annotacao Astrologica*" a primeira "*Anacephaleoses*"; quais são, as que eles quiseram imputar

No livro *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana*, publicado em Lisboa em 1624, Bocarro escreve acerca da esperança de Portugal vir a ser a última e maior monarquia do mundo e de como o Rei Encoberto trará uma Nova Era de Felicidade para todos, numa obra composta por 131 oitavas, entre os quais algumas dedicadas à alquimia.

O autor demonstra no seu prefácio ter a intenção de escrever quatro *Anacephaleoses*¹⁴⁰.

Na primeira parte da *Anacephaleoses*, dedicada ao rei Felipe III de Portugal chamado "*Stado Astrológico*", procura demonstrar com sinais astrológicos que Portugal há-de ser a última e mais poderosa monarquia do mundo. Também escreve sobre a Pedra Filosofal. Na segunda parte, dedicada a D. Diogo da Silva e Mendonça, Marquês de Alenquer e Duque de Vila Franca, chamado "*Stado Régio*", ficaria traçada a biografia de todos os reis de Portugal. Na terceira parte, que seria intitulada "*Stado Titular*", dedicada a Fernão Martins Mascarenhas, Bispo e Inquisidor Geral de Portugal, ficariam registados os nobres e eclesiásticos do Reino. Na quarta parte, dedicada a D. Teodósio, Duque de Bragança, "*Stado Heróico*", Bocarro propunha-se relatar os feitos heróicos de ilustres portugueses.¹⁴¹ Só o I *Anacephaleoses* chegou a ser publicado. Os outros tomos parece terem sido destruídos.

Nessa obra é enaltecido o passado de Portugal, é recordada a derrota de D. Sebastião e é previsto, com base na astrologia, o ressurgimento de Portugal e o estabelecimento da última monarquia do mundo, que antecipará uma idade de grandeza com uma só religião universal, como se vê na oitava n.º 128:

*Verás hum só Pastor, hum só rebanho,/ Que o sucessor de Pedro só proveja/ Nem na terra, nem no liquido estanho,/ Impugnará ninguém à Madre Igreja:/ O ser de Portugal será tamanho,/ Que o mundo todo só nelle se veja,/ Emporio do universo summo, & grande,/ Pera que seu Monarcha todo o mande*¹⁴².

a Santo Isidoro, a S. Methodio, a S. Cyrillo Eremita, a João Carriao, e a Sybila Erythrea: do qual malicioso Invento repetidas vezes lançaram mão esses jesuítas, como foram:

Primeira: Depois da morte do Senhor Rei D. Sebastião, dizendo, e espalhando: Que este era o Rei Encoberto, prometido, e profetizado; o qual havia de vir, e aparecer para Primeiro Imperador do novo futuro 'Império'". Conf. <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Acervo/doc17.html>

¹⁴⁰ Recapitulação, em grego.

¹⁴¹ Conforme José van den Besselaar *O Sebastianismo – História sumária*, Lisboa, Ministério da Educação e Cultura, 1987, pp. 73/4

¹⁴² D: 205/ MT2: 30-31

Justo Lúpsio, *De Constancia*

O humanista flamengo Joost Lips (Bruxelas 1547 – Lovaina 1606) foi professor em Leide e Lovaina, divulgador do estoicismo e editor de Tácito e Séneca. Autor de *Opera Omnia*. Num dos *Apólogos Dialogais*, D. Francisco Manuel de Melo utiliza a figura do humanista Lúpsio no diálogo com outros intelectuais.¹⁴³

O trecho citado na compilação, que o autor diz ter extraído da obra “*de Constância*”, trata do Império Otomano e da previsão do seu fim, com a constatação de que o mundo está sujeito a constantes mudanças.

Dom João de Horozco, *Tratado de Verdadera y Falsa Profecia*

No prefácio ao opúsculo *Bandarra descoberto...*¹⁴⁴ o autor socorre-se da autoridade de um autor estrangeiro como Horozco, para provar a existência de Bandarra, contra os argumentos dos detractores do sebastianismo, que negam a sua existência.

Dom João de Horozco Y Covarruvias, de Segóvia, é autor de um *Tratado de Verdadera y Falsa Profecia*, onde se refere a Bandarra, considerando que as suas trovas vaticinam a união ibérica: “Desta manera tuve yo noticia de un çapatero en Portugal, que fué tenido por profeta y era haver leído en algunas profecias, como las de Santo Isidoro, y de las cosas notables que dijo, tengo notada una (...) el haver de juntarse aquel Reino de Portugal con el nuestro, con harta particularidad”¹⁴⁵.

Na sua *História do Futuro*, o Padre António Vieira critica a interpretação de Horozco e a atribuição que este faz das trovas de Bandarra a Santo Isidoro, dando-lhes um significado de acordo com os seus interesses:

quando as profecias de Portugal profetizam que Portugal se há-de juntar a Castela, são profecias; e quando as profecias profetizam que Portugal se há-de tornar a separar de Castela e se há-de restituir à sua liberdade, não são profecias.¹⁴⁶

¹⁴³ Na obra *Apólogos Dialogais* de D. Francisco Manuel de Mello, o humanista é uma das personagens que que dialogam acerca da crítica literária e do papel da literatura na sociedade. Justo Lúpsio é um dos quatro “homens-livros” (Lúpsio, Bocalino, Quevedo e o Autor) no quarto e mais longo apólogo, *O Hospital das Letras*. António José Saraiva e Oscar Lopes, *História da Literatura portuguesa*, Porto ed., 1996, p.463

¹⁴⁴ D:183/ MT2 prefácio

¹⁴⁵ Dom João de Horozco Y Covarruvias, *Tratado de Verdadera y Falsa Profecia*, Livro primeiro, capítulo 14, apud *História do Futuro*, Introdução e notas por José van den Besselaar, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983, p. 84

¹⁴⁶ Padre António Vieira, *Livro Antepimeiro da História do Futuro*, edição crítica de José van den Besselaar, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983, p. 85

Padre Manuel da Veiga, *Vida do Sapateiro Simão Gomes*

A obra *Vida do Sapateiro Simão Gomes* foi publicada em 1625, com o título completo *Tratado da vida, virtudes e doutrina admirável de Simão Gomes, portuguez, vulgarmente chamado o sapateiro santo*. O livro teve mais três edições em 1673, 1723 e 1759. Trata da vida de Simão Gomes, chamado o “Sapateiro Santo”, que viveu no tempo de D. João III e de D. Sebastião e teve fama de profeta. Chegou a ser chamado ao Conselho de Estado para vaticinar em questões da política. Simão Gomes teria predito a perda do reino e a posterior restauração, ainda em vida de D. Sebastião.

Segundo o jesuíta Manuel da Veiga, Simão Gomes teve fama de santidade ainda em vida e costumava ser visitado por cortesãos que lhe pediam opinião. Era analfabeto, mas considerado letrado natural, por Deus lhe ter concedido a “ciência infusa”.¹⁴⁷

A obra de Manuel da Veiga foi considerada uma obra sebastianista e proibida no tempo do Marquês de Pombal. É uma das obras a que o padre José Agostinho de Macedo faz referência, quando diz que os sebastianistas se socorrem de obras proibidas para legitimarem os seus argumentos. No seu argumentário contra os sebastianistas uma das acusações é a de que esta “tola casta” se baseia em livros justificadamente proibidos pela Inquisição, incorrendo assim, entre outros crimes, no de desobediência.

Os livros que os Sebastianistas citão, como Profecias do Bandarra, Restauração de Portugal prodigiosa, Vida do Çapateiro Santo Simão Gomes, se achão condemnados e proscritos pela Real Meza Censoria. O rectíssimo Tribunal do santo Offício comdenou muitos dos fatores e assoalhadores das suppostas profecias...¹⁴⁸

Sebastião de Paiva, *5ª Monarquia*

Na sua obra *Quinta Monarquia e Felicidades de Portugal Profetizadas*, saída em 1641, o monge trinitário Sebastião de Paiva trata do aparecimento de D. Sebastião em Veneza e dos *breves* (falsos) de três papas a restituir-lhe a coroa.

Desta obra está referenciado, na compilação em análise, o testemunho do pai de um menino de 19 meses que anunciou a vinda de *Bastião*, nome popular de Sebastião.

¹⁴⁷ Padre Manuel da Veiga, *Tratado da vida, virtudes e doutrina admirável de Simão Gomes*, livro II cap. 1, apud Teixeira de Aragão, *Diabruras, Santidades e Profecias*, Lisboa, Vega, 1996, p.173. Ver também António Carlos Carvalho, *Prisioneiros da Esperança*, Lisboa, Âncora editora, 1999, pp. 84/5

¹⁴⁸ José Agostinho de Macedo, op.cit, p.70

António de Sousa de Macedo, *Lusitânia Libertada*

António de Sousa de Macedo (1606-1682) jurista e diplomata, foi embaixador de D. João IV. A obra citada na compilação, com o longo título: *Lusitania liberata ab injusto Castellanos dominio: Restituta legitimo Principi, Serenissimo Joanni IV...* foi editada em Londres em 1645. Esta obra procura legitimar a nova dinastia e independência de Portugal com um elenco de profecias e prodígios, aduzindo argumentos numa preocupação de sublinhar a identidade e grandeza de Portugal.

Além de outras obras menos conhecidas, Macedo é autor de *Flores de Espanha Excelências de Portugal*, de 1631 - extensa enciclopédia de apologia a Portugal - e de *Ulissipo*, poema à capital portuguesa, que trata a lenda da fundação de Lisboa por Ulisses, entrosando a mitologia com a história de Portugal.¹⁴⁹

D. Nicolau Monteiro, *Vox turturis*

D. Nicolau Monteiro, 1581-1672, Bispo do Porto, foi enviado a Roma em 1645 para negociar a benção do Papa ao reino de Portugal restaurado, o que não chegaria a acontecer em vida de D. João IV.

A obra *Vox turturis. Portugalia gemens ad Pontificem Summum, pro Rege suo (ut audiatur) juste gemit, ac clamat: Clamat nanque, ac gemit, jure civili, humana actione, ordinatione divina, ac obsequio Regio animata: Libellus supplex*, editada em Lisboa na oficina de Domingos Lopes Rosa em 1649, é uma demonstração dos direitos da coroa portuguesa dirigida ao Papa. Um dos capítulos está consagrado às profecias que legitimavam Portugal como país independente.¹⁵⁰

Manuel de Faria e Sousa, *Europa Portuguesa*

Obra escrita em 1663 por Manuel de Faria e Sousa (1590-1649), esta síntese de História de Portugal fazia parte de uma série, cujos outros títulos eram *Ásia Portuguesa* em 3 tomos, editados em 1666, 1674 e 75 e *África Portuguesa* (1681). Dessa série faria parte ainda um título perdido, *América Portuguesa*.

Manuel de Faria e Sousa tinha já publicado em 1628 uma *Epítome de las Historias Portuguesas*, em castelhano, reeditada em 1663 e 1730 (esta renomeada

¹⁴⁹ António José Saraiva e Oscar Lopes, *História da Literatura portuguesa*, Porto ed., 1996, p. 541

¹⁵⁰ João Lúcio de Azevedo, *a evolução do Sebastianismo*, Lisboa, Editorial Presença, p. 68

Historia del Reyno de Portugal), onde se verifica, mais uma vez, o propósito de enaltecer as glórias nacionais.¹⁵¹ Sendo as Crónicas Gerais do Reino, antes do domínio espanhol, encomendas da coroa e por ela custeadas, sob os Filipes assiste-se a uma vulgarização da História de Portugal destinada a outro público e dando expressão a um sentimento de orgulho e autonomia nacional.

Do livro *Europa Portuguesa* o compilador extrai a indicação do toque do sino de Bedilla, presenciado por 4.000 pessoas e autorizado por nove (!) notários.

Padre Gregório de Almeida, *Restauração de Portugal prodigiosa*

A obra *Restauração de Portugal prodigiosa*, saída em 1643 sob pseudónimo de Gregório de Almeida é geralmente atribuída ao padre João de Vasconcelos, embora, segundo João Lúcio de Azevedo, António de Sousa de Macedo tenha imputado a obra a Manuel de Escobar. Azevedo procura, com minúcia, determinar a autoria da obra, cotejando exemplares do livro e referências de autores da época.

Nesta obra de apologia nacional, exalta-se o valor dos portugueses, recordam-se os heróis e listam-se os casos de favor divino à vitória dos exércitos portugueses face ao inimigo. Contra os Mouros, lembra-se o milagre de Ourique,¹⁵² a providencial vinda dos

¹⁵¹ António José Saraiva e Oscar Lopes, op.cit, p.423

¹⁵² Sempre que a linha dinástica directa era quebrada, como no caso em que a um rei malgrado ou destituído sucedia um irmão ou um primo, havia que legitimar o novo reinado com sinais ou fenómenos que tivessem ocorrido durante o nascimento do novo rei, ou visões ou sonhos sobre a grandeza futura daquela criança, já que a descontinuidade da linha de sucessão poderia suscitar dúvidas sobre a “aprovação divina” do reinado. A completa ausência de dúvidas sobre a figura do monarca estava na base da sociedade. Assim, para legitimar os reis D. João I, D. João IV ou D. Pedro II ou para justificar a proveniência divina do direito de Portugal à independência durante o domínio filipino, as invasões francesas e o posterior governo de influência inglesa em Portugal, foram reescritos episódios e mitos fundadores da nacionalidade, como o Milagre de Ourique.

Da desconstrução desse milagre se ocuparia Alexandre Herculano, para grande escândalo dos seus coevos:

“Entrado na época da batalha de Ourique e constrangido pelo, às vezes bem triste, dever da sinceridade a reduzir às suas dimensões verdadeiras um facto que à tradição dos séculos aprouve cercar de fábulas não menos absurdas que brilhantes” Alexandre Herculano, *História de Portugal*, prefácio e notas críticas de José Mattoso, Amadora, Bertrand, tomo I, 1980, p. 429.

O escritor deixou-nos o seu lamento pela incompreensão que a sua posição mereceu e pela censura vinda dos púlpitos das igrejas de Norte a Sul do país: “Narrando no 1º volume da *História de Portugal* o recontro de Julho de 1139 em Ourique, reduzido às dimensões que supus e suponho exactas, omiti a fábula do aparecimento de Cristo, como coisa indigna da gravidade da História e, sob certo aspecto, demasiado irreverente para com o sublime Fundador do Cristianismo. Apenas numa nota aludi a essa tradição absurda, afirmando que se estribava num documento falso, o célebre juramento atribuído a Afonso I, juramento que ainda existe no suposto original.” Alexandre Herculano, *Opúsculos*, tomo III, p. 35, apud Manuel Trindade, “Herculano Polemista” in Artur Anselmo (dir.), *As grandes Polémicas Portuguesas*, Lisboa, Editorial Verbo, Vol.II, 1967, p. 59.

Ainda sobre o milagre de Ourique, ver, entre outros, Luís Carmelo, *O milagre de Ourique ou um mito nacional de sobrevivência*, Ana Isabel Buescu, *O Milagre de Ourique e a História de Portugal de Alexandre Herculano. Uma Polémica Oitocentista*, Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

Cruzados a conquistar Lisboa para a cristandade, a milagrosa tomada de Alcácer. Contra o Castelhana, descrevem-se as batalhas memoráveis, em que se considera ter havido intervenção divina, como na batalha de Aljubarrota.

Lembram-se episódios lendários como a de Deuladeu Martins, a célebre Padeira, relatam-se os feitos dos portugueses na Índia, exagerando-se a grande desproporção de forças dos portugueses contra o inimigo, tanto em Portugal como além mar.

Esta recapitulação da História, muito fantasiosa, misturando lendas com factos mais ou menos provados, citando fontes pouco fidedignas ou inventadas, insere-se numa tendência da época.¹⁵³

Jorge Cardoso, (H)Agiológico Lusitano

O primeiro volume foi publicado em 1652 e até à morte de Jorge Cardoso, em 1669, foram editados mais dois volumes. Em 1744 foi publicado mais um volume do Hagiológico, por D. António Caetano de Sousa.¹⁵⁴

Segundo Mattoso, as fontes utilizadas por Jorge Cardoso para a descrição da vida de santos não são fiáveis: baseia-se em autores como La Higuera e Frei Bernardo de Brito. A forma como são apresentados os santos, e o tipo de linguagem que usa nessas notícias leva a pensar que se trata de invenções eruditas.¹⁵⁵

Desta obra, o compilador tirou referências acerca do Padre Baltasar Guedes, provedor dos Órfãos do Porto e revelações acerca da Madre Leocádia. Sugere a leitura da vida de Madre Brígida, que, embora não esteja representada na miscelânea, é citada em colectâneas sebastianistas.

Diogo Barbosa Machado, autor da *Biblioteca Lusitana*

Membro da Academia de História, este bibliófilo reuniu uma importante colecção de livros, que, tendo sido levada no tempo do exílio brasileiro da Família Real, acabaria por constituir o núcleo primitivo da Biblioteca do Rio de Janeiro.

¹⁵³ ver António José Saraiva e Oscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 17ª edição, Porto, Porto Editora, 1996, pp. 423–427.

¹⁵⁴ Conforme José Mattoso, “Santos Portugueses de Origem Desconhecida” in *Piedade Popular. Sensibilidades. Representações. Espiritualidades*, Lisboa, Centro de História da Cultura/ História das Ideias/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1999, p. 27.

¹⁵⁵ *Idem, Ibidem*, p. 30

A edição *princeps* da *Biblioteca Lusitana*, que saiu em 4 tomos em Lisboa, de 1741 a 1759, foi a primeira grande bibliografia portuguesa.

Barbosa Machado é também autor de uma memória sobre D. Sebastião em quatro volumes (1736 a 1751).¹⁵⁶ Talvez por identificar o autor da *Biblioteca* com o sebastianismo, o autor do opúsculo *Bandarra...* se lhe refira como *o nosso Barboza*.¹⁵⁷

Padre Rafael Bluteau

Num texto recolhido pelo compilador do manuscrito em estudo, para negar a impossibilidade biológica do regresso de D. Sebastião, o seu autor vai colher exemplos de extrema longevidade a Bluteau. Com efeito, Rafael Bluteau, também membro da Academia de História,¹⁵⁸ numa obra com o título *Prosas Portuguezas, Recitadas em diferentes congressos Académicos*, cita uma série de notícias de pessoas de idade pluricentenária, para além dos exemplos do *Genesis*. Nessa obra do “Padre D. Rafael Bluteau, Clerigo Regular, Doutor na Sagrada Theologia, Pregador da Rainha da Grã Bretanha Henriqueta Maria de França, Qualificador do Santo Officio no Sagrado Tribunal da Inquisição de Lisboa, e Académico da Academia Real” como detalhadamente reza o frontispício do volume, pretende-se mostrar a valia da Teologia como ciência de que a Academia se deve ocupar.¹⁵⁹

Rafael Bluteau é autor de *Vocabulário Português*, obra em 10 volumes (1712-1728) precursora de dicionários de português. A esses acresceria um 11º volume com suplementos e com um dicionário de sinónimos. Bluteau, no prefácio dessa obra, explica a necessidade do dicionário de sinónimos porque quem “queira compor em matéria de sua profissão, *synonymos* lhe serão precisos, por não repetir muitas vezes o mesmo vocábulo, ou para ornar com a variedade das dicções o seu dizer”¹⁶⁰ Mas já em 1846 Roquete, o autor de um novo dicionário de sinónimos, se queixa de que é impossível encontrar aquela obra de Bluteau.

¹⁵⁶ Cf. António José Saraiva e Oscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, 17ª edição, Porto, Porto Editora, 1996, pp. 545

¹⁵⁷ D: 184 ; MT2 prefácio

¹⁵⁸ Lucette Valensi, *Fábulas da Memória. A Gloriosa Batalha dos Três Reis*, Porto, Edições Asa, 1996, pp.48/9

¹⁵⁹ Padre Rafael Bluteau, *Prosas Portuguezas, Recitadas em diferentes congressos Académicos*, Lisboa Occidental, na Officina de Joseph Antonio da Sylva, Impressor da Academia Real, 1736.

¹⁶⁰ Padre Rafael Bluteau, *Dicionário de Sinónimos*, prefácio, apud J. I. Roquete, *Novo Dicionário de Sinónimos*, Pariz, Typographia A. Pilllet, 1846, p. VIII.

Padre José Agostinho de Macedo, *Os Sebastianistas*. “Guerras Sebásticas”

José Agostinho de Macedo chegou a professar na Ordem de Santo Agostinho de onde foi expulso em 1782 por inadequação de carácter. Durante a sua carreira de escritor e jornalista escreveu inúmeras obras, tomando parte nas polémicas do seu tempo de forma viva, com um estilo próprio e truculento, violentamente irónico, por vezes mesmo pesado. Entusiástico miguelista, havia de ser alcunhado pelos liberais de “Padre Lagosta”.¹⁶¹

Esta personagem controversa publicou em 1810 um libelo violento contra os sebastianistas. No seu livro, *Os Sebastianistas*, Macedo levava essa “seita de reputados tolos” ao Tribunal da Religião e da Razão acusados de serem maus cristãos, maus vassalos, maus cidadãos e tolos.

Maus cristãos, por confundirem profecias com fantasias, e utilizarem obras proibidas pelo Santo Ofício como fontes para os seus argumentos.

Maus vassalos, porque demonstram não reconhecer como legítimos soberanos a Rainha D. Maria e o Regente, já que “esperão, querem, promettem e assoalhão outra (dinastia) que já não existe (...) esperando D. Sebastião”.¹⁶²

Maus cidadãos, porque em vez de se preocuparem em defender a Pátria dos ataques dos franceses, ficam quietos à espera de milagres:

“Os Sebastianistas de 1808 (...) me dizião, que chegando Dom Sebastião levantaria logo a bandeira contra Bonaparte, cuja insígnia he a Águia, que em portuguez antigo se chamava Grifa”.¹⁶³ “Esta seita de crédulos, que na verdade são prejudiciais à segurança, e defesa do Reino, em quanto fiados nas ridículas Profecias permanecem indolentes para tudo.”¹⁶⁴

Os sebastianistas são ainda acusados de tolos por acreditarem em asneiras, servindo-se de antigas crónicas e lendas que, como “molho de pasteleiro”, servem para prognosticar tudo o que querem. Macedo utiliza uma linguagem violenta contra a “seita” com insultos variados, começando frases com vocativos como “Vinde cá, Bestas Muares”.

Tal acutilância suscitou respostas, algumas sérias e outras jocosas, parte delas anónimas, de sebastianistas e até de não sebastianistas que sentiram necessidade de

¹⁶¹ Tomás de Figueiredo, «José Agostinho de Macedo contra a ‘Besta’», in Artur Anselmo (dir.), *As grandes Polémicas Portuguesas*, Lisboa, Editorial Verbo, Vol.II, 1967, p. 60

¹⁶² José Agostinho de Macedo, *Os Sebastianistas. Reflexões críticas sobre esta ridícula seita*, Lisboa, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, Impressor do Conselho de Guerra, 1810, p.70.

¹⁶³ *Ibidem*, p. 67

¹⁶⁴ *Ibidem*, prefacção.

responder às acusações do padre, custando-lhes “ver tratados com injúria de regatão homens Religiosos, pios e tementes a Deus”¹⁶⁵

Com este livro começou o padre Macedo a polémica que ficou conhecida por “Guerra Sebástica”, expressão tirada do título da carta de um anónimo que, embora concordando com algumas proposições do livro *Os Sebastianistas*, discordava dos termos e das acusações formuladas no livro. Respondeu indirectamente ao padre com a *Carta de hum Provinciano a hum seu amigo de Lisboa sobre A Guerra Sebástica*.¹⁶⁶ Segue-se um excerto, onde o anónimo se espraia acerca de considerações sobre o carácter inofensivo da “mania” sebastianista.

“Se hão-de dar com a cabeça pelas pedras, gritar pelas ruas às dez horas, bater pelas portas de noute, fazer correr a rapaziada atrás de si, exercitar-se no jogo da pedra, e outros passatempos, que poderião perturbar o socego público, he muito melhor que tranquilla, e inocentemente se entretenham em suas casas, ou em lugares solitários, em conciliar as profecias do Bandarra, Pretinho do Japão, e outros que taes Magarefos, com os acontecimentos do dia, até que a digestão se faça, venhão de novo comer, e voltem ao Theatro das suas quiméricas ilusões”¹⁶⁷

A pitoresca passagem acima apresentada, escrita em 1810, espelha a importância que hão-de ter tido tais actividades de conciliação de antigas profecias com os “acontecimentos do dia” entre pessoas letradas e eruditas, patriotas que começaram a consultar “antigos cronicões” procurando legitimar o imaginário sebastianista.

Embora discordando das teses de Agostinho de Macedo acerca dos sebastianistas, vistos como favorecedores dos franceses e seus involuntários cúmplices, o autor anónimo lamenta que, nessa hora de perigo para o país, haja homens respeitáveis e talentosos, que se ocupam de ninharias pueris e ridículas, em vez de esclarecer os seus concidadãos, ou ridicularizar Napoleão. Este anónimo reage, porém, a críticas de estrangeiros, como a muito conhecida pergunta de um académico francês “que se pode

¹⁶⁵ *Refutação Analytica do folheto que escreveo o reverendo padre José Agostinho de Macedo, e intitoulou os Sebastianistas*. Pelos redactores do Correio da Pininsula, Lisboa, 1810, p. 10.

¹⁶⁶ A polémica sobre o mito sebastianista tinha começado com o sebastianismo, com várias opiniões entre o sério e o jocoso a serem esgrimidas entre ambos os campos. Vieira, por exemplo, impacienta-se com a interpretação sebastianista das trovas de Bandarra e ao longo da compilação analisada observamos várias posições antagónicas. Porém, o epíteto “guerra sebástica” começou a ser usado no folheto indicado.

¹⁶⁷ *Carta de hum Provinciano a hum seu amigo de Lisboa sobre A Guerra Sebástica*, Lisboa, Impressão Régia, 1810, p. 8

esperar de uma nação, onde metade dos seus indivíduos espera pela vinda do Messias, e a outra pela d' El Rei D. Sebastião”¹⁶⁸, com a constatação:

Só quem não tem ido a Paris, Londres, Vienna, e outras grandes Cidades se não tem visto assaltado por chusmas destes impostores, entregando por força papeletas impressas, que rezão dos seus milagres, e virtudes extra humanas, nome da rua, número da casa, e horas para a consultação¹⁶⁹

E continua, notando que

também os Napoleonistas de hoje por elas (centúrias de Nostradamus) tem explicado a Revolução, e o seu desfecho Napoleónico (...) Lá onde existem homens, existem igualmente quimeras, erros e abusos”¹⁷⁰

Alguns dos opúsculos escritos no seguimento do debate sebástico são divertidos textos, como o da *Carta de hum guarda-roupa d'elRei D. Sebastião a hum seu amigo nesta Corte, em que, depois de humas breves reflexões sobre o folheto intitulado 'Os sebastianistas' Lhe dá huma notícia circunstanciada da Ilha Encuberta, e da existencia daquelle Soberano.*

Apesar de informar que

Sua Magestade o Senhor Rei Dom Sebastião, nosso amo, tem dado ordem positiva para que nenhum vassallo seu nesta Ilha responda seriamente a semelhantes bagatelas,

não pode deixar de responder

Contudo, vendo insultar tão grosseiramente os nossos *Affeiçoados*, confesso que os meus bons desejos ainda se estenderiam a mais. Reprehender leaes vassallos só porque se conservam fiéis ao seu Soberano; depois que sei ler, só em dois lugares o tenho visto: nos *modestos* boletins da nova França e no atencioso *Folheto* que me mandaste. Escarnecer de nossos Profetas, e duvidar das suas infalliveis predicções, só por serem pobres, humildes e de officios mecanicos (como se para o ser fosse necessário apresentar quatro avós nobres), é positivo desafforo¹⁷¹

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 4

¹⁶⁹ *Ibidem*, p.5. Esta observação lembra os nossos apartados e caixas de correio electrónico cheios de correspondência do mesmo tipo tipo, assinados por “mestres” e “professores” de nomes elaboradamente exóticos, mostrando que o fenómeno das “papeletas impressas” se continua a verificar no nosso tempo.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 6

¹⁷¹ *Carta de hum guarda-roupa d'elRei D. Sebastião a hum seu amigo nesta Corte*, Lisboa, Impressão Régia, 1810, pp. 2-5 Apud Jacqueline Hermann, “Dom Sebastião contra Napoleão: a Guerra sebástica contra as tropas francesas”, in *Topoi*, Rio de Janeiro, Dezembro 2002, p. 128

Depois das respostas recebidas, indignado com o tom jocoso que algumas, como a precedente, assumiam, José Agostinho de Macedo escreveu ainda em 1810 uma segunda parte de *Os Sebastianistas*.

No prefácio do opúsculo copiado na colectânea, *Bandarra descoberto nas suas trovas*.. que também saiu em 1810, continua-se a alimentar a polémica. E nos comentários da compilação transcrita também se nota uma busca de resposta aos apoiantes do padre Macedo.

Obras de Astrologia¹⁷² e Astronomia citadas na miscelânea

Na compilação em estudo, a obra *Da Conjunção Máxima* é apontada, sendo a sua autoria atribuída a André Gonçalves, de Salamanca. Frei António de Beja, na sua refutação da validade da Astrologia como método para prever acontecimentos,¹⁷³ refere-se a um tratado monumental em oito volumes, divulgado por Giovanni Pico (della Mirandola) e Nifo, da autoria de um astrónomo persa do século IX, Albumassar, com o título genérico *De Magnis Conjunctionibus*; pode ser esse o tratado a que o compilador se refere.

Na miscelânea refere-se Pontano - Giovanni Pontano (1426 – 1503), poeta e prosador napolitano, autor de *De Rebus Caelestis* - como aluno de um astrólogo Lourenço Missiniate, autor de um livro de *Metros*.

No século XVI grandes humanistas acreditaram em prognósticos de carácter escatológico, já que as mentalidades estavam preparadas para o anúncio joaquimita de uma Idade do Espírito. Deste século e do seguinte há grande quantidade de obras dedicadas ao estudo dos astros e da sua influência na vida dos povos. Em Portugal, na época, toda uma geração de espíritos cultos era permeável à influência de obras de

¹⁷² Durante milénios a Astrologia Judiciária gozou de grande prestígio, por prever acontecimentos de natureza pessoal ou política sobre indivíduos ou nações. A consulta dos movimentos dos corpos celestes para prever o futuro serviu de guia a muitos reis e Pontífices, até bem entrado o século XVIII. O interesse pela Astrologia serviu para incrementar grandemente o estudo da Astronomia, que de ciência subsidiária daquela, acabou por se autonomizar. Mesmo astrónomos famosos recorriam à Astrologia e estabelecimento de horóscopos para financiar os seus trabalhos. A Kepler é atribuída uma frase em que se lamenta acerca dessa circunstância: “A mãe Astronomia morreria de fome se a mãe Astrologia não ganhasse o pão” - Francesc Navarro (dir.) *História Universal*, Barcelona, Salvat-Público, 2005, Vol. 13, p.475

¹⁷³ José de Pina Mateus “Frei António de Beja contra a Astrologia Judiciária” in *As grandes Polémicas Portuguesas*, Lisboa, Editorial Verbo, Volume II, 1964, pp. 87

Bandarra, de S. Frei Gil, do Beato Amadeu ou do cartuxo Pedro de Frias, que facilmente equiparavam à autoridade dos profetas hebreus.¹⁷⁴

Ao consultar a listagem de obras citadas pelo compilador da miscelânea em estudo pode verificar-se que é de religiosos a autoria de várias obras de exaltação nacional do período que rodeia a Restauração¹⁷⁵, muitos deles padres da Companhia de Jesus: D. Nicolau Monteiro, autor de *Vox Turturis*; Padre João de Vasconcelos, autor da *Restauração de Portugal Prodigiosa*; Padre Belchior de Santana com a *Crónica dos Carmelitas*; Sebastião de Paiva, monge trinitário, autor da *Quinta Monarquia*; Sarmento, com a sua *Vitoria da Igreja*; o Padre Manuel da Veiga, autor da *Vida do Sapateiro Simão Gomes*.

O Marquês de Pombal e posteriormente o Padre Macedo, assacam a autoria de mais obras e profecias de cariz sebastianista a jesuítas, como as profecias do “Pretinho do Japão”, atribuídas ao Padre Clemente Gomes do tempo de D. Pedro II, as do “Mouro de Granada” alegadamente da autoria do Padre Manuel de Escobar (autor a quem já, de forma imprecisa, tinha sido atribuída a obra *Restauração de Portugal prodigiosa*); quanto às trovas de Bandarra, tanto o Marquês como o Padre José Agostinho de Macedo as pretenderam atribuir ao Padre António Vieira, para grande indignação dos exegetas do profeta de Trancoso, como se pode apreciar no seguinte trecho, transcrito na compilação em análise:

Atreveram-se a escrever que tal Gonçalo Bandarra nunca tinha existido e que as trovas, que corriam em seu nome, haviam sido forjadas pelos Jesuítas depois da aclamação do Sr. D. João 4º. Mas que desgraçado expediente! Só o rancor e implacável ódio jurado aos Jesuítas, podia lembrar hum semelhante recurso.

A existência de Gonçalo Bandarra, o tempo em que existiu, e a autenticidade do que escreveu, e dele temos, tudo está de tal modo provado por documentos históricos, que todo o que se atrever a duvidar de qualquer de seus artigos, não poderá deixar de ser apontado de ignorante, e tolo.¹⁷⁶

¹⁷⁴ Ver António José Saraiva e Oscar Lopes, *História da Literatura Portuguesa*, Porto, Porto Editora, 1996, p. 526

¹⁷⁵ O papel dos prelados na exaltação nacionalista está amplamente demonstrado nos trabalhos de João Francisco Marques, *A parenética portuguesa e a dominação filipina*, Porto, INIC, 1986 e *A parenética portuguesa e a restauração*, Porto, INIC, 1989

¹⁷⁶ D:184/ MT2 prefácio

2. 5 – Símbolos mais significativos presentes na colectânea

Desde as mais antigas culturas podemos apreciar a utilização de simbologia animal para caracterizar atributos humanos. No Antigo Egipto essa assimilação manifestou-se na religião, na qual os deuses eram representados como figuras zoomórficas ou mistas. A observação das figuras votivas egípcias, sem compreensão dos fundamentos religiosos, deu aos gregos uma ideia inexata de que os egípcios adoravam animais, o que consideravam pueril, como notam nas suas descrições geográficas e historiográficas. Afinal o que era adorado era o atributo divino, correspondente à qualidade do animal figurado. Os bestiários medievais ilustram profusamente a carga simbólica de que certos animais eram portadores, assumindo a mesma figura animal variadas, e muitas vezes contraditórias, características.

Nos versos proféticos em presença temos muitas referências a animais, simbolizando figuras, povos ou qualidades:

A figura mais citada é a do *Leão*, que é assimilada ao encoberto ou ao rei ungido. Na simbologia cristã, a sua identificação com a figura de Cristo pode traduzir a ideia de Ressurreição, pela fraqueza com que as crias da leoa nascem e parecem ser reanimadas pelos cuidados maternos.¹⁷⁷ Na presente colectânea o *Leão* é muitas vezes conotado com o Império, com D. Sebastião ou com os espanhóis, enquanto símbolo do domínio sobre Portugal, como nos versos atribuídos a Frei João da Barroca: *Não gozará o Leão/ Muitos anos sua presa/ Porque Bragança virá/ A tirar-lha com presteza*¹⁷⁸

Na matéria da Bretanha, o *Leão* é assimilado ao Bem, a Cristo, em luta contra o Dragão.¹⁷⁹ Acabará por transformar-se, juntando-lhe elementos, como asas.

A *Águia* também é um símbolo muito referido ao longo da compilação. Outro dos animais constituintes do tetramorfo, assume geralmente um carácter positivo e triunfante, conotado com a magestade e a ascensão de Cristo. É o símbolo imperial mais frequente.

O *Galo* costuma ser associado ao orgulho, pela sua pose, ou ao sol nascente, que anuncia com o seu canto. Também pelo anúncio do dia novo, é, por vezes, assimilado à ressurreição. É emblema da França.

¹⁷⁷ Pedro Chambel, *A Simbologia dos Animais n'A Demanda do Santo Graal*, Cascais, Patrimonia Histórica, 2000, pp. 28 - 29

¹⁷⁸ D: 226 / MT2: 62

¹⁷⁹ Pinharanda Gomes, *Dicionário de Filosofia Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990, p. 153.

O *Porco* aparece nos textos em análise como animal baixo, repugnante e preguiçoso, sendo uma figura que remete para o infiel ou, mais precisamente, para o Turco.

A imagem do *Tigre*, conotada com o poder e ferocidade, simboliza geralmente a classe guerreira. *Tigre* é um dos quatro rios do paraíso bíblico.

O *Touro* evoca a força criadora, o ímpeto indomável. É um animal simbólico em toda a região mediterrânica, desde as primeiras civilizações do próximo Oriente. Aparece na visão de Ezequiel como uma das figuras que serão figuradas no tetramorfo. Na tradição cristã, valoriza-se o aspecto sacrificial do *Touro* para o assimilar a Cristo, que se sacrificou para a Redenção dos homens.¹⁸⁰

A *Raposa*, animal matreiro, muitas vezes assimilada ao diabo,¹⁸¹ aparece nesta compilação como *zorra*. O tipo de caça que lhe é próprio, assaltando por vezes capoeiras e levando pequenos animais domésticos durante a noite, tornam este animal antipático em muitas culturas.

Quanto a animais míticos, encontramos algumas referências ao *Dragão* e ao *Grifo* ou *Grifa*, como na trova de Bandarra:

*Vejo sair um Fronteiro/ Do Reino detras da Serra/ Desejoso de pôr guerra/ Esforçado Cavaleiro/ Este será o primeiro/ Que porá o seu pendão/ Na cabeça do Dragão/ Derruba-lo-há por inteiro.*¹⁸²

O anónimo, que argumenta contra o Padre António Vieira, procura esgrimir com o conceito de *Dragão*, associando esse símbolo a Portugal de forma engenhosa e elaborada.

E que se entenda pelo Dragão o Reino de Portugal, e pela Cabeça do dragão Lisboa, Corte do Reino, não há quem duvide; pois os Reinos entre os Profetas, e ainda entre muitos Escritores, se nomeam, e conhecem pelas armas de que usam, como entendemos pelas Águias o Imperio, pelas Lises a França, pelo Leão a Castela, pelas barras Aragão, (...) E pelo Juramento do Sr. D. Afonso Henriques consta que mandou que por timbre das armas de Reino se pusesse a serpente de Mousés que levantou do deserto contra as mordeduras das outras serpentes, que figura a Cristo Nosso Senhor, e por que Serpente, e Dragão vem a ser o mesmo, e se entende por ele o Reino de Portugal.¹⁸³

¹⁸⁰ Pedro Chambel, op. cit. p. 35

¹⁸¹ Emilio Mitra Fernandez, “Animales, vicios y herejías” in *Cuadernos de Historia de España*, LXXIV, Buenos Aires, Instituto de Historia de España, 1997, p.p. 255 – 284.

¹⁸² D :99 / MT2: 120

¹⁸³ D:101/ MT1: 125

Segundo Francisco Rodrigues Lobo, as Armas de Afonso Henriques tinham por “timbre um drago coroado”¹⁸⁴

No ciclo arturiano, o *Dragão* é conotado com o Mal, o Diabo, o Mundo. Esse animal quimérico também é assimilado, por vezes, ao Anticristo, tomando a forma de monstro de várias cabeças. A *Besta de sete cabeças e dez cornos*, descrito por Daniel, chegou a ser figurado como Napoleão, enquanto figura do Anticristo, como se pode constatar pelo título de um opúsculo, editado em Lisboa em 1810.¹⁸⁵

Grifo é uma ave fabulosa com corpo de leão e asas e bico de águia. Na emblemática medieval contém as propriedades dos dois animais de que se compõe. Por ser animal da terra e do céu pode ser um símbolo de Cristo, pela sua natureza humana e divina sendo, por isso, assimilado às forças da salvação. Para os hebreus seria o símbolo da Pérsia.

Para uma tradição cristã mais tardia, o *grifo* representa a força cruel, a imagem do demónio ou o perigo iminente.¹⁸⁶ É nesta última qualidade que o *grifo*, ou a *grifa*, deverá ser entendido na maioria dos versos da colectânea. A *Grifa parideira*, contra quem se levanta o *Rei novo* de que fala Bandarra, é entendida por Vieira como a dinastia dos Filipes¹⁸⁷

Quanto a objectos simbólicos, temos a *espada*, que aparece como símbolo principal do poder real, de dar e tirar a vida. Também pode significar a força solar, a energia geradora, o fogo purificador e a verdade que ilumina como o relâmpago. A espada pode adquirir valor escatológico, ao cortar os limites do tempo, entre o começo e os últimos dias.

O *ceptro* é o símbolo do Imperador, sobretudo presente, nas profecias compiladas, no triunfo sobre Jerusalém.

¹⁸⁴ Francisco Rodrigues Lobo, *Corte na Aldeia*, Lisboa, Editora Ulisseia, 1990, p.98 . Nesta obra Rodrigues Lobo demora-se na descrição de Armas e Divisas de várias figuras históricas ou lendárias, Escudos e Armas Reais, pp. 95 a 99.

¹⁸⁵ *A Besta de Sete Cabeças e Dez Cornos, ou Napoleão, Imperador dos Francezes. Exposição Litteral do Capítulo XIII do Apocalipse por hum Presbítero Andaluz, Visinho da Cidade de Málaga*, Lisboa, Nova Oficina de João Rodrigo Neves, 1810.

¹⁸⁶ Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, *Dicionário dos símbolos*, Lisboa, Teorema, 1984, p.358

¹⁸⁷ M1: p.84

A Igreja pode ser simbolizada por uma vinha, uma barca, uma torre. As chamas representam a ideia de que cada cristão recebeu o Espírito Santo no Pentecostes.

A Ilha é símbolo do centro espiritual primordial, por ser um mundo em pequeno formato, um microcosmo aonde não é fácil chegar, proporcionando refúgio. Para muitas civilizações a morada dos bem aventurados, o paraíso, o lugar da grande paz, o além maravilhoso, o outro mundo, é numa ilha, muitas vezes branca ou enevoadada e difícil de achar, como o lugar de exílio do encoberto.

Também na mitologia e na literatura, a ideia de ilha deserta, de ilha como refúgio, de ilhas paradisíacas é recorrente: é Apolo reinando nas *Ilhas dos Bem-Aventurados*, a *Ilha de Monsalvat* das lendas do Graal, é *Albion*, a ilha branca, a *Ilha de S. Brandão*, as *Ilhas Afortunadas* da antiguidade, ainda procuradas pelos marinheiros medievais, a *Ilha dos Amores* onde, segundo Camões, Vasco da Gama e os companheiros recebem a sua recompensa, a Ilha onde Thomas Moore situa a sua *Utopia*, as ilhas dos Mares do Sul...

As ilhas desertas paradisíacas e míticas povoaram o imaginário e continuam a estimular a nossa imaginação. Quem nunca desejou uma ilha que pudesse conformar ao seu modo?

Jerusalém como símbolo

A *Jerusalém Celeste*,¹⁸⁸ divina e perfeita, projecta-se na terrestre.¹⁸⁹ Representando a cidade ideal, o centro da Terra, quem a conquistar senhareará o mundo. Nesta compilação, encontramos muitos textos a profetizar o advento de um rei ungido que conquista Jerusalém e é coroado usando o ceptro e coroa imperial. Para o milenarismo cristão, *Jerusalém*¹⁹⁰ será o centro de um mundo convertido à fé católica. Como morada dos eleitos, *Jerusalém* por vezes também simboliza a própria Igreja.

A noção de *Luz* como revelação, que perpassa por toda a miscelânea, é intuitiva, utilizada na linguagem corrente sempre com conotação positiva, com os atributos de sabedoria, beatitude, bondade; expressões como *pessoa luminosa*, *ideia luminosa*, *tempos luminosos*, são tão frequentes que já nem nos apercebemos da sua carga

¹⁸⁸ A palavra “Jerusalém” está grafada em itálico por se querer destacar o signo. Quando tem o significado usual de cidade, está escrita em letra normal.

¹⁸⁹ Na *Cidade de Deus*, Santo Agostinho considera que “estas duas cidades, a terrena e a celeste, estão (...) interligadas e de certo modo misturadas uma na outra no século presente”. Santo Agostinho, *Cidade de Deus*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, Livro XI, Capítulo I, vol III, p. 988

¹⁹⁰ Nas palavras de Santo Agostinho “A Cidade não é senão a Igreja de Cristo, difundida por toda a redondeza da Terra”, *idem*, Livro XX, Cap.XI p.2027

metafórica. A tempos luminosos opomos a noção de tempos sombrios, sem necessidade de explicação, já que, sendo os homens (do ponto de vista da Biologia) criaturas diurnas, a noite e as trevas são, tradicionalmente, misteriosas e assustadoras. O Espírito Santo traz *luz* aos espíritos, por oposição às *trevas* da ignorância. A ideia transmitida pelo profeta Zacarias de que, no Dia em que o Messias entrasse na Cidade Santa, até de noite haveria claridade, remete para a Luz Eterna do Paraíso.

2. 6 - Critérios de transcrição

Na transcrição do manuscrito procurou copiar-se fielmente a ortografia, ainda que a escrita de uma palavra varie no mesmo texto e até no mesmo parágrafo, o que acontece frequentemente.

A pontuação mantém-se, excepto nos seguintes casos:

- Substituição do travessão por aspas, quando no texto manuscrito se quer destacar uma palavra ou letra.

- Quando só há aspas num dos extremos de uma citação, pôr-se-á aspas simples no outro extremo dessa citação.

O desdobramento das abreviaturas só foi feito quando parecia não haver dúvidas sobre o significado, procurando evitar-se desdobramento abusivo.

Todas as notas alheias ao texto transcrito estão em rodapé.

Os manuscritos terminam com um índice, que se optou por não transcrever, já que não seria possível fazer corresponder a numeração das páginas.

Para indicar que uma palavra foi transcrita por dedução, por legibilidade difícil no manuscrito, inscreveu-se dentro de parênteses recto.

No caso de aparente lapso do compilador, inscreveu-se um ponto de interrogação entre parênteses a seguir à transcrição da expressão em causa .

Utilizou-se o parênteses curvo para inscrever uma letra ou palavra que se presume dever estar no texto, mas que esteja omissa.

Os entrelinhados ou notas do compilador estão destacados em letra de tipo cursivo. As anotações posteriores estão escritas a *negrito* para as diferenciar das anotações contemporâneas da cópia.

Parece ter existido ao longo da compilação uma preocupação em copiar textos e deixar comentários que fossem lidos por outrém, como se pode deduzir pelas notas do

corpo do texto. A caligrafia utilizada nas anotações dos anos 20 e 30, entrelinhadas no texto, tem semelhanças com a anterior, mas é menos cuidada e vai-se tornando cada vez menos firme. Poderá corresponder ao mesmo sujeito mais idoso, parecendo já pouco interessado em endereçar as suas notas a outros leitores e usando o último volume encadernado para coligir notas soltas e textos esparsos.

Quando foram usados trechos retirados da compilação para ilustrar passos da análise do manuscrito, procurou actualizar-se a ortografia, mantendo, no entanto, algumas formas da época, como *cousa* ou *outavas*.

3 - Conclusão

As construções de cariz milenarista desenvolvem-se em épocas de inquietação, de crise e de mutações políticas e sociais, de mentalidades e costumes.

A primeira metade do século XIX foi uma época de tensões e contradições entre as correntes e ideologias vindas, sobretudo, da França revolucionária e a sociedade fechada do Antigo Regime. A insegurança gerada terá propiciado assim o florescimento de crenças milenaristas e o reaparecimento do sebastianismo. Essa época de lutas ideológicas, com as Invasões Francesas, a desestruturação da sociedade, a progressiva perda de influência da Igreja, as guerras e a crescente influência da ideologia liberal teve, como todos os tempos, os seus intervenientes e as suas testemunhas.

O compilador da colectânea analisada, homem do Portugal de Oitocentos, demonstra a sua posição como testemunha de um tempo em rápida mutação, colocando-se do lado dos que perderam o século. A sua visão dos factos ecoa através das notícias que assinala. Também toma posição com as profecias: à diminuição da influência da Igreja na sociedade oitocentista, contrapõe a visão dos profetas do Reino de Cristo na Terra. À declaração da Independência do Brasil, contrapõe o destino grandioso de Portugal, cabeça de um Império Universal. À lástima que lhe parecem provocar as indecisões e acções de D. João VI ou D. Pedro, contrapõe a sua fé no regresso do “Senhor Rei” D. Sebastião, santificado pelo longo exílio. Os penosos acontecimentos políticos a que assiste servem-lhe de sinal para a iminência da nova era de felicidade.

Copiando os vaticínios sebastianistas, toma uma posição mais próxima da alma popular do que de uma formulação teórica de combate ideológico. A valia do seu ponto de vista estriba-se na relativa raridade dos testemunhos de portugueses com posição contrária ao liberalismo triunfante da primeira metade do século XIX.

A crença nas profecias, dando um panorama da vida futura com a garantia divina, mostra aos crentes que os sacrifícios valem a pena, consolando-os nos tempos difíceis. Os mitos são valiosos para a transformação das sociedades, sendo que, na ausência da convicção de que se caminha para algo melhor, quando não encontra um sentido para a existência, facilmente o desânimo se apodera da colectividade.

No nosso tempo temos assistido a sucessivas promessas ideológicas de um mundo melhor, que, postas em prática, têm degenerado em fracassos. Nalguns casos, o sonho transformou-se mesmo num pesadelo que custou a vida a largos milhões de pessoas, deixando no seu rasto um amargo desencanto.

A crença na progressão da Ciência e da História rumo a um futuro melhor também sofreu um abalo. Embora no ocidente estejamos em relativo conforto, o conhecimento da realidade vivida por uma humanidade sofrida noutras paragens e a convicção de que o destino de todos os povos e nações está ligado e os prognósticos da alteração climática em curso na Terra que poderá acarretar uma catástrofe ambiental ainda no nosso tempo, deixa-nos cépticos em relação ao futuro próximo. Apesar de descrentes e descoroçados com o resultado das ideologias postas em prática no século XX, muitas vezes continuamos a ter esperança numa figura providencial que nos salve e redima. Em muitos casos as religiões tradicionais já não trazem resposta aos anseios de muita gente, que se vira para novas formas de religiosidade ou de associação, procurando conforto em movimentos de sincretismo filosófico - religioso. Afinal, Bandarra, Bocarro e Vieira também aspiravam à harmonia religiosa entre todos (embora convertidos ao catolicismo, é certo).

Usando a expressão legada pelos árabes peninsulares, oxalá se consiga superar as dificuldades e desencantos do presente (dificuldades que vão variando, mas que são sentidas em todas as épocas) e caminhar para esse mundo melhor a que toda a gente, hoje como ontem, aspira.

Como Gedeão, pensamos que “o sonho comanda a vida”. Que é o homem sem o sonho, que o empurra sempre para lá do horizonte, para lá da última fronteira? Há-de haver algures sempre um paraíso por descobrir, pressentido quando se olha o mar ou o firmamento. O sonho, a utopia, vão tomando formas diferentes conforme a época do sonhador, do profeta ou do resolutivo empreendedor, mas afinal, do que se trata é sempre de construir um futuro mais feliz.

PARTE II - Transcrição do manuscrito

Bandarra Descuberto nas suas trovas

*Collecção das Professias as mais notaveis em respeito à
felecidade de Portugal, e Cahida dos maiores Inperios do
Mundo.*

1º tomo

*Copiadas de Seus A.A. no anno
de 1815*

N.B. Esta obra são 7 tomos, não se deixem desincaminhar.

Bandarra descoberto nas Suas Trovas,

***Com a Exposição que em outro tempo lhe fez o Padre António
Vieira.***

Segue-se depois a resposta de um anónimo de mesmo tempo 1759

Escrevia Antonio Vieira a hum seu amigo Bispo, e dipois de provar largamente e com muitas razoins que Bandarra foi verdadeiro profeta, começa dizendo

“Primeiramente profetizou Bandarra que antes do ano de 40 se havia levantar em Portugal huma, a que elle xama tormenta, que foi o levantamento de Évora, e que os intentos desta tormenta havião de ser outros diferentes do que mostravaõ, porque verdadeiramente não para levantar todo o Reino, e que a tormenta havia de ser logo amansada, e que tudo se havia de calar, e que os Levantados não teriam quem os seguisse, como realmente seçudeo, e assim o querem dizer os seguintes versos do sonho 1.^o 191

¹⁹¹ A compilação segue quase *ipsis verbis* a carta do Padre António Vieira ao Bispo do Japão, datada de 29 de Abril de 1659, a começar do terceiro parágrafo e até ao fim. Não se transcreve a parte da compilação que a copia, já que se trata de um texto muito conhecido e a cópia tem muito poucos comentários fora do texto, como se pode apreciar no volume anexo, fotocópia do manuscrito. MT1: 2 a 84.

O próprio Padre António Vieira deu a esta carta, autêntico tratado apologético cujo original está no processo movido pela Inquisição de Coimbra contra o jesuíta, em 1663, pelo crime de heresia, o título de *Esperanças de Portugal/ Quinto Império do Mundo/ Primeira e Segunda Vida de El-Rei D. João o Quarto/ Escritas por Gonçaleanes Bandarra*, título esse escrito na capa do processo. Conforme notas adicionais de João Lúcio de Azevedo em Padre António Vieira, *Cartas*, Lisboa, Imprensa Nacional, tomo I, 1970, p. 574.

Na descrição dos malefícios dos jesuítas, pode ler-se numa sentença do Tribunal da Real Mesa Censória de 9/12/1774 em que proíbem vários livros de carácter sebastianista uma apreciação a este “papel”: “Depois da morte do Senhor Rei D. João IV, fazendo que o seu Sócio António Vieira compusesse o indigno, escandaloso, e Herético Papel intitulado ‘*Esperanças de Portugal; Quinto Império do Mundo*’; com o qual pertendeu mostrar: Que o sobredito Monarca havia de ressuscitar antes do dia da Universal Ressurreição, para nele principiar o Quinto Império do Mundo; por cujo Papel foi castigado pela Inquisição de Coimbra.” Conforme « <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Acervo/>» 14/06/2005.

Segue-se a resposta do Anonimo, e he da maneira seguinte

Satisfação Apologetica

Contra a ideia mais politica do Salomaõ da Lei da Graça,

Credito da Nação Luzitana

o Padre Antonio Vieyra da Companhia de Jesus

sobre o vatecinio “da reçurreição”

do Rey D. Joaõ 4º de gloriosa memoria.

Mostra-se com evidencia

ser outro o Luzitano Encuberto, ou Portuguez redivivo que hade illustrar

este Reyno quando Deos o premettir para desempenho do Profetizado

Lx 1723

*Por A. offerta aos Amantes do Encuberto.*¹⁹²

Acaba a f. 137

Hindo (como costume) por dar ferias a hum contínuo trabalho, com que sobre inconstancias da fortuna lutava o meu pensamento, emtrei em caza de hum Livreyro, para ver alguns livros, que era o meu divertimento costumado; e entre outros, que se me prezentáraõ, me mostrou o dono da caza, que era amigo, hum livrinho dizendo-me que era do Encuberto, o que eu dezejava ver havia muito tempo.

Appliqueio aos olhos, e reconheci ser o Bandarra illustrado, ou hum papel composto sobre a recurreição de el Rey D. Joaõ 4º, que Deos tem. Pareçeo-me dura a proposição, e estranhando-o assim aos circumstantes, me pediraõ quizesse dizer o que entendia sobre ella, prometendo-me dar huma copia semelhante à que via no livro, pois havia muitas neste Reyno,¹⁹³ e o Livro era de hum Ministro, e deficultozo o demoralo.

¹⁹² O autor anónimo desta contestação à interpretação de Vieira tratar-se-á, talvez, de um jurista, a avaliar pelo tipo de argumentação que maneja.

¹⁹³ Com efeito, o próprio Padre António Vieira parece ter distribuído várias cópias desta carta, que foi sendo copiada e correu como folheto avulso, como se indica na edição das suas *Cartas*, Lisboa, Imprensa Nacional, tomo I, 1970, p. 468.

Sugeitando-me pois ao pedido, me déraõ outra copia, e com ella me retirei. Bem sey que naõ he facil ao mocho da serra competir com a voz do Cisne dos nossos tempos, o maior credito do pulpito, o mais luzido engenho, que conheço a nossa idade. Tudo isto he expor a grande perigo, mas naõ o he mais faltar à promessa. Entre estes dois extremos escolho antes o perigo do credito, pois he bem conhecida a minha ignorancia, e venho a perder pouco nesta açãõ, mas muito em faltar à palavra dada.

Direi pois o que sinto sinçeramente, porque destas, que o mundo chama profesias, nunca fiz mais cazo, que das historias da Varinha do Condaõ, e 3 cidras do Amor; porque me persuado que naõ houve Profeta, que as diçese da maneira que hoje se mostraõ. Senaõ que os dezijozos da mudança dos Reynos e dos seculos, sobre o pouco que diçeraõ alguns varoins, acreçentáraõ elles tudo o que o seu dezejio lhe pedia; porque vi algumas, que compostas desta maneyra, para lhe grangearem credito, as fazem axadas no sepulcro de S. Thome na India,¹⁹⁴ e em livros de maõ antiquíssimos como as Oraçoins do Justo Juiz; e outras que sempre fingem axadas em Jeruzalem no Santo Sepulchro em hum caixaõ de xunbo etc.¹⁹⁵

Porem quando vejo hum homem taõ religioso, e sabio, que veneramos em seus escritos como protento, taõ empenhado no credito das ditas profesias, que affirma por couza çerta haver de recuzitar D. Joaõ 4º para cumprimento das mesmas, e das couzas que o dito rey naõ obrou, nem pode obrar outro: affirmo me corri da minha incredulidade, e que me puz a ler o Bandarra, e os mais que cita; e, com sua liçença, tirei deste trabalho 2 propoziçoins que se podem chamar consequencias, e vem a ser - que ou estas profesias naõ saõ de verdadeiro profeta, ou o Autor está enganado com affeição no entendimento e intelligencia dellas. Naõ trato da primeira propozição, porque lhe quero conceder que Bandarra he verdadeiro Profeta; E em favor da segunda direy o que puder, e se naõ for bem açeito, senpre o Leitor desculpará hum necio.

Para proçeder-mos com clareza será neçessário copiar-mos o argumento do Autor da recurreiçaõ (sic), que he o seguinte “Bandarra he verdadeiro Profeta: Bandarra diçe muitas couzas do Rey D. Joaõ 4º que ainda naõ estaõ cumpridas, nem as

¹⁹⁴ Pode confirmar-se esta constatação em D:213/ MT2:42, onde estão transcritos versos achados no sepulcro de S. Tomé em Meliapor que foram tradicionalmente uma das fontes do sebastianismo.

¹⁹⁵ Ao longo da compilação há exemplos das várias formas de granjear crédito às profecias, listadas neste parágrafo.

pode obrar outro; logo he necessário que recuzite D. Joaõ 4º para dar cumprimento a ellas.”

Este argumento, que o Autor quer seja concludente, e taõ concludente que se não possa negar, não me admira tanto o modo delle, como a neçesidade, e força da consequencia, que he tal, que só em virtude della, he necessário que recuzite hum morto.

Este he milagre maior que pode fazer a Dialetica. Vejamos porem se o meu argumento conclue melhor.

‘Bandarra he verdadeiro Profeta; Bandarra profetizou do Reyno de Portugal muitas couzas, parte das quais se cumpriraõ em D. Joaõ 4º, a parte se não cumpriraõ nelle, porque morreo: Logo he necessário dizer-se que Bandarra profetizou taobem de outra pessoa, que hade dar cumprimento à parte das professias, que faltaõ, a qual pessoa está emcuberta, e não se conhece ainda.’

Este argumento parece que se colhe em melhor forma, por quanto mais facil he cuydar-mos nós que não entendemos Bandarra, do que he facil recuzitar hum morto.

Tanto he mais segura esta consequencia que outra; e as professias tem varios sentidos em que se tomaõ; porque ou he literal assim como saõ as palavras, ou alegorico, e em se errando o sentido, se erra taobem o entendimento, e explicação dellas.

Ponhamos o exemplo nos profetas que canonicamente tem aprovado a Igreja; e ainda que me podem arguir do mesmo erro, e de estar provando o que reprovoo, adevirto aos que lerem que o Autor da Recurreição, como taõ clasico, me deu a opiniaõ, e que não faço este discurso mais que para mostrar que pode não ser açertada a sua imaginação, e que podem haver (sic) outros sentidos muito diferentes, e que pareçaõ coherentes com a razão para se não ter como invencivel a demonstração, que elle o seja, querendo persuadir-nos que o Rey D. Joaõ 4º hade recuzitar sem mais prova nem neçesidade que a sua afeição.

Todos a devemos ter a hum Rey, que foi o primeiro para nos pôr em liberdade, e deixou a quietação, em que vivia, por se expor igualmente comnosco aos perigos; porem não he bem nos çeguemos tanto com o amor como o Autor.

Adevirto taobem que não citarey em abono da minha opiniaõ mais que o mesmo Bandarra, e os autores de que Vieyra se serve; nem trarey outras coplas alem das que elle traz com o nome de professias, salvo nas provas em que muitas vezes será

neçessário usar de outras com que estas se aclarem melhor, o que farey com a brevidade possível.

Já conçedi ao Autor que Bandarra he hum verdadeiro profeta, porque se este se hade julgar pelo cumprimento do que diçe, seria contumacia negar que Bandarra falou de D. Joaõ 4º do futuro com tanta certeza como se fallára de perterito. Assim o mostraõ as coplas seguintes.

*Já o tempo desejado
He chegado
Segundo o firmal asenta
Já se cerraõ os 40
Que se ementa
Por hum Doutor já passado
O Rey novo é levantado
Já dá brado,
Já asoma a sua bandeira
Contra a grifa parideira
Lagomeyra
Que tais prados tem gostado.*

*Saya, saya esse Infante
Bem andante
O seu nome he D. Joaõ
Tire e leve o pendaõ
E o Guiaõ
Poderoso, e triunfante
Vir-lhe-hao novas diante
Em hum instante
Daquellas terras prezadas
As quais estaõ declaradas
E afirmadas
Tello por Rey em diante.*

Porem querer o Autor que todos os sonhos do Bandarra fallem do Rey D. Joaõ parece engano da sua afeiçaõ; porque antes, e depois d'elle, trataõ muitas couzas que se entendem de outra maneira muito diferente do que o Autor quer; como hiremos mostrando, e a mesma contrariedade do argumento do Autor servirá de prova ao nosso. Principia Vieyra as provas com estes versos do Bandarra.

*Este Gran Rey exçelente
De quem tomei minha teyma
Naõ he de casta goleyma
Mas de Reys Primo, e Parente.*

Este Rey exçelente quer elle que seja D. Joaõ 4º assim por ter sido Duque de Bragança, a quem se devia Exçelencia, por ser neto de D. Catherina, e que por isso lhe chama Bandarra exçelente. E taobem porque tomára Bandarra teyma com elle, e por naõ ser da Caza de Austria, que quer se entenda pela casta goleyma por serem grandes comiloins. Primeiramente Bandarra neste seu principio naõ inculcou Rey algum particular, somente fez hum perludio, em que deu razãõ da sua professia se dever entender de Portugal e sucessos d'elle, descrevendo o Reyno e o Rey, que no seu tempo vivia; e a razãõ está clara a quem ler os versos seguintes de Bandarra.

*Forte dito he Portugal
He nome muy excelente
Rey do cabo do Poente
Sobre todos principal.
Naõ se axa seu igual
Rey de tal merecimento
Naõ se axa segundo sento
De Poente a oriental.
Portugal he nome inteiro
Nome de macho, se queres
Os demais saõ de mulheres
Como ferro sem azeyro.
Senhorea Sua Alteza
Todos os portos viagens*

*E será Rey das passagens
Do mar e sua riqueza
Este gran Rey exçelente
Com quem tomei minha teyma
Naõ he de casta goleyma
Mas de Reys Primo e Parente.*

Conforme a estes versos do Bandarra quem bem os considerar verá que lhe naõ veyo ao pensamento ainda agora tratar do Rey D. Joaõ 4º, nem aquelas coplas “este gran Rey exçelente, com quem tomei minha teyma” se devem entender do dito D. Joaõ 4º, senaõ por Portugal, e pelos Reys que nelle tinhaõ reynado, e reynaraõ: e ainda que o nome esteija no singullar, quando se entende pelo Reyno, assim se deve pôr. Porque, quando dizemos que os Reys de França, ou Reyno de França he Christianissimo, e obbediente à Igreja, ou lhe queremos denotar alguma outra exçelencia, naõ temos neçesidade de dizer os Reys no plural, se naõ dizer o Rey de França he christianissimo no singular; e se quizer-mos dizer os Reys de Portugal saõ Senhores do Mar, taobem diremos o Rey de Portugal he Senhor do Mar: e este nome Rey neste sentido naõ denota particular pessoa, se naõ o Officio. E como Bandarra quis mostrar que profetizava do Reyno de Portugal, e naõ de outro algum, conta-lhe suas exçelencias, e que a sua teyma, que he o mesmo que as suas professias, se hande emter de Portugal, e por esta cauza diz “ Este gran Rey exçelente com quem tomei minha teyma” para que naõ se entendese que profetizava elle de outro algum Reyno da Christandade.

Maiormente que vemos na trova imediata antes desta diz “Senhorea Sua Alteza todos os portos viagens; e será Rey das passagens do mar, e sua riqueza”. Até aqui naõ se acha que falle em algum Rey particular, mais que descrever as grandezas, e particularidades do Reyno a quem chama Alteza, e Rey das passagens; e esta Alteza, e Rey que nomeia he o mesmo de que falla quando diz “Este gran Rey exçelente com quem tomei minha teyma” por que (a) relativa “este” se refere ao nome mais proximo que tinha nomiado, que he o Reyno, e Rey de Portugal o prezente.

Nem esta palavra exçelente, como quer o Autor, denota em particular D. Joaõ 4º, ainda que se lhe dava Exçelencia, porque esta palavra corresponde à outra do principio que diz Bandarra no 2º verso da 1ª copla “Forte dito he Portugal he nome muy excelente” e por esta razãõ fallando do Rey lhe chama exçelente; e nem porque applica este adgetivo a Portugal se segue que o Reyno tem exçelencia, e da mesma

maneira se não segue dizer “ este gran Rey exçelente” falle do Rey D. Joaõ 4º por ter exçelencia.

Comenta o Autor aquelle verso “Naõ he de casta goleyma” e se entende pela caza de Austria com quem D. Joaõ 4º não tinha parentesco. Primeiramente não havia o Profeta declarar por taõ indigno nome huma caza taõ illustre, e do melhor sangue da Christandade, que tantos Prinçepes, Reys e Monarchas tem dado ao Mundo.

Em 2º lugar não podemos entender que os Senhores della vivaõ ao commum uso daquellas gentes, posto que de natureza Alemains; muito melhor parece que este nome Goleyma signifique, ou seja algum adgetivo que naquelle tempo em que Bandarra escreveo se uzase para significar couza baixa, ou inutil, e que depois o mesmo tempo foi fazendo esquecer, e se veio a desuzar neste nosso, como suçede a todas as couzas do mundo, e muito principalmente nas palavras.¹⁹⁶

E mais parece conveniente que esta palavra Goleyma signifique casta baixa por contraposição à geração alta, e generosa de que diz deçenderem os Reys de Portugal, do que se entenda pela Caza de Austria, como se vê dos versos “Naõ he de casta goleyma mas de Reys Primo e Parente”, o mesmo que dizer – não he de casta humilde, e baixa, mas parente de Reys, e Prinçepes, de que deçende.

Continua o Autor da reçurrecção trazendo para o seu intento esta copla

*Veijo, veijo, digo veijo
Agora que estou sonhando
Semente do Rey Fernando
Fazer um grande despejo*

*E sahir com gram dezeijo
E deixar a sua vinha*

¹⁹⁶ Os homens do Norte consumiam, em geral, maior quantidade de calorias do que os mediterrânicos, mais frugais. Na descrição das privações que passavam os tripulantes das naus quando as viagens se alongavam para além do previsto, os cronistas dos descobrimentos referem que os flamengos e alemães passavam pior que os homens do sul, por necessitarem de mais alimento.

O autor procura uma explicação linguística para a dificuldade na interpretação da palavra *goleyma*. Esta noção é basilar para a apreensão da figura do rei de que trata a profecia e serviu a Vieira para afastar a hipótese sebastianista da personagem esperada, que não é de “*casta goleyma*”. Agora há que rebater esse argumento, demonstrando que *goleyma* não tem a ver com alemães; terá a ver com classe baixa, parece ao autor. Mas como não está seguro, avança com a hipótese de ser uma palavra que mudou de sentido desde o tempo de Bandarra. *Guleima*, palavra hoje em dia pouco usada, ainda tem o significado de *gula* registando-se na nossa língua desde 1524, conforme Houaiss, *Dicionário da Língua Portuguesa*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.

*E dizer esta casa he minha
Agora que cá me veijo.*

Estas coplas, dis o Autor que se entendem por El Rey D. Joaõ 4º que he de semente do Rey D. Fernando por ser deçendente só do Sr. Infante D. Duarte filho do Rey D. Manoel, e Neto de D. Fernando: porem bem considerados estes versos significaõ outra couza diversa, outra diferente pessoa, e outro diferente tempo do que a era de 40, e ao sugeito do Rey D. Joaõ 4º de quem Bandarra diçe os versos que começaõ “Já o tempo dezejado he chegado.” Isto querem mostrar as palavras “veijo veijo, direi veijo [...] agora” como quem diz tenho-vos mostrado esta grande maravilha que hade haver no anno de 40; materia capasissima, e dignissima de minhas professias pela feliz aclamaçaõ do Rey D. Joaõ, e seus gloriozos suçessos, mas agora veijo que semente do Rey Fernando faz hum grande despeijo, e diz esta Caza he minha, pois agora ca me veijo.

Estes dois “agora” repetidos, naõ só mostraõ a diferença das pessoas, mas taobem a deversidade do tempo; e como o Autor quer que Bandarra seja verdadeiro Profeta por força hade conçeder que nem huma palavra sua he ocioza, e conforme a isto os dous “agora” naõ foraõ para encher o verso, mas por hum alto misterio com que trata de outra pessoa, e de outro tempo, como se diçera “veijo agora outra pessoa, que he semente de Fernando”, e que diz “despeijame esta Caza, agora que me veijo nella”; que demonstra outro anno diferente do anno de 40.

Os Poetas em Latim chamaõ-se vates, e vates no mesmo idioma quer dizer Profeta. Os Profetas vaticináraõ como poetas, e os poetas talvez escrevesem professias; assim o diz hum delles; e Virgilio cantou a sua Eneida dizendo “ Até agora vos cantei a vida dos pastores, depois, levantando-me mais, cantei como se haviaõ cultivar as terras; e agora cantar-vos-hei os espantozos feitos de Marte, os suçessos da guerra, e a viagem ademiravel daquelle varaõ, que sahindo de Troya, fundou Roma.” Este “agora” de Vergilio me parece o mesmo “agora” de Bandarra, e que imitou o estillo de Mantuano “Conto-vos a mudança do Reyno de Portugal, e a liberdade delle por hum Infante que se hade aclamar Rey, e os suçessos que hade ter na guerra com Castella; mas – agora – veijo hum varaõ grande que hade obrar couzas grandes, e de maneira que mereça o nome de Liaõ, como declara na copla seguinte.

Veijo erguer hum gram Liaõ

*E dar muy grandes bramidos
Seus brados seraõ ouvidos
E a todos espantaraõ.*

Deve-se notar que taobem nesta Copla insinúa pessoa diversa; porque se houvera de fallar de D. Joaõ 4º, que he a mesma pessoa, que profetizou, naõ tinha neçesidade de pôr aquella particula “hum” porque esta contem esencialmente diversidade daquella pessoa de quem se trata: como se diçeramos Pedro fará isto, e isto, e hum varaõ fará estoutro. Já aquelle “hum” denota diversa pessoa de Pedro: e he de notar que nunca Bandarra, emquanto fallou do Rey D. Joaõ, lhe chamou Liaõ, senaõ Infante, Rey novo, D. Joaõ; e aqui falla em Liaõ; e he nome que todos os Profetas daõ ao Emcuberto.

Esdras no Livro 4º sicut vidisdi et Leonem, e S. Izidoro fallando do mesmo Emcuberto diz assim

*Viene de guerra, e de paz
El Bisneto de Manoel
Nadie se burle con el
Que este Leon es sanudo
En la paz blando, e sezudo
En la guerra muy cruel.*

A Profesia de S. Thome tem “ Ascendit in Hispania Leo”

O Monge Aragonez “ Saldra sin tener remedio el Lion aprizionado”

A Sibila Erithreia “Leo confringet Regionem Aziae, ut conterat capita bestiae”

De sorte que todos aquelles, a quem damos nome de Profetas, chamaõ ao Emcuberto Leaõ, nome que o Bandarra nunca deo a D. Joaõ 4º, e he signal evidente de naõ ser elle o Emcuberto.

Deixamos truncada a explicaçaõ daquella copla

*Veijo, veijo, [darei]veijo
Agora que estou sonhando
Semente do Rey Fernando
Fazer um grande despejo*

Resta provar-mos quem seja a semente do Rey Fernando, porque com isto ficará mais clara a intelligencia da Professia.

A semente de hum graõ, ou pevide que se cria na fruta e nace della, que contem virtualmente em si o tronco daquella arvore de quem he semente, o dilatado dos ramos, a vestidura das folhas, o cheiro das flores, o gostozo do pomo com sua superfície e medula; de sorte que o tronco, os ramos, as folhas, a flor, o fruto tudo concorre para a produção daquella semente que hade representar e reproduzir a mesma arvore, que de outra maneira não podia conter em si virtualmente toda aquella arvore de que nação para naturalmente reproduzir, nem podia ser semente daquella arvore se toda com todas as suas partes não concorresse em sua produção: e por esta razão o Rey D. Joaõ 4º não pode ser semente do Rey D. Fernando por ser hum de seus predeçesores o Infante D. Duarte. Os outros ramos de que proçede não são do mesmo tronco. Forçamos a neçesidade da razão a querer-nos dizer (ainda que não entendamos o fim) que só o Rey D. Sebastiaõ no mundo pode ter nome propriamente, e ser verdadeira semente do Rey D. Fernando; e para prova disto eu mostro brevemente a deçendencia deste Rey.

O Rey D. Fernando, o Catholico, teve da Rainha D. Izabel, sua mulher, hum filho, e 4 filhas. O filho foi o Principe D. Joaõ, que cazou com Margarita da Austria, e morreo sem filhos, por isso não temos que tratar delle.

As filhas foraõ D. Izabel, D. Joana, D. Maria, e D. Catherina. Ora D. Izabel cazou com o Principe D. Afonso de Portugal, e não teve filhos; cazou 2ª vez com o Rey D. Manoel, e morreo deixando o Principe D. Miguel, que morreo pouco depois della, e não temos a tratar da sua deçendencia.

D. Catherina cazou com Henrique 8º de Inglaterra, que a repudiou, tendo já della sua filha D. Maria, que veio a reinar, e cazou com Felipe Prudente, e emfim morreo sem filhos.

Restaõ somente 2 ramos deste tronco, que são D. Joana e D. Maria.

Esta D. Maria cazou com o Rey D. Manoel, e de ambos nação o Rey D. Joaõ 3º Avo do Rey D. Sebastiaõ, e Neto do Rey D. Fernando, e cazou com D. Catherina Avó do Rey D. Sebastiaõ, e Neta do mesmo Rey D. Fernando por ser filha de Joana e Felipe, como diremos. Deste Matrimónio nação o Principe D. Joaõ, bisneto do rey D. Fernando e Pay do Rey D. Sebastiaõ, o qual Principe D. Joaõ cazou com D. Joanna bisneta taobem do Rey D. Fernando, e May do Rey D. Sebastiaõ.

Resta seguirmos o outro ramo deste tronco que foi D. Joanna, filha do Rey D. Fernando. Esta cazou com Felipe de Austria Conde de Flandres, della naçeraõ Carlos 5º e D. Catherina ambos netos do Rey D. Fernando, ambos Avos do Rey D. Sebastiaõ. Carlos 5º sendo Neto do Rey D. Fernando por ser filho de D. Joanna, e Felipe, cazou com D. Izabel de Portugal taobem Neta do mesmo D. Fernando por ser filha de sua filha D. Maria, e do Rey D. Manoel. Deste Matrimonio de Carlos com Izabel naceo D. Joanna bisneta do Rey D. Fernando que cazou com o Principe de Portugal D. Joaõ bisneto taobem do mesmo D. Fernando, e foi May do Rey D. Sebastiaõ. De sorte que os 4 Avos do Rey D. Sebastiaõ saõ todos netos do Rey D. Fernando, e o Pay e a May ambos bisnetos do mesmo, couza que raras vezes, ou nunca, se achará em alguma geraçaõ do Mundo,¹⁹⁷ e com isto facilmente se pode julgar a analogia que tem com o rey D. Sebastiaõ o nome de semente de Fernando, pois concorreraõ nelle para produzir esta semente o tronco, os ramos, as folhas, e as flores.

D. Fernando como tronco de Manoel e de Maria; D. Felipe e D. Joanna como ramos; D. Joaõ e D. Catherina, D. Carlos e D. Izabel como folhas deses ramos; Como flores aquellas duas da natureza homana o Principe D. Joaõ e D. Joana flores pela brevidade da vida, flores pelo cheiro de suas virtudes, e de nobreza do mais claro sangue que vio a Europa nem produzio o Mundo, das quais flores naceo o pomo suave D. Sebastiaõ, em que se conservou a semente do Rey Fernando.¹⁹⁸

Nesta materia de D. Sebastiaõ não creio de fé, porem creiam os que isto lerem, que, se esta copla de Bandarra he certa, rialmente falla do Rey D. Sebastiaõ; porque só elle no mundo pode ter propriamente o nome de semente do Rey D. Fernando pelas razoins que já diçe; porque o Rey D. Joaõ 4º não teve, nem pode ter esse nome, só pelo inxerto de D. Duarte que se fez na Caza de Bragança, tendo em tudo o mais dois ramos as geraçoins muito diversas, posto que todas altas e generozas, que não refiro aqui por

¹⁹⁷ Foi política da Casa de Avis casar príncipes e infantes na mesma família. O entrelaçar de matrimónios com descendentes das monarquias peninsulares acabaria por levar à monarquia dual sob os Filipes. Podia ter acontecido uma União Ibérica sob a égide de um rei português, se do casamento do príncipe D. Afonso com D. Isabel, filha mais velha dos Reis Católicos, tivesse havido descendência (sobrevivente ao tio materno que não chegou a reinar em Espanha), ou se o primogénito do Venturoso, D. Miguel, o herdeiro jurado dos dois reinos ibéricos, não tivesse morrido na primeira infância.

¹⁹⁸ Note-se a elegância do enunciado relativo à definição de semente, feliz na escolha das palavras, escoreito na argumentação e correcto do ponto de vista da botânica. A comparação com a genealogia é simpática e está bem fundamentada. Pena é que a repetição das explicações acabe por tornar penosa a leitura da genealogia de D. Sebastião. Neste parágrafo pode ser apreciado o engenho do discurso que o autor maneja bem. A agudeza do estilo com a utilização de jogos de conceitos em correspondência simétrica, recurso a analogias e o aprimorar de frases e ideias demonstra características do barroco. Ver, entre outros, António José Saraiva, *O Discurso Engenhoso. Ensaios sobre Vieira*, Lisboa, Gradiva, 1996.

serem bem notorias. E digo mais que o Rey Felippe de Castella, nem seus filhos, não foram tão propriamente semente do Rey Fernando como o Rey D. Sebastião, porque os Felippes, posto que se não appartaraõ muito daquelle tronco, por se hirem aparentando em Alemanha seus Pays, e Avos, com tudo os Asçendentes não conserváraõ os grãos do parentesco tão proporcionados como foraõ os da deçendencia de Portugal até D. Sebastião como se pode ver da arvore que fizemos. Quanto mais para tirar toda a duvida o mesmo Bandarra declara que esta semente do Rey D. Fernando hade ser de Portugal na copla 103 quando diz

*Aquelle gram Patriarca
No lo mostra, e está fallando
E declara o gran Monarcha
Ser das terras e comarca
Semente do Rey Fernando.*

Este Patriarcha se entende por S. Izidoro, quando claramente diz

“Sale de paz e de guerra el bisneto de Manoel”

e não pode ser bisneto de Manoel algum hoje no mundo senão o Rey D. Sebastião,¹⁹⁹ e pela mesma razão 3º Neto do Rey D. Fernando. Taobem declara S. Izidoro nas outras coplas

“Y será dos vezes dado por Rey a los Luzitanos.” Resta explicarmos os versos que faltaõ.

*Fazer um grande despejo
E sahir com gram dezeijo
E deixar a sua vinha
E dizer esta casa he minha
Pois agora cá me veijo.*

Comenta o Autor que este despeijo hade ser quando o Rey D. Joaõ 4º, depois de recuzitado, tirar muita gente de Portugal para a guerra do Turco, e o deixar quazi

¹⁹⁹ São bisnetos de D. Manuel, pelo menos, Filipe II e os vários filhos do Prior do Crato. Também na casa de Bragança ficaram bisnetos de D. Manuel I. Mas em 1723, realmente, já não haveria “bisnetos de Manuel”.

despovoado e que entrando em Constantinopla hade dizer “esta caza he minha pois agora ca me veijo”.

Com lição pois do Autor digo que o despejo da caza, que he propria da semente do Rey Fernando, não se pode entender pela gente, que se tira, senão pela que se deita fora, nem taobem pela caza do Turco. Portugal foi a Caza do Rey D. Sebastião, e por sua larga abzencia a occupou por força, e o Rey D. Joaõ 4º por direito na morte, ou abzencia do Rey D. Sebastião: este he o despejo que elle hade fazer quando vença com a justiça e a rezaõ de ser a caza sua, e enquanto elle for vivo não a pode possuir outro. Esta he a fraze que uzamos quando algum se introduz na pose da caza, ou herdade que pertence a outro por que dizemos “despeija esta Caza, que he minha”.

“Sahir com gram dezeijo e deixar sua vinha”

He o mesmo que deixar o lugar em que até agora está retirado o Emcuberto, e a este o chama Bandarra vinha com grande propriedade aludindo às palavras de S. Methodio Bispo de Antioquia que dis nas suas Professias “Despertará hum Rey com grande furor como de vinho, a quem os homens tinhaõ por morto” e para mostrar o deseijo e furor com que hade vir o faz taobem Bandarra sahido da vinha.

Pois agora cá me veijo

Este verso taobem está conceituozo. O Rey D. Sebastião perdeo a posse do seu Reyno e caza pelo não verem em Portugal e o terem por morto; e por não o verem no Reyno: ora quando o virem, e elle se vir em Portugal dirá quem a caza he sua, e por isso o Profeta diz com muita energia Pois agora cá me veijo.

Taobem aquellas coplas que o Autor tras do mesmo Bandarra nos estão informando com que afirmamos esta, e saõ ellas:

*Já o Liaõ he desperto,
Acorda anda caminho
Çedo tirará do ninho
O porco; e he muy certo,
Fugirá para o dezerto
Do Liaõ e seu bramido*

Mostrando que está ferido

Dese bom Rey Emcuberto.

Com esta copla fica claro que o despejo que o Rey hade fazer não he de Constantinopla, e terras do Turco, porque a este chama porco, e se o Emcuberto já lhe tivera tomado a caza já não tinha neçesidade de o tirar do ninho; mas o intento principal para que o trago he para mostrar que estes nomes de Liaõ, e de Rey emcuberto nunca os chamou Bandarra ao Rey D. Joaõ 4º, porque se em algum tempo tinha razão de lhe chamar Emcuberto, era na sua feliz aclamação; e ainda alguns se enganáraõ com elle pelo verem emcuberto na caza de Bragança, e no mesmo Reyno sem mostrar no exterior desejos de se restituir a seu Direito conservando-os sim no interior que isto he verdadeiramente cubrir, e ser emcuberto. E quando nesta ocaziãõ Bandarra lhe não chama este nome, que ocaziãõ teve depois D. Joaõ em toda a sua vida para o merecer?

E se dizer o Autor que o Emcuberto alude à sepultura em que está depois de morto, taobem não ademito; porque elle na sepultura está clara e patentemente morto, e enterrado; e emcuberto vem a ser propriamente quando hum homem com o nome de morto, não o está actualmente, mas emcuberto; e disfarçado vive em outra parte.

O Rey D. Joaõ IV directamente foi precursor do Emcuberto, assim como o S. Joaõ o foi do Messias; este nome lhe quadra bem assim por ter elle o de Joaõ, como pelo officio de vir diante por si, e seus Netos preparar-le o Reyno, e isto quer dizer o Monge de Aragaõ naquellas palavras “Este, que otro le tendrá su partido como amigo, e mil vitorias haverá” E assim como muitos dos Judeos se enganáraõ com S. Joaõ Baptista tendo-o por Messias; assim dos Portuguezes se enganáraõ muitos com o Rey D. Joaõ principalmente o A. Vieira julgando-o pelo Emcuberto, mas faltáraõ-lhe os signais que são as vitorias do Turco, e liberdade da Igreja com a recuperaçãõ da terra Santa.

Apertemos mais a explicaçãõ desta copla “ Çedo tirará do ninho o porco, e he mui çerto” Dis o Autor que este ninho se entende por Italia, aonde o Turco hade ter feito o ninho; e eu, com sua liçença, digo, que este ninho mais parece que se entende por Constantinopla, e seu serralho, aonde elle está como em ninho, sem ver, nem se deixar ver de alguem mais que de suas mulheres, e Eunuchos com quem passa a vida

*como porco; e há muitos annos que o Turco não faz guerra por si, mas pelos seus Baxas, e Capitains.*²⁰⁰

A metáfora do ninho está muito bem trazida pelo Bandarra tirada do que succede às aves quando estão no ninho, ou chocando os ovos, ou criando os filhos que não sahem fora do ninho, nem alguém os vê; e da mesma metáfora uzamos quando algum homem sahe poucas vezes de caza, e dizemos delle “F. sempre está chocando os ovos”. Mas não he isto o que toca ao meu intento, o que mais convem he a explicação dos dois ultimos versos “Mostrando que está ferido dese bom Rey Emcuberto”.

Comenta Vieira que o Rey D. Joaõ 4º depois de recçuzitado, na batalha que der ao Turco, o hade ferir, facilmente o entenderão todos. A verdadeyra explicação destes versos de Bandarra entendendo-se que o Rey D. Joaõ 4º era o Emcuberto, de que até agora tratava, e hia tratando, havia dizer no verso “Mostrando que está ferido dese bom Rey Emcuberto” e não diria “dese bom Rey Emcuberto” estas palavras “este” e “esse” são relativas, e referem-se às pessoas de quem se falla: se a pessoa he a mesma de que até entãõ se tinha fallado, forçozamente em boa language havemos de dizer “este” Logo se Bandarra não diz “dese Bom Rey” senãõ “dese bom Rey” denota diversa pessoa daquella de que tratou desde seu principio, e não se deve entender do Rey D. Joaõ, senãõ de outro que depois delle hade vir, e de quem elle foi percursor. Continua o Autor as provas dando explicação às trovas seguintes.

*Veijo sahir hum Fronteyro
Do Reyno detras da Serra
Dezejozo de pôr guerra
Esforçado Cavaleiro
Este será o primeiro
Que porá o seu pendaõ
Na cabeça do Dragaõ
Derruba-lo-há por inteiro.*

Comenta o A. Vieyra que este Fronteyro he Joaõ Mendez de Vasconçelos, que veyo da Provincia tras os Montes a governar as armas do Alemteijo, e foi sitiar

²⁰⁰ O Império Otomano, que no século de Bandarra ameaçava a Europa, em 1723 (época em que autor do texto copiado escreve) já não suscitava grande preocupação aos europeus ocidentais. A época de expansão, cujo apogeu coincide com o reinado de Solimão, tinha passado.

Badajos; e que taobem lhe dizem que veyo outro Fronteyro de França pelo qual se poderá intender: (pareçe aquelle jogo – adevinha quem to deo.)

Algumas vezes considerey que assim como se pegavaõ os males ao corpo pela conversação e trato particular que tinha com algum homem enfermo delles; assim taobem se podiam pegar defeitos ao entendimento pela communicação contínua com os barbaros, e me perçuado que pode seçuder: As razoins que tenho para isso deduzirei brevemente.

He çerto que o maior castigo que se pode dar a hum entendimento grande he fechalho em huma caza com hum necio, e que não converse com outra pessoa: Apertado o entendimento de se ver reduzido a estes termos, ou hade desesperar; ou acabar no objecto em que está. Mas como a Providencia da natureza em conservar suas espeçes, e individuos, não falta com os meios neçessários, deixou hum para este cazo que he accomodar-se aquelle intendimento grande à incapacidade do outro com quem por neçesidade conversa para com isto remover o perigo que o amiaça; e daqui proçede que aquelle juízo desacostumado da elevaçã dos discursos se vem quazi a esquecer delles, e lhe fica como natural o discorrer como aquelle com quem conversa. Não sei a que propozito meti este pensamento, o Leitor me desculpará esta, e as mais faltas.

Naõ he para crer (tornando ao asunto) que profetizando Bandarra couzas que haviaõ obrar famosos Reys, se occupase em particularizar huma couza taõ miuda como hir Joaõ Mendez a Badajos, aonde Portugal, senaõ teve maior pezar, porque o desviou a providencia do General, reçebeo a maior perda que até entaõ tinha reçevido. Nem he menos de considerar que se occupase Bandarra em profetizar a vinda do Frances, que até agora não foi de espanto por mais santopeyas que nos mandou.

E senaõ diga-me, que Dragaõ he este? Em cuja Cabeça o General Joaõ Mendes pos o pendaõ, e o derribou por inteiro? O pendaõ pos se em Badajos, Badajos não he Dragaõ, Badajos não foi derribado, ficou em pe livre do sitio que se lhe poz com o nosso Exercito destruido, senaõ com a guerra, com doenças terriveis. Sobretudo Joaõ Mendez não foi o primeiro que quis expugnar Badajos; porque antes, e primeiro que elle o intentáraõ o Conde de Óbidos, e depois o Conde de Castello Milhor; e o de S. Lourenço no de Olivença; como logo se podem entender estas coplas desta açãõ, nem deste Fronteyro?

O que pareçe mais çerto he que estes versos se entendem à letra do mesmo D. Joaõ 4º porque elle foi o Fronteiro de tras da serra, com dezejios de fazer guerra, esforçado Cavaleiro, e valente como era. Elle pos o pendaõ na Cabeça do reyno de

Portugal que he Lisboa, e sem golpe de espada, nem bote de lança o derribou todo a seus pes, que o veio adorar reverentemente como a Rey, e senhor seu natural, que era, sem haver pessoa que puzese dúvida ou fizese rezistencia. Aclaremos mais esta opiniaõ.

Dis Bandarra que “sahirá hum fronteyro do Reyno de traz da Serra”

Nas coplas que referimos acima que o Rey D. Joaõ 4º há de ser aclamado, nomeya o tempo, e diz que hade ser no anno de 40: declara a condiçaõ por que lhe chama Infante “Saya, saya esse Infante” nome que quadrava bem ao Rey D. Joaõ enquanto Duque de Bragança, porque he deçendente do Infante D. Duarte, e do Duque D. Jaymes de Bragança, que foi jurado por Princepe do reyno de Portugal, quando o Rey D. Manoel, sem ter filhos, foi a Castella, e por essa razaõ lhe deu o Rey o banco de pinchar de ouro, que lhe atravessa a orla do escudo de suas armas, como traziaõ entaõ os mais Infantes do Reyno, e se conservou até agora nas armas desta caza.²⁰¹

Chegou mais Bandarra a explicar-se tanto que lhe manifestou, e fez publico o nome “ o seu nome he D. Joaõ” e naõ satisfeito com todas estas circunstancias, lhe pareceo taobem neçessário declarar o estado de que era Senhor, que he de Bragança, Cidade situada na Provençia de tras os montes na fronteira do Reyno; e por isso dis “Veijo sahir hum Infante do Reyno de tras da Serra.” Continua que este será o 1º que levantará o pendaõ em Portugal, que he o mesmo que ser Senhor delle.

E que se entenda pelo Dragaõ o Reyno de Portugal, e pela Cabeça do dragaõ Lisboa, Corte do Reyno, naõ há quem duvide; pois os Reynos entre os Profetas, e ainda entre muitos Escriitores, se nomeiaõ, e conhecem pelas armas de que uzaõ, como entendemos pelas Águias o Imperio, pelas Lizes a França, pelo Liaõ a Castella, pelas barras Aragaõ, porque suas armas se compoem destas mesmas couzas. E pelo Juramento do Sr. D. Affonso Henriques consta que mandou que por timbre das armas de Reyno se puzese a serpente de Mouzes que levantou do dezerto contra as mordeduras das outras serpentes, que figura a Christo Nosso Senhor, e por que Serpente, e Dragaõ vem a ser o mesmo, e se entende por elle o Reyno de Portugal, e naõ Badajos, nem outro algum Reyno da Europa.

²⁰¹ Durante a 2ª Dinastia os Duques de Bragança tiveram tratamento equiparado ao de Infante de Portugal e a primazia entre os outros nobres. Os titulares e primogénitos da casa de Bragança eram conhecidos só pelo nome próprio, antecedido de Dom, sem que fosse necessário mencionar apelido. Não se lhes applicou a Lei Mental e sempre se mantiveram próximos da Casa Real, consorciando-se com infantes, até formarem a sua própria dinastia.

Mas o que nestas coplas he mais digno de reparo são aquelles versos “Este será o primeiro que porá o seu pendaõ” aquella palavra primeiro denota neçesariamente que hade haver o 2º que ponha o pendaõ na Cabeça do dragaõ, como taobem a palavra 2º com a mesma neçesidade supõe 1º porque são relativos, e naõ se pode achar hum sem outro. Bandarra dis que D. Joaõ hade ser o 1º que hade reinar em Portugal depois da sugeiçaõ de Castella; logo entendese que hade haver outro que reine no mesmo Portugal depois delle; e naõ só Bandarra, mas muitos outros, que tem nome de Profetas, fallaõ neste pensamento.

Que seja este 2º, que se refere áquelle 1º, provavelmente o que temos por Emcuberto, he sem controversia; pois do seu zello ardentissimo, e outras virtudes maiores podemos entender serem meritorias para que Deos o tenha guardado para esta empreza.

Em çerta occaziaõ mandou ao Rey D. Sebastiaõ (que he o Emcuberto que esperamos) o Pontifiçe Romano que escolhese o titulo que quizesse para se nomiar, assim como os Reys de Castella tinhaõ o de Catholico, e os de França Christianissimo; respondeo que elle naõ queria outro mais que obbedientissimo à Igreja Catholica. Corria em 5ª feira de Indoenças à noite as Igrejas com a devoçaõ que custumaõ os Reys de Portugal, quando se lhe pôs diante huma mulher, e lhe diçe “Senhor pela morte e paixãõ de Christo cuja memoria çelebramos hoje peço a V. M. me solte meu marido que está condenado a Gales por ser culpado de huma morte”. Viose o Rey inclinado por huma parte pela Paixaõ de Christo, de que era devotissimo, e pela outra obrigado pela observancia da Justiça, e naõ sabia o que fizese. Rezolveo-se em deferir o despacho para depois da festa; mas a mulher teimou descubrindose, e dizendo que era igualmente moça, e formoza, que esperava S. Alteza considerase o perigo que corria sua honestidade sendo pobre abzente de seu marido em tal idade, e morando em Lisboa. – Respondeo-lhe o Rey “tendes muita razaõ” e mandando pedir hum tinteiro, à luz de huma vella, das que os meninos costumam pôr nos sepulcros(?), que fazem pelas portas, mandou que naquella mesma hora, e noite, se soltase o marido, e se entregase a sua mulher. – No outro dia mandou xamar as partes e as compos generosamente de sua fazenda. Veijaõ agora os que isto lerem se sobre tais fundamentos seguidos de tantos annos de penitencia, poderá Deos levantar o edeficio da liberdade da Igreja!

Se contudo me diçerem que lhe naõ faltáraõ defeitos assim como de sua natural altivez, como de descuido no governo do Reyno: Respondo que isso mesmo he o de que

se está purificando. Por que vive, e está capaz de merecer para que se entenda nelle o verso do Bandarra “Deos o fez todo perfeito dotado de perfeição” Porem não faltam duvidozos do cumprimento destas professias na pessoa do Rey D. Sebastião, mas com tão debil fundamento como he dizerem que não pode ser vivo, por hir já correndo por cento e tantos annos de sua idade a) Já fica dito que este papel foi escrito em 1723; e quanto vai já a 1815?

Bem sabem os Juristas que emquanto não consta da morte de alguma pessoa; sempre se presume viva.

Tem suas limitações que fazem contra o Autor como he haver entrado em Batalha, e todos conhecem que naturalmente pode viver hum homem sem se ter por milagre cento e trinta annos, e mais, como hum Bando do qual dis Plinio, e Valerio Maximo, que viveo 500 annos. Caynan, filho de Arphaxad 460. Heber, Patriarcha, 464. Ricardo, estribeiro de Carlos Magno, 400. S. Severino, Bispo de Tongres, 375. Hum Indio, em Bengala, 335. Pitorio de Etholia 300, e o Philozofa Hermetico muitos seculos. (Blutheau Verbo Macrobios.) Maiormente sendo aquelle Príncipe de compleição exçelente, dotado de huma natureza robusta, e acompanhado de tantas forças que se julgavam monstruozas, em cujo abono fez por seu braço tais façanhas nos campos de Alcaçere que se não fora o officio de Rey, e a obrigação de General, que lhe não pertencia tanto pelejar, como mandar, conseguira huma fama imortal.

E ainda entendo que o fim que Deos teve para mostrar aos Portuguezes na India dous Gentios de idade monstruoza de mais de 300 annos em diversos tempos hum em Dio, outro em Goa, foi querer animar à confiança dos Portuguezes para se não espantarem com a longa idade deste Principe vendo sem milagre o exemplo daquelles Gentios. Em o Brazil consta que vieraõ buscar aos veneraveis Padres Joze de Anchieta, Joaõ de Almeida e Joaõ Lobato muitos que, supposto não constava ao certo de sua idade, por faltar a esta gente a conta dos annos, em seus aspectos pareciaõ huns cadaveres vivos, que caminhando de mais de duzentas legoas pelas brenhas occultas e asperas do sertão, trazidos da força da predestinação, vinhaõ suspirando pelo Baptismo; porque os meios della hande encher-se sem respeito à breve, ou longa idade.

O Autor da Reçurreição asigna o tempo em que hande começar estas felicidades de Portugal, mas ainda que eu tenho por mim a authoridade do Bandarra, que o Autor tem por verdadeiro Profeta, e elle parece o asignala em diferentes coplas; não me

atrevo a por limite aos Decretos de Deos, e às suas mizericordias, que porá os olhos na deçendencia atenuada quando, e como for servido, na pessoa que tem determinado.

O Bandarra dis na Copla 97 “trinta e dois anos e meio haverá signais na terra” e muitos entenderão esta professia dos annos que Portugal esteve sugeito a Castella, no qual tempo se libertou pela felis aclamação do Rey D. Joaõ 4º; mas quem nos diçe a nós que não fallou o profeta do anno de 730, como em outro papel expliquey? O mesmo Bandarra na Copla 129 respondendo às perguntas que se lhe fizeraõ, diz

*Os tempos que ca se vem
Porque Senhor perguntais,
Muy grande segredo tem.*

Na Copla 128 “que tudo se hade accabar dizendo serra noventa” e na Copla 123 diz

*O necio quer affirmar
E declarar
Desde seis athe sesenta
Que se enmenta
Do Rey que hira livrar.*

*Todas estas professias fallaõ no tempo, mas por modos taõ escuros, que será temeridade querer dar-lhe declaraçãõ; mas parece, ao que podemos congeturar, que falla da era em que hade seçuder o **Monge Aragonex** quando diz*

*Trinta pares, 4, e meyo
Y el Toro vizitado
Pero el otro medio entrado
Saldra sem tener remedio
El Lion aprizionado.*

Todas estas Profesias saõ escuras, e como inigmas devem ter na explicação grande trabalho; os Profetas tiveraõ particular cuidado em occultar o tempo em que se hande cumprir. As Hebedomadas de Daniel ninguem as pode intender se não depois de

Christo Nosso Senhor nacido. A profesia de Jacob, e seu filho Izac, digo, Judas; que se não tiraria o cetro de sua deçendencia, nem o governo do povo da sua geração ate vir o Messias deu muito que entender aos Judeos quando viraõ que houve muitos Juizes que governavaõ o povo, e sem ser desta tribu que se accabáraõ os Reys, e depois entraraõ por Capitains os Machabeos, que não decendiaõ de Judas por varonia; e com tudo o comprimento da Professia faltava porque não vinha o Messias. Reynou depois Herodes o Magno 30 annos, e era Gentio Edumeu de nação, e comtudo não vinha o Messias, porque a professia não se entendia da privação da posse, senaõ do direito que sempre esteve radicado na Tribu de Judá; até que os mesmos Judeos voluntariamente por lizongiarem a Herodes o renunciáraõ; e juráraõ de comum consentimento por seu Rey natural a este Tirano, e logo nesse anno nação Christo Senhor Nosso, e teve comprimento a professia que se entendia quando se perdese o direito da Tribu de Juda, e não faltava na posse que se enterrompia por varios accidentes. Esta he a deficuldade que tem as professias para se lhe dar verdadeiro sentido, e por não cometer erros me desvio da sua explicação, que Deos lhe dará cumprimento quando for servido.

Mas porque não cuide alguém que como fallamos de Emcuberto, que hade vir, pelo mesmo cazo poderá intender-se que deixará de ser Rey deste Reyno a Magestade serenissima do que nos governa, lhe declaramos que nenhum Profeta diz ipso, antes se colhe o contrario que este hade proseguir na posse do Reyno, e ser hum dos Reys conçerentes com o Emcuberto, que o Bandarra diz hande ser 4.

Seraõ os Reys Conçerentes

4 seraõ e não mais

Todos 4 principais

*Do Levante ate Poente.*²⁰²

O Monge Aragones entende de D. Joaõ 4º que hade ter o Reyno como amigo do Emcuberto “Este que le tendra suo partido como amigo” e sendo o Emcuberto p^a.(patriarca?) fundador daquella 5ª Monarchia figurada naquella pedra que vio Daniel, que cortada do monte sem maõ de homem deu nos pes da estatua que

²⁰² O autor procura conciliar a esperada vinda de D. Sebastião com a realidade de uma dinastia reinante já há algumas gerações, demonstrando que o *Desejado* não vem destronar D. João V. Evita assim a possibilidade de o acusarem de incorrer em crime de *Lesá Magestade*, numa época em que esperar um rei, mesmo quimérico, que pudesse depôr o monarca absoluto se podia tornar perigoso para o sonhador.

*representava as 4 monarchias possuidas, e as fez em sinza, e creçeo de sorte que encheo o mundo todo, mais de pressa lhe faltaraõ pessoas do seu sangue, que governem os muitos Reynos que hade ganhar aos Turcos, e Infieis, do que ser-lhe neçessário tiralo a hum seu parente taõ chegado, pois elle não vem a tirallo de Portugal, mas a senhoriar o mundo, e destruir o Turco, conquistar e restaurar a Caza Santa aonde hade ser croado Imperador.*²⁰³

Bandarra he verdadeyro profeta, e tudo isto se colhe de seus versos.

Aqui me pareçeo fazer pauza neste discurso, que pudéra ser hum grande volume se houvera de provar a opiniaõ que sigo, sahindo-me do meu assunto. Mas como somente me propuz dar às professias, que traz o Autor da Recurreiçaõ, diferente sentido, não me quis desviar. Sahio o papel mais largo do que prometti, porem assim como o Autor avaliava a arma curta por melhor que a cumprida, e era a razaõ porque com dar mais passos para o inimigo, a fazia como lhe parecia neçessário para lhe chegar, da mesma maneyra poderá fazer o Leitor ao contrario este papel breve, e dar regras que lhe parecer com dar os passos atras, deixando-o quando se emfadar de o ler.

Velate(?), et Credite

²⁰³ Ser coroado Imperador em Jerusalém é especialmente relevante: a própria localização da Cidade Santa, centro do mundo, legitima e enfatiza a condição de Imperador do mundo.

Adevertencia

N.B.

O Papel seguinte he tirado de hum mano escripto antigo de donde foraõ taobem tirados os que ficaõ referidos.

O que se segue pelo seu titulo he escrevido pelo P. Antonio Vieyra da Companhia, mas como he do mesmo autor a que fica desde f. 1 ate f. 84 deste tomo, naõ sey que juizo se deva fazer de hum e de outro. Fielmente copiei aquelle, e fielmente copiarei este; e o amigo Leitor lhe dará o valor que bem quizer.

De quantos tenho lido he o mais bem feita.

Papel em que se prova a vinda do Rey D. Sebastiaõ pelo Padre Antonio Vieyra da Companhia de Jezus.

Acala a f. 233

He o assunto deste discurso huma prova, e huma defeza: provar a vida e vinda de hum vivo reportado por morto. “quem homenes reputabant tanquam mortuum” e defender huma probabilidade existemada (?) por ignorancia; Et stulti erridebunt prudentes; provar a vinda do Serenissimo Rey D. Sebastiaõ que se conserva vivo apezar dos que o querem morto: Quem conservat Altissimus; e defender o direito dos Sebastianistas, que, sendo poucos, e tidos em pouca conta, se izentaõ da conta dos muitos, de que diz Salomaõ “stultorum infinitus est numerus”

Para esta çerteza pois, e para aquella prova he neçessário discorrer os fundamentos daquella vinda contrariada de tantos sem fundamento; e discorrer as razoins daquella probabilidade contra a qual peleija a sem razão de muitos.

E com 8 generos de fundamentos provaremos, e defenderemos esta questaõ.

- 1º Com razões, e congeturas.
- 2º Com profissões, e Vatecinios
- 3º Com revelações
- 4º Com prodígios
- 5º Com os pronosticos dos mais insignes Astrologos
- 6º Com a fe dos Historicos
- 7º Com o juízo dos Politicos
- 8º Com as tradições dos mesmos Mahometanos.

1º Fundamento

Vejamos, como prometteo o discurso, primeiramente as razões destas duas especies humanas que mostrem a razão da parte affirmativa, outras da parte negativa.

*Primeiramente não se dá impossibilidade alguma; porque já se dá; ou se dá da parte de Deus, ou da parte d'elle D. Sebastião. Da parte de Deus tudo he possível, e da parte do Rey taobem não he impossível porque ainda nos tempos modernos passaráõ alguns homens de 300 annos, e quando não seja naturaliter será miraculoze como de facto he: logo não se dá impossibilidade alguma.*²⁰⁴

A esta primeira razão serve de obstaculo a primeira sem razão arguindo que he escuzado guardar-se hum homem tanto tempo, podendo fazer qualquer Rey o que elle havia de fazer; e não reparaõ que Daniel, fallando do Imperio Othomano, diz que havia ser entregue a hum Velho: Et prevenit ad antiquum dierum, et dedit ei Regnum, et potestatem et honorem. Que doudiçe he logo dizer-se que o Rey D. Sebastião está guardado, e conservado para destruir o Imperio do Turco, e que he uma das couzas que hade obrar?

E se não combinem-me aquelle “quem conservat multis temporibus” com aquelle – prevenit ad antiquum dierum e verã a razão. De mais que os porques de Deus são incompreensiveis, e das suas razões não se pode o intendmento humano dar

²⁰⁴ Mais uma vez se recorre à onnipotência de Deus quando se está com uma dificuldade na argumentação: não há impossibilidade porque Deus tudo pode. Quando os outros argumentos falham há sempre esse argumento de recurso.

razaõ. Alem disto Deos sempre faz as suas obras grandes com grandes milagres. Bem podia Deos dar no tempo do Antichristo Padres que a este pregassem, e comtudo guarda à tantos annos a Elias, e Enoch. E outras muitas paridades há, que a brevidade não premite.

Segunda razaõ. Ou este Rey morreo, ou não morreo: se morreo, aonde morreo? Na batalha, ou fora della? Se morreo na batalha, quem o vio morrer? Se fora della, quem o testemunha? Se morreo na batalha, como não o acháraõ os Mouros? Se morreo no Rio, como veio depois a sua espada? Para que mandou o Rey Henrrique aos que se fingiaõ Reys inquirir e perguntar se eraõ o verdadeiro Rey? Se a elle lhe constára a sua morte não faria tal inquiriçaõ; e a quem podia constar melhor a sua morte?

Mais: se morreo, como esteve depois em Veneza, e Napoles prezo, e desprezado, o que constou evidentissimamente, cujo sucesso refere Lucio Floro em os seus annais, e D. Joaõ de Castro que foi testemunha de vista o escreveo, e todas as evidencias disso, e os prodigios que entaõ seçuderaõ o confirmaõ; e eu os mostrarei no 4º fundamento deste discurso.

Mais: que o Senhor Rey D. Joaõ 4º, que Deos tem, o testificou, e contou; e isto mostra huma evidencia certa, e outras muitas que he trabalho o referillas por papel.

Terçeira razaõ: ou a opiniaõ dos sebastianistas he justa, e provavel, ou não. Para dizer que não, deficultoza couza he de provar; porque he falso ; e a razaõ mostra que he justa porque não he contra a fe, nem contra a utilidade comua (sic): logo he justa. Que seja provavel taobem se prova, porque se hum canonizado affirmára alguma couza ou por espiritu profetico, ou pela revelaçã de Deos, não há duvida que fora provavel o que elle affirmase; até aqui foi a opiniaõ dos sebastianistas não só a confirmou hum santo, mas muitos Santos; não só huma professia mas muitos Vatecinios: segue-se logo que he muito provavel esta opiniaõ. E se a autoridade de hum Santo faz huma opiniaõ provavel, ajuntandose outra he mais provavel, ajuntandose mais outras he probabilissima; tendo esta opiniaõ mais de 3 e mais de 30 Vatecinios,²⁰⁵ como não será muitas vezes probabilissima?

Contra esta opiniaõ argumentaõ os adeversarios (porque não cahem na razaõ) e dizem huns que estas Professias se não entendem delle. Outros respondem que saõ

²⁰⁵ Esta forma de enfatizar quantidades, muito utilizada pelos vendedores ambulantes, é ainda hoje usada como estratégia publicitária.

suppostos os vatecinios, e levantados pelos sebastianistas; mas tanto huma como outra razão se conveçe por frivola, e só dada por evitar a consequencia do argumento.

A primeira se conveçe por que todos os sinais deste rey prometido, todas as circunstancias deste Emcuberto se cumprem inteiramente em o Senhor Rey D. Sebastião de tal sorte, e com tal evidencia que posta de huma parte a summa dos vatecinios, e da outra a sua vida pereçem aquelles vatecinios hum epítome da sua vida, e a vida hum compendio daquellas professias, como mostrarei neste discurso.

A segunda taobem se conveçe, porque todos os vatecinios se achão em os Autores que os alegaõ, e outros em os mesmos Santos que os prediçeram. Provase taobem o serem verdadeiros, porque se foraõ falsos, não hiriam secudendo no mundo o que elles tem predito. Pelo que ou os vatecinios saõ verdadeiros ou falsos: falsos não o saõ porque dizem verdades que rialmente suçedem; logo saõ rialmente verdadeiros. Pergunto agora; porque se hande ter por ignorantes aquelles que provaõ a sua opiniaõ com muitos fundamentos, e por entendidos aquelles que sem fundamento a contradizem?

Quarta razão. Alem das Professias se corrobora esta opiniaõ com muitas congeturas, com tradiçoins dos mesmos Mahometanos, com muitas revelaçoins, prodigios, e pronosticos. Se outra qualquer opiniaõ tivera isto, não fora probablissima? Pois se esta tem tudo isto, como lhe querem negar ainda o titulo de provavel?... Que os ignorantes, e rudes a duvidem, e neguem, não me ademira: mas que os entendidos a contradigaõ parece mal.

Muitos argumentaraõ, como argumentaõ, que pois muitos sábios, e entendidos, estaõ contra esta opiniaõ devem ser seguidos, pois saõ sábios. A isso respondo que huns negaõ por terem empedida a parte enteletiva (estes saõ os ignorantes) e outros por terem empedida a parte affetiva (estes saõ os Emtendidos) e como tem empedida a parte affectiva não lhe vale de nada a enteletiva, porque huns se inclinaõ pelo interesse, outros pela lizonja, outros porque lhe parece mal sem atender a fundamentos, e assim seguem diversa opiniaõ.

Por isto diçe o Anjo a Esdras quando lhe mostrou a vizaõ da Águia que ensinase a vizaõ aos sabios que a podessem reçeber: doçebis sapientes de populo tuo quo scis posse capere secreta etc.

a) Esdras Cap. 12.

De sorte que não só advertio o Anjo que o havia dizer aos sabios, mas ainda lhe advertio mais “que havia ser aos sabios que pudesem comprehender’: quis distinguir huns sabios de outros sabios; huns tem a parte affetiva, e outros não. Os que a tinham he que haviaõ comprehender, e por isso so a estes se haviaõ insinar.

Muitos sabios e entendidos tem a parte enteletiva para saberem e entenderem disposta; mas como tem a affetiva empedida não lhes vale o saber, nem o entender. Tem o entendimento, mas falta-lhe o affeto, e assim nestes não faz o entendimento effeito.

Quinta razaõ. Consta evidentemente de muitas professias que há no mundo hum Emcuberto: isto poucos entendidos o duvidaõ; que seja Portuguez, os mesmos Vatecinios o declaraõ; e que as circunstancias deste Rey possaõ convir a outro que não seja o Senhor Rey D. Sebastiaõ, ninguem o mostrará. Aonde está logo o erro dos Sebastianistas?

Sexta razaõ. Portugal hade ser 5º Imperio, e universal, como se prova com a fe dos Historicos, com o juízo dos Politicos, com o discurso dos Astrologos, com as Professias dos Santos, e com as tradiçoins dos mesmos Mahometanos. Quem haja de ser o Rey que haja de fazer o tal Imperio dizem-o os vatecinios, pronosticos, e tradiçoins: consultem-se; e se delles se seguir que o dito Imperador não hade ser o Senhor Rey D. Sebastiaõ, çederemos da nossa esperança.

A objeção com que vem os contrarios he, que se não podem esperar tais felecidades de hum Rey que foi vencido, destruido, e com elle taobem o Reyno; e não repáraõ que os mesmos vatecinios prometem hum Rey que deixou o Reyno e foi vencido, e mais claramente que foi desbaratado na Africa. Pois se deste se faz a promessa, como não havemos ter neste a esperança?

Segundo fundamento

Provase taobem a vinda do Senhor Rey D. Sebastiaõ com as Professias e vatecinios dos Santos e homens de virtude, e de espirito profetico. Veremos as Professias depois os vatecinios que fallaõ deste Emcuberto, destruidor da seita Mahometana Imperador do Mundo; e por fim deste discurso em remate veremos que

todas as circunstancias, e signais deste prometido só no Senhor D. Sebastião se cumprem e achaõ, e que so he o verdadeiro Emcuberto, o verdadeiro prometido, e o verdadeiro Imperador que deve ser esperado.

Profecias da Sibila Eritrea

Sobre esta matéria mui largamente escreve esta Sibilla, e não podemos referir tudo por ser contra a brevidade: faremos menção do mais sucinto, mais claro, e mais principal para o nosso intento.

Em o 6º

*Desta misma sangre ala mui corrente
Saldrá aquel espanto de varias naciones
Porque en outras partes hé dado pregones
Que naçe en ocaso, e lega al Oriente
De muerte resurge en carne floreciente
Con lhaves, e flores.*

Em o 7º

*Saldra por el mundo con sus ventureros
Llevará delante ciem mil pregoneros
Ira derribando todo levantado*

Em o 13º

*La letra dies y ocho del Abcedário
Será venerada, y la tilde con ella
La gente que fuere coluna, y estrella
Tendrá en el Lion muy gran adversario.*

Em 19º

*Bien sé que de vente mil non creeram
E de vente mil los dies no me intendem
Y huns me burlen, e outros me reprehenden*

Em 32

*Y hum tempo vendra en el siglo postrero
Cantando muy cierto daquel que ha venido
Supremo Juíz, será muy cumplido
Se cuentan dies vezes hum ciento primeiro
Y luego seguido otros seis por entero
Vendran outros dies, que a todo han seguido
Y luego el otro aun nó cumplido
Será desta cuenta la guia, e rotero.²⁰⁶*

Em 34

*Desperta de hum sueno con furia estrana
Y trae consigo al toro, y al Galo
La Zorra, el Tigre, la Aguia, el Cavallo²⁰⁷
Con furia se viene, con furia e con mana*

*En Ephezo entra, y en una alta montaha
[Dó] pujo Calipso su primer tresmallo
Ali com fuerça de pedra, e de malho,
Se funda outra vez su primer cabana.*

Em 36

*Veráse hun protento sangriento signal
Que el Padre con ancias de muerte renueva
Verase la tierra, que es vieja, ser nueva
Sin que de haver sido le quede signal
Ali de improvizo verá cada qual
Las senas bastantes, que el vulgo aprueba*

²⁰⁶ De notar a indicação da data em que se há-de dar o acontecimento profetizado, com expressões imprecisas a determinar a data a partir da qual se começa a contagem e a determinar o valor da própria contagem, permitindo elasticidade nas interpretações. Também na 13ª estância as expressões são plásticas, tanto quando indicam a figura do rei herói, como as que indicam o povo derrotado.

²⁰⁷ As expressões simbólicas *Touro, Galo, Zorra, Tigre, Águia, Cavallo* poderão significar os povos que participam nos acontecimentos profetizados ou qualidades pessoais dos seguidores do rei que acorda. A utilização destas expressões permite as mais variadas interpretações.

*Veráse del muerto la mas falsa prueba
Que con su engano causou tanto mal.*

Em 37

*Al bravo Leon el mundo obbedeça
Las senas que tras San Bruno y San Blás
Son cinco, e cinco escriptas em pao
Com torres e almenas que oro enriqueçe*

Em 45

*Diel Cielo la Luna se cahe en la terra
El sol dará luz de noche, y de dia
Por todo el mundo sus rayos envia
En votos 7 annos de paz, e de guerra*

Em 49

*Vendra en hu cavalo mayor que el Troyano
Con otros mil aves muy acompañado
Un Lion rompiente del Cyelo guardado
[Dó cine] la espuma del mar oçeano
Ya tiende su braço com mui larga mano
Ya passa la meta hasta el otro lado
Con el fuerte estudo del muy sublimado
Se lega a las puertas del monte Ulizano*

Em 57

*Tendra la vitoria muy interamente
De Grulos y Grifos, de Tigres Pancheras²⁰⁸
El Lion primero con sinco semeras*

²⁰⁸ Neste verso apresenta-se mais uma série de animais simbólicos, figurando as personagens ou povos vencidos.

*Saltando las torres, el vado, y la puente
De las 4 bandas el es Prezidente
Tomando del Austro las partes primeras
Y del Oriente las mas estrangeiras
Se buelve bolando hasta el Occidente*

*Em o 27
La gloria se augmenta del Lion afamado
Por que es sin 2º en vida, e en muerte
El mundo su nombre conoce, Y adeverte.*

*Em o 25
Y lega a la sylvia, dó nació primero
Con gran Magestad, y pompa espantosa.*

***Profecia que está na Livraria de Sto Antonio de Cascais
no livro intitulado Vita Christi***

*Profetia cujusdam fratris Ordinis minorum Neapolitani anno
nativitatis 1520.*

*Vae tibi Luzitania quae dominaberis omnibus nationibus quia venient profecto
dies, in quibus Luz tua extinguetur. Eris sub calcaneo alienorum, qui te confringent
tanquam vas figuli. Auferent namque a te opes, et divitias tuas: tunc sub tributo eris
gemens, et dolens, et non erit qui consulatur te ex omnibus charis tuis: honor tuus
mutatibur, gens tua delebitur, et infidelles acipient civitates tuas.*

*Sed tunc Pater misericordiarum respiciet, e videbit oprobrium tuum et suscitabit
ex medio tui salvatorem qui te liberabit a servitute alienorum, postquam mittet alium
tanquam mortuum, qui te in miseria posuit, ipse restituet te in pristinum splendorem et*

exaltabit Imperium tuum, et dilatabit fidem Christi : destruet Mahometricam Domum : tunc manebit Imperium tuum in eternum, et dicet omnis populus letare Lusitania quia Princeps Provinciarum, et Domina gentium a Deo facta es.

Profecia de S. Theofillo Bispo,

o qual depois de vaticinar algumas cousas, fallando de certo Pontífice de Espanha, diz

Qui cum uno Rege dictae Provinciae, qui relictus, mortuus, et non regnatus putabatur, regna deperdita reparabit; soldanum suae dictionis subjugabit, et Christianis Domum Dei restituet.

Professia de Santa Leocadia

virgem, e Mártir, que se axou em sua trasladação dentro da sepultura anno de 1587 estando prezente o Rei Felipe 2º

Depois de várias cousas diz

*“ Pero el alto saber del Sempiterno
Unirá la voluntad en amor paterno
Y el Ibero con el Luzo en compania
Hara navegacion al solio de Maria
Y al Santo Mauseolo
Donde el Lusitano solio
Coronado de Africa y Palestina
Exaltará su nombre por la fe Divina.
Ay! Que com deseo e hay suspira
Al tiempo que por annos se respira;
Ay que
A cumplir lo que los dós Arabes*

*Moros en la Astrologia eminentes
Que del tempo por computos conçernentes
Predicto lo tienem
Ay, que ja vienem
Las letras caminando al siglo de oro
Para el Luzo oculto, y piena al Mouro:²⁰⁹
Victoria en el cielo já le aclama,
Angeles a sus lados
Traerá el Luzo por soldados.”*

Asignada - Leocadia

Nota: Esta profecia de Santa Leocádia está repetida no 2º volume, pp 50-51

Professia de S. Cláudio Bispo

Não a copia aqui por se achar no tomo 2º a f. 49 ipsa verba.

Professia de S. Angelo Carmelita

Lastimado o Santo de ver os castigos que Deos prometia ao Género humano por seus peccados, lhe disse Christo que mandaria quem os levantase. Perguntou o Santo quem será esse Senhor? Resposta.

Da antiga deçendencia dos Francezes se levantará hum, que será de grande piedade para com Deos, e será recebido pelos Reys Cathólicos, e Professores da Fé Cathólica, e será muito amado delles. Cortará o Mundo por Mar, e por terra, e socorrerá as couzas opprimidas da Igreja; e juntando-se com o Romano Pontífice, alimpará os erros dos Christaons, restituirá a Igreja ao estado dos bons, mandará seus Exércitos aos quais seguiraõ muitos de sua própria vontade, e posto que nestas guerras

²⁰⁹ Esta matéria dos Mouros dificilmente seria preocupação de uma cristã toledana morta em 303, perseguida pelo poder romano, numa época em que as tribos Árabes desunidas nem sonhavam sair da sua Península. Seria de pensar que Santa Leocádia profetizasse acerca de problemas mais prementes e chegados ao seu tempo, mas os crentes que acreditavam nestes vaticínios sempre podiam dizer que a Santa via acontecimentos futuros, não havendo assim preocupação com anacronismos.

morram muitos por meu nome, em paga subiraõ a gozar os triunfos do Çéo. Este passará com grandes frotas o mar, restituirá Igrejas perdidas livrando Jerusalém.

*É de advertir que naõ é objecção ao nosso intento dizer que há-de ser da antiga deçendencia dos Françaes, porque o Senhor D. Sebastiaõ é neto de Carlos 5º que foi Françaes deçendente dos Duques de Borgonha.*²¹⁰

Profecia de S. Nicolau Factor

que refere Francisco Navarra da Xativa na sua Política Espanhola a f. 328.

Depues de destruida la Seta Mahometana en Espanha, e echados los Moros, se tratará en ella de la recuperacion de la tierra Santa, y se pregonará guerra a la qual marcharan muchas companias de soldados, y entendendo os Labradores, que estaran lavrando sus campos, que aquellos aparatos son para la tierra Santa, se inflamaran de tal suerte en devocion, que, sin acordar-se de bolver a sus cazas, tomaran el mismo camino, y la misma bandera deste Exercito, que será de Frayles, e Clerigos; y en este medio se levantará en la Iglezia el espiritu de hum novo David, que será hum Pontífice Romano escogido por mano de Dios, el qual reformará a Igreja Catholica en tiempo que se calará en tanta apertura que apenas seran Catholicos, y fieles la 3ª parte de los que tienen nombre de Christianos.

Este nuevo Pontífice tornará a Igreja a su antigo estado, e reduzirá los Hereges, e reduzidos se juntaran com el Rey, en quem estará la graça de Diós. Tomaraõ os tezoros das Igrezias, e hechos monedas, levantarán gente en el christianismo, e com poderoso exercito marcharan la buelta de Jeruzalem.

Este exercito pasará por el estreito de Gibraltar en África, e caminará asta sitiá la Cidade de Libia, ó Fez, y en ella el gram Lion de Hespana desenbaihará una espada de virtude reservada para el, e proseguirá su jornada por Berberia matando, y abrazando a todos que no pediren el Sagrado Baptismo, ni professarem el nombre de Christo.

Seran tantas as vitorias que alcançaran de los Moros que de cien legoas vendrán prostrados a sus pies entregar las llaves de las Cydades, e fortalezas; e en esta

²¹⁰ A antiga descendência de franceses também pode ser aplicada a qualquer rei de Portugal, já que o patriarca de todas as dinastias que reinaram em Portugal, D. Afonso Henriques, tinha ascendência borgonhesa.

fuerra vendran con su campo sobre Tunes, aonde formara una poderosa armada, e o exercito caminará por tierra.

Luego que legaren las nuevas al Turco de que o Rey Lion viene tan poderoso juntará un innumerable exercito, que porá em cuidado el Leon de Hespana; mas Diós le confortará por meyo de hum Angel, asigurandole que no tema por que le tendrá de su parte.

Con este auxilio la armada Christiana, que era por mar, se apoderará de la Cidade de Alexandria de Egito, e quando el aviso legar al Turco (que será al amanecer) se acobardará de tal suerte, que desfacendo o exercito, se retirará à la tierra dentro, e dexando el campo franco o Rey Lion continuará suas vitorias até Jeruzalem, e luego que xegar lançará o peito por terra, e dará graças a Deos por tantas vitorias e merçes.

Neste tempo quedará Espanha en poder de Enbras, por que para acudir a la tierra sua apenas se axaraõ nella homens de 14 anos arriba²¹¹, viellos e ynuteles; e quando venierem de la Conquista se cumprirá la professia que sete mugeres hiran tras hum honbre preguntando cada huma por seu marido. Haverá entã muitos parabienes, e alegrias. Esteija todo el hombre alerta, que o tempo passa, e naõ sabemos a hora en que isto será.

Professias tiradas das cartas de S. Francisco de Paula

escritas a seu companheiro Simaõ de Ximena, as quais andam no fim do livro da sua vida e na 1ª parte da sua chronica.

Diz primeiramente em huma das suas cartas

Vossa santa geração será maravilhosa sobre a terra, e nella haverá um dos vossos descendentes que sera como o Sol entre as estrellas. Este homem será em sua puerícia quazi santo, mas em sua juventude será peccador. Depois se converterá todo a Deos, e fará grande penitencia, serlhe-haõ perdoados os seus peccados e tornará a ser Santo. Será Grande Capitaõ e Principe de gente Santa cha(ma)da os Crucifixeros de Christo Jesus, com os quais abolirá a seita de Mafoma com todo o resto dos Infiéis. Aniquilará as Herezias e tiranias do Mundo. Reformará a Igreja de Deos com seus sequazes, que seraõ em armas os milhores homens do mundo, também o seraõ em

²¹¹ Para fazer sentido, esta frase deveria ser: *abaixo de 14 anos.*

letras, e em virtudes. Este Santo terá o domínio do mundo temporal, e espiritual, e regirá a Igreja de Deos in Sempiterna Secula. Amen.

Dis mais a este intento, escrevendo ao mesmo Simão Ximena, chorando o mau governo dos Príncipes.

Ay! Ay de vós outros! Deos omnipotente levantará de pobrissimo gentil homem de linhage de Constantino filho de S^a Helena, e da linhage de Pepino hum deçendente, o qual trará no peito o signal, que viste no principio desta carta. Por virtude do Altíssimo consumirá os Tiranos, os hereges, e Infieis, combaterá com elles, e matará todos os rebeldes a Deos.

Oh Senhor Simão tal homem será de vossos desçendentes.

De Paula 1 de Abril 1455

Em outra carta ao mesmo Simão diz

Aprestem-se todos os Principes do mundo espirituais, e temporais para esperar o grandíssimo açoute, que virá sobre elles, o qual será dos Infieis, e Hereges, e dipois viraõ escolhidos do Altíssimo Santos Crucifixeros, os quais não podendo vencer primeiro com letras aos hereges, se lançaraõ impetuosamente sobre elles com armas. Venceraõ muitas Cidades, Castelos, fortalezas e Villas com morte de infenito numero de bons e maos. Os bons seraõ Marteres de Christo e os mãos do Demonio.

Os Infieis se moveraõ contra estas duas partes de hereges, e catholicos matareaõ, arruinaraõ, e roubaraõ a maior parte da Christandade; e do outro lado se moveraõ os Santos Crucifixeros não contra os Christaons, nem dentro da Christandade, mas contra os Infieis, e lhe conquistaraõ tudo com morte de infenito numero; e dipois se voltaraõ contra os maos Christaons, e matareaõ a todos os rebeldes a Christo tirandolhe todo o temporal e espiritual por ser esta a vontade de Deos. Regeraõ e governaraõ o mundo Santamente in Secula Seculorum. Amen.

De vossa linhage será o fundador de tal gente Santa; mas quando será tal couza? Quando se veraõ os sinais, e se verá a Christo sobre o Estandarte? Viva Christo bemdito. Gaudeamus omnes porque se chega já a grande verita e reforma do Mundo. Haverá hum só Pastor, e hum so Rebanho.

A.D. 25 de Março de 1460.

Em outra carta ao mesmo Simão, e sobre o mesmo assunto diz

Já se vai chegando a hora em que Deos vizitará o mundo com a nova religião dos Crucifixeros com hum crucefixo levantado sobre o mais alto do Estandarte. Estandarte admiravel aos olhos dos justos, que a principio será escarnecido dos incredulos e maos christaons; mas dipois de verem as maravilhas contra tiranos, Hereges, e Infieis suas mofas se converteraõ em lagrimas. Oh! quantas almas cahiraõ no Inferno! Os obstinados seraõ mais desgraçados, porque aos que pecam por fragilidade Deos he mais benigno.

Santos Crucifixeros vós sereis ainda mais agradaveis a Deos que os mesmos Isrrailitas; Deos mostrará em vosso favor sinais mais maravilhosos do que mostrou aos de Isrrael. Vós poreis o freio a toda a sorte de Infieis, seytas e herezias do mundo, e sereis a rruina e fim de todos os tiranos. Oh gente Santa! Oh gente bemdita! Alegre se vossa alma, Senhor Simaõ, o Autor deste remedio será hum deçendente vosso, o qual vencerá o mundo, a Carne e o Demonio. 17 de Mayo de 1465.

Em outra carta de 13 de Agosto de 1496 affirma o Santo o mesmo que atraz tem dito acreçentando que muitos se riraõ destas suas professias, mas virá tempo, em que vendoas cumpridas, as procuraraõ com muito fervor.

Professias de Frei Joaõ da Rocaçelsa

Religioso de S. Bento Aragonez, as quais mandou ao Rey D. Fernando estando sobre Granada, o qual depois de muitos Vatecinios diz

*El que primeiro vencido
Com muerte de su ganado
Dexo su llano, e collado
Quedar - se- ha adormecido;
Quazi morto, e traspassado
Sale com nuevo pendon
En Cavallo Mariano
Dexa el Ausonio Troyano
Para outra occasion
Viene agora al Oçeano*

Depois de vaticinar otras muitas couzas, diz

*Y quedan 3 coronas cierto
Lo que una sola la sido
Y coronado el vencido
El que fue un tiempo muerto
Por mostrar que era perdido;
Su bandera en Cruz terá
Todo es Cruz quanto leveis
Sinco Cruzes levareis
Blancas, e una en blau tendra
Y en blao todas peintareis
Esta insignia venturosa
De varias flores ornada
Será en la tierra dichosa
Que en medio está fundada.*

E dizendo outras couzas, acaba dizendo

*Tres P.P.P. y una S. punto
Son las 4 de que hablamos
Al S. el Senor llamamos
Y al P. el primer punto
Por el qual todos lloramos*

Em outra parte diz o seguinte

*Mis suenos ocultos saõ
Nadie los entenderá
Pero vivendo verá
Quem lo vive un gran Leon
Muerto, e reçuzitado.*

*Já parece descubierto
El de blanco, e colorado
Y diçe con braço armado
Mio es el jardim, y huerto,*

Que a mi proprio fue tomado

*Saldrá de la oculta cueva
Tan espantoso y ayrado
Que se espantará el prado
De lever corona nueva
E Cruz del senistro Lado.*

Professias de S. Izidoro.

Na Professia 26 diz assim

*Sahirá o Liaõ da sua morada
Despertando o seu temerario somno
Cauza de tantos males.*

Na Professia 55 diz assim

*Chamado será o Encuberto
Por las altas montanhas
Y com Catholico zello
Dexará la terra orfã*

E ainda aqui se naõ contem nem metade das professias que há ao intento; mas eu as deixo por evitar demora, e passo aos vatecinios, como prometti a principio.

Seguese o vatecinio de S. Izidoro, e Cassandra, que omito por ser o mesmo, que se axa no tomo 2º a f. 45. Taobem omito o de Salutivo por se axar no tomo 2 f. 97 e as do Beato Gil por estarem no mesmo tomo f. 44

Vatecinio de S. Methodio

no Livro 6 Cap. 28 diz

Expergisçetur Rex in furore magno quem exestimabant homines tanquam mortuum.

O mesmo Santo no Livro 37 das Vizoins dos tempos como tambem na Biblioteca dos Santos Padres diz

In his diebus apparebit in Luna vitale signum, resurget Rex ex Somno suo, qui fuit azinus et Camelus.

Leo dissipabit Agarenos, diçetur magnus Imperator Romanorum, et restituet domum Santitatis, et erit pax plurima.

Vatecinio que o Padre Gregorio de Almeida

refere na restauraçã de Portugal, e dá por testemunhas o Conde de Cantanhede, o qual se achou em huma sepultura, e tirando-lhe o que naõ faz ao caso diz

Quando Sol liberabit opa mea, apropinquabit Laetitia Luzitanorum, occultus Rex apparebit, September videbit e ingresum Rufi insolani: Sacrum Promontorium Coronabitur.

Vatecinio de Joaõ Carrion

referido no livro Chronicorum libelus a f. 368

Excitabitur Caezar per inde, ac homo ille dulci sapore correptus á somno; hic reputabitur ab hominibus velut mortuus, et ascendet super mare magnum, et invadet Turcos, et vinçet eos, uxores et libros eorum duçet captivos, ingens metus, et terror magnus obruet Turcos; mulieres, et pueri eorum lamentabuntur, et querelas efundent: Omnis terra Turcorum tradetur in manu Romani Caezaris.

Como o

Vatecinio do Padre Anchieta

se acha no tomo 2 muito rezumido, asentei o devia lavrar aqui por extenso.

Estando este servo de Deos com o seu conpaheiro e outras pessoas leigas conversando em Pernanbucó, ficou de repente mudado, e suspenso tanto que lhe perguntou o conpaheiro se tinha alguma couza que o molestava: e tornando em si disse “Irmaons, demos graças a Deos Nosso Senhor porque nesta mesma hora se perdeu o Rey D. Sebastião? (e era no mesmo dia 4 de Agosto de 1578) E perguntando-lhe o Conpaheiro pelo Rey, respondeo que escapára, e que Deos o tinha livrado daquelle perigo, mas que tarde tornaria a reinar; que passariaõ primeiro muitos annos, elle, e Portugal muitos trabalhos.

(Omito por estarem inteiros no tomo 2)

Estando este Servo de Deos para morrer disse a Manoel da Gaia que viesse a Lisboa, e diceçe a quem governava o Reyno, que governase com justiça, por que o Sr. Rey D. Sebastião era vivo, e havia tomar posse delle. Temendo o homem vir com esta embaixada , o Padre o sigurou de seus temores dizendo-lhe que voltaria sem perigo. Fez o que o Padre mandou, e esteve depois de intimar os Governadores em Lisboa 6, ou 7 mezes: e o misterio esteve que avizando os Governadores a Madrid esperaraõ tanto até que o homem se partio, e logo no seguinte Correio veio ordem de Madrid para que o homem fosse la levado. Isto vio toda a Lisboa.

Vatecinios de Pedro de Frias comentador das professias de S. Izidoro.

Depois de vatecinar muitas couzas, diz

*Por las traiciones de traz
Sale el Leon asanado
Blanco, azul, e colorado
Son los pendones que traz:
Sale de guerra e de pax
El bisneto de Manoel
Nada se burle con el
Que el Lion es mui sanudo
En la pax blando y sezudo
Y en la guerra muy cruel.*

Pasando outras couzas diz

En Marrocos entrará

Y será grande Senór:

En Africa Imperador

Y por tal se coronará:

Y las cosas que hará

En toda la Moraria

Al mundo todo espanta

Tomará la Caza Santa

Reynará en la gram Turquia

Y será dos vezes dado

Rey a los Luzitanos

Esfuerço de los christianos

De todos será aclamado

Y será Christo adorado

Por aqieste Cavaleyro

E como fuerte Guerrero

Tomará el pueblo descreido

Y de todos será tenido

Christo por Deos verdadeyro

Vatecinios do venerável Pe. Antonio da Conçeição,

*a quem comumente xamaõ o **Beato Antonio** os quais de acharaõ por sua morte*

Os tempos mais esfaimados

Esperaõ grandes farturas

Nunca tardaõ as venturas

Se se atropelaõ peccados.

Terá fim a nossa dor

Se em boa razaõ me fundo

Terá melhoras o Mundo

Quando estiver pior.

*Isto não terá detença
Mediante alguma virtude
Porque he mais certa a saúde
Quando le passa a doença*

*Virá Rey mui famoso
De outra sorte Croado
Este fará nosso estado
De muy triste venturoso*

*Arvore he transplantada
Posto que nunca esquecida
Este fará nossa vida
Toda bem aventurada*

*Belos frutos tras consigo
Enxertados noutra terra
Que na mais horrenda guerra
Asonbraraõ o inimigo.*

*Tomaremos belos portos
Entre taõ grandes extremos
Todos reçuzitaremos
Quando estivermos mortos.*

*O Liaõ com passos inçertos
Com suas guarras virá
Mas muy çedo se verá
Com os colmilhos apertos*

*Ficaraõ os Luzitanos
Felizes nesta ocaziaõ*

*E logo reçuzitaraõ
Com seus feitos soberanos.*

*Daquella mais bella terra
Virá à nossa conquista
Daquella que naõ he vista
Senaõ dos que vivem nella.*

*Mas ah! Que grandes signaes
Estou antes disto vendo
Ah! Que açoute taõ horrendo
Hande aguardar os mortais!*

*Ah! Que grande tribulaçaõ
Entre o povo se espalha!
Mas ah! Que grande batalha
Tem a serpe com o Liaõ!*

*Junto daquela cidade
Que tem os campos de hum Santo
Haverá horror, e espanto
Sahirá triunfante a verdade.*

*Verás, se atento no leves
O seu tormento só sinto
Quando ao numero quinto
Acreçentarem mais trez.*

*Aquella grande Cometa
Que antes hade appareçer
Mostra que havemos vencer
Aquella malvada Seita*

Ah! Portugal, Portugal!

*Fiel na Divina Ley
Verá o Encuberto Rey
Com Croa Imperial.*

*Olha que até te proccura
Confia em teu esperar
Que pouco te háde custar
Nunca o muito pouco custa.*

*Se tu queres ver da terra
Os signais mais turbulentos
Verás que teus próprios ventos
Te hande fazer mais guerra.*

*Verás no mundo oppresoins
E apertos muy de repente
Naõ verás ninguem contente
Senaõ os grandes Gailoins.*

*Naõ terás a quem abrandes
E com queixas muito menos
Verás chorar os pequenos
E só se hande rir os Grandes.*

*Mas entaõ Cruel profia
Tudo se hade trocar
A alegria em pezar
O pezar em alegria.*

*Quando correrem as agoas
Por tres dias mui turbadas
Entaõ verás accabadas
O! Portugal, tuas magoas.*

*Denota gram Crueldade
Esta escura Serraçaõ
E depois da turbaçaõ
Verás a Serenidade*

*Verás os Lenhos famosos
Que dos Islenos te chegaõ
E com bonanças navegaõ
A fazer-nos venturozos*

*Verás aquelle Senhor
Que por “S” se começa
A quem o mundo obbedeça
Por absoluto Senhor.*

Vatecinios do Ermitaõ de Monserrate

*Por las puertas del estrecho
Un Encuberto entrará
Dois Infantes trahera
De esforço, valor, e pecho.²¹²
A Portugal va derecho
Passando a Herculleas Colunas
Y sin temor de las lunas
Quedará Africa admirada
Que los hilos de su espada
Provar quererá sus fortunas
En una Cidade fundada
Por hum Grego Capitaõ
Rey e Infantes entraraõ*

²¹² Nestas profecias é anunciada a vinda de um encoberto com dois filhos, estando assim assegurada a descendência do rei, matéria que tinha estado tanto tempo no centro das preocupações em vida de D. Sebastião.

En la prostrera jornada

Vaticínios que tinha o Il.mo Sr. Bispo de Lisboa

D. Miguel de Castro²¹³

*Terras no meyo do mar,
Que já foram descubertas
Para as achar taõ inçertas
Que as naõ puderam achar,
Tornando-as a procurar:
Que tezouro aqui se ençerra!
Aos Luzos o Rey pio
Dado milagrosamente
Duas vezes; à Maura gente
Toda passa pelo fio
De sua cruel espada*

Terçeiro fundamento

Provase taobem a vinda do Senhor Rey D. Sebastiaõ com revelaçoins de Santos e de pessoas de reconhecida virtude, como ouviremos.

Revelaçãõ de Santa Thereza de Jezus

No Cap. 9 a f. 26 do 1º tomo da Cronica dos carmelitas descalços dis a Santa lhe revelára Deos a 4 de Agosto de 1578 a perda do Rey D. Sebastiaõ, e dos que o acompanháraõ na guerra; e affligindo-se a Santa com tal perda, lhe diçe o Senhor se Eu os axei despertos para trazelos a mim, de que te affliges tu? Acreçenta mais a Santa no Cap. 28 f. 449 que daquellas perdas haviaõ rezultar grandes bens, e Couzas de grande gloria a Deos, e admiraveis à Igreja.

²¹³ D. Miguel de Castro, inquisidor contemporâneo de D. João de Castro, foi depois Arcebispo de Lisboa. D. João de Castro refere que um criado de D. Catarina foi preso e interrogado pelo inquisidor D. Miguel por predizer desventuras a Portugal, “seguidas de bonanças e venturas”. João Lúcio de Azevedo, *A evolução do Sebastianismo*, Lisboa, Editorial Presença, 1984, p.34

Declaraçoins da Madre Leocádia da Conceição,

que refere o Padre Balthazar Guedes provedor dos Orfaons do Porto na breve revelação que faz daquillo que sabia da dita Madre constrangida dos seus Confessores, com a qual communicou 58 annos, e as dis e jura.

De nenhum modo era esta veneravel Madre affeiçoada a ouvir fallar couzas do Encuberto, e dizia que era perder tempo fallar nesta materia. Nestes tempos fui eu a Lisboa ordenar-me, e pedio-me entã a dita Madre vezitase da sua parte a Madre Brizida, pessoa bem conhecida e celebrada neste Reyno (de que em o Livro do Jorge Cardoso, que Deos tem, em o seu Agiologio traz sua vida, aonde a podem ver os curiozos.)

Chegando pois a Lisboa, fui vella e a primeira couza que me diçe foi “Diga meu Padre à Madre Leocadia que em breve tempo se desinganará, e que eu a venero muito: porque o Senhor quando no Tabor revelou a sua gloria aos seus Decípulos, nem por isso os nove que ficaraõ ao pie do monte deixaraõ de ser Decipulos. Accabando o meu negocio vim para esta Cidade do Porto, e dey conta à veneravel Madre do que a Madre Brizida me tinha dito; e ella surrindo-se, me respondeu “Meu filho, se a couza he de Deos Elle a fará entender quando for servido”.

Passados que foraõ alguns mezes, hum dia depois de Vesperas foi a Madre para a sua Capelinha, como costumava, e chegando à porta vio que da parte de dentro estava deitado em terra hum homem vestido de armas brancas desde o bico do pé até a cabeça aonde tinha hum formoso Elmo, ou Capacete com cabeçeira fexada. No braço esquerdo tinha hum escudo, e nelle gravadas as armas deste Reyno, e na mão direita hum bastaõ! À cabeçeira deste homem estava huma arvore, em cujo remate estava a imagem de Christo Nosso Senhor Crucificado, e ao pé desta arvore estava a modo de hum Hermitaõ de joelhos com as maons levantadas em oração! Da parte direita estava huma mulher em pé toda vestida de branco com hum veo de volante pelo rosto, a cabeça bem composta, e na mão direita huma Custódia, e na esquerda huma Cruz. Da parte esquerda da arvore estava hum gentil mançebo com hum Estandarte nas maons com as Sagradas Quinas deste Reyno, e junto delle hum homem mais entrado na idade vestido ao cumprido, como de cor roxa.

Sobre saltouse a Veneravel Madre com a vizaõ, e como era de natural intrepida, como mulher forte quis entrar para dentro; e neste tempo lhe diçe a Mulher: persignate, e dize o credo como te ensinou o P. Frei Agostinho de S. Paulo, que entã era confessor do dito Convento, homem de muita virtude, e autoridade.

Pondose pois de joelhos, persinandose, e dizendo o Credo, ouviu claramente dizer ao mancebo, que tinha o Estandarte na mão, para o que estava deitado “Tu, que dormes, levante”, e no mesmo instante se levantou. Replicou o mancebo para o que estava ao pé da arvore “Tu que oras, espera” e para o que estava junto a si “tu que vigias segueme.” E nisto sahiraõ pela porta da Capela fora para a parte do mar lançando estas vozes “Espanha, Espanha, Portugal, Imperio, Imperio; e isto deziaõ todos em som de guerra.

A veneravel Madre hia seguindo com a vista esta vizaõ, e vio que alem dos Capuchos se reluzia aquella Cruz vermelha em forma de flor de Liz.

Neste tempo era a veneravel Madre Porteyra da porta de sima, e tangendose a Campainha, e acorrendo à obbediencia vinha chorando os trabalhos da Christandade, e abrindo a porta vio a mesma Cruz, que dantes vira, vermelha posta no ar sobre o pateo toda branca e refulgente. Com este spiritu do que vira tomou a chave, e na parede que faz costas à Capela Mor fez com a chave o retrato da mesma Cruz. (Não sei se estará ainda hoje no mesmo lugar.)

Passados alguns tempos a Madre me communicou esta vizaõ pedindo-me segredo, e o meu parecer. Repondi-lhe que eu era muchacho e ignorante; que consultase o seu confessor; o qual lhe diçe que se não inquietase com o que vira; que Deos Nosso Senhor teria cuidado de manifestallo quando fosse servido, a tempo.

Continuando pois em fervorosa oração estava huma tarde em choro, e vio que no arco da Capela Mór estava formada huma formosa arvore semelhante a hum Platano em folhas e chaxos, porem advertia ella que aquella Igreja lhe parecia muito maior sem comparação do que ella he, e que sobre ella estava a Imagem de Christo Crucificado, que está no arco da Capela Môr.

Ao pé desta arvore estava virado para o Altar Mor aquelle Ermitaõ que ella vio em baixo na Capela do Senhor dos Passos ao pé da arvore que fica referida. Ouvia a veneravel Madre que dizia este homem para o Altar Mor “Memento mei qui Afonso dixisti” Estando assim a veneravel Madre admirada, e suspensa, advertiu que pela porta da Igreja (ainda que fixada) entrava hum homem de terrivel aspeto, e fazendo venia ao Senhor, se foi chegando á Arvore, trazendo nas maõs hum machado, e um ancinho de ferro.

Em todo este tempo com duplicadas repetiçõs dizia o Ermitaõ “Memento mei qui Afonso dixisti.” Tomou este homem o incinho, e foi esfolhando toda a Arvore, cujas

folhas, assim como cahiaõ, se sumiaõ, e da mesma sorte os chaxos, que depois das folhas foraõ arrancados, e ficou a Arvore como se fora Estio. Feita esta Çerimonia pos de parte o incinho, e pegando do machado foi aquelle tremendo homem cortando os troncos da Arvore sem ficar um só;²¹⁴ e ouviu a veneravel Madre huma vox sentida que sahia do Altar Mor que dizia ao cortar dos ramos “Disipati sunt torquentes cor meum”

Dizia-me esta Madre quando me cummunicou esta vizaõ “Meu filho, cada tronco, que cahia, fazia tal estrondo que parecia se arruinava todo o Convento.” Perguntei-lhe que fazia ao tempo que via esta vizaõ? Respondeo-me: conformava-me com a vontade de Deos, e pedia-lhe mizericordia; e neste ponto, dizia ella, parece que o Senhor me dizia “post tenebras spero lucem”.

Desaparecida esta vizaõ se sentia a Veneravel Madre compungida, e sentida, deu parte ao seu confessor; e este a deo ao Guardiaõ, que entaõ era aquelle servo de Deos Frei Manoel de Jezus, e por alcunha o Galego por ser de Monçaõ, o qual, xegando a fallar com ella, lhe diçe que continuase seus exercicios, e que quando comungase pedise a Deos lhe dese a intender as circunstancias da vizaõ, já que fora servido mostrar-lha.

Obbedeço a Madre, e passadas algumas Comunhoins sentio que por coluçaõ (sic) interior se lhe dizia “A Arvore que viste he este Reyno, cujo povo significaõ as folhas della; em os cachos se significaõ as riquezas; os troncos que viste saõ os Fidalgos, que heide desepar e destruir porque atormentaõ os pobres e desvalidos que saõ o meu coração. Aquelle homem que viste que desfolhou, e cortou he o rrigor com que heide castigar este Reyno, pois senaõ aproveita da minha mizericordia, ofendendo-me como se naõ fora Reyno Meu. Aquelle que viste de joelhos ao pé da árvore chorando he o corpo mistico deste Reyno, em que se significaõ os poucos que me amaõ; elles me pedem me lembre deste Reyno, como prometi lembrar-me ao primeyro Rey D. Afonso Henriques. Perguntou a veneravel Madre por aquellas palavras ultimas post tenebras spero lucem bem mostraõ que a vossa perda se hade lembrar depois que passarem os trabalhos; mas ficar aquella arvore com troncos arematada em poucas folhinhas, que me pareceram de couro, ao pé da vossa Santa Cruz, que significaõ? Ouvio entaõ que se lhe dizia: filha, o tronco Real deste Reyno nunca o heide accabar, e

214 A simbologia presente nesta acção de cortar a árvore parece de acordo com a ideia de depuração presente na esperança de redenção.

com os poucos que escaparaõ significados nas poucas folhas, que viste, heide augmentar este Reyno, que hade ser Imperio ate o fim do Mundo.

Nestes tempos naõ passava dia a veneravel Madre que naõ tivesse vizoins; porque todo o seu cuidado era encomendar muito a Deos a pax deste Reyno com Castela. Gastava no choro muitas horas e ordinariamente a estava acompanhando o Encuberto, que era aquelle homem que ella vio deitado (como acima fica dito) ao pe da Arvore que tinha visto na capelinha do Claustro. Fallava com ella em Portuguez, mas nunca levantava a vizeira do elmo, e sempre o vio cuberto de armas brancas atte as maons.

Muitas vezes me diçe a Veneravel Madre que elle era Santo: em os dias que Comungava via sahir humas luzes extraordinarias por baixo da vizeira: perguntava-lhe a Veneravel Madre aonde habitava, e quando havia de vir a este Reyno (porque claramente dizia que era o Rey D. Sebastiaõ, e a forma em que andava no mundo) dizia era rezervado só a Deos Nosso Senhor.

Hum dia vinha a Veneravel Madre abrir a porta de cima, de que era Porteira, e vio que diante della vinha o Emcuberto, a trazia pela maõ aquella mulher vestida de branco, que, como fica dito, na Capelinha tinha dito à Veneravel Madre que se persignase e diçese o Credo; e emcontrandose com elles no Corredor, perguntou ao Emcuberto “Vos Cazastes?” Respondeo-lhe a Mulher (que era figura da Igreja) este que ves me hade reformar desde a Thiara Ponteficia, ate o menor Clerigo de Menores, e ao Mundo dará Croa Imperial.²¹⁵

Em outra occasiaõ estava no choro depois de Vesperas em oraçaõ quando vio entrar pela porta do choro dentro hum homem velho bem parecido vestido de armas brancas; trazia no braço esquerdo muitas croas, e em sua propria cabeça trazia huma bem ornada que parecia Imperial. Vio logo entrar outros homens de varios modos no vestido e cada hum que xegava fazia profunda venia ao Santíssimo Sacramento, e dali ajoelhavaõ ao pe do Velho, e lhe beijavaõ a maõ, e logo o Velho lhe punha huma das croas que no braço tinha.

Hiaõ-se estes Reys pondo à roda em forma de Çirculo, e o ultimo que entrou era ainda moço no aspecto, gentil homem de prezença muito agradavel.

Tanto que entrou lhe fizeraõ os mais grande cortezia, e o Velho o tomou nos braços, e tirando de sua propria cabeça a Croa, a poz sobre a cabeça do moço, e o poz

²¹⁵ Embora pouco frequente nesta colecção de profecias, a reforma da Igreja a todos os níveis, do Papa ao mais humilde dos frades, é frequentemente apontada em vaticínios de caracter milenarista.

junto de si. Chegou logo hum Velho em forma de Ecleziastico, e querendo beijar a mão ao primeiro Velho, este lhe virou as costas, e desapareço a vizaõ.

Pasados alguns dias andava a Veneravel Madre muito suspensa com o que vira, e estando em oração no choro depois de Vesperas lhe appareço huma mão com huma aza mui resplandecente, e esta mão pegava em huma cadeia lustroza, e de grandes elos, a qual cadeya vinha acabar no Emcuberto: Passou a vizaõ, e à sua vista ficou muito asustada. Virouse entaõ para o Altar môr, e diçe” Senhor, que he isto? Cadeias! Quereis prender a Portugal, e captivalo? Estando pois prostrada por terra, e debulhada em lagrimas, teve huma Colução interior, que lhe dizia “Filha, a Cadeia, que vistes, se puderas contar os ellos, acharias que eraõ 16, que significavaõ os 16 Reys deste Reyno, que saõ aquelles que viste à poucos dias neste choro.

Aquelle primeiro velho era o Rey D. Afonso Henriques, em quem começei este Reyno, e por isso hia dando as croas aos mais, e o ultimo que viste entrar, era o Rey D. Sebastiaõ, em cuja cabeça poz o velho a sua croa, e o reço em os braços. O Cardial que viste he o que entregou o Reyno a Castella, e naõ a quem pertencia, e por isso o velho lhe virou as costas, e nem benção nem croa lhe deu. A cadeya que viste em a mão com as azas he o Anjo Custodio deste Reyno. A Cadeia que viste unida com os ellos saõ os Reys deste Reyno taõ unidos todos em a fé que nunca a quebráraõ, antes prevaleçeraõ nella firmes, e por isso viste o Emcuberto fixo nella, e por exaltalla sahio à Conquista”.

Quando a Veneravel Madre me contou esta vizaõ estava muito alegre em o Senhor, çerteficando sempre de que este Reyno era puro, e o Emcuberto havia estender a fé por todo o mundo.

Quando Elvas esteve sitiada (continua a Veneravel Madre) e o nosso exercito entrou as trincheiras, lhe appareço o Emcuberto, e lhe diçe “Eu fui o primeyro que rompi as trincheiras, e logo me seguiraõ os que foram entrando, e D. Luis de Aro tem deixado tudo porque eu o intimidei, e fiz hir fugindo. Dá graças a Deos por esta vitoria, que o Senhor me deo liçença para communicarte esta noticia, pois com tanto cuidado lhe encomendas as couzas deste Reyno.

Em huma tarde de dia de Reys, estando a Veneravel Madre rezando 2as Matinas por hum escrupulo que lhe ocorreo, chegando ao Salmo que diz “Da imperium tuum puero tuo, et Salvum fac filium ancilae tuae” lhe appareço o Emcuberto. Ella lhe diçe “Deixai-me rezar, naõ me inquieteis, e se me ordenais que repita este verso dizei-me para que?” Respondeo-lhe o Emcuberto “Amiga, esse verso, suposto se emtenda de

Christo Nosso Senhor, taobem se accomoda a mim, porque me tem prometido que heide ser Imperador porque sou seu filho muito obbediente à Igreja nossa May.

Em tempo que Évora estava em sitio pelo inimigo, se recolheu a Veneravel Madre ao choro em hum dia de tarde levando consigo 33 freiras com vellas acezas, como muitas vezes costumava. E pedindo a Nosso Senhor restituise a cidade de Évora à sua liberdade, com o fervor da Oração entrou pelo choro dentro huma Religioza douda que havia no Convento, e trazia huma cana na mão, com hum papel como bandeira, dizendo – Vitoria, vitoria. - Respondeo a Veneravel Madre – Escutai filha, que ainda não he tempo: e dali a hum pouco diçe muito alegre às fereiras (sic) - Louvemos todas muito a Deos, que está Évora restaurada – E perguntando-lhe eu por este negocio em outra occaziaõ me diçe – Filho, o Emcuberto taobem andou nesta batalha.

Revelaçoins do Fr. Pedro de Bastos tiradas da sua vida

(isto foi antes que D. Sebastião fosse à Africa)

Sendo este servo de Deos ainda menino vio em o ar hum mar tempestuozo, e que nelle estava deitado hum homem vestido de armas brancas, que fazia deligencias por se livrar, mas não podia; e ouviu huma vox que dizia – D. Sebastião Rey de Portugal. - E vio mais 2 exercitos, e que em hum vinhaõ homens a cavalo em Lioins bramindo setas, lançando fogo pela boca muito irados, e queriaõ chegar ao homem, que estava deitado mas nunca o poderaõ conseguir, porque sempre estiveraõ distante 8 braças.

Estando este servo de Deos hum dia ouvindo Missa, e orando a Deos pelos bons sucessos de Portugal, vio ao levantar da Hostia o Rey D. Sebastião com hum diadema na cabeça todo vestido de verde. Muitas couzas mais vio este servo de Deos sobre esta materia.

(vem no Portugal Cuidadozo Livr. 5 Cap. 28 f. 683)

Revelaçoins de Leonor Rodrigues

Carmelita de grande Santidade, cuja vida anda nas Chronicas carmelitanas: e dizem os A.A. que della fallaõ, seçudera tudo o que prediçe realmente.²¹⁶

²¹⁶ A vida da visionária Leonor Rodrigues ou Leonor da Conceição “cuja vida anda nas Chronicas carmelitanas” como assegura o compilador da recolha, está efectivamente descrita na *Crónica*

Hum dia vio esta serva de Deos que em Belem desembarcava hum homem venerando, e que a elle vinha correndo muita gente, e muitos Frades a beijar-lhe a mão, e havia muita alegria. Vio taobem hum homem venerando, que tinha o beijo fendido, e em huma mão a letra S e em outra hum B.

Pedindo-lhe hum Relegiozo, Frei Pedro Thomas que pedise a Deos lhe revelase se era vivo o Rey D. Sebastião, vio hum sacrario que se abria, e fixava; abriase e tornavase a fchar. Vio taobem que vinha muita gente de fora deste Reyno e que Lisboa estava muito recioza temendo lhe vinha ali algum mal grande; mas que esta gente estrangeira deixou em Lisboa hum homem, e se retirava, e que este 'Homem' governava a Cidade e Reyno de modo que todos estavam muito contentes.

No anno de 1635 vio por muitos dias continuados hum velho fornido de hombros e barba larga no trono deste Reyno com croa nova, e que em termo de 3 dias se faria Senhor delle.

Vio outra vez hum homem ançião metido em hum abismo, e logo se punha a cavalo, e alguns com elle. Vio mais hum homem de cabelo branco, e beijo de baixo a modo de fendido, e que tinha na mão huma bandeira verde que lhe deu Santa Thereza.

Quarenta annos continuados lhe mostrou Deos hum Sol que vinha de fora, e nacia em Thomar; o qual se estendia, e resplandecia por todo o Mundo.

Vio em outra occasião hum Sol muy resplandeçente que nacia em Lisboa; e deitava 4 braços para as 4 partes do mundo; e que a Lisboa vinhaõ muitos Frades a fazer reverencia aquelle Sol, e que estavam muito contentes com elle.

Outras muitas couzas que não he possivel relatar, se podem ver no Padre Sebastião de Payva na sua 5ª Monarchia. Trata taobem suas virtudes o Padre Belchior de S. Anna na Chronica dos Carmelitas.

Revelaçoins da serva de Deos Maria da Cruz

Em Vizeu houve outra mulher chamada Maria da Cruz a quem Deos revelava grandes segredos, e fazia muitos favores; e pedindo a Deos lhe revelase se era vivo ou

das Carmelitas Descalças, de Frei João do Sacramento, conforme José Barbosa Canaes de Figueiredo Castello-Branco, Estudos biographicos ou noticia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes à Bibliotheca Nacional de Lisboa, Lisboa, F. A. da Silva, 1854, pag 267.

morto o Rey D. Sebastião, lho mostrou Deos entre os vivos sem declarar outra couza mais que estar diante de Deos.

Revelaçoins da Soror Martha de Christo Relegioza no Convento da Esperança.

Na hera de 1578 em 4 de Agosto dia da desgraçada batalha de Affrica, estando esta serva de Deos no choro fazendo Oraçãõ, começou a gritar que lhe acodisem, e viesem taobem chorar a perda do Exercito. Acodiraõ as Freiras, e acharao a desmaiada. Levaraõ-a para a çela, e tornando em si, lhe perguntáraõ que vira? Respondeo que naquella mesma hora se perdera o Rey com o seu Exercito, e referiu a forma em que se perdera, e que depois se soube assim foi. Perguntáraõ-lhe pelo Rey? Respondeo que Deos o livrára daquelle perigo.

Quando o Senhor D. Antonio veio sobre Lisboa com os Inglezes no anno de 1589, quizeraõ as Relegiozas daquelle Musteiro sahir para fora, como fizeraõ as mais que estavaõ extra muros; e a dita Soror Martha de Christo lhe aconçelhou que não sahisem, porque o Senhor D. Antonio não havia ser Rey de Portugal. E pergunta-lhe a Abadesa quem havia ser Rey, respondeo – Que D. Sebastião a quem Deos guardava para remedio de Portugal. As Relegiozas tomaraõ o seu conselho, e o Exercito se retirou sem fazer o menor damno.

Quando no anno de 1598 chegou a Portugal a noticia que o Rey D. Sebastião estava em Veneza, perguntou-lhe a Abadesa se aquella noticia era verdadeira, ou falsa? Passados poucos dias respondeo que era realmente o mesmo Rey D. Sebastião; mas que primeiro que viesse ao Reyno haviaõ de passar muitos annos, e Elle, e Portugal muitos trabalhos.

Quarto Fundamento

Provase taobem, e defendese a vinda do Senhor Rey D. Sebastião com prodigios dignos de lembrança, e admiraçãõ; mas como referilos todos he deficultozo, e quazi impossivel, fazemos minçaõ de alguns, e posto que poucos valeraõ por muitos.

Seija o 1º appareçer o pergaminho do juramento do Rey D. Affonso Henrriques poucos mezes antes de estar o Rey D. Sebastião em Veneza no anno de 1598.

Este juramento havendo mais de quatrocentos annos que fora escrito, sahio a publico em Dezembro de 1597. Quis adevirtir a Divina Providencia (que nada ordena por acazo) que não desconfiasemos quando viamos o 16 Rey atenuado, affirmando que nesta geração atenuada havia pôr os olhos da sua mizericordia usque ad decemam sextam generationem, in qua attenuabitur proles; Set in ipsa attenuata ipse respiciet, et videbit.

Seija o 2º o que Gregorio de Almeida refere na Restauração de Portugal Cap. 9. Tratandose com coriozidade na colocação do Rey D. Affonso Henrriques, que estava para se pôr no frontespicio do Real Musteiro de Alcobaça, por quanto nos Pinhais de Leiria não havia pão que na grosura, e cumprimento pudese servir; neste comenos (çomenos?) rebentou na Pederneira do Porto de S. Martinho hum pão de tanta grandeza, e grosura que para servir naquella obra o cortáraõ. Vinha cuberto com muitos limos, e com mexilhains pegados, signal de vir do interior do Mar. Aos 6 de Dezembro de 1632 collocouse a dita imagem, e huma hora depois de posta em o nicho, se vio hum globo de fogo com cauda de duas braças da parte do Mar que fica ao Ocidente do Musteiro; Correo, e parou; o qual se desfes. Pronostico (dis este Autor) da restauração deste Reyno; e assim são consideradas todas as circunstancias do sucesso. O mastro sahio do Mar com sinais de estar escondido largo tempo, que isso denotam os limos que trazia, e o resplendor da croa vindo taobem as parte do Mar indicando tudo a 16 geração atenuada – Verum ascendentem de corde Maris.

Seija o 3º em o anno de 1601, aos 13 de Junho seçudeo o prodigio de dar o Senhor Rey D. Affonso Henrriques 3 vezes 3 pancadas na sua sepultura, a tempo que o Rey D. Sebastião estava prezo em Napoles, como esteve em Veneza 2 annos, 7 mezes e 2 dias, dandolhe liberdade em confirmação de que aquelle prezo tinha quem por sua cauza acudise, e não menos que a raíz daquelle tronco²¹⁷. Em o mesmo 13 de Julho

²¹⁷ Este trecho refere-se a uns dos “falsos D. Sebastião”, o calabrês Gabriel de Espinosa, que chegou a convencer D. Ana de Austria, sobrinha de Filipe II, da sua condição de Rei no exílio e a corresponder-se com ela. D. João de Castro também alimentou esperanças de que esta figura, que ficou conhecida como o “pasteleiro de Madrigal” fosse o verdadeiro D. Sebastião. Mais do que os outros, esta personagem sugeriu o argumento para variadas obras de ficção em Portugal e também em Espanha.

Estão listadas as seguintes obras literárias em espanhol inspiradas pela figura do pasteleiro de Madrigal em J. Diez-Zubieta “Portugal y su mito Don Sebastián y el Pastelero de Madrigal” in *La Aventura de la Historia*, nº 83, Setembro de 2005, p.p. 78/79: peças de teatro - Jerónimo de Cuéllar, *El Pastelero de Madrigal*, estreada com o patrocínio de Filipe IV; José Cañizares, *El Pastelero de Madrigal*, estreada em 1706, várias vezes reeditada e de que há versões em alemão e francês; no século XIX, estreou uma obra anónima com o título Gabriel de Espinosa; de José Zorrilla, estreou em 1849 a peça Traidor, inconfesso y mártir. Novelas históricas: editada em 1835, Patricio de la Escosura *Ni Rey ni Roque*; em

(sic) de 1601 tocou milagrosamente o sino de Bedilla muito mais tempo do que tinha tocado na prizaõ de Affonso 3º Rey de Aragaõ na batalha naval, e em outras occasioins notaveis de Castella, ao que

Frei Marcos de Guadalaxara

fez esta obra em verso assim como se fizeraõ outras muitas.

Cuentase una maravilla:

Todo se puede creer

Que se vio por si tanger

La Campana de Bedilla.

Taobem se cuenta una nueva

Que el primero Portugués

Deó golpes 3 vezes 3

Alla dentro de su cueva a)

a) veijase a Crónica dos Conegos Regulares de S. Cruz de Coimbra.

Y mas tienemse por verdades

Y pues asim se publican

Grandes cozas pronostican

Tan estranhas novidades.

y aun que son cozas obscuras

ya por vezes tive gana

De taner esta campana

Mas nunca las sepulturas.

Esto se podera dizir

1862, Manuel Fernández y González escreveu a obra *El Pastelero de Madrigal. Memórias del tiempo de Felipe II.*

*Que esta canpana a opadas,
No tane a cozas passadas,
Tane a las por venir.*

*Portugal ultra el Mojon
Sueltas sus nobles banderas
Gentes poucas mas guerreras
Vençeraõ mucha Nacion.*

Hiso tributarios Reys.

*Por enterpeza a las luchas
Del mal, e del merecer
Le ha faltado que vençer
Pero nunca inbidias muchas.*

*Por acazo (Deos sabe quales)
A Castilla la Ryal
De Aragon, e Portugal
Sirven los Çeptros riales*

*Bien le pudo presumir
Por lo de Affonso en Canpana
Que la Monarchia de Espana
Es teenpo de desunir-se.*

*Antes es coza sincila
Acabar-se todo Imperio;
Plegue á Dios que nuestro Imp.
No se entre la polila*

*Algunos ves amarilos
Miren no cargue el baston
En la frente del Lion.*

Las Quinas em los Castillos.

Aora Espana e Castilla

Se juntó: ay que está junta

Plegue á Dios como a defunta

Que no le tana Bedilla!

Viendo en esta Conjetura

Solo hun Rey bueno, y mil malos,

El millor Rey, que hubo, á palos

Brama de la Sepultura.

Si el discurso me naõ ingana

Alegrate Portugal

Accabo de tanto mal,

Sobre los Reynos de Espana.

Ya Deos te abre los puertos

Para bienes excesivos;

Ayer callavam los vivos,

Oy vemos hablar los muertos.

Bien puede ser quando viene

Hablar Rey sin duda muerto,

Esperar otro Emcuberto,

Que por muerto no se tiene.

Y que mucho es que guardase

Deos hum vivo de la muerte,

Pues hiso que aquel Rey fuerte

En cenizas buelto, hablase!

Portugal, nó seas Thomaz

Que no ay laga en que meter

*La mano, para creer:
Vivo está, no quieras más.*

*Que es verdad así se vio
Que o Rey tenido por vivo
Ni murió ni fue captivo
Pero viviendo quedó.*

*No es mucho, según se prueba
De su condición altiva,
Con tal desgracia que viva
Cien años en una cueva!*

*Y si a modos ordenarios
Huvo Dios de dar castigo
Que mucho es guardar hum vivo
Por medios extraordinarios!*

*Y si tanta confusión
Te causa algún desconsuelo,
A cosas, que sañ del Cielo,
No les busques más razón.*

*E finalmente saltando muitas coplas toca sucesos de varios Reynos, e acaba
dizendo*

*Tuvierase por mejor
Si tornara de repiques
Mas el Santo Rey Henrriques
Quita a su Reyno el temor.*

*Pudiera queixas tener
De su Reyno sempre amado
Pues avenido-lo jurado*

No lo quizeraõ creer.

Si empero el mismo amor

Pone la queixa en olvido

Para que sea cumplido

Lo que prometio el Señor.

Siá Dios pide licença oy

Para restaurar su arbol,

Y bate dentro del mármol

Como dizendo – aqui estoy

a) Este toque do sino foi visto por mais de 4.000 pessoas, e foi autorizado por 9 Notarios. Europ. Port. f. 144

Seija o 4º prodigio: No anno de 1598 manou em Belem do Sepulchro do Príncipe D. Joaõ, Pay do Senhor Rey D. Sebastiaõ, sangue por tempo de 18 dias, e foi quando D. Joaõ de Castro dis que Sua Magestade, o Rey D. Sebastiaõ, estivera muito apertado em Napoles, ao que alude a Sybila Eritrea dizendo

“Verase hum protento sangriento sinal

Que el Padre com ancias de muerte renova”

Eu falley com o sacristaõ, que entaõ era, e me diçe dezejara, se tivese poder abrir o tumulo, e ver de donde manava.

Seija o 5º signal ou prodigio: No anno de 1598 hum menino de 19 mezes²¹⁸ diçe

²¹⁸ As frases atribuídas a crianças aclamando de forma expontânea alguma figura ou anunciando um evento de que ainda não há conhecimento, é um “prodígio” frequentemente utilizado para provar a excepcionalidade de um acontecimento e o seu desígnio divino. Vemos os “cachopos” de Coimbra a aclamarem D. João I antes das Cortes de 1385 do que nos dá notícia Fernão Lopes:

“...começarom muitos cachopos de sair fora da çidade sem lho mamdamdo nenguem, pello caminho por o viinha o Meestre, com cavallinhos de canas que cada hu fazia, e nas mãos canaveas com pemdoões, corremdo todos e braadamdo: Portugal! Portugal! Por elRei dom Joham! Em boa hora venha o nosso Rei!

O Meestre e NunAllvarez e muitos dos que hi viinham, maravilhavamsse desto muito, avemdoo por cousa estranha, e assi como millagre, dizemdo que Deos os movera a fazer aquello, e falava per aquelles moços come per bocas de profetas...” Fernão Lopes, *Crónica de D. João I*, Barcelos, Livraria Civilização Editora, Vol. I, sd, p. 390.

repentinamente em Santarem – Hade vir o Bastiaõ – e nesta dezejada vinda fallou 3 mezes, e 12 dias: refere o cazo por extenso o Padre Frei Sebastiaõ de Paiva em a sua 5ª Monarchia, que vio o relatorio autentico do Pay do dito menino.

Seija o 6º: Em a noite de 26 de Outubro de 1601 se queimou o Hospital de todos os Santos, em Lisboa, em cuja desgraça aconteçeraõ 2 prodigios: o 1º foi ficar intato o retrato do Senhor Rey D. Sebastiaõ posto que defumado, ficando queimados os retratos de todos os mais Reys, e totalmente consumidos. O 2º foi que ficaraõ livres as Armas de Portugal feitas de madeira, que estavam sobre o Cruzeiro, destas premissas está clara a consequencia...

Seija o 7º hum reparo: porque razaõ, em tantos annos se naõ tem feito sepulchro de marmore para a sepultura que dizem alguns ser do Senhor Rey D. Sebastiaõ? Porque razaõ se fez para o Cardial Henrriques, e naõ para aquelle? Foi descuido, ou foi acazo?.. Pense cada hum como lhe parecer...

Seija o 8º outro reparo: Como houve tal descuido em suas reais exequias, que até o prezente dia se naõ fizeraõ, sendo o Rey que lhe seçudeo seu Thio, homem Ecclesiastico mui pio, que com grandes affectos o amava? Todavia Felipe 2º, o Rey mais politico do seu tempo, entendeo que vendo os Portuguezes fazer por Rey D. Sebastiaõ pompozas exequias, se esqueçeriaõ delle; o que convinha a elle, Felipe. Pois por duas ou trez vezes as intentou, gastaraõse com officiais bastantes mil cruzados, chegou a emcomendar-se o sermaõ, mas nunca tiveraõ efeito. Que he isto senaõ maravilhoza disposiçaõ da Providencia Divina que nunca quis huma açãõ taõ séria, e de verdade fosse executada em hum morto de mentira? Pense cada hum como lhe parecer...

Seija o 9º e ultimo: Estando os 5 Governadores que seçuderam ao Cardial Henrriques em Almada por cauza da peste que houve em 1598, mandáraõ hum Mestre de obras a Estremoz cortar 2 sepulturas huma para o Cardial e outra para o jazigo do

O mesmo tipo de fenómeno também é referido por Frei Manuel dos Santos a propósito das visões do “venerável jesuíta Pedro de Bastos”, ainda menino, acerca da futura batalha de Alcácer Quibir: “Dispondo o Ceo que de jornada tão precipitada naõ só fossem prognosticos os juizos dos prudentes, mas também fossem profecias as vozes dos infantes” Frei Manoel dos Santos, *História Sebastica*, Lisboa Occidental, Officina de Antonio Pedroso Galram, 1735, pp. 434–435. Quanto à idade da criança de que se fala no trecho assinalado, varia com as versões ao longo da compilação: tanto tem 19 meses como 3 meses ou é simplesmente descrito como um menino de mama.

que xamavaõ D. Sebastiaõ. Foi o Mestre, e tirou huma pedra para a sepultura do Cardial; quis tirar outra para a sepultura do Rey, mas quebrou-lhe pelo meyo, e o mesmo lhe sequeo com a 2ª e 3ª que tirou. Por esta razaõ dezestio da inpreza, deo conta aos Governadores, que ficáraõ suspensos. Este homem, estando para morrer, entregou ao seu confessor hum escrito que referia isto, affirmando ser verdade pela conta que havia dar a Deos naquella hora, e que em vida naõ o fizera pelas penas que lhe tinhaõ posto os tais Governadores.

Pense cada hum como quizer; entre tanto quem dirá que estes factos naõ envolvem misterio?...

Quinto fundamento

Taobem fazem autoridade, e prova os escritos de insignes astrologos, os quais, á cerca desta materia largamente escrevem. Ponderemos o principal.

Primeiramente Lourenço Missiniate, insigne Astrologo Napolitano Mestre de Juvenio Pontano em o Livro 3º dos seus metros, fallando da conjunção de Jupiter, e Saturno, que foi no anno de 1503 e dis que naquelle tempo (isto he no tempo dos efeitos da Conjunção) naçeria hum Rey bem aventurado, manso, e pacifico, o qual tiraria todos os males do Mundo, e teria as gentes em muita justiça, e em todo o Mundo seria amado, e temido.

Taobem hum insigne Varaõ, chamado Lontiborgio, pronosticou “Hum Príncipe mui honesto, e de grande autoridade reinaria em toda a parte.”

O Nange, Mathematico Hephazo em o Livro que escreveo da Estrella nova, que appareço no anno de 1604 della pronosticou 2 couzas memoraveis: A 1ª que na christandade se levantaria huma nova Monarchia, e seu Monarcha seria o que destruisse a Seyta, e Imperio de Mafoma. A 2ª couza, que pronosticou considerando a Estrela, foi

“circunferuntur passim vatecinia Mahometanorum, ex quibus multi eviçare volunt hoc esse tempus quo sit interitura corum religio; quibus plaçebit Deum hoc ipsum indicare voluise inçensa nova stella in Sagitario, quo triplicitas solis, et Martis, cum sol et jupiter (Christianis favere dicatur ab Astrologis) quorum conceptibus Deus uti ponitur, Mars vero Turcis, et quidam stella magis cum Jove concordavit in maxima latitudine australi,

quod hoc viçe esse potuit; depræssus igitur hinc vitoria Religionis Christianæ supra Turcam astrologiçe concluditur”

Vem a dizer em suma; que, segundo os vatecinios que se tem açerca da Seyta Mahometana he parecer de muitos que o tempo, e ultimo periodo da sua duraçam se vem chegando; e considerando o sitio em que a estrella nova se axava com o Sol, e Jupiter, que elles dizem favoreçer aos Christaons, e com Marte, que taobem dizem favoreçer aos Turcos, se conclue, e convençe astrologicamente a vitoria total da Relegião Christã contra a seita Mahometana. Hinc vitoria Religionis Christianæ supra Turcam Astrologiçe concluditur.

E como esta Estrella appareço signaladamente no Signo de Sagitario, que domina sobre Espanha, e na parte do mesmo Signo, que distingue a figura do Serpentario, que domina Portugal, claramente se ve que este Imperio, e este Monarcha hade ser da Luzitania; e isto conffirma Joaõ Carrião em o Livro que emprimio em Leaõ de França intitulado Chronicorum Libelus; aonde com largas razoins prova ser Portugal, o ultimo, e o maior dos Imperios: e isto mesmo corrobóra Andre Gonçalves Salmantiçense no tratado que escreveo da Conjunção maxima. Podem os curiosos consultallo.

Mas o nosso Luzitano Bocarro resplandeçe entre todos: velut inter í (?) ignes luna minores. O qual (?) do Imperio Luzitano e seu fundador largamente escreveo sendo 5 as cauzas extrinzecas da exaltação dos Imperios. 1ª a Conjunção dos Planetas Superiores Saturno, e Jupiter. 2ª A mudança dos auges dos Planetas principalmente do Sol. 3ª a mudança do Sol. 4ª a da obliquidade do zodiaco. 5ª o Orbe magno.

Este Bocarro pois, no seu Livro intitulado Anacephaleozes da Monarchia Portugueza dis nas outavas 57, 58, 59, 61 e 62 da maneira seguinte.

57

“Soberbo passa atropelando o monte

Vestido de Mavorte, irado o gesto

Outro novo senaõ Bellerofonte

De huma nuvem çercado, obscuro e mesto:

À Ninfa rogo que quem he me conte

Se o presagio da nuvem taõ funesto

He de ruina, ou ematura morte;

A Ninfa me responde desta sorte

58

Quando sinco Agarenos superando

O Santo Afonso a quem Tonante excita

A Christefera Imagem venerando

A progenie no Ceo vira quazi escrita:

Que na decima sexta attenuando

Se hiria, lhe prediz sacro Eremita;

Sustentada porem do Ethereo Coro

Nova honrra alcançaria, e mais decoro.

59

Chegou o tempo, não feliz, mas Certo

Que rogando evitar não posso, ou basto

Do Reyno congregou o povo experto

A gente que perdeo fatal Sebasto

Da nuvem, como viste, vai cuberto

Porque na morte, como ves o engasto

Que às vezes he defensa do máo fado

O Juizo para Deos só rezervado.

61

Do tempo que refiro, e não consumo

em quanto os cazos mizeros expendo

Com passos, giros, e medindo o rumo

Vou da fortuna o Polo comprehendendo.

Do Mouro, que se exalta, entaõ prezumo

Pelas couzas Celestes descorrendo

Que seu tempo hoje tem, e a Magestade

Aquelle que vençeo naquella idade.

62

Vençeo o Luzitano, que a ventura

Dominador criou da Barbaria

Mas como a mutua sorte que procura

Formar a Portugueza Monarchia,

Indigesta estivese, e não madura

*Naquella perfeição que o Çeo queria;²¹⁹
Vençeo ao vencedor o Luzo forte
Que agora incita o Ceo, e exalta a sorte.”*

Bem se collige destas outavas que quis ensinuar Bocarro quem havia de ser o A. desta Monarchia a) no 2º tomo a f. 28 vão mais outavas do mesmo Autor.

Sexto Fundamento

Provase taobem o assumpto do nosso intento com a fe dos Historiadores.

Em todos os que escreverão a Historia dos nossos Reys desde o seu principio se deixa ver hum instinto, e inclinação natural contra os sequazes de Mafoma; não como de homens contra homens, mas como christaons contra a brutal canalha dos infames seguidores da impia, e blasfema Cigueira Mahometana.

Foi o Reyno de Portugal conhecido antes de o ser no Conde D. Henriques, e estando ainda em Embriaõ já estava animado com os espiritos da conquista de Jeruzalem para onde o Conde Henriques caminhava desde França, e para onde foi de Portugal como General do socorro que o Rey D. Afonso de Liaõ, seu sogro, mandou ao Papa Urbano 2º pelo qual foi elle eleito em hum dos 12 Capitains em quem se repartio o pezo de todas as armas Catholicas.

Nação o mesmo Reyno nos Campos de Ourique entre os braços armados do Rey D. Affonso 1º, e ali com tantos impulsos dos mesmos espiritos, como se vio na prodigioza vitoria contra os imensos Exercitos de cinco Reys Mouros. Tornou Miramolim a inundar o Reyno com quatro çentos mil cavalos, e quinhentos mil Infantes contra o Rey D. Affonso 1º, que taobem foraõ desbaratados, repetindo-se a vitoria entre a espada de Deos e a de Sancho: o qual, não contente de ter vencido a Mafoma em Portugal, o mandou vençer fora do seu Reyno pelo seu Mestre de Aviz na batalha de Marrocos.

Contra D. Afonso 2º se aquartelaraõ em Elvas com numerozos exercitos os 2 Reys Mouros de Sevilha, e Jaen; porem como os esperitos do 1º Afonso ainda exestiaõ,

²¹⁹ Mais uma vez é sentida a necessidade de depuração antes da prometida idade dourada. A derrota de Alcácer Quibir é explicada como a necessária expurgação e como uma prova a passar antes da vitória futura.

elle não só venceu em batalha campal aos 2 Reys, mas entrando com suas armas por suas proprias terras, poz a ferro, e a fogo toda a Andaluzia.

O Rey D. Sancho 2º, posto que emfamado de pouco cuidadozo, não se descuidando daquella obrigaçãõ, que nos Reys Portuguezes parece maior ainda do que o de cuidar dos vasallos, fez tal guerra a os Mouros que recuperou da sua tirania o Reyno dos Algarves.

Tornáraõ sobre elle as Armas da Mourama; mas D. Afonso 3º não só os desalojou de alguns lugares que ainda tinhaõ em Portugal, mas os foi conquistando nas suas fronteyras em que lhes ganhou Villas, e Castellos.

O Rey D. Deniz, posto que occupado em pacificar outras croas de Espanha, e taobem a sua, ajudou poderozamente ao Rey D. Fernando de Castella na intentada conquista contra os Mouros de Granada. Para socorro destes passou o Rey de Marrocos com as forças de toda a Africa reinando já em Portugal D. Affonso 4º, o qual em pessoa marchou logo a Sevilha, onde descuidandose da batalha pela multidaõ emensa de barbaros, elle so aconselhou, e foi o primeiro que a venceu.

No Rey D. Pedro, e em D. Fernando parece estiveraõ hum pouco adormecidos estes esperitos por não haver já Mouros ao perto; mas recuzitáraõ taõ ardentes em D. Joaõ 1º que hindo-os buscar à Affrica lhes tirou das maons em hum dia a famoza Cidade de Çeuta, que o Rey D. Duarte sustentou poderozamente; e logo D. Affonso 5º tendo já tomado Alcaçer aos Mouros, com maior, e mais arriscado empenho se fez Senhor de Tangere.

D. Joaõ 2º por mar, e por terra proseguio as mesmas inprezas ganhando as praças interiores, e fundando fortalezas; e pondo já os pes sobre o mar para passar à Africa em pesoa bastou a fama desta rezoluçãõ para conseguir o fim della.

O Rey D. Manoel conquistou muitas Cidades Africanas, e fez tributarias outras; mas com os olhos em Jeruzalem, e na extinçãõ total da Seyta Mahometana, reprezentou por seus Imbaixadores aos Papas que se fizese guerra ao Turco juntamente por ambos os mares, e que lhe tomaria à sua conta a do Mar Roxo, e para a do Mediterraneo concorreria com 30 Galioins.

D. Joaõ 3º ajudou a guerra de Tunes com a pessoa do seu Irmaõ o Infante D. Luiz, e posto que não continuou a conquista da Mourama vezinha foi para mais estender e aportar à remota.

Finalmente D. Sebastiaõ solicitado do Papa Pio 5º que cazase em França prometeo que açoitaria o cazamento se o Rey Christianissimo lhe dese em dote entrar

com elle em liga contra o Turco. Portanto este natural, e hereditario esperitu dos Reys de Portugal, e taõ favorecido de Deos em tantas victorias, he hum manifesto signal de serem elles os destinados por Deos para ultimos vingadores dos Inemigos da sua Igreja, e para tirarem do Mundo este maior perseguidor da Christandade; e senaõ digam que Reys da Europa tem trabalhado mais nesta impreza?...

Septimo Fundamento

Dos Historiadores passemos aos Politicos. Muitos pudéra alegar, mas contentar-me-hei com o juizo de hum que com as vozes e sentenças de todos professou ser Mestre da Politica. Este he Justo Lipsio varaõ emcomparavel nas noticias do mundo antigo e moderno, e nenhum mais deligente observador das declinaçoins e augmentos dos Reynos e Imperios.

No Cap. 16 do 1º Livro da Constancia depois de mostrar com largo, e eloquente discurso que nada ha no mundo com firmeza, ou fosse já, ou pareça hoje grande; chegando à Potencia dos Turcos, e acabando com elles diz assim –

“Entraí vós taobem neste numero, ó seitas antigamente vestidas de pelles, que hoje com o nome de Turcos dominais com poderosa maõ, e tendes nella as redias da Azia, e da Europa; Mas estes mesmos çedo perdereis o lugar que tendes, e largareis aquella gente habitadora la do Oceano. Por ventura inganome eu, ou estou vendo que do Ocidente naçe, e se levanta o Sol de hum novo Imperio?”

Outavo, e ultimo Fundamento

Resta vermos provada esta vinda do Rey D. Sebastiaõ com tradiçoins dos mesmos Mahometanos, a quem Deos, naõ obstante serem Infieis, deo a sciencia, assim como naõ a negou a Lucifer, e seus sequazes.

Quando pois estes Mahometanos estavaõ, ou deviaõ estar, mais soberbos com a perda de Portugal; nos consta que naõ duvidavaõ confessar aos mesmos Portuguezes vencidos esta volta fatal, e fuctura com que as nossas armas naõ só haviaõ sugeitar aquella pequena parte da Africa; mas todo o poder Mahometano.

D. Francisco de Menezes, e Jorge de Albuquerque, que ficáraõ captivos em Berberia na batalha do Rey D. Sebastiaõ contavaõ que hum Alcayde Mouro, em cujo poder estiveraõ, lhes diçera muitas vezes que em seus Mostafos tinhaõ huma tradiçaõ, e he que em Portugal naçeria huma cobra, que seria muito arrogante, e quereria tragar o

Mundo, e com esta arrogancia passaria à Berberia, aonde pelejaria, e haveria muitas mortes, e a cobra ficaria rendida, e com muitas pancadas machucada, ficando muito delgada só com a ponta do rabo saõ; e andaria alguns annos escondida assim dentro na sua terra, como por outras muitas estrangeyras, ao cabo dos quais annos tornaria a emgrosar, e inchar assim como a nuvem que toma agoa no mar, e viria tomar sua caza, que estava occupada de hum grande Leaõ, e ficará Senhor della, e passará 3^a vez à Berberia e a conquistará, e será o Senhor della, e da maior parte do mundo.

Neste ultimo estado se ve pintada a Serpente nas tabellas, ou paineis çelebres de Georgio Jordaõ Veneto Tabella 6^a onde elle declara toda a pintura por estas palavras “Im’ – isto he que sobre as cabeças dos Imperadores Turcos está emenente a Serpente emroscandose, e dando muitas voltas; e que do mesmo modo se vem pintados sobre elles os novos Imperadores Christaons, os quais, extinta a Monarchia de Mafoma, tornaraõ a dominar de novo em Constantinopla.” E acrecenta o mesmo autor que no sepulchro do mesmo Constantino, que fez Imperial a Cidade de Constantinopla, e lhe deu o seu nome se achou referido em huma lamina de prata, aonde o que mais se deve admirar he que assim estivese já escripto, ou esculpido perto de 300 annos antes de sahir ao Mundo Mafoma!...

Antonio de Barros de S. Payo, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, contou que estando na India na Cidade de Cambaya em tempo que o Senhor D. Sebastiaõ era de poucos annos, lhe perguntára hum antigo Cafis dos Mouros pelos costumes e couzas do Reyno de Portugal, e depois lhe perguntára como se chamava o Rey? E respondendo o Cavalleyro que se chamava Sebastiaõ, o Mouro meteo o dedo mostrador da maõ direita na boca fazendo grandes espantos. Preguntou o Cavalleyro que cauza havia para se espantar? E dali a hum espaço lhe respondeo o Mouro; porque os nossos Mostafos dizem que hum Rey desse nome Sebastiaõ hade destruir a nossa Seita. E continuando a conversa, diçe o Mouro “eu te affirmo que à India hande vir outras gentes mais alvas” e assim foi, porque la foraõ por nosso damno os Olandezes.

Contava Gaspar Fragozo que estando em Çeuta a primeira vez que passou à Africa o Senhor D. Sebastiaõ, hum antigo Mouro, reputado entre os mais por homem sabio, em hum dia, em que o Rey sahio fora com toda a gente de pe, e de cavalo, lhe diçera “Teu Rey desta vez naõ hade fazer nada, mais que mostrar-se, e hade voltar para Portugal:

porem hade vir 2ª vez com muita gente, e hade perder-se com toda ella. Elle hade comtudo escapar; e dipois de muitos annos, em que elle andar escondido assim em seu Reyno como em outros estranhos, tornará de novo  Berbaria; e a conquistar, e destruir a Cidade de Mafoma.

Entre estes Mouros houve taobem hum Philosofo Arabio; chamado

Acanturuley,

o qual na era de 1200 escreveo hum pronostico, ou vatecinio, a erca da destruição da sua Ley, o qual anda impreso, e refere Salazar a f. 33, o Padre Francisco Guadalaxara, e outros Autores. Dis pois assim.

Depois de estranhas felecidades, e vitorias singulares que os sequazes de Mafoma alcanara dos Christaons; pela Azia, e por outras partes virá hum Rey naido nos ultimos fins do Poente de rosto formoso, que dominar os Christaons, e terá o Mundo em hum anel: será suave de condição, mui zelador da Ley, e dado  Relegia: Será este Rey o castigo do povo de Ismael, que com favor de sua Relegia começará a perseguir os Mouros, e lançando-os de suas terras, e lançando grandes Armadas contra elles, fará nelles tal estrago, que a mulher esteril se terá por feliz vendo morrer os filhos das outras mulheres tão diferentes mortes.”

“A espada cortadora dos Mouros estará tão debotada que não cortará naquelle tempo, e quanto mais Ismael se esforçar, maior perda terá. Os Liains sao desbaratadores, e morrerão às suas maons os Corcodilos do Nilo. Os Sagitarios são mais fortes que os Elefantes com que amiaça Africa. Emfim a perseguição será tão grande que não haver lugar para chorala.”

‘A gente deste Rey será muito podroza, muito justa, muito forte, e muito unida, Elle encher o mundo de Croas de sua Caza. Seu etro será a vara de Jupiter, e sua espada a de Marte. Elle amiaça, emquanto vive, Agad e Ismael, e não serao então os maiores damnos. A sua deçendencia cahira sobre Babilonia, e Constantinopla, a quem aconselho as lagrimas, pois perdeo a croa, e seu colar Ryal se converterá em Cadeya de Servida: se fezer deligencia para levantar cabeça, será em vao, e para sua maior disgra. De Constantinopla, e do Cayro não ficarao mais que os vestigios, e se dirá – aqui foi Troya. Jeruzalem sahirá do poder de Ismael, e entrar nella o Monte Calvario, e os Estandartes do Poente” (Outras muitas couzas prediçe este Philozofa, que deixo, por temer faltar  neessria brevidade.)

O Padre Gonçalo Rodriguez da Companhia de Jezus, homem de grande virtude e letras refere que os Abexins tinhaõ huma Professia, muy relatada pelos seus saçerdotes, que viria tempo em que os Portuguezes com hum grande Capitaõ hiriaõ prezar batalha ao Imperador da Ethiopia, o qual Imperador seria vencido e morto com muitos Frades Cismaticos ao mesmo tempo. Que hum Irmaõ do Capitaõ dos Portuguezes ficaria Rey, e que a Ethiopia dahi por diante seria governada por Viçe Rey que fosse de Portugal.

Disto tudo se colige que a principal Vitoria que alcançará será a da fe e doutrina com que converterá para Deos os mesmos Turcos, e Barbaros. Assim se ve pintada entre as tabellas acima referidas na tabela 8ª onde dis a declaração que vencido o Imperador Turco pelo Imperador Catholico, aquelle reçeberá a Relegiaõ Christã com todos os seus.

Tenho descoberto bastantes fundamentos tanto à curiozidade dos que os quizemsem (sic) saber, como à incredulidade dos que os duvidasem, provando, como prometti, a contingencia da minha questaõ com razoins, com Professias, vatecinios, revelaçoins, prodigios, pronosticos de Astrologos, fé dos Historiadores, discurso dos Politicos, e, finalmente, com tradiçoins dos mesmos Mahometanos, concordes todos que a exaltaçã da Monarchia universal do Mundo, e extinçã da Potencia do Turco a tem rezervado a Providencia Divina para as vitorias, e triunfos de Portugal e para o estabelecimento do Imperio de Christo. Delles consta haver Emcuberto, e o haver de ser Portugal Imperio.

Delles se conhece taobem a vinda do Senhor D. Sebastiaõ; porem para maior clareza e mais evidentemente se ver o ser elle o promettido em tantos vatecinios, vamos explanar os Signais e recopillar as circunstancias deste Emcuberto; e veremos que só nelle se vem, achaõ, e claramente se manifestaõ, assim como prometemos no principio do 2º Fundamento deste discurso.

Primeiramente que este nome de Emcuberto pertença ao Rey D. Sebastiaõ se ve, pois sendo ainda menino lhe dava este nome o Çapateiro Simaõ Gomes, dizendo entaõ a varias pessoas que aquelle menino Rey era Emcuberto.

a) Ninguem hoje duvida que este Çapateiro era hum homem muito Santo.

Lease a sua vida.

S. Izidoro na professia 55 dis assim “Lamado será el Emcuberto por las altas montanas, e com catolico zello dexará la terra huerfana.

Assim lhe chama taobem S. Pedro de Alcantara em os vatecinios que se acháraõ por morte do Rey D. Manoel dizendo em hum delles

*Mas o garfo ficará
Escondido na May certo
E por ficar emcuberto
Este o Emcuberto será.*

E discorrendo pelos mais signais veremos que só a elle conpetem, e nelle se verificaõ.

O 1º signal he segundo o veneravel Frei Gil, a veneravel Leocadia, Pedro de Frias, e outros, que estaõ vistos, que hade ser Portuguez. (Isto escuza prova.)

O 2º signal he, conforme a Carmelita Angela, que hade ser este Rey da deçendencia antiga dos Francezes; e o Rey D. Sebastiaõ he Neto de Carlos 5º o qual he deçendente de Carlos Magno Rey de França.

O 3º signal he, segundo o Frei Alonso, o Cavaleiro, que este Rey naõ hade ser filho de Reys, nem de Rainha; e isto bem se deixa ver com o Senhor D. Sebastiaõ que foi filho do Principe D. Joaõ, e da Prinçeza D. Joana.

O 4º signal he que o nome deste Rey, segundo Rocaçelsa, o Beato Antonio, e outros, hade começar por “S” : isto se ve claramente em o Rey D. Sebastiaõ, e muito antes dos referidos o tinha predito a Sibila Eritrea dizendo

*Com S. e com B. Marte confirma
Su bravo talento; Com S. e com B.
Es uno primeyro*

E que havia ter nome de 5 silabas; Cujus nomen inextimabiliter quinque apicibus conscribitur. E com efeito nenhum Rey teve nome de 5 silabas como – Sebastianus. –

O 5º signal he, segundo S. Claudio, que este Rey hade ser croado aos 14 annos de sua idade. Isto verificouse rialmente no Senhor D. Sebastiaõ.

O 6º signal he, segundo o mesmo Santo, que hade ser guerreiro ate os 24, e nesta idade foi que emprehendeo a triste guerra em que foi derrotado.

O 7º signal he que, segundo Joaõ Carrião, S. Methodio, e outros alegados, hade ser este Rey reputado por morto. E isto bem se deixa ver: (poucos o reputaõ vivo.)

O 8º signal he que deste Rey já se não hade cuidar que reinará; segundo S. Theofilo, e outros alegados.

O 9º signal he que, segundo a Sibilla Eritrea, Roca Çelsa, e outros alegados, hade ser vencido este Rey. – (taobem não ademite duvida que o foi.)

O 10º signal, segundo o abbade Gil, e outros alegados, he que este Rey hade deixar o Reyno por fazer guerra aos Infieis. (Taobem não ademite duvida.)

O 11º signal he que, segundo o Monge Napolitano alegado, este Rey hade ser o que poz Portugal em mizeria. (Isto está bem patente.)

O 12º signal he que, segundo Pedro de Frias, hade ser este Rey Bisneto do Rey D. Manoel; (e não há outro senaõ o Senhor D. Sebastiaõ)

Fim

N.B.

Deste modo finda hum papel que o leitor não sabe a quem deva attribuir; mas (torna a dizer) o leitor fará o juizo que quizer.²²⁰ Quanto a mim he certo que hade vir; e, hoje 9 de Setembro de 1833, apparecem bastantes signais de que não está longe o seu apparecimento. Em Deus mostrando os do Çeo, não há mais que esperar.

²²⁰ O próprio compilador tem dúvidas em attribuir a autoria deste texto ao Padre António Vieira. Com efeito, nem o estilo, nem o assunto, nem a crispação da linguagem utilizada evocam o jesuíta.

Professias de Santo Izidoro

*que tinha o Arçebispo de Braga D. Bartholomeu dos Marteres.*²²¹

Naõ sonhando mais ao vivo

Huma voz quazi divina

Me deo lux e me ensina

Couza de que naõ duvido

Que de se saber he digna.

Tempo virá que hum Rey

Com toda a Monarchia

Hirá quebrantar a Ley

Que com tanta tirania

O Turco guardada tem.

Que este Rey hirá cortar

Desta maldade o poder

Porem hase de perder

E esquecido hade estar

Outenta sem se saber

Rey entaõ de Portugal

Visto asim naõ esperado

A este será esperado

O qual será festejado

E a Castella fará mal.

Viverá muy curtos annos

Será taõ temido

Que o que for descomedido

Viverá em seus inganos

The a vida haver perdido.

²²¹ Estas coplas, que estão em português, serão, eventualmente, uma tradução livre das coplas de Pedro de Frias.

*Amar-se-lhe haõ traiçõins
Traçaraõ tirar-lhe a vida
Mas em taõ mas Conjunçõins
Que a dos tais será perdida
Sendo Reays seus brazõins.*

*Derramaraõ de seu jugo
Sangue muito levantado
E ficará respeitado
E o povo ficará amado
De castigo taõ pezado.*

*Ficará Rey de respeito
E de Reys por embaixadas
Vizitado e com maõs dadas
De lhe ser sempre açeito
Nas couzas mais levantadas.
Virá emtaõ huma hera
Depois de mil e seis çentos
Quando noventa tivera
Donde do mundo os contentos
Todos Portugal espera.*

*Virá hum gram vitorando
Por gram milagre guardado.
Posse do Reyno tomando
Pelo Papa confirmado
Grandes poderes lhe dando.*

*Os annos seraõ florentes
Em bonanças, e em saude.
Os Lavradores contentes
Que em todas suas sementes*

Floreçerão com virtude

*Haverá grande confusão
Nesta entrada que fará
Dous filhos então trará
De Matrimonio, que não
Nenhum bastardo será.*

*Com sesenta homens, não mais
Hade vir o seu Navio
Com tão pouco poderio
Será Rey sem haver mais
Quem va contra tanto brio.*

*Huma batalha haverá
Num dia bem signalado
Tanto morto haverá
Que outra tal não haverá
A Portugal molestado.*

*Roubos, mortes cada dia
Nestes dous Reynos serão
Infantes Cavalaria
Sem levantarem a mão
Com tão grande tirania*

*Terras de parte a parte
Com villas acastelladas
Seraõ de todos tomadas
E por que este mal se farte
Seraõ com fogo queimadas.*

*Mas este Rey esperado
Porá tudo em tanta pax*

*Pelo bem que Deos lhe faz
Ficará tudo imperado.*

*E este Rey de Salem
Tais poderes lhe dará
Que ao mundo asonbrará
E trará consigo a quem
O mundo obbedecerá.*

*Cardiais e Patriarcas
Trará por seus adjuntos
E este, Rey com olhos juntos,
Será dos Grandes Monarchas,
Que no mundo tem asunptos*

*O que não obbedecer
Seraõ tantas as çensuras
Excomunhoins desventuras
Que se viraõ a perder
Milhares de creaturas.*

*Mas Deos todos moverá
Que como Rey e Senhor
Com gram zelo e gram temor
Qualquer o conhecerá
Como primeiro Pastor.*

*Viverá tudo em paz
E Castella Embaixador
Mandarà como a Senhor
Que tremer o Mundo faz
Dos brios do seu rigor.*

Antes deste Rey chegar

*Cometas appareçeraõ
Que a todos asombraraõ
E sentido do que saõ
A todos viraõ a dar.*

*Hum Guigante(sic) qual Golias
Com hum traçado na maõ
Mais medonho que Sansaõ
As pessoas muito vazias
Porá pasmo esta vizaõ*

*E para a parte do Norte
Hum Leaõ muito feroz
Que se quer lançar a nós
Com huma carranca de morte
Atado com muitos nós*

*Por hum calabre muy grosso
Pareçe q o tem prezo
Fazendo delle desprezo
Huma ponta no pescoço
Que o traz em fogo açezo.*

*Hum Anjo com hum pendaõ
Para o Nacente se mostra
Hum negro que a seus pes postra
Huma cabeça no chaõ
Com que ser seu Senhor mostra.*

*De azul se ve a figura
O negro vem de emcarnado
Pareçe que traz calçado
Huma Serpente escura
Que o traz todo abraçado.*

*Huma Ballea taobem
No ceo azul se verá
Hum Jonaz vomitará
Que haverá outenta o tem
Este eintaõ parecerá.*

*Hum menino de 3 Mezes
Fallar no berço veraõ
Já vem o Rey Bastiaõ!
Com que por çerto o teraõ.*

*Hum negro da India e Guine
Rey de muy grosso thezouro
Trará hum Navio de Ouro
E para realçar a fe
Será Christaõ, e não Mouro*

*Ao Rey com humilde graça
Lhe dará tudo o que traz
E ao Reyno tal bem faz
Que o Rey lhe dará de graça
Graça para quantos traz*

*Huma Viuva Rainha
Antes de setenta çertos
Fará com os seus tais conçertos
Que a todo o Reyno convenha
Pôr a Castella em apertos.*

*Na era como vos diçe
Sincoenta e nove e meyo
Junto desaseis que veijo
Com ordem do gram pontifiçe*

Sem temor nem arreçeyo

Isto que alcancei declaro

No tempo que a Deos dou conta

Com o serrado taõ claro

Que já me vou e aparto.

Fim

*Trovas celebradas do Ourives da Cidade de Braga*²²²

*Já se chega aquella era
Que grande paz nos nomeya
Porque o rafeiro da Serra
Depois de hum quarto de guerra
Se planta na sua aldeia
E se recreia
Ver que a teia
Este lume
Que consume.*

*A fama de outro fogo que extinguido
Vejo já da guerra consumido
Naõ traz as armas antigas
Com que mil lobos ferio
Naquella briga das brigas
Onde com tantas fadigas
Nem descansou, nem dormio*

*Nem se vio
Onde as deixou
Nem signais
De armas tais.*

*Deu nunca nenhum seo companheiro
Nem novas de taõ grande rafeyro
Alguns presumiraõ morrer
Outros diziaõ naõ sabiaõ entender
Nem que cuidar nem dizer
Tudo era confuzaõ
Desta feiçaõ*

²²² O nome deste ourives de Braga é Simão Nunes, conforme José van den Besselaar, *o Sebastianismo - História Sumária*, Ministério da Educação e Cultura, Lisboa, 1987, p. 45

No coração!

*Naõ faltava quem mostrava
Que aquelle rafeiro naõ morrera
Mas quem tal prezumira nem tal crera
Foise da sua malhada
Donde dormia siguro
Achou boca arreganhada
Grandes unhas dente duro
Vem a furo
O inchaço
Que no braço.*

*De sua grande força prezumia
Que tantos cains matava quantos via
Depois vendo-se perdido
Couza que nunca cuidou
Acosado e perseguido
Desbaratado e ferido
Só por só emtaõ se achou
Descomfiou
E deixou
A mortalha
Da canalha.*

*Inda que diante nenhum lhe parava
Da morte ou mal ferido naõ escapava
Daqui se foi emcuberto
As armas foi enterrar
Em hum remoto lugar
E se eu nisto açerto
Tenho muito que fallar
Foi tomar
Sobre tornar*

Com hum Françaelho

Seu conselho.

Diçe-lhe não te vás desta montanha

Veremos quem toma tua malhada

O Grande Rafeyro turbado

Do suceso e seu mal.

Da resposta confiado

Que ninguem seria ousado

De entrar em seu curral

Por natal

Por cabedal

Á se vir

Á perseguir.

A quem com tanta pressa se empossava

Este Françaelho nunca o deixou

Que entretinha o Rafeyro

Que de corage bramava.

Focinho e peyto rasgava

Sem lhe valer Conpanheyro

Num outeiro

Que primeiro

Se montava

Consagrava

De não tornar já mais nem ter conselho

Ate que não morrese o Liaõ velho

Dahi se foi vagueando

Sem alguma Conpanhia

Pelas montanhas voando

Nem de dia descansando

E de noite não dormia

Pertendia

*Algum dia
De tornar
A pastorar*

*Naquella mesma Serra o mesmo gado
Que de podengos anda mal guardado
Já se chega, ou he chegada
A era de se tornar
O Rafeyro à malhada
Oh! Quem vira esta entrada
Quem a podera contar
He pasmar
Considerar
Que o ouro
Do thezouro*

*Se tira e troca escanbucalhea
Por tornar o rafeyro à sua aldeya
O reçebelo entrado
Com alguma rezistencia
Mas todavia empossado
Senhor do Curral e gado
Que perdeo por sua abzencia.
A conciencia
Dá audiencia
Aos culpados
Que enganados*

*Queriaõ empedir ao grande Rafeyro
Entrar no seu curral taõ verdadeiro
Vedes o campo siguro
O podengo afugentado
E o adobe feito muro
O gado contente e tudo*

Sem temor de ser roubado

Amontoado

Ajustado

Será cedo

Onde o bom Rafeyro tudo olhado

Ficará contente e consolado

E o mais que hade acontecer

O tempo o descobrirá

Que he mui duro de crer

Pois quem viver hade ver

E quem ouvir folgará

Ver que terá toda a grey

Huma Ley

Debaixo do poder do grande Rafeyro

Que taobem ficará a seu herdeyro

Vereis huma admiracão

Neste lançe derradeyro

Feito o Rafeyro Liaõ, e o Leaõ rafeyro

Mas primeiro

Será o vizeyro

Despedaçado

Taõ chegado

Que elle mesmo cometerá este conçerto

E não duvide ninguem que isto he mais çerto.

Fim.

Professias de S. Theotónio

*1º Prior em Santa Cruz de Coimbra axadas no Cartorio do mesmo Musteiro em
1150*

1ª

*Tempos haveraõ
Os mais lamentozos
E ver-se-hao cazos
Os mais horrorozos*

2ª

*No Reyno da Galia
Couzas haveraõ
Que muy fabulozas
Nos pareçeraõ*

Assim foi

3ª

*O Cristianismo
Ali respeitado
Por elles mesmos
Será ultrajado*

Assim foi

4ª

*Seu proprio Monarcha
Ofenderaõ
Tendo-o recluzo
Em huma prizaõ.*

Assim foi

5ª

*Ate nú na Praça
De tropas ornada
Que sua cabeça*

Lhe será tirada

Assim foi

6^a

*De Christo o Vigario
Prezo será
Na Galia chorando
Acabará.*

Assim foi. Em 29 de Agosto de 1799 morreu em Valença Pio 6^o

7^a

*Os Galos soberbos
Em Roma entraraõ
E os milhores tezouros
Lhe roubaraõ:*

Assim foi

8^a

*Da Igreja os preçeitos
Por elles calcados;
Seguirã a Ley
Dos falsos malvados.*

Assim foi

9^a

*Prelados de Igreijas
De horror fugiraõ
Nos Reyno estranhos
Afago acharaõ*

Assim foi

10^a

*De christo as espozas
Fugiraõ tremendo
Naõ podendo ver*

Cazo taõ horrendo.

Assim foi

11

*Templos haverã(sic)
Antes respeitados
De guerra com pretexto
Seraõ occupados*

Assim foi

12

*Imagens divinas
De grande perfeiçãõ
Ludibrios dos impios
Acabaraõ*

Assim foi

13

*A fome e desordem
A guerra fatal
Em toda a Europa
Será igual*

Assim foi

14

*Do nada sahiraõ
Homens grandiozos
À posteridade os mais
Odiosos*

Assim foi; Nada eraõ os Generais Francezes

15

*Cada hum delles,
O mais insano,
Será flagello
Do Genero homano*

Assim foi

16

*Este s por tempos
Se acolherá
E seu Imperador
Se aclamará*

a) Este quarteto não pode estar certo, pois vemos o nominativo no plural, e o verbo no singular. Assim emendei.

17

*Reformas da Ley
Emfim haverão
Tornando a seus eixos
A Relegião*

Cortes de 1821, e 1822

18

*Será respeitado
Do Reyno inteyro
E terá por titulo
Ser o primeyro*

D. Joze 1^o ou (Napolião 1^o)

19

*No reynado deste
E de huma Maria
Espera de Annos
Grande alegria*

(Maria 1^a)

20

*Quando esta seu Reyno
Aflita deixar
Poderemos os bens*

Emtaõ esperar.

(Inbarcou em 27 de Novembro de 1807)

21

*A equinocial linha
Ella passará,
Hum cazo estranho
Emtaõ haverá. a)*

a) A 24 de Agosto foi o Levantamento no Porto (1820)

A 12 de Outubro 1822 foi aclamado Imperador do Brazil o

Princepe

*D. Pedro, cazado com Maria Leopoldina filha do Imperador de
Alemanha, e separado o Brazil de Portugal !!!*

22

*A águia do Norte
Beberá no Teijo
Escutará desordens
Que eu já prevejo.*

23

*Da Africa emtaõ
Hum joven virá
Que os voos da Águia
Derrubará.*

24

*Com a espada na dextra
À frente dos seus
Mil golpes dará
Quazi Rey dos Çeos.*

25

*Os Luzos de gosto
Reviveraõ
Ocupando o Trono
Este Heróe emtaõ*

26

*No giro do tempo
Naõ se extinguirá,
O jovem como era
Assim voltará.*

27

*O Teijo em sangue
Se verá correr
Pereçendo os contrarios
Ao seu poder.*

28

*Lisboa o dirá
Em vivas de Glorias,
Tendo por divizas
Estas memorias.*

29

*Seu nome a Europa
Respeitará,
O Reyno dos Luzos
Livre ficará*

30

*Dará Leys ao mundo
O Luzo poder,
E a pax das Naçõins
Elle hade fazer*

31

*Do Santo Luis
O sangue virá
E no Trono Galio
Imperará.*

32

*Humilhará a frente
Dos Impios crueis
E será modello
De todos os Reys.*

33

*A propria Turquia
Com gosto e uniaõ
Pagará tributos
À Luza Naçaõ*

34

*Cantará o Mundo
Com sons raros
Na Liz e na Galia
Dois Reys preclaros.*

Nota. Hoje 19 de Março 1822 me diz hum Desembarçador do Porto, homem de carater verdadeiro, que em 1777 copiára estas profecias de humas de seu pay, e que assim o jurará sendo necessario. Chama-se Constantino Joze de Almeida, actualmente em Coimbra.

Foi nomiado Bispo de Castello Branco pelo Senhor D. Miguel não açitou, e morreu em 1832.

Copia fiel de hum manoescripto antigo.

“Versos que vieraõ com a espada do Rey D. Affonso Henrriques

que o Senhor D. Sebastiaõ levou para a Africa, a qual depois da sua perda se entregou no Real Musteyro de Santa Cruz de Coimbra em 6 de Setembro pelas 10 horas da noite por huns homens desconhecidos na hera de 1578’

*Entre os meus, e entre os Mouros
Naõ fui morto fui vencido
Fui chorado fui buscado
E por todos desconhecido.*

*Viagei terras estranhas
De lá fui a ocultas Ilhas,
Emcuberto em huma espero
De meu Deos as maravilhas,*

*Anno e meyo hum Cardial
Depois de mim reinará,
Depois hum meu vezinho
Meu acento occupará.*

*Passarao 3 do seu nome,
Sesenta annos passaraõ,
E do Captiveiro hum 4º
O Poder resgatará.*

*Ainda 5 passaraõ
Primeiro que la me veijam,
Os que vivo me acreditaõ,
Ou ver-me ainda dezeijaõ*

*Em huma orta jazerá
Huma Rainha de cá,
E o mais em pax e salvo
A sua Patria voltará.*

*Negro Principe e seu thio
A Lisboa voltará,
O thio ficando morto
Elle se baptizará*

Dizem-me que se cumprio isto no tempo da Rainha

*Couves, e caxos com barbas
Pouco antes se veraõ a)
Fortes com peças no Mar*

*Só de areia se faraõ a) Ao tempo que isto escrevo huma pessoa digna
de todo o credito me diz se vio em Lisboa esta raridade em 1812*

*Arderá com poucas horas
Das fortes Águias o ninho
Em menos de 3 dias
Desandaraõ seu caminho.*

*Intentaraõ reformallo
Junto ao cume de alta Serra
E o aliçerçe se verá
Junto às entranhas da terra*

*Do ninho a Aguia nova
Depois disso naçerá*

*Aguias de Leoins geradas
Que tudo consolará.*

*Antes fiel, e feliz espada
Com gosto te cingirei
Da cinta donde sahiste
Outra vez te porei.*

*Para defender os Povos
Que em outra mão conquistei
E defender bem a fe
Que em outro Reyno plantei*

*Vai para junto do corpo
De quem te cingio primeiro
Espera em paz que eu volte*

*De mui novo Captiveiro:
E quando eu tornar
As desordens do Mundo comporei
E como Reyno de Christo
Tudo conseguirey a)*

*a) Não sei que credito isto mereça; pois diz a Cronica de Santa Cruz que
a Espada viera ter a S. Vicente, e daqui viera para Sta Cruz trazida por 2
Padres!...*

Vatecinios de São Frei Gil Portuguez.

1ª Ecclesia Dei amultis, set frustra opprimetur.

2ª Ungaria Turcos propulsabit potenter.

4ª Galiae reducentur feliciter.

5ª Roma componet prudenter.

6ª Veneti jurabunt utiliter.

7ª Italia pacate reget.

8ª Ecclesia hereditate ditabitur

*9ª Anglia Religione cadet, formidabilis erit, set ab extraneis occupabitur
fraudulenter.*

10ª Hispaniae non frustra timebunt

11ª Britania contencione vexabitur

*12ª Lusitania, sanguine orbata Regis, diu ingemisçet, et multipliciter
patietur, set propitius tibi Deus, Salus a longinco veniet, et insperate ab imperato
redimeris.*

13ª Affrica debelabitur;

14ª Imperium Othomanum ruet.

15ª Ecclesia martiribus coronabitur.

16ª Bisantium subvertetur.

17ª Domus Dei, recuperabitur.

18ª Omnia mutabuntur.

19ª Magnates opprimuntur.

20ª Humiles exaltabuntur.

21ª Orbis a tribus moderabitur.

22ª Etas aurea revivisset.

23ª Paz ubique erit.

24ª Felices qui viderint.

Fim

Bandarra descoberto nas suas trovas.

Collecção das Profissões as mais notaveis em respeito à felicidade de

Portugal, e Cahida dos maiores Impérios do Mundo.

Impressos em Londres

Em 1810

2º tomo.

N.B. Esta obra são 7 tomos, não se deixem desincaminhar.

Prefacio

Com a maior satisfação e alvoroço, recebo o publico illustrado a edição que em 1809, se fizera em Barcelona das obras de Gonçalo Annes Bandarra: edição completa, que não só abrange tudo, quanto se achava, na que se havia feito em Nantes em 1644, mas taóbm as trovas que se descobrião muitos annos depois, e de que existem copias autenticas e antiquissimas; como taobem as que ultimamente appareçãõ em 1729, na Igreja de S. Pedro da Villa de Trancozo Patria do seu Auctor, cujo original escrito pela letra do Padre Gabriel Joaõ da mesma Villa que era amanuense de Bandarra, porque este não sabia escrever, se acha entre os papeis do Santo Officio de Lisboa havendo lho remetido o seu commissario Domingos Furtado de Mendonça, depois de se terem tirado diversas copias muito fieis, e authenticas. Pela primeira vez, viraõ estas ultimas a luz da Imprensa, sendo certo que se não faziaõ menos dignas desta honra, do que as que já se haviaõ publicado em 1644.²²³

Nestas primeiras profetizou Bandarra em termos taõ frizantes, como claros, a famosa aclamação do Senhor D. Joaõ 4º anunciando-o hum seculo antes pelo seu proprio nome assim, como Izaias (guardada a devida pruporção havia dois seculos antes anunciado a Ciro. Nas segundas agora pela primeira vez impressas, Bandarra nos falla de sucessos bem diferentes, fixando a epocha de que deviaõ datar-se estes novos acontecimentos de huma maneira taõ clara e maravilhosa, como adiante faremos ver.

Negar o Dom Profetico a Gonçalo Anes Bandarra não digo que seja impiedade mas sim rematado desvario. Os que isso se tem proposto tiverãõ o arrojo de recorrer a hum expediente extravagante. Atreveraõ-se a escrever que tal Gonçalo Bandarra nunca tinha existido e que as trovas, que corriaõ em seu nome, haviaõ sido forjadas pelos

²²³ No reinado de D. João V criaram-se um segundo e terceiro corpos das trovas atribuindo-as a Bandarra, aproveitando o prestígio que tinham alcançado. Este conjunto de trovas apócrifas abrange trinta e sete quadras, constituídas por uma introdução de sete trovas e seis “sonhos”. A figura do padre Gabriel João aparece pela primeira vez no terceiro corpo. José van den Besselaar, *O Sebastianismo – História Sumária*, Lisboa, ICALP – Ministério da Educação e Cultura, 1987, p. 149

Jezuitas depois da acclamação do Sr. D. Joaõ 4º. Mas que desgraçado expediente! Só o rancor e implacavel odio jurado aos Jesuitas, podia lembrar hum semelhante recurso.
224

*A existencia de Gonçalo Bandarra, o tempo em que existio, e a autenticidade do que escreveo, e delle temos, tudo está de tal modo provado por documentos istoricos (sic), que todo o que se atrever a duvidar de qualquer de seus artigos, não poderá deixar de ser apontado de ignorante, e tolo. Deduziremos algumas Autoridades dos mais celebres escritores da Antiguidade como de Antonio de Souza na sua *Luzitania Libertada*.²²⁵ E alem dos nossos escritores faz menção delle D. Joaõ de Horosco Castilhano no seu *Tratado de verdadeira e falsa profesia* Cap. 14.*

O mesmo sobredito autor Antonio de Souza fallando do tumulo, que se havia erigido a Bandarra diz - No anno de 1641 D. Alvaro de Abranches General da Provincia da Beira elevou honrosamente com hum nobre epitáfio a humilde Sepultura deste homem no portico da Igreja de S. Pedro de Trancozo, e depois disto o Rey D. Joaõ 4º deu huma capela de muito boa renda a hum seu Parente, e com muita justiça; porque taobem Nabucodonozor, e Cyro deraõ grandes remuneraçoins a Izaias, e Jeremias, porque haviaõ profetizado delles.

*D. Joaõ de Horosco dá taobem hum testemunho gloriozo de Bandarra, e dos seus escritos no lugar citado por Antonio de Souza. O mesmo faz D. Nicolao Monteiro na sua obra intitulada a *Voz da Rola* e o Padre Vasconçelos no seu livro da *Restauração de Portugal*, como tudo se pode ver com hum só trabalho na Biblioteca Lusitana do nosso Barboza Maçedo. Taobem não he de pequeno pezo a autoridade de D. Vasco Luiz da Gama 5º. Conde da Vidigueira, e primeiro Marquêz de Niza, que mandou fazer a impressão das obras de Bandarra em Nantes em 1644, e he o Autor da dedicatória e prologo, que se lê naquella edição, e fielmente na que agora se fez em 1809.*

²²⁴ Aos Jesuítas foram atribuídas muitas acções visando a hegemonia ou mesmo a conquista do poder, numa autentica teoria da conspiração de que fazem parte, por exemplo, os *Monita Secreta*, documento forjado no séc. XVII e que serviu de “prova” da intenção de domínio do mundo pelos jesuítas, sobretudo no séc. XIX. O Marquês de Pombal, na sua acção de erradicação da influência dos jesuítas, também se esforçou por atribuir as trovas de Bandarra ao Padre António Vieira.

²²⁵ O sebastianismo desta nova fase de princípio do século XIX, tinha uma importante componente de letrados, sendo muitos deles representantes do clero. Inspiravam-se em obras célebres do tempo da Fundação da Dinastia de Bragança, como a *Restauração de Portugal prodigiosa* do Padre João de Vasconcelos publicada sob pseudónimo de Gregório de Almeida em 1643 ou *Lusitania Liberata ab injusto Castellatorum dominio...* de Antonio de Sousa de Macedo, impressa em Londres em 1645. Os sebastianistas de oitocentos misturavam fé, racionalidade e erudição para construir os argumentos que esgrimiam.

Naõ sei pois como homens que tem lido tudo isto, se atrevaõ a escrever que nunca existira Bandarra, e que as trovas que elle ditara pelos annos do Sr. D. Joaõ 3º foraõ escritas pelo Padre Antõnio Vieira nos principios do Reinado do Sr. D. Joaõ 4º mediando nada menos que hum seculo. Mas que muito se veijam destas incrudelidades em hum seculo em que as verdades mais evidentes, e demonstradas naõ estaõ em abrigo de serem atacadas, e postas em dúvida.

Portanto demonstrada por aquelle modo a existencia de Bandarra, o tempo em que viveo, e ditou as suas trovas, e a autoridade dellas; naõ e possivel o duvidar-se de que elle tivesse o dom de professia, e fora hum daquelles homens a quem Deos Nosso Senhor se dignou revellar sucessos que estavaõ por vir, e os fucturos contingentes. Assim o podemos crer enquanto a Igreja naõ mandar outra couza; e se este nome de profeta, que lhe damos, desagrada a alguns ouvidos pios e melindrosos com excesso, que nos façãõ estes criticoins a merçe de dizer-nos que nome havemos dar ao Autor de huns escritos, nos quais expressamente se anunciaõ suçessos, que dipois se veraõ fielmente realizados passado hum seculo e mais tempo ?

D. Vasco Luis da Gama, na sua dedicatoria acima mencionada, e o Padre Antonio Vieira, fizeraõ huma fiel acomodação do primeiro corpo das trovas do Bandarra aos suçessos que nellas se achavaõ profetizados, e de que elles haviaõ visto com os seus proprios olhos o cumprimento. Naõ podéraõ porem fazer o mesmo às trovas que compõe o 2º e 3º corpo, naõ só porque ainda naõ tinhaõ visto o seu cumprimento, mas porque ainda naõ tinhaõ apparecido, rezervando Deos o seu descubrimento para o tempo do Senhor D. Joaõ 5º para o anno de 1729, e esta he a época de donde Bandarra nos manda expressamente datar o que vai anunciar-nos.²²⁶

Sem nos prezar-mos de possuir os talentos daquelles dois expositores, nos propomos a fazer a acomodação destas ultimas trovas aos suçessos que temos visto, e estamos vendo realizados em nossos dias, esperando que o amor da patria e zelo pela sua gloria supriãõ o exçesso que D. Luis, e Vieira nos levaõ em talento, e sciencia. He todo o nosso progeto neste opusculo, Deos se digne de o dirigir.

²²⁶ O terceiro corpo das trovas atribuídas a Bandarra, surgido em 1729, acabou por ter grande voga entre os sebastianistas que viam nela a predição dos acontecimentos relacionados com as guerras napoleónicas e com a guerra civil entre liberais e absolutistas.

Trovas de Gonçalo Anes Bandarra

sonhadas desde o anno de 1527, para 1528.

*Escritas pelo Pe. Gabriel Joaõ desta Villa de Trancozo, e achadas na parede
da Igreja da mesma Villa*

1ª trova

*Em vós que haveis de ser Quinto
Depois de morto o segundo,
Minhas Profecias fundo
Com as letras que aqui pinto.*

Em vós - Esta he a primeira das Sete Trovas que Bandarra escreveo para servirem de introdução aos chamados Sonhos, que depois se seguem, e nellas abrange rezumidamente tudo quanto ao depois diz com mais extensaõ, e nos fixa a epocha de que devem contar-se os numeros de que adiante falla. Esta epocha he o feliz Reinado do Senhor D. Joaõ 5º que começou a reinar pela morte de seu Pai o Senhor D. Pedro; nem nós temos outro Quinto, que reinasse depois da morte de hum Segundo, para o que bastará só ver o Catalogo de nossos Reis, em qualquer folhinha de algebeira. Tudo pois quanto Bandarra nos vai a dizer, se funda no Reinado do sobredito Senhor D. Joaõ 5º; e deste periodo por diante he que se deve entender quanto vai a dizer-nos, o que he taõ evidente, e claro, como a Luz do Sol. Que nos quererá porem dizer Bandarra naquele ultimo verso - Com as letras que aqui pinto? Que letras seraõ estas? Seraõ porventura todas com que estaõ escritas todas as suas trovas? Naõ o parece: vejamos se a trova seguinte nos aclara aqui alguma particularidade.

2ª trova

Ainda o tronco está por vir

*Já vos veijo erguido Cedro,
Pouco vai de Pedro a Pedro
Se a rama o tronco medir.*

Ainda o tronco - Se bem reparar-mos acharemos que as letras iniciais desta trova, quero dizer (porque escrevo para todos) a letra primeira de cada hum dos coatro versos saõ no 1º hum “I” no 2º outro “I”, no 3º hum “P”, e no 4º hum “S”. Saõ pois as letras iniciais “I.I.P.S”.²²⁷ Será por ventura huma extravagancia muito digna de chacota e rizo, dizer eu agora que aquellas 4 letras pareçem ser as iniciais dos nomes dos nossos Monarchas desde a epocha em que Bandarra funda as suas novas Professias? E que o primeiro “I” anuncia o Sr. D. Joaõ 5º, o 2º “I” ao Sr. D. Joze o 1º “P”, ao Sr. D. Pedro 3º, e o “S” ao Sr. Rei D. Sebastiaõ? Ora eu peço a quem isto ler, que, pondo se parte a prevençãõ arrogante com que neste seculo se olha para tudo o que cheira a misterio, pense maduramente sobre o ultimo verso da primeira trova, e sobre as 4 letras iniciais da 2ª, e me diga se a sua consciencia o naõ inclina para esta parte, e se naõ sente dizer-lho ella “o falar a verdade, lá o pareçe” Taobem naõ pareçe ser despropozito o entendimento pelo “Erguido Cedro” de que o Bandarra falla no 2º verso, cuja inicial denota ao Sr. D. Joze, a Estatua Equestre que se lhe ergueo, e levantou com muita justiça; e pelos dois “Pedros” expressamente nomiados no 3º cuja inicial denota ao Sr. D. Pedro 3º os dois que da Real familia se achaõ na America com aquelle nome, e a declaraçãõ da letra “P” porque começa o mesmo verso.²²⁸

3ª trova

Fiz Trovas de ferro, e prata

²²⁷ Para o primeiro verso deve ler-se a inicial *I* substituindo a palavra *Ainda* por *Inda*. Para o segundo verso, a inicial *J* de *Já* confunde-se com a maiúscula *I* na época de Bandarra.

²²⁸ O autor destas análises nem considera nesta lista de monarcas a rainha D. Maria I, substituindo-a pelo seu marido D. Pedro III. De notar que no tempo em que o opúsculo é escrito, o estado mental da Rainha já há longos anos a incapacitava para o exercício do cargo, estando a regência assegurada por seu filho D. João desde 1792, embora só a partir de 1799 o Príncipe tenha assumido oficialmente o cargo de Regente. Este Príncipe também não parece ter preenchido as expectativas de glória almejada pelos sebastianistas, o que se pode deduzir da interpretação dada à trova em análise e do destaque dado às profecias do “pretinho do Japão” sobre este assunto, que previam o fim da Dinastia brigantina.

*Dignas de qualquer tezouro
hoje quanto faço he ouro
Que em vós Senhor se remata.*

Fiz Trovas - Aqui alude Bandarra as suas primeiras Trovas a que chama de ferro por haver anunciado nellas o cativoiro²²⁹ de Portugal no tempo dos Felippes, e de prata por que taobem nellas anunciou o termo do cativoiro pela feliz aclamação do Sr. Rey D. Joaõ 4º, cujo reinado não deixáraõ chegar ao ponto da maior preciozidade as guerras que sobrevieraõ e nos affligiraõ por muitos annos; e só no tempo do Sr. D. Joaõ 5º se deixáraõ de sentir os seus terriveis effeitos vivendo todos em paz, e abundancia de ouro taõ grande como se sabe, e por isso que Bandarra agora, isto he, no tempo do reinado daquelle, em que elle funda as suas Professias, tudo quanto faz he oiro.

4ª trova.

*Naõ conto çapatarias
Que noutro tempo sonhei;
O que agora contarei
Saõ mais altas Professias.*

Naõ conto - Aqui taobem Bandarra alude às trovas primeiras nas quais com graça intrometia e fallava nos instrumentos do seu officio; e nos promete tomar hum tom mais nobre para accomodar à natureza e qualidade dos novos sucesos, de que vai a fallar e que saõ tanto mais altas do que as outras que ja havia anunciado, e que se viéraõ a realizar pela aclamação do Sr. Rei D. Joaõ 4º.

5ª trova.

²²⁹ Abundam os exemplos de palavras com duas ortografias no mesmo trecho, como neste caso em que *cativoiro* e *cativoiro* aparecem na mesma frase. No 1º tomo, escrito a partir de 1815, ainda aparecem quase sempre as formas como *escripto* e *captivo*. Neste tomo, posterior, a ortografia parece nitidamente estar em transição, devendo permitir as duas formas.

*A giesta não se troçe
Muito amargo o Sargaço
Tudo quanto agora faço
São bocados de erva doce.*

A giesta - Nesta trova parece que Bandarra fala da heroica tenacidade, com que o Ministerio Portuguez, se não torceo às repetidas instancias, e amargas violencias com que a França pertendeo unir-nos à chamada grande Cauza Continental querendo antes afinal deixar a Europa, e retirar-se às suas Colonias do que torçer-se para abraçar o partido de Napoliaõ e separar-se da sua adezaõ à Inglaterra, como taobem da tenacidade heroica com que a Naçaõ se não torceo mas sempre se conservou inimiga dos Francezes, e amiga dos Inglezes, unindose aos Inglezes na primeira ocaziaõ opportuna, e revoltandose contra aquelles apenas o pode fazer, conservando-se direita e firme neste odio, e naquella amizade. Nada parece taõ facil como troçer huma giesta, olhandose para a sua pequenez, entre tanto he mais facil o quebrala, do que o torcela. Os Francezes olhando para a pequenez do nosso Reino julgavaõ facilimo o torçer-nos para o seu partido, e contra os nossos amigos Inglezes, maz nunca o poderaõ conseguir apezar de todas as amarguras, com que aquelles agrestes Sargaços nos atormentáraõ. Taõ bem quadra a Portugal o Simbolo da giesta e à França o de Sargaço.

6ª trova

*Faço Trovas muito inteiras
Versos muito bem medidos
Que han de vir a ser cumpridos
La nas eras derradeiras.*

Faço Trovas - Torna nesta Trova o Bandarra a confirmar-nos no que já nos havia dito na Trova 4ª, de que agora o seu estillo, e até a metrificaçãõ será mais castigada, e correta, exegindo o assim a maior grandeza dos sucesos, que anuncia nestas suas mais altas Professias,²³⁰ promettendo nos no seu cumprimento lá para as

²³⁰ Com o anúncio deste aprimoramento de forma, métrica e correção de linguagem, com a fundamentação de a matéria ser mais alta – em vez de se ocupar da restauração, vai passar a profetizar o

eras derradeiras; isto he para tempos muito remotos daquelles em que elle vivia, e as ditava; pois ja nos nossos dias vem a ter decorrido quazi trezentos annos. Quando nós queremos exagerar, o quanto está distante qualquer couza, que so se poderá realizar daqui a çem, ou mais annos, costumamos dizer isso ha de ser “lá para o fim do mundo” expressãõ que em fraze mais solida corresponde, “lá nas eras derradeiras”.

7ª trova

*Eu componho, mas não ponho
As Letrinhas no papel
Que o devoto Gabriel
Vai riscando quanto eu sonho.*

Eu componho - Bandarra não sabia escrever,²³¹ o que prova bem que Deos lhe inspirava quanto elle dizia, e que he tanto acima da esfera de hum pobre çapateiro, que nem escrever sabia o Pe. Gabriel Joaõ seu Patricio era o que punha por escrito quanto elle ditava, e compunha.

1º Sonho.

1ª trova

*Veijo, mas não sei se veijo
O certo he que me cheira
Que me vem honrrar à Beira
Hum Grande do pe do Teijo.*

grandioso destino do Império Português – o autor das trovas apócrifas procura justificar a diferença de estilo entre as trovas deste terceiro corpo e as trovas de Bandarra. Procura até rebaixar o estilo das primeiras trovas, com os versos “*Não conto sapatarias / que noutro tempo sonhei*”. Por outro lado, chegou a haver uma assimilação entre profetas e sapateiros, de tal forma era frequente haver profetas entre estes artífices.

²³¹ Muitos comentadores de Bandarra o consideram analfabeto, como se refere no capítulo sobre *Bandarra*. Porém, o sapateiro de Trancoso deveria ser dono de grande memória e demonstra conhecimentos que desmentem o seu suposto analfabetismo.

Veijo - Accabada a sua Introdução dá Bandarra principio ao seu chamado Sonho por esta Trova verdadeira Profecia, do que ao depois se vio quando D. Alvaro de Abranches, neto do primeiro Conde de Villa Franca, e cazado com a D. Maria de Lancastre da Caza de Alvito, de quem houve a primeira Condessa de Valadares, e a mai do primeiro Conde de Povolide lhe foi em 1641 fazer levantar hum Mauzuleo na Igreja de S. Pedro de Trancozo, como deixamos dito na Prefação, aonde tambem dissemos, que estas Trovas só apparecerão em 1729.

(Omiti este prefacio para evitar demora.) Copiei depois.

2ª trova

*Formas, cabos, e sovellas
Lavradinhas com primor
Mandareis abrir Senhor
Muitos gostaraõ de vellas.²³²*

Formas - Com bem natural propriedade, e aluzaõ mandou aquelle honrrado Fidalgo abrir na pedra do tumulo, que fizera eregir a Bandarra os instrumentos do seu officio, e esta mesma circumstancia naõ escapou ao nosso Profeta. Ja na Prefação advertimos a catolica restricão, com que lhe damos este nome, e estamos promptos a çeder, quando a Igreja no lo mande, e os impugnadores de Bandarra nos digaõ que nome se deve dar, a quem taõ terminantemente anuncia futuros contingentes.

3ª trova

*Mas ay! que ja vejo vir
O Presbitero maior
A riscar todo o primor
Que outra vez hade surgir.*

²³² Parece estranho um profeta a vaticinar assuntos seus com tal falta de modéstia. Mas, para atribuir este grupo de trovas a Bandarra, terá parecido aos autores que era pertinente a utilização de matéria relativa ao epitáfio que se erigiu ao profeta popular no rescaldo do entusiasmo com a restauração da independência de Portugal.

Mas ay ! - Só quem for tão cego que nem olhos tenha deixará de ver profetizada nesta Trova a Ordem do Inquizidor Geral destes Reinos D. Verissimo de Lancastre para que se riscase, abolise, e consumise o Epitáfio que na Sepultura de Bandarra mandára abrir D. Alvaro de Abranches, e que he o seguinte - “Aqui jaz Gonçalo Anez Bandarra que em seu tempo profetizou a restauraçã deste Reino” - Epitáfio que o Padre Joze Agostinho diz a pag. 64 do seu Livro intitulado “Os Sebastianistas” que D. Alvaro de Abranches lhe mandára gravar, e a pag. 10 de huma pequena folha, a que poz por alcunha sua “defença” diz que fora falsamente atribuido pelos Jezuitas a D. Alvaro de Abranches; mas que digna (diga) o que quizer; porque ainda que muito máo, he Poeta.

Naõ faça duvida o servir-se o Bandarra do termo - Presbítero maior - e se alguém quizer que se entenda por eronia sendo à pessoa e naõ ao cargo do dito D. Verissimo, eu só escreverei. O primor de que aqui fala diz relação ao primor de que falla na trova antecedente prottesta que outra vez hade surgir aquelle primor riscado; e assim o veremos, ou veraõ os nossos vindouros, por que havendo-se cumprido as tres partes da Profesia tão fielmente, seria desvario desconfiar, de que a coarta se naõ houvesse de realizar. ²³³

2º Sonho

1ª trova

Augurai gentes vindouras

Que o Rey que de vos há de hir

Vos hade tornar a vir

Passadas trinta tizouras.

Augorai (sic) - Dá Bandarra principio a este sonho por esta trova em todo o sentido grande. Naõ pode haver a mais pequena duvida sobre a inteligencia dos trez primeiros versos. Depois que Bandarra escreveo nenhum outro Rei daqui se foi,

²³³ O túmulo do Bandarra tornou efectivamente a ser ornado, embora de forma muito mais simples, menos “aprimorada” do que antes.

senaõ o Rei D. Sebastiaõ, sahindo pela Barra de Lisboa²³⁴ em Junho de 1578, e não tem voltado mais até agora. He pois, e não pode deixar de ser deste que aqui falla Bandarra prometendo que ha de tornar a vir. Mas quando? Passadas 30 tezouras.

Aqui está a grande defículdade que para ser vencida, carecemos de lhe terminar que numero entenda aqui Bandarra por tezoura; e de que anno se deva começar a contar o produto daquelle numero multiplicado por 30? Em quanto ao 1º he evidente que Bandarra entende aqui por tezoura aquelle numero que mais se assemelha e parece a huma tizoura, em como este se pode considerar fexada, ou aberta, he claro, que fexada se parece com hum “8” de algarismo numerico, especialmente sendo das tizouras de que uzaõ os çapateiros, e aberta com hum X de conta Romana. Ora como nesta parte Bandarra não diz, como em outras, tizoura aberta, deve se entender fexada, que he o estado, deixem-me assim dizer, natural da tizoura. Por este modo as trinta tizouras, ou trinta vezes oito vem a fazer produto de 240; bem está: mas desde quando se hande contar estes 240, que he a 2ª couza que deve determinar-se? Agora o diremos.

Saõ duas as epochas de hum Reinado, a 1ª he fixada pelo dia em que o Imperante toma posse do Reinado, e a 2ª pelo dia em que morre. He evidente que a respeito do Sr. D. Sebastiaõ só temos a primeira epocha, que he fixada pelo anno, mez, e dia em que tomou posse do Reinado, e foi a 20 de Janeiro de 1568, aos quaes se ajuntarmos os 240, a que montaõ as 30 tizouras, teremos 1808. Mas este anno já passou, e o Sr. D. Sebastiaõ ainda não appareceo. Respondo, que Bandarra diz muito claramente que hade vir passadas 30 tezouras; emquanto não virmos passar as 31, que só preenchem para 1816 não podemos ter por errado este calculo, e muito menos por falsa a Professia, pois que até esse prazo estamos dentro dos termos da mesma Professia. Quando xegar-mos à trova 4ª do 4º sonho, teremos occasiaõ de nos explicar-mos mais sobre esta materia.

2ª trova

O Pastorinho na Serra

²³⁴ O autor anónimo deste texto constata em 1810 que nenhum rei português viajou para fora desde D. Sebastião. Havia pouco tempo, tinha embarcado a Família Real inteira fugindo das tropas francesas invasoras: uma Rainha inabilitada, um Príncipe regente, Princesas, mas efectivamente nenhum rei.

*Grita que tenhaõ cuidado
Que se vai perdendo o gado
Por mais que gritando berra.*

*O Pastorinho - Aqui parece fallar Bandarra das fadigas, e disvelos, que o nosso Augusto Principe Regente tem tomado, e sofrido, e ainda actualmente toma e sofre para evitar a entrada dos Francezes em Portugal. Trabalhou incansavelmente, eraõ frequentes os Concelhos de Estado, nada perdoou para afugentar aquelle flagelo, mas outros eraõ os Juízos de Deos. O Augusto Sobrano (sic) vendo que os Francezes entravaõ e que os Vassalos, seu precioso gado, se hia perdendo determinou retirar-se para as Americas, aonde naõ tem enfraquecido o seu zello como temos visto.*²³⁵

3ª trova

*Desanparar o Cortiço
Huma Abelha mestra veijo,
As outras com muito peijo.
Naõ tem azas para isso.*

*Desanparar - Naõ permitindo Deos que produzissem os suspirados effeitos as fadigas acima expressadas pelo termo de “gritar” realizou a retirada para o Brazil,*²³⁶ *e assim se vio a nossa Agustissima Raynha obrigada a desemparar nos, e*

²³⁵ o texto do opúsculo *Bandarra descoberto nas suas...* é o seguinte:

“*Aqui parece fallar Bandarra das fadigas, e disvelos, que o nosso Augusto Principe Regente tem tomado, e sofrido, e ainda actualmente toma e sofre para evitar a entrada dos Francezes em Portugal, e apartar dos seos Reynos a entrada, e persiguiçoens do malvado espirito Frances. Trabalhou incansavelmente, S. A. R. por que os Francezes naõ invadissem a Portugal; em Maфра, em Quelus, en Ajuda eraõ frequentissimos os concelhos d’Estado; a nada perdoou aquelle grande Principe de tudo o que podia concorrir para afugentar aquelle flagelo, e verdadeira peste, mas outros eraõ os destinos da Providencia; e o Augusto Soberano vendo, que os Francezes entravaõ e que os Vassalos o precioso gado se hia perdendo se dignou de retirar-se para as Americas, aonde naõ tem enfraquecido o seu zelo, e amor a seos Vassalos como temos visto, e estamos vendo*”. O compilador resume e tenta melhorar frequentemente a ortografia e estilo gramatical da pequena obra copiada. De facto a edição de que se terá servido tem inúmeras gralhas e evidentes falhas na pontuação. No entanto, nesta passagem, o resumo está feito de molde a evitar o encómio da figura de D. João, figura que parece ser menos simpática ao copista do que ao autor do comentário.

²³⁶ O texto seguinte também está resumido no sentido de simplificar o gongorismo dos elogios a personagens régias que, na época em que a cópia é feita, continuam num exílio dourado já pouco compreensível para os patriotas que os aguardam em Portugal.

se nos não faltassem as azas, qual de nos deixaria de acompanhala? Se a alguém parecer pouco decente o nome de Pastor, e de Abelha mestra para ser aplicado a hum grande Príncipe, e Augusta Rainha, lembrese de que estas expressoes são em cazos semelhantes empregadas pelos Profetas mesmo canónicos e portanto a linguagem de Deos nunca he indeçente.

4ª trova

*Hiraõ tempos de Lazeiras
Viraõ tempos de farturas,
Os Frades haverã tristuras
Por acudirem às Fereiras*

Hiraõ tempos – No primeiro verso desta Trova, vemos profetizada a mendicidade quazi universal deste Reino no tempo dos malvados Francezes; e no 2º verso vemos a abundância, graças a Deos, em que estamos vivendo comparativamente ao que vimos, e soffremos. Ja se não encontraõ cardumes de pobres a cada passo. E quanto os Frades tem padecido por acudir às Fereiras nós o temos visto, especialmente na entrada dos Francezes em Évora, Leiria, Porto, províncias do Norte, e Tras os Montes.

5ª trova

*Este Sonho que sonhei
He verdade muito çerta
Que lá da Ilha emcuberta
Vos há de xegar este Rey.*

Este Sonho – Aqui nos torna a prottestar a verdade de seus Sonhos, e professias, e depois de nos ter fallado do que teríamos que sofrer, e já temos sofrido, nos consola com a certeza, e segurança de que para pôr termo, e nos vingar de

“e assim se vio a nossa Agustissima Raynha obrigada a desemparrar nos, e se nos não faltassem as Azas para isso com muito pejo e dor nossa, qual de nos deixaria d’acompanhar taõ grande Raynha?”

tantos males, nos hade chegar o Rey de que nos fallára na 1ª trova deste Sonho 2º; e assim como esta que estamos explicando he a ultima, concordando, e dando as maons a principio com o fim do Sonho. Se alguém nos perguntar que Ilha emcuberta he esta?

*Responderemos que he aquelle lugar, aonde, segundo Bandarra, Deos tem rezervado o nosso Rey, e nada mais sobre isto diremos.*²³⁷

Sonho 3º

1ª trova

*Sonhei que estava sonhando
Que passados çem Janeiros
Os Portuguezes primeiros
Se Levantáraõ em bando.*

*Sonhei - Admiravel realmente esta primeira trova deste 3º Sonho, e a Providencia nos deitou ao Mundo no tempo prefixo do seu cumprimento. Ja fizemos ver na exposiçaõ da primeira trova desta pequena obra, que o Reinado do Sr. D. Joaõ 5º era a epocha donde deviaõ começar a contar-se os numeros que Bandarra empregase no corpo das Trovas. Foi aquelle Monarcha aclamado em 1707 e passados os çem Janeiros, de que aqui falla, nos vimos a achar em 1808, tempo em que os Portuguezes primeiros, isto he os habitantes do Minho e Tras os Montes se levantáraõ em bando, ou em masa, contra os malvados Francezes. Eu não sei como possa haver, quem se atreva a negar que Bandarra fosse hum verdadeiro Profeta, vendo taõ fielmente realizados os sucessos que tantos seculos antes elle havia vaticinado com tanta individuaçaõ. Lamentavel ligeireza!*²³⁸

2ª trova

²³⁷ Conforme Maria José Tavares aponta no artigo “O Milénio e a História” in *Discursos* (III série), Fevereiro de 2002, Lisboa, Universidade Aberta, p. 33, o mito do desejado exilado numa ilha encoberta, retomando o imaginário medieval da “Ilha de S. Brandão” ou “Ilha das Sete Cidades”, ressurge no tempo de D. João V.

²³⁸ Frequente forma de enfatizar a causa é desacreditar os descrentes: não pode haver nenhuma dúvida, quem não acredita só pode ser gente de cabeça dura ou pior. Mais à frente veremos páginas inteiras de argumentação, socorrendo-se de demonstrações acerca da falta de “coração” dos que não acreditam na causa do Encoberto.

*Erguese a Aguia Imperial
Com seos filhos ao rabo
E com as unhas no cabo
Faz o ninho em Portugal.*

Erguese - Para nos confirmar-mos mais que o levantamento em bando, ou em massa, de que se falla na trova antecedente, he o que em 1808 fizemos contra os malvados Francezes, alem de cahir pontualmente çerta a conta dos çem annos, ou çem Janeiros, temos a prezente trova, na qual expressamente se vaticina a entrada dos Francezes em Portugal, simbulizados aquelles na Aguia Imperial das suas bandeiras, e os soldados, que a seguem, nos filhos da mesma Aguia, que esvoaçãõ atraz della, e que depois de haverem roubado a Europa toda, por fim vieraõ fazer seu ninho entre nós, isto he, vieram estabelescer sua morada que felizmente foraõ obrigados a deixar.

3ª trova

*Poem hum “A” pernas acima
Tiralhe a risca do meio
E por detraz lha arrima,
Saberás quem te nomeio.*

Poem hum - Quizeraõ alguns que este “A” pernas acima pondoselhe atraz a risca, que tem no meio, viesse a formar hum IV de Letra Romana, e queraõ applicalo ao Sr. D. Joaõ 4º. Mas deviaõ lembrar-se que nada disto lhe pertence porque fica para traz da Epocha que o Profeta fixou em seu Neto o Sr. D. Joaõ Quinto; e em segundo lugar porque não manda simplesmente pôr atraz a risca que se tiver tirado do meio “A” posto pernas acima mas manda que se lhe arrime, e pegue, o que forma sem questaõ hum “N” letra inicial do nome do Imperador dos Francezes, o impio Napoleaõ, assim como as 4 da segunda trova da sua introduçaõ aos Sonhos saõ as letras iniciais dos Monarchas, que eraõ comprehendidos nestas trovas. Não pode haver a mais leve duvida de que seja este quem Bandarra nos

nomeia por aquella letra; porque assim vem esta trova a unir-se, e atarse, com as duas antecedentes, nomeando-nos o Imperador daquelles contra quem, passados os çem Janeiros depois de croado o Sr. D. Joaõ 5º, se levantaraõ os portuguezes como diz a 1ª trova deste 3º Sonho e que mandou a sua Águia Imperial, e rapinadora, seguida como de filhos seus, isto he de Soldados igualmente ladroins fazer o seu ninho em Portugal, como dis na 2ª trova deste mesmo Sonho.

Nada he taõ natural como que houvesse de ser revellado a Bandarra o nome de Napoliaõ, assim como lhe havia sido revelado o levantamento dos Portuguezes contra as suas tropas, e o anno em que teria effeito como a vinda e entrada da sua Águia Imperial, com os filhos ladroins ao lado. Pelo que ainda que absolutamente falando aquelle “N” possa denotar qualquer outro, cujo nome tenha por inicial aquella letra, atendida a serie, e ordem das couzas, que nas trovas anteçedentes se tem tratado, e se trataraõ nas que se seguem, naõ pode aquella letra denotar a outro, que naõ seja Napoleaõ.

4ª trova

*Tudo tenho na muleira
O passado e o futuro,
E quem for homem maduro.
Me hade dar fe inteira.*

Tudo tenho – He muito fácil de entender-se esta trova refletindo pelo modo seguinte. Bandarra figura-se aqui nesta trova existindo no momento actual entre nós, e chama com razaõ passado ao tempo em que elle profetizara a aclamação de Sr. D. Joaõ 4º que se realizou; e chama futuro ao tempo em que da Ilha encuberta hade vir, e aparecer entre nós o Sr. Rei D. Sebastiaõ, como diz na Trova 1ª, e 5ª do 2º Sonho, e como outra vez repete na seguinte trova deste sonho. Exaqui pois o passado e futuro que elle diz tem na muleira. Em quanto aos dois últimos versos, profetiza que muitos duvidaraõ dar fé ao que elle diz; mas que estes só seriaõ bandalhos petimetres, (petitmaitres), e gentes de cabeça dura, e verde, o que nos já vemos, porque em quanto aos Homens maduros lhe dariaõ inteiro credito.

5ª trova

*Veijo sem abrir os olhos
Tanto ao Longe, como ao perto
Virá do mundo emcuberto
Quem mate da Águia os polhos.*

Veijo – Aqui nos torna Bandarra a segurar da vinda do grande Rey para acabar de todo com os Francezes polhos da Águia, os quaes figurando-se ainda entre nós no momento actual, diz que está vendo de perto, assim como sem abrir os olhos, no mesmo instante está vendo ao longe no mundo emcuberto, aquelle que virá matar da Águia os polhos.

Sonho 4º

1ª trova

*Là para as partes do Norte
Veijo como por peneira
Levantar huma poeira,
Que nos amiaça a morte.*

Lá para - O grande sucesso anunciado nesta trova, ainda certamente está por cumprir, e parece ser o mesmo, que Bocarro descreve nas 10 oitavas que adiante copiaremos quando alcançarmos a trova 5ª deste 4º Sonho, e certamente não he outro, que o actual ajuntamento dos Princepes da Europa agora na capital da França, aonde se decretará contra nós. Entretanto por mais terrivel que seja só nos amiaça a morte, e nada mais.

2ª trova

*Vosso grande Capitão
Ó Povo errado, e perverso,
Ja caminha com o terço,
E vós dormindo no chaõ?*

Vosso grande - Que este grande Capitão seja o Rey que hade vir a defender-nos contra aquella grande poeira, que nos ameaçará a morte parece não ter duvida alguma; e a reprehensão que Bandarra nos dá nesta trova parece recahe sobre a indolencia que ao principio haverá entre nós não o seguindo logo que elle se ponha em marcha , e deixando nos ficar dormindo.

3ª Trova

*Na era que eu nomear
Tera fim a herezia
Verás çerta a Professia
Se bem souberes contar*

(a) A este respeito he digno de ver-se o que diz Sarmento na sua

Vitoria da Igreja tomo 2º f. 174

Na era - Nesta trova nos manda Bandarra estar muito attentos e tomar muito sentido e conta no que se segue, e em que elle vai a dizer-nos fixamente o tempo em que teraõ fim todas as desgraças da Igreja, e do mundo pela xegada do grande Capitão, e Rey vindo da Ilha, e Mundo em cuberto.

4ª trova

*Poem tres tizouras abertas
Diante hum Linhol direito
Conta seis vezes cinco
E mais hum 5, vai satisfeito.*

Poem tres - Na exposição da 1ª trova do 2º Sonho, mostramos que tizoura aberta he hum X da Conta Romana, e por consequencia 3 tizouras abertas somaõ trinta, o linhol direito he huma unidade, ou hum, que com 30, faz 31, e mais 6 vezes 5, que saõ 30 faz 61, e manda em fim acrescentar mais 5, o que tudo faz 66.

Na exposição da trova primeira mostramos que do Sr. D. Joaõ 5º se deve começar a fazer todas estas contas, por ser nelle que Bandarra expressamente diz que funda estas Professias. Ahi taobem dissemos que saõ duas as epochas de hum Reinado; aclamação, e morte do Reinante. Morreu o Sr. D. Joaõ 5º em 1750; se a estes ajuntarmos os 66 que Bandarra nos manda nesta trova contar, viremos a ter 1816; e exaqui o anno aprazado por Bandára (sic) para a vinda do Grande Rey, destruição dos Francezes, tranquillidade da Igreja, paz universal da Europa e do mundo. Observe-se como esta conta concorda com a que fizemos na exposição da 1ª trova do 2º Sonho. Taobem esta concorda (guardando a devida proporção), com o capº 7, vº 25 de Daniel, e com o Apocalipse de S. Joaõ cap. 13º vº 5º; com as Professias do Pretinho, que anuncia a chegada do Rei 3 invernos, e 1 verão depois da sahida do Papa da Capital do Mundo, que havendo sahido em 1808, tivemos os invernos de 1809 e 1810,

a) Não está completo este parágrafo. Comp(le)teio depois

teremos o de 1811, e o Verão que se lhe seguir, e consequentemente vem a deitar a mesma era de 1812, em que a Igreja, e os seus Santos saõ perseguidos por 42 mezes, concorda com o que dizem alguns vaticinios achados pela morte do Rey D. Manoel, e que daõ a vinda do seu Bisneto o Sr. D. Sebastiaõ, de cinco annos não completos de perseguição; que havendo começado pelos fins de 1807, vem taobem a deitar a 1812. E se a algum parecer este calculo mais engenhozo que natural leiam os que os Theologos tem escrito sobre Daniel. Ja se sabe se he permitido applicar grandes exemplos a couzas pequenas.²³⁹

5ª trova.

²³⁹ A parte do texto a cinzento indica o trecho escrito posteriormente. As contas copiadas estão um pouco diferentes do original, para actualizar a expectativa: O compilador copia um texto de 1810 em 1815. Como a data esperada é 1812, já passada, retoca as contas de forma a obter 1816, num futuro próximo para não defraudar expectativas. O texto original é o seguinte:

Poem tres. - Na. exposição da 1ª. Trova do 2º. Sonho, mostramos que tizoura aberta he hum X da Conta Romana, consequentemente tres tizouras abertas somaõ trinta, o Linhol direito he huma unidade, ou hum, que com trinta, faz trinta e hum, e mais seis vezes cinco, que saõ trinta faz secenta e hum, e manda em fim acrescentar mais hum, o que tudo faz secenta e dois. Na exposição da Trova primeira mostramos que do Sñr. D. Joaõ o 5º. Se deve começar a fazer todas estas contas, por ser nelle, que Bandarra expressamente diz, que funda estas Profecias. Ahi taõ bem dissemos que saõ duas as Epochas de hum Reinado, Acclamação, e morte do Reynante. Morreu o Snr. D. Joaõ o 5º, em 1750; se a estes ajuntarmos os 62; que Bandarra nos manda nesta Trova contar, viremos a ter 1812; e exaqui o anno aprazado por Bandarra para a vinda do Grande Rey, destruição dos Francezes, tranquillidade da Igreja, paz universal da Europa e do mundo.

*Muito rijo bate o vento
Na parede da Igreja,
Alguem cahida a dezeija,
No Levantar vai o tento.*

Muito rijo - Aqui falla Bandarra das perseguiçõins da Igreja nos nossos dias e he bem digno de notar-se, que tendo a primeira perseguiçãõ sido feita por Nero no principio da Igreja, seja esta feita agora por Napoleaõ para se cumprir a Professia de hum só Pastor e hum só rebanho, principiando e acabando estas Professias, digo, perseguiçõins por Nero, e Napoleaõ, sendo o “N” a letra inicial dos dois Imperadores, e dos grandes dezeijos, que Napoleaõ tem de a ver cahida, e dos esforços que faz, e tem feito para o conseguir; o que tudo mais difuzamente(sic) explica o Grande Bocarro²⁴⁰ nas seguintes outavas impressas em 1624, e que fielmente aqui copeio.

Outavas de Bocarro

119

*Na terra a Santa Astrea desprezada
Quantas c(a)lamidades lhe promette!
A grandeza melhor, mal governada
A que exicios crueis se não submete!
A República emfim despedaçada
Cujo reparo a Deos ja só compete
Não sei se temerá novos tributos
De novas Leis, de novos Estatutos.*

120

*Denota que hum profano Herisiarca
Com dogmas quer turbar, e altos errores*

²⁴⁰ Note-se que, no índice dos manuscritos, os versos estão assinalados como “Outavas de Bocarro Português” e não Bocarro francês, como muitas vezes é referenciado. Tomo II do manuscrito, cuja cópia se inclui em anexo, p. 217.

*Ao mundo de que inttenta ser Monarcha
De muitos estipados seus factores:
Naufragios quer formar de Pedro à Barca
Entre Astaroth, e falsos Belphegores²⁴¹
Que porque nelle Sumai tem Altezas
Com vicios [çeva] ²⁴²o mundo, e com larguezas.*

121

*Damno horrendo amiaça o çego emundo,
Promulgando infernal, e dogma inorme;
Aos mais Potentes Prínçepes do mundo
A seita faz seguir torpe, e deforme:
Mas o que termo pos ao [mal]²⁴³ profundo
Para que de seus vícios se reforme
O povo que remio atorpelando
Taõ nocivo, e contrario, e taõ nefando,*

122

*Escolherá para raio ao Luzitano
Que de perfidia tal tome vingança
Que favor taõ divino e sob(e)rano
Pelo zello que tem do Olimpo alcança:
E vos ó gente cega, que no engano
Que Lucifer urdio à confiança,
Pondes do Etherio bem a propria Alteza
Vede que haveis de abater á Portugueza.*

123

Que se andaõ no Aquilaõ por tantas vezes

²⁴¹ Astart e Belfegor são nomes de monstros ou divindades pagãs. Estas palavras, com origem no hebraico bíblico, encontram-se no português erudito. Conforme António Augusto Tavares, “Palavras e expressões portuguesas de origem hebraica” in *Estudos Orientais II. O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Lisboa, Instituto Oriental/Universidade Nova de Lisboa, 1991, p.224

²⁴² No manuscrito nota-se uma emenda com tinta diferente do que parece ser a expressão “se vá” para “çeva”. M.T2:28

²⁴³ Na mesma página do manuscrito, também esta palavra está emendada. Parece ter sido escrita a palavra “mar” emendada com outra tinta para “mal”.

*Turbando a Santa fé torpes Harpias
Enchendo Gaulos, Angulos, e Holandezes
E Germanos ferozes de herezias;
No pequeno poder dos Portuguezes,
(Pela fé propaganda Apologias)
O Çeo ha de mostrar, ó gente iniqua,
Como Roma de vos triunfante fica.*

124

*Vereis de vossas Armas Vitoriozo
Ao Pendaõ orthodoxo, e subjugados
De Pedro ao substituto Relegiozo
Esses que vos dominaõ Potentados:
O Heretico renaiõ e liçençiozo
De que hidropicos fortes, e enganados
Co antidoto de Christo Soberano
A força hade perder respeito humano.*

125

*Com tudo no Universo horrendas clades
Sinto do Polo irado vacilando
Com o Potente Dominio as Magestades
Do fado estrangido miserando.
Mas tu graã Luzitana, que impiedades
Naõ seguiste do Hereje o Dogma nefando
Naõ temas do alto Olimpo a influencia
Se he que ao justo sigura a inoçencia.*

126

*Refreia amada Patria os tristes vultos,
As Lagrimas comprime, e naõ te espantem
Efeitos das Estrelas, que se ocultam,
Por ti ja pode ser que se levantem;
Na mesma confuzaõ e nos tumultos*

*Deixa que por teu Rey vitorias cantem
Que de quanto o Sol vê, Neptuno a Barca,
Será contigo universal Monarcha.*

127

*Muitos perecerão, se me não ingano
Reinos do mundo, o Polo significa,
Mas o famoso Imperio Lusitano
Livre do Ocazo eterno se amplifica.
O do Gentio, Mouro, o do Othomano,
Que inçensos a Lucifer dedica
Sugeito ao Luzo forte brevemente,
Verás que adora aí Christo Omnipotente.*

128

*Verás hum só Pastor, hum só Rebanho
Que o Suçesor de Pedro só preveja
Nem na terra, nem no liquido estanho
Impugnará ninguem a Madre Igreja.
O ser de Portugal será tamanho,
Que o mundo todo só nelle se veja,
Imperio do Universo Sumo e Grande
Para que seu Monarcha todo o mande.*

Com estas outavas do grande Bocarro concordaõ as Professias de S. Izidoro, S. Çerilo, Santa Leocadia, Beato Gil, Beato Antonio, as que se acháraõ junto ao Altar de Santo Thomé em Miliapor, as de S. Theophilo, as do Monje Rolando, e as de hum Relegioso de S. Francisco Napolitano; as quaes todas vaõ fielmente copiadas no fim desta pequena obra.

*Mas ay do calçado a obra
Logo requer o Salario
Porem não ha muita obra
Se não dobra o Canpanario.*

Mas ay - Parece que nesta trova deplora o Bandarra a pobreza, e mendicidade, a que pelos Francezes tem sido reduzido o Clero Regular, como Secullar, tendo-lhe custado muito a poder proverse das couzas da maior neçesidade, como são o vestido, e o comer por lhe haverem tirado o que era pessoal, e pela mizeria publica parado as esmolas de que hum, e outro Clero vive.

*Sonho 5º
1ª trova*

*Veijo, veijo, digo,veijo
Andar a terra ao redor
E o borborinho sem dor
Revolve hum, e outro Sexo.*

Veijo - Nesta trova porque começa o seu 5º sonho falla Bandarra da estranha dezordem dor e borborinho em que nos pôs a segunda entrada dos Francezes em Portugal pelas Provincias do Norte, o que cauzou entre nós maior confuzaõ do que tinha cauzado a primeira.

2ª trova

*Rugia a porca do Sino,
O Sino não badalava
A grimpa se revirava
E o Sino andava a pino.*

Rugia - Este maravilhoso sucesso ainda taobem não foi cumprido, e será sem duvida hum dos muitos que se admiraraõ na chegada do Grande Rey. Esperemos pois o seu cumprimento, e não arrisquemos congeturas contra o que nos dicta a prudencia.

3ª trova

*Meto a sovella nas viras
E vejo pelo buraco
Os ossos de Pedro Jaco
No penedo das mentiras.*

Meto – Entaõ, quando se rializar aquella grande maravilha de que na trova antecedente, e muitas outras que devem acompanhar a vinda do Grande Rey, se accabaraõ os incredulos de desinganar, de que elle se conserva vivo, e do embuste, com que se pertendeo enganar os povos enterrando em Belem hum corpo que deziaõ ser do mesmo Rey, quando aliás entaõ será conhecido que era o de Pedro Jaco. O Autor do Folheto intitulado - Os Sebastianistas - increpa a paginas 102 a Bandarra por servir-se deste nome de Pedro Jaco, chamandolhe chocarreiro, e ridículo. Eu não sei que o nome de Pedro Jaco faça deferença de qualquer outro nome, por exemplo Joze Agostinho, Joaõ Lopes, Joze Afonso ou Manuel Antunes. Com muita propriedade, e elegancia, chama penedo das mentiras ao Mauzuleo, que está em Belem.

4ª trova

*Que bellamente Joaõ,
As Professias dereitas?
Depois que forem perfeitas
Veraõ que a terra povoaaõ.*

Que bellamente – De novo nos prottesta pela direitura, e verdade de suas profesias, e nos anuncia que ellas povoaraõ a terra toda, isto he que todos as proccuraraõ possuir e ler quando forem cumpridas.

Sonho 6º

1ª trova

*Doutos, e Sandeos conhecem
Pelo volver das Estrelas
Puras verdades mui bellas
Que ainda os Judeos não merecem.*

Doutos - Chegando o tempo em que se cumprirão todas estas Profecias, todos, tanto doutos, como sandeos, e idiotas conhecerão estas verdades puras, e a certeza destes calculos pelo volver das estrellas. Os Judeos serão os mais tardios em as conhecer por sua obstinação, mas afinal as conhecerão, e serão convertidos.²⁴⁴

2ª trova

*Quando o Sonho he verdadeiro
Dase huma luz mui clara ;
Sonho agora que huma vara
Vai dar Luz a hum outeiro.*

Quando - Aqui nos diz, ou quer dizer, Bandarra que quando huma luz muito clara o alumiaava ao tempo do Sonho, era hum signal certo de que o sonho era verdadeiro, e que esta luz muito clara o alumiaava, quando elle sonhava que huma vara dava luz a hum outeiro. Vejamos, o que isto he.

²⁴⁴ Muitas das profecias colecionadas concedem aos Judeus a hipótese de fazer parte dos escolhidos que viverão no Reino da Felicidade dos últimos tempos. Quanto aos muçulmanos, são menos as profecias que prevêem a sua conversão. Não existe hipótese de crentes de outras religiões fazerem parte desse Reino Perfeito em todos estes vaticínios. O ecumenismo nas nossas paragens ocidentais é um fenómeno recente.

Segundo Frei Bento Domingues, “Na festa do Pentecostes” *Público*, 15 de Maio de 2005, p. 6, o Pentecostes, a festa da reunião dos povos, é o símbolo da influência de Deus na diversidade de todas as línguas e culturas. Hoje, as palavras do *Credo* acerca da *Igreja Una, Santa, Católica e Apostólica* já não são compreendidas como referindo-se a uma organização detentora da Verdade única com uma moral bem definida e rígida, que obrigue a um comportamento dirigido em todas as ocasiões da vida dos católicos.

3ª trova

*O outeiro he Portugal
E a vara Castilhana
Da minha pobre choupana
Vejo esta Vara Real.*

O Outeiro - Esta Trova se comprehenderá muito bem lembrando-nos do que vimos em 1807, e 1808 no nosso Reyno e no da Espanha. Quando a nossa familia Real tomou a generosa rezolução de se retirar para o Brazil, (h)ouve muitos neste Reino, e muitos mais no de Espanha que desaprovavaõ aquella medida, e diçeraõ muitos attrevimentos. Quando porem viraõ o proçedimento de Napoliaõ com a familia Real da Espanha, pensaraõ de outro modo. Foi isto huma Luz clara que lhe mostrou quanto eraõ errados os seus discursos, e o bem que havia feito a Caza de Bragança em se retirar. Por este modo a Vara, que he a Espanha, aclarou o outeiro, que he Portugal.

4ª trova

*Dará fruto em tudo Santo
Ninguem ouzará negalo
O choro será regalo
E será gostozo o pranto.*

Dará - Naõ se pode pensar sem horror e susto sobre a sorte que virá a ter a familia Real da Espanha entre as maons de Napoliaõ. A ser o que se naõ deve dezejar, mas pode suppor, teremos aquella grande Vara na pessoa do Senhor Infante D. Pedro Carlos, que está fora do alcance Françes, e ja se ve com quem se virá a realizar o seu Consorcio, e o Santo fruto, que elle dará, ninguem ouzará a negar, naquelle desgraçado cazo, o direito que elle tem a Croa de Espanha, e à vista desta maravilha todos choraraõ de prazer e gosto.

5ª trova

*Bem cuidado que ja vem perto
O fim destas Professias
Passaraõ 300 dias
Depois de eu ser descuberto.*

Bem cuidado – Falla Bandarra nesta trova com aquelles que como nós tiverem visto as suas antecedentes professias; e nos prottesta vir perto o fim de todas ellas pela chegada, e vinda do Emcuberto, que suppomos taõ proxima como atraz temos dito, e mostrado. Taobem nos promette que elle hade ser descuberto, e que passados 300 dias depois deste descobrimento de que aqui falla, ainda se naõ realizou, nem pode ainda ser realizado visto que ha de realizar-se 300 dias antes da entrada do Emcuberto, que ainda, como se fez ver, hade tardar mais que 300 dias.

6ª trova

*Em dois sitios me achareis
Por disgraca ou por ventura,
Os ossos na Sepultura
A alma nestes papeis.²⁴⁵*

Em dois - Com muita propriedade se diz que a Alma do Escritor fica vivendo nos seus escritos, que saõ as partes ou filhos da mesma alma. No que elle ditara temos a alma de Bandarra, a qual se vai nelles descubrindo à medida que se for vulgarizando, lendo, e entendendo estas trovas, que neste anno de 1810, nos xegáraõ pela primeira vez impressas, e se vaõ pouco, e pouco vulgarizando. Achar-se-haõ os seus ossos na Sepultura quando se verificar o tornar outra vez a surgir o primor de que falla na 3ª Trova do 1º Sonho. Este axado será de gosto para os seus

²⁴⁵ Um autor deixar a sua “alma” nos escritos que nos chegam é um fenómeno com o qual se tenta trabalhar. Para sabermos algo sobre os homens que nos precederam, os “papeis” que nos legaram são preciosos. E não são só as obras clássicas e consagradas que nos possibilitam o vislumbre das mentalidades dos que viveram antes da nossa época: as obras humildes têm também uma grande importância.

apaixonados devotos, e desdita para os que o desprezaõ, porque ficaraõ corridos e vexados como he natural.

7ª trova

*Naõ ha pedra sobre pedra
Quando eu aqui for axado
E as Letrinhas do Letrado
(H)Á 300 annos queda.*

Naõ há - Pelo espasso dos quasi trezentos annos, que tem decorrido depois que Bandarra està sepultado na igreja de S. Pedro de Trancozo, tem sofrido muitas ruinas, mudanças e Concertos; e sabemos que especialmente em 1729, fora demolida totalmente a parede da Capella Mor, sendo por essa ocaziaõ achadas estas Trovas que temos exposto e haviaõ sido escritas pelo Padre Gabriel Joaõ em 1532, como elle attesta. Relativamente pois ao Estado daquella Igreja quando elle nella fora enterrado, diz Bandarra que naõ haverá pedra sobre pedra, quando outra ves surgir o primor, que fora riscado por quem já dissemos na expozicaõ á trova 3ª. Em quanto aos trezentos annos, que diz haõ de ter quedas as Letrinhas do Letrado, quando tudo o que nellas se contem for cumprido, estes naõ ha duvida se devem contar desde 1532, em que foraõ escritas, o que faz chegar o termo de tudo a 1832; mas para conciliar esta conta com as que atraz se axaõ, diremos que aqui ha Synecdoche uzada nas Escripturas e maiormente em livros profeticos que hé de tomar o numero perfeito redondo em lugar de hum imperfeito, e que acabe em unidades; assim em lugar de dizer 280, dizem 300 por ser mais breve em quanto a enunciaçaõ e no uzo familiar nos estamos a cada passo servindo desta figura.

Com esta Trova dá o grande Bandarra fim as suas profecias, a que só pode negar este nome quem, como já dissemos, for muito ignorante ou naõ tiver Juizo. Especialmente depois que pela aclamaçaõ do Senhor D. Joaõ 4º se viraõ cumpridas todas as que se contem no primeiro Corpo. Todas as personagens mais respeitaveis de Portugal lhe tem dado este nome, sem o mais leve escrupulo. O mesmo Senhor Rey D. Joaõ 4º os filhos que lhe succederaõ, e o grande e sabio Principe D. Theotonio (D. Teodósio) respeitavaõ estas Trovas como inspiradas.

Nesta posse se conservaraõ ate que pelos tormentozos annos de 1760 por diante o rancor e odio as quiz empurrar aos Jezuitas para lhe formar mais hum Crime. Mas emfim a verdade sempre vem triunfar. Remataremos com a certidaõ fielmente copiada do Padre Gabriel Joaõ que se axa no Santo Officio escrita no mesmo pergaminho em que estaõ as escritas as trovas.

Çertidaõ

Eu o Padre Gabriel Joaõ desta Villa de Trancozo por ser Vezinho do sobredito Gonçalo Anes Bandarra, e reconhecer a sua verdade escrevi estes ditos seus; e os guardei a seu mandado na abertura da parede desta Igreja de S. Pedro para serem axados em outro tempo, como elle me diçe. E por eu conhecer, e suspeitar teraõ algum misterio estes Sonhos, vendo lho dar a alguns delles, fis o que elle me mandou.

Em fé do que tudo me asignei, e o juro.

anno de 1532. O Padre Gabriel Joaõ.

Collecção de varias Professias

Impresas muito antes da Aclamação do Senhor D. João 4º

Versos axados em Miliapor junto ao

Altar de S. Thome

e impressos neste Reino em 1627; como taobem na restauração em 1643

1. *Reinara hum Rey nos annos da sua puberdade, e o Reino ficara Viuvo, e choroço.*
2. *Introduzir-se-ha a prudencia com o rigor, e devastará as Religioens dos que confessaõ.*
3. *Entaõ ajuntará hum Reino a outros Reynos, e estando ainda vivo, fervilharaõ os bichos em seu corpo.*
4. *Virá outro xamado 3º, e nelle ficará muda a prudencia do 2º*
5. *Triunfará no Reyno alheio, e ninguem lhe darà os parabens.*
6. *Dormirá em paz o Reino do que dorme; e as Estrelas delle cahiraõ nos campos.*
7. *Levantar se ha em çeptro a sua Vara, e rebentaraõ humas apos outras as sediçoens nos povos.*
8. *Aos povos daquelle que se dá por sepultado, e morto, mas que naõ permanecerá sempre morto.*
9. *Estalar lhe hà a vara no braço, e os pobres exultaraõ de alegrias.*
10. *Diraõ os ricos, como fomos loucos! e os que eraõ tidos por fatuos se riraõ dos que se julgavaõ prudentes.*
11. *Entaõ se levantara na Espanha hum Leaõ, e o Reino sera separado dos Reinos.*
12. *Prevalescerá a Luzitania às outras gentes, e alegre obbedecerá ao seu Rey.*
13. *Muitos Reis lhe daraó os parabens, e abundará muito em riquezas.*
14. *Tornar se ha a levantar o çeptro renovado, e nunca lhe será tirado.*

Nota:

*O verso 6º e 8º forão engolidos pelo Autor da Restauração de Portugal (prodigiosa), porque de nenhum modo os podia accomodar ao Senhor D. Joaõ 4º e dizem só respeito ao Senhor D. Sebastião 1º.*²⁴⁶

Professias do Beato Gil

Da Ordem dos Pregadores.

Portugal privado dos seus Legitimos Soberanos gemerá por largos annos, e sofrerá por diversos modos, mas Deos lhe será propicio. A salvação lhe virá de longe, e inesperadamente será remida por quem se não espera. A Africa será destruida, cahirá o imperio do Turco; a Igreja será coroada de Martires; Constantinopla convertida; a Caza de Deos recuperada; mudado tudo.

Nota:

Esta Profecia do Beato Gil fez conta ao A. da Restauração prodigiosa para ser accomodada ao Senhor D. Joaõ 4º de f. 79, ate 85 da sua obra; e a outra parte das Professias, que começa da destruição de Africa até chegar á Caza de Deos ser recuperada, não lhe fez conta acomodallas, por isso as não traz na sua obra, quando o fim desta Profecia he a destruição do Império Turco, e o restabelecimento da Lei de Christo em todo o mundo, por aquelle que há de vir de longe inesperadamente.

Professia de Santo Izidoro, e Cassandra

*Santo Izidoro, e Casandra filha de Priamo, Rey dos Trojanos; dizem concordemente,*²⁴⁷ *que para os ultimos tempos, ha de reinar na Hespanha Maior*

²⁴⁶ O autor do opúsculo, partidário da interpretação sebastianista das trovas do Bandarra, critica Gregório de Almeida, o autor de *Restauração de Portugal Prodigiosa*, escrito após a aclamação de D. João IV, que acredita que Bandarra havia profetizado a Restauração de Portugal, tal como o Padre António Vieira e tantos no seu tempo. O compilador também é partidário da tese sebastianista, embora copie profecias de outra filiação.

²⁴⁷ Citando o comentário irónico de Besselaar, ‘ Bien etonnés de se trouver ensemble !’, José van den Besselaar, *O Sebastianismo- História sumária*, Lisboa, Ministério da Educação e Cultura, 1987, p. 41

hum Rey duas vezes piedozamente dado, e que reinara por huma mulher, cujo nome começará por - I - e acabara em - L - e que o dito Rey hade vir das partes do Oriente, e reinará de poucos annos: que purificará a Espanha de suas impurezas, e que a espada hade devastar o que o fogo não consumir, que hade reinar sobre a Caza de Agar; e que ha de tomar Jeruzalem; e que hade arvorar a Cruz do Crucificado sobre o Santo Sepulchro; e que ha de ser hum Monarcha Maximo.

Deve lerse para verdadeira intelligencia da Professia assima referida a vida de Santa Izabel Raynha de Portugal, a pag. 206, e 207 à qual foi promettido pelo mesmo Jezus Christo que por ella Izabel livraria aquelle seu deçendente figurado no Senhor D. Sebastião, e nelle se cumpriria a sua mizericordia. (Esta Professia de Santo Izidoro, vem em Vieira Libro 13, pag. 257.)

Nota:

Por Espanha Maior se entende Portugal

Professia de S. Theophilo

O qual falando de hum Pontifice de Hespanha diz:

O qual com hum Rey de Espanha, que se julgava esquecido, e morto, e que não havia de reinar, recuperará os Reynos perdidos; sugeitará o Sultaõ ao seu dominio, e fará restituir aos Christaõs a Caza de Deos.

Profesias do Monge Rolando

que existiu no Seculo 14; e foraõ descubertas em 1600, em hum manuscrito antigo, e preciozo.

Povos da Luzitania conservai, altamente na memoria o que os tardios Fados dos Deozes vos tem destinado.

Quando vires cunhada em ouro a imagem do Principe, isto vos ensina que o Rey que hade vir ja não está longe.

Quando vires cortado o Comercio com o Sumo Pontifiçe, e Sagrada Roma, sabei que elle ja não poderà estar por muito tempo emcuberto.

Apenas isto vires, alegrete, ó Portugal, e tem por çerta a esperança daquella vinda de que se duvidava.

Apossar-te-has do Imperio; dominaras em todo o Orbe e os muros de Jeruzalem cahiraõ debaixo do teo Çeptro.

Professia de hum Frade de S. Francisco

Napolitano em 1520.

Ay de ti Portugal! Virá sem duvida tempo, em que a tua luz se apagara, ver te hás debaixo dos pés dos outros, que te quebraraõ como se fosses hum vazo de barro. Roubaraõ tuas riquezas, e tezouros, serás tributaria, gemerás, e de todos os que te amavaõ, nenhum te consolará. A tua honra será mudada, tua gente destruida, e tuas Cidades tomadas por infiéis.

Mas entaõ o Pay das mizericordias te pora os olhos, vera o teu oprobrio, e do meio de ti fará surgir o Salvador que te libertará da escravidão alheia. Depois do que mandarteha outro, que se reputava morto, e este, que te havia posto em mizeria, te restituirá o teu antigo esplendor, exaltarà o teu império, e dilatará a fé de Christo. Destruirá a Caza de Mahomet.

Entaõ o seu Imperio sera eterno; e todo o Povo dirá – Alegrete, ó Portugal porque Deos te fez a primeira das Províncias, e dominadora das Naçoins.

Professia do Abbade Gil

Axada no Convento de Nossa Senhora de Ara Cæli da Villa d'Alcacer do Sal.

Do seu Reino o tal Monarca hade sahir para haver de expugnar e destruir os Barbaros, e por premissaõ Divina se hade perder: Deos comtudo movido da sua mizericordia o restituirá com o seu Reino depois de muito tempo de peregrinaçã e paciencia.

Professia de S. Claudio

*que vem no fim do Livro das Profecias de Santo Izidoro empresas em
Valença na era de 1520*

*Hum Rey de Espanha, que será croado aos 14 annos de sua idade, e
guerreiro até os 24 sugeitará a maior parte do mundo, reinará 35 annos, e tomará a
Caza Santa.*

Professia de S. Çerilo

*O mesmo Monarca, havia naçer na era de 1554, e em dia de S. Sebastião, o
que vemos verificado no nosso Rey D. Sebastião, que he o mesmo, de que hum
insigne Varaõ por nome Lontibergio profetizou: hum Principe muito honesto, e de
grande autoridade reinará em toda a parte nos effeitos da conjunção de Jupiter, e
Saturno, cujos effeitos foraõ em 1554, vindo esta a combinar com a de S. Çerilo de
que havia naçer na era de 1554 que he a mesma em que naçeo o nosso Rey D.
Sebastião, e a mesma Conjunção que houve de Planetas em 1808.*

Professias de Santa Leocadia

Axadas na sua Sepultura em 1587

*Por el alto saber del Sempiterno
Unirá la voluntad en amor paterno
Y el Ibero com el Luzo e em compania
Hará navegacion al solio de Maria*

*Y al Santo Mauzuleo
Donde el Luzitano solio
Coronado de Africa e Palestina
Exaltara su nombre por la fé Divina.*

Professia do Padre Joze de Anieta (Anchieta)

que elle diçe a Manoel da Gaia morador na Villa do Santo Espiritu.

‘Que El Rey D. Sebastião havia passar 3 vezes á Africa, e que a havia de ganhar e conquistar; e que muita parte da gente Moura havia de receber o Sagrado Baptismo pedido voluntariamente. ²⁴⁸ Que tomaria a Cidade de Alexandria, aonde se tomariaõ grandes riquezas; que destruhiria a Caza de Meca, da qual nao ficaria memoria; que conquistaria toda a Palestina, Antioquia, Jeruzalem, e todo o Imperio Turco. Que conquistaria o Imperio de Alemanha por nelle reinar Imperador Herege; e que finalmente Portugal seria huma ave Pheniz como fora antigamente Roma, que senhoriou o mundo, por que tudo isto está ordenado pelo Senhor; que tudo isto está ordenado por Deos ao Senhor Rey D. Sebastião para por elle obrar tudo.

Ainda diçe mais, que toda a gente do Norte, e Septentrional viria ao gremio da Igreja, e dariaõ obediencia ao Santo Padre; e que muitos povos de Portugal seriaõ governados pelos pequenos, pelo que seriaõ melhor governados do que antes, e com justiça.”

Por fim acreçenta o Expozitor destas professias que seria fastidioso, se quizesse reproduzir as profecias, Pronosticos, e Revelaçoins que há a este respeito da vinda do Senhor D. Sebastião, mas julga suficiente as que tem referido, e por fim acaba esta obra mostrando a geração 16^a atenuada perfeitamente na pessoa de El Rey D. Sebastião, e dis assim –

Querendo os Anti-Sebastianistas verificar mal, e feamente o vaticinio que se havia de cumprir na 16^a Geração na pessoa do Senhor D. Joaõ 4^o contaõ 8 Reys Portuguezes ate o Senhor D. Joaõ primeiro, e 8 Duques que (h)ouveraõ na Caza de Bragança ate o Senhor D. Joaõ 4^o, inclusivo; e do mesmo modo, que aquelles fazem

²⁴⁸ Esta previsão relativa à aceitação voluntária do Baptismo pelos muçulmanos que revela prudência e está de acordo com os preceitos canónicos, evoca pela dissemelhança o procedimento de autoridades eclesiásticas portuguesas ao praticarem ou aceitarem os baptismos colectivos e até forçados de judeus portugueses, menos de um século atrás. Atitude que, aliás, seria reprovada pela hierarquia católica de Roma, que aceitava os argumentos de cristãos novos portugueses que judaizavam em Itália, por considerarem que, tendo sido o seu baptismo uma imposição, não se podiam considerar heréticos por voltarem, ou mais precisamente, se manterem nas práticas religiosas judaicas. Ver M. José Tavares *Milénio e Império*, Lisboa, Universidade Aberta, 2003, p. 50

a conta e não se verificou a atenuação da prole no Senhor D. João 4º, eu o mostro verificado em tudo no Senhor D. Sebastião 1º Rey de Portugal, tanto na suçesaõ, como na geração.

Geração

<i>D. Affonso 1º</i>	<i>huma</i>
<i>D. Sancho 1º</i>	<i>2</i>
<i>D. Affonso 2º</i>	<i>3</i>
<i>D. Sancho, com seu Irmaõ D. Affonso 3º</i>	<i>4</i>
<i>D. Diniz</i>	<i>5</i>
<i>D. Affonso</i>	<i>6</i>
<i>D. Pedro 1º</i>	<i>7</i>
<i>D. Fernando, com seu Irmaõ D. João 1º</i>	<i>8</i>
<i>D. Affonso, 1º Duque</i>	<i>9</i>
<i>D. Isabel cazada com o Infante D. João</i>	<i>10</i>
<i>D. Isabel Rainha de Castella cazada com El Rey D. João 2º</i>	<i>11</i>
<i>D. Isabel, e D. Fernando Catholico</i>	<i>12</i>
<i>D. Joanna Rainha de Castella, e D. Felipe Conde de Flandes</i>	<i>13</i>
<i>D. Carlos 5º Imperador</i>	<i>14</i>
<i>D. Joanna Cazada com o Príncipe D. João</i>	<i>15</i>
<i>D. Sebastião filho de D. Joanna, e Príncipe D. João</i>	<i>16</i>

Suçesaõ

<i>D. Affonso 1º.</i>	<i>hum.</i>
<i>D. Sancho 1º.</i>	<i>dous.</i>
<i>D. Affonso 2º.</i>	<i>tres</i>
<i>D. Sancho 2º.</i>	<i>quatro</i>
<i>D. Affons 3º.</i>	<i>cinco</i>
<i>D. Diniz 1º.</i>	<i>seis</i>
<i>D. Affonso 4º.</i>	<i>sete</i>
<i>D. Pedro 1º.</i>	<i>oito</i>
<i>D. Fernando</i>	<i>nove</i>

<i>D. João 1º.</i>	<i>dez</i>
<i>D. Duarte</i>	<i>onze</i>
<i>D. Affonso 5º.</i>	<i>doze</i>
<i>D. João 2º.</i>	<i>treze</i>
<i>D. Manoel</i>	<i>quatorze</i>
<i>D. João 3º.</i>	<i>quinze</i>
<i>D. Sebastião</i>	<i>dezaseis.</i>

Exaqui a 16ª Geração, e successão atenuada. ²⁴⁹

Professias de Çepeda

axadas na Camera de Trancozo no anno de 1691

Veijo, veijo, digo, veijo
Mas oxalá que não visse
Couzas que han(-)de acontecer
Que ninguém ouvio nem diçe

Lá para o fim dos cem setes
Em os oculos entrando
Veijo o mundo alvoroçado
Consigo mesmo lutando

Hum Grande Pastor de gado
Que entre montes apaçenta
He pelos carneiros morto
Antes de ter os quarenta

(a) Luis 16

Com elle vaõ Maiorais

²⁴⁹ Aqui termina a cópia do opúsculo editado em Londres em 1810, por W. Lewis, Paternoster – row, com o título *Bandarra descoberto nas sua trovas, colecção de profecias mais notáveis, respeito à felicidade de Portugal e caída dos maiores impérios do mundo* – edição avulsa do terceiro corpo das trovas que tinha sido incluído na edição de Londres, 1809 (dita de Barcelona).

*Com elle vão pegureiros
Todos morrem sem remedio
Por crimes não verdadeiros*

*Acodem outros pastores
Por montes mais vezinhos
Perdem os gados e cabanas
Tudo perdem coitadinhos*

*Veijo hum rapaz atrevido
De família que não sei
De soldado de tarimba
Feito Imperador e Rey*

*(a) em 5 de 8bro de 1795 começou BP a figurar; e já então existião
estas professias, o que muitas pessoas mesmo jurão*

*Veijo,... mas oh grande magoa!
O Gran Pastor de Isrrael
Fora do redil tirado
E levado em tropel*

(b) Pio VI e Pio VII

*Quem tal vê que olhos não tira
De objecto taõ funesto
Cheio de rancor, e ira!*

*De Boap.te virá
O temor e confusão
Até mete medo o nome
Semilhante ao do Liaõ*

Tudo vemos cumprido à letra e não se cumprirá o que falta?

*Os peixes do mar teraõ
Com este cruenta guerra*

*Tudo han(-)de destruir,
Huns por mar, outros por terra*

*Passadas 30 tezouras
(H)á muito profetizadas,
Que serãõ os nossos campos,
Que serãõ nossas pouzadas?*

*Veijo aproximar-se o tempo
E veijo que o desejado
Vem vestir o seu curraõ (surraõ)
Vem vestir o seu cajado*

*Poem 2 ós hum sobre o outro
E põe hum só à direita
Poem outros como os primeiros
Ahi tens a conta feita..*

1808

*Em dando dois asobios
Para chamar os rafeiros
Verás grandes Maiorais
Fazerem de pigureiros.*

*Reparem bem no que digo
No que digo naõ me ingano
Por muito que haja a fazer
Se fará dentro de hum anno.*

*O gado por frio e fome
Lhe terá cahido a lan
Hum andarã pelos montes
Outro pela terra chã.*

*Veijo a gente reprovada
Que captiveiros soffreo
Ser chamada à suciedade*

Que por delitos perdeo

*(a) Abril 1821. Accabam as cortes de
chamar os judeos para Portugal*

*Mas debalde asento fixo
Jamais poderaõ axar
Pois naõ tem, por castigo
Sacerdócio, nem Altar*

Passaraõ 3 pares de ós b)

Com hum paozinho ao começo

Os que viverem diraõ

Se dá direito ou avesso

1888 b) Algumas cópias tem 2 pares de os em vez de 3 e contam

assim 1818

*Do Aquilao veijo vir
De brava gente cohortes
Bizonhos e Veteranos
Nenhum fraco, todos fortes.*

*Tudo he fogo tudo fumo
Naõ posso ver mais avante
Mas entre as nuvens eu veijo
Hum jovem beligerante*

*Mata, fere, tudo à volta
Se sujeita ao seu poder
Os que esperaõ só entaõ
Seu Pastor poderaõ ver.*

Aonde Sertório deixou a)

Aqueduto fabricado

O forte que tudo asusta

Ahi será degolado.

a) Há outra profecia de outro Profeta que diz "No campo de hum Santo, aonde Sertorio etc". Ora aonde Sertorio fabricou o Aqueduto chama-se o campo de S. Bartholomeu

O urso veloz morreo

O Peregrino acabou

A Águia que se lhe segue

Já dos Galos triunfou.

(b) Pio 7º

Ex o nosso Dezejado restaurado

Fará taes demonstraçoins

De alegria e prazer

Que todos viraõ a ser

Taõ fortes como Lioins.

O Império prometido será cumprido

Accabaraõ de todo as herezias

E depois de tudo isto

Hirá a reinar com Christo

Sem contar annos e dias

Fr. Joaõ da Barroca

Resposta profética que o Fr. Joaõ de Barroca deo a D. Joaõ 1º sendo ainda

Mestre de Aviz, que teve a maior veneração depois que subio ao Trono de Portugal, e mandou que esta resposta fosse respeitada e muito guardada no Archivo aonde foi tirada pelo Rey D. Manoel para estar guardada na sua mão, e lhe foi axada depois da sua morte por seu filho D. Joaõ 3º o qual a mandou depozitar no local donde tinha sido tirada, e cujo original levou para Espanha Filipe 3º deixando huma copia na Torre do Tonbo. Foraõ escriptas em 1357.

*Hade haver, meu Senhor
Huma Arvore frondosa e bella
Contra quem espumará
Ese Leaõ de Castella*

*Porem naõ temais seus tiros
Que taõ depressa creçereis
que só com a vossa sombra
Os Lioins aterrareis*

*Tais frutos fomentaraõ
A outros feitos serenos
Que satisfaraõ os Grandes
Igualmente os pequenos*

*Ainda 3ª colheita
Desa Arvore sahirá
Entaõ haverá cantos
Por quem quaze se verá*

*Mas naõ tanto que naõ sofra
Hum inxerto que de Beja
Inxertado brotará
O fruto que se dezeija*

*Do fruto deste inxerto
Hade gostar Portugal*

*Mas do que vier depois
Tristemente hade chorar.*

*Os motivos destes choros
Eu devia não dizer,
Mas huma força oculta
Me faz isto escrever.*

*Naõ uzo mais de figuras
Pois devo ser entendido
Ase(n)horar-se-há de novo
O Liaõ infurecido.*

*Isto será depois que
Lá nos campos Africanos
As luas atropelarem
As Quinas dos Luzitanos*

*Naõ gozará o Leaõ
Muitos annos sua preza
Porque Bragança virá
A tirar-lha com presteza*

*Será o Liaõ vencido
Só por hum manso cordeiro
Que será em tudo igual
Ao vosso nome primeiro*

*E os que delle naçerem
Alguns delles não teraõ
A madureza e sizo
Que dos Reis o dote saõ.*

Nessa prole entaõ será

*Preenchida do Reyno a Lei
Porque reinará Mulher
Por mancar entã o Rey.*

*Em seu Pay verá o mundo
A Magestade ofendida
Assim como a Gran Cidade
Abrazada, e demolida*

(a) Tiros de D. José e terremoto

*Que lanças taõ lastimosos
O Çeo te há decretado:
Verás, ó triste Rainha,
O que nunca foi pensado.*

*Verás as Lizes da França
Em Águias transformadas
A Santa Lei, a boa fé
A Justiça dilaçerada.*

*Oppresoins, e tais espantos
E uzurpaçoins vereis
Nem vós, ó triste Senhora,
Dellas escapareis*

(a) Assim foi, à risca

*Vereis os povos banidos
Do patrio ninho os Sobranos
Hirem correndo tormentos
E soffrendo muitos damnos.*

*Alto: aqui fez ponto
Tanta magoa, e desventura
Pois que só daqui avante
Ditas o Çeo vos sigura.*

*Descansa povo Luzitano
Porque se viste com medo
Affrontas sustos, e perigos,
Vos vereis alegres çedo*

*Na era de 1, e 7
Com 54 vezes 2
Haveraõ(sic) grandes signais
Faltaraõ trigos, e bois.*

*Nesta era, Portuguezes,
De tudo sereis despojados
De Águias, e de Lioins
Só vos vereis çercados.*

*Por estupendos signais
Que o Çeo vos mostrará
Naõ tenhais pavor, nem medo
Pois elle com vosco será.*

*Na mesma era vereis
Novo Imperador naçer
Que vossos peitos hade vir
De perene gosto encher*

*Vereis entrar vossas quinas
De hum pelicano queridas
A cuja vista fugiraõ
Essas Águias aturdidas.*

*Entaõ vereis com bem asombro
Entrar brilhante e sosegado
O Ramo daquelle tronco*

Que foi preçepitado.

*Vereis entãõ que somente
Hum Deos que tudo pode
Sacudir o jugo estranho
E como Legitimo vos acode.*

*Verás, ó povo entãõ
As Águias e os Lioins
Renderem ao vosso Rey
Profundas humilhaçoins.*

*Vereis as Lizes da França
Sua reforma tomarem
E as Luas Mauritanas
Em cruces se mudarem*

*À valentia do braço
Do novo Imperador
Fortes se sugeitaraõ
Ao imenso Creador.*

*Exaqui tendes, Senhor,
Em pouco manifestado
O que ao vosso Reino
O Çeo tem decretado.*

*He taõ çerto o que vos digo
Como he çerta a Santa Lei,
E como breve sereis
Por todos aclamado Rey.*

Professias do Pretinho do Japaõ

*escravo do capitaõ Balthezar Godinho e Souza escritas em 1433, e axadas no
mesmo anno na Villa da Çertã aonde seu Senhor aestia.*

*De Portugal hade aballar
Quem faz tremer
Que a meu ver hade perder
Sua gente.
Taõ derepente por sua culpa
E sem desculpa
Hade ficar, e hade andar
Largos annos, e os Castilhanos
Senhoriados.*

*E os Fidalgos se hande juntar
A chamar hum Joaõ
Que sem tençaõ
Hade estar no Quintalaõ?*

*Em concluzaõ hade ficar
Em tal bonança o de Bragança
Em 22 até 23, mas outra vez
Hade acabar se Deos quizer.*

*Este papel hade dizer
Lá ao diante
E derepente muita gente
Hade morrer no cadafalso.*

*Nisto que passo, que he bem verdade
Naõ sei se hade faltar
Algum dos delinquentes*

*Mas inoçentes, porque dirão
Que era o Patraõ
Mas naõ, naõ, naõ.*

*Pagar-lhe-haõ com desprezo
Naõ será prezo
Fará jornada.
Ficará em nada a confuzaõ
E por concluzaõ, todos veraõ.
Pena fatal.*

*Em Portugal tal carestia
E agonia que cauzará
Pouca agonia (alegria) em cada dia*

*Em tais Cidadaons
Com novidades que haverá
Naõ hade haver quem
Tome conta no que importa.*

*Haveis de crer que a meu ver
Naõ faltará consumição
Na pobre gente.*

*Mas de repente
Se levantará
O Comestivo e o vestido
Só reinará.*

*Mas muito leve
Porque só serve de grande espanto
Ver-se-há em pranto
Sem sugeição*

Noutras cópias tem "haverá um pranto por sucessão"

Na ocasião de segrerer (segurar?)

Em Portugal não atinao (ateimaõ)

Quem hade acabar a geraçã a)

a) Outras cópias tem "não há que teimar, hade acabar a geração"

Nenhum irmão José, e João

Há de reinar,(b) não hade obter

A meu ver isto será

Em outros dias.

(b) outras tem "nenhum irmão José, e João terão sucessão"

E Jeremias assim o diz

Que assim será

E acabará

Porque virá

Quem ande abzente

Com sua gente

E se cumprirá o que mandar.

Mas eu já vou dizer a quem

Me ler neste papel

Que na mulher se acabará

Quem diria que só Maria

He escolhida

Para [aferida?]

Ficará fora

E sem demora

Em tal segredo (d) outras tem "segredo"

E mais a Pedro

E hande ficar em Portugal

Depois de vir a concluir

Esta bonança

*Já acabará a de Bragança.*²⁵⁰

Huma vez mil - 1:000

7 vezes hum cento - 700

Nove vezes nove - 81

Com mais 7. - 7 (d) Se forem 7 vezes 3, somão 1:852; e como

1:788 já passaram, por

força havemos esperar

Espera o Preto 1:788

Entrelinhado: *Huma vez mil 1:000*

7 vezes hum cento 700

Nove vezes nove 81

Com mais 7 vezes 9 63

Somão 1:844

Avisa esta conjectura em 1833, quem lá chegar verá se acertei

Entra a de França,

E Fernando; que tem mais mando;

²⁵⁰ Na data em que se copiam estes vaticínios do “Pretinho do Japão”, a Família Real com a Rainha enlouquecida e um Príncipe Regente distante não preenchem a representação de realeza e os anseios dos patriotas portugueses. Para os sebastianistas, que toleravam a Dinastia de Bragança como substituta do “Rei legítimo” Sebastião, era tempo de voltar o *Desejado*.

Já mandou, e mandará.

*Se Deos quizer tudo hade ser
Como eu o escrevo.*

*Que eu sou escravo do Capitaõ
E sou Japaõ la da Bandeira,
De D. Afonso assim será
E hade ser a meu ver
Pois Deos lhe promette a Geraçaõ.
Sebastiaõ hade mandar
E hade ficar Imperador.*

*Dise o Senhor a seu Rey
Que guardase a Lei
Sem segundo em todo mundo.
Outro segundo não haverá,
E mandará pregar a Lei.*

*Mas este Rey de Deos guardado
Encarcerado hade estar
E hade andar sem se ver
Largos annos.*

*Os Castilhanos hande perder
A valentia naquelle dia,
Asinalado, e acometido*

(a) Outras cópias tem "pelo peccado já commetido"

*Se o meu ouvido me não engana
A Africana será Christã
E a Toscana largará a Caza Santa
Quando reinar em Portugal uma Mulher*

Hade passar o Mar Salgado

Com a Letra do fuzil

No mez de Abril de 6 e 7

E ao depois hade haver

Muita pancada

Ay do calçado, e mais da obra!

O que se prova das Professias

De Jeremias.

Nestes dias que já vos diçe

Assim será

quando haverá

Eu não sei que morrerei

Em hu valado.

E cansado de andar cavando

Vai acabando este dizer

E quem viver hade dizer

Que o meu Pretinho falou çertinho

Quando virdes o Papa sahir

Pio 6^o e Pio 7^o

Do seu Reino aonde asiste,

Entaõ podeis conferir

E para mais concluir

Com o que hade seçuder.

He o que Esdras quis dizer

No seu Cap. 3 e 4,

E isto te sirva de extrato

Do que hade appareçer.

Hade seçuder se Deos quizer

Se quereis ver, e saber o que prometto

Lá já vem perto o Seculo de ouro

*Prepara o couro mais e mais
Que signais appareçeraõ*

*Em todo o mundo se veraõ.
hande passar 3 Invernos
E 1 veraõ, e por concluzaõ
Appareçerá Sebastiaõ*

*Na occasiao de se publicar
Em geral seu [E] de tal em Roma.*

*Lá vai Mafoma, e quem já asoma
Contra a Turquia,
A Monarchia Portugueza*

*A Françeza ajudará
A quem não vir, eu o direi
Se me couber neste papel.*

*A gente cruel do turbante
Este Infante hade vencer
E a meu ver o seu pardaõ* *pendaõ
Hade deixar tal vitoria
Que sem escoria hade ficar.*

*E a Herezia, e fantazia
Em tal bonança
Porque a de França hade [texer]
E como he costume haverá lume
Na Turquia.*

*Muitos dirao que he mentira
Mas dezejoso este Pretinho
se adevinho iso não sei.*

*Só huma Luz hade haver
E se ade adorar hu só Deos
E os Judeos acabaraõ de entender
O que veio padeçer por Adaõ.*

*Em concluzaõ axaraõ
Este pronóstico taõ afamado
Que eu deitado no valado da Çertã
Será manhã quando morrer.*

*E quem quizer hade rezar
O que Deos lhe hade agradecer.*

(a) Duvidaõ alguns da antiguidade destas Professias, Cepeda, Granada, Barrola e S.Theotonia; porem não duvidaõ outros, e mostraõ existirem em suas maõs à mais de 40, e 50 annos. Eu as vi pela 1^e vez em 1809.

Professias que hum Mouro de Granada

*deu a hum Rapaz christaõ, que ali se achava captivo no anno de 1510
vertidas do Arabico em Portuguez²⁵¹*

*La nesses tempos vindouros
Grandes couzas se veraõ
Pasmaraõ as gentes todas
com grande ademiraçaõ.*

Porem não aquelle Reino

²⁵¹ Para evitar o anacronismo, a frase relativa deveria ser entendida como referido-se ao Mouro, que naquela data se acharia detido em Granada.

*Que foi por Deos escolhido
Porque sempre hade vencer,
E nunca será vencido.*

*Naõ te asustes se tiveres
Por alguns annos captivo
Por cauza daquelle Rey
Que julgaõ morto, estando vivo.*

*Porem hum que for parente
Te livrará do captiveiro
Entaõ ficarás triunfante
E livre do Estrangeiro.*

*Muito depois se verá
Na Europa gran confuzaõ
Andará toda revolta
Por cauza de huma Naçaõ.*

Revolução da França

*Taobem tu, ó Portugal
Te verás atribulado
Por carestia de viveres
E por ser mal governado.*

*Aquelle Reino sagaz
Que de Deos despreza a Lei
Verás, se me naõ engano,
Matarem o proprio Rey.*

*Esse Reino desgraçado
Capaz de inganar o mundo
Pois todos hade vencer
Levando tudo ao fundo.*

*A Europa amotinada
Andará toda inquieta
Suas gentes opprimidas
Batendo todos na testa.*

*As gentes se asombraraõ
De verem seu General brincar
Com todo todo o mundo
Porem não com Portugal
Nem Junot em 1807, nem Sult em 1809, nem Macena em 1810, fizeraõ
nada em Portugal.
Todos derão a aza*

*Isto que digo he verdade
Assim pode acontecer
Matarem-se huns aos outros
Porque Deos assim o quer.*

*Vereis que hande saquiar
Da Europa muita parte
Com força e com ingano
Pois para tudo tem arte.*

*Muitas Naçoins quereraõ
Destruilos, mas em vaõ,
Porém o Rey, que hade vir,
Terá esse galardão*

*Matarão, he verdade, a Luis 16. Contra este atentado se armaraõ todas
as Naçoins e nada fizeraõ. Como for só na Rucia Alexandre parece que*

*acordou, e com as mais Potencias vierão à França: Mas nada fizeram?
Deitáraõ alguma siza sobre as brazas, e como nada mais fizeram em 1830
tornão a acender-se, e de modo que vão (até hoje 24 de Junho de 1833)
fazendo o que querem. A mesma Rucia tomou a defensiva, e nada mais. Que
diremos pois à vista disto? Que parece verdadeira esta profecia "Vã todas as
Nações quereraõ Christo Nosso Senhor"*

*Este Rey he Luzitano
Que hade vencer seus muros
Com grande ademiraçaõ
De presentes, e futuros.*

*Isto que digo hade ser
Imperador conhecido
Vençerá Lua, Galo e Leaõ ²⁵²
Por Deos o ter premetido*

*lá de huma oculta villa ²⁵³
Onde Deos o tem guardado
De lá mesmo Elle hade vir
Para dar no mundo brado.*

*Quando muitos isto lerem
Hande fazer zombaria,
Mas quando virem ser certo
Hande ter muita alegria.*

Todo o mundo e seu poder

²⁵² O próprio Mouro vaticina a derrota dos muçulmanos, simbolizados pela Lua, e dos franceses – o Galo. Quanto ao Leão, está aqui, possivelmente, relacionado com Espanha.

²⁵³ Quase sempre se espera um encoberto vindo de uma oculta *ilha*. Porém, nestes versos grafa-se *villa*.

*Com Elle não poderá
Antes toda a Redondeza
Com respeito o temerá.*

*Se queres saber o tempo
Em que isto hade seçuder
Repara nas 5 Quinas
Que a Portugal deram ser.*

*Nelas com muita verdade
Axaraõ o tempo çerto
Em que bem fácil dará
Aquelle que for esperto.*

*Mas só será pelo tempo
Que em Portugal reinar
Em lugar de Rey mulher.*

*Alegra-te Luzitania
Que pouco mais tardará
A vir o Rey emcuberto
Que Luzes ao mundo dará.*

*Põe hum 7 com hum 2
5 com 4 e 3
He ditoso, ó Portugal
Quem entaõ sem falacia vez*

*Ora vão la entender tal conta. Deos não quer que saibamos quando o
seu servo hade vir: seja feita a sua vontade. Entre tanto nunca houve tantos
signais da sua vinda juntos como hoje temos (17 de Agosto de 1833) e não
deixa de me dizer o coração que por toda a mez da futura Setembro teremos*

*muito que ver.*²⁵⁴

*Hande todos alegrar-se
Sentindo novo conforto
Aqui tens, ó Portugal,
Vivo quem julgavas morto.*

*4 Croas ganhará
com aquella do seu Reino
que em Africa já perdeu.*

Fim

Nota: He digno de verse a este respeito o sermão que Vieyra pregou 6 annos antes da aclamação de D. João 4º de S. Sebastião tomo 14 de obras varias f. 189. Neste sermão se mostra hum refinado Sebastianista; porem depois da aclamação, voltou a Roupeta, e tudo applicou a D. João 4º

Attestação de huns Religiosos de S. Antonio dos Capuchos

sobre a Ilha que viraõ no Mês de Julho de 1638, a qual Attestação se acha no Cartorio do dito Convento de S. Antonio dos Capuchos da cidade de Lisboa; a saber.

Certefico eu Fr. Francisco de Jesus Prezidente deste Convento, que vendo o Livro antigo que pertence ao Cartorio desta Provincia achei nelle a copia de huma Relação, cujo teor he o seguinte.

²⁵⁴ Nota escrita em letra diferente do resto do texto; talvez seja anotação posterior.

Eu Fr. Jose de Jesus, e Fr. Francisco dos Martires, partindo nós do Mara(n)haõ em o Navio por nome Nossa Senhora da Penha de França, Mestre Antonio de Souza, natural de Vianna, seguimos viagem com o favor de Deos para a Corte de Lisboa; e no fim de 4 dias de viagem foi Deos servido que repentinamente nos sobre saltava huma taõ grande tempestade que durou 16 dias, nos quais nos vimos reduzidos a pagar o tributo humano sem esperanças de vida; e no dia que completavamos 20 de viagem, foi Deos servido, tínhamos perdido o rumo, e não sabíamos a altura em que estávamos, nem que terra poderíamos descobrir mais proxima.

Foi no dia 30 de Julho do Mes e anno acima declarado, quando sosegou a tormenta; que ficou o mar plano, e o ar sereno; e estando nós todos duvidozos da situação em que estavamos, por termos perdido o rumo, nem descobrirmos terra, quando de repente vimos terra para a parte do Sul.

Logo seguimos o rumo, a fim de vermos que terra era, pois julgavamos ser a Ilha da Madeira; porque mostrava na sua prespetiva ser um Paiz muito grande. Porem logo que chegamos juntos à dita terra conhecemos não ser a Ilha da Madeira, nem pudemos conhecer que terra era, e só julgamos ser alguma Ilha encuberta, como na verdade assim ficamos todos persuadidos.

Neste cazo todos dezejavaõ saltar em terra afim de descobrirem aquella situação não conhecida; porem todos se temiaõ e não tomavaõ rezolução de saltar em terra. Sendo pois Deos servido dar-nos um grande dezeijo de examinar-mos este misterio, confiamos no mesmo Deos, e na sua Mai Santissima e pedimos licença ao Mestre do Navio para nos deixar saltar em terra, o qual nos premettio 3 dias; porem com a condição que se no fim delles não tronasemos, se faria à vella, e seguia sem mais demora sua viage.

Conçedida a licença, e feito o ajuste, botouse a lancha fora no dia seguinte pelas 8 horas da manhã, em huma segunda feira, e sahimos a terra. Ficamos pois, e a lancha veio para bordo outra vez com a guarnição, e nós o que passamos foi o seguinte, que juramos in verbo sacerdotis, segundo a Religião que professamos, a saber;

Ao saltar no cais, que he de muita grandeza, entramos pela terra dentro, aonde logo ao principio encontramos hum grande arvoredado de muitas, e diversas arvores

silvestres, e domesticas; e tendo andado couza de meia legoa por terra dentro, avistamos hum grandioso Palacio, porem que às nossas vistas se representava ser muito antigo, mas digno de admiração pelo seu arteficio, e por ser firmado em huns arcos; e no meio do dito Palacio, por cima delles hum jardim de varias, e admiraveis flores, e por cima deste jardim outros arcos aonde estava fundada hum admiravel torre, e em cima da dita torre tinha hum farol feito de hum taõ singular metal, que se descobre em duas legoas de distancia.

Logo que chegamos perto do dito Palacio, sahiraõ do mesmo sete homens. Com o rosto maçilento, vieraõ ter conosco e nos fallaraõ. As suas fallas eraõ na pronuncia quaze portuguezas, mas pouco claras, os vestidos à Nazarena, barbas grandes, o corpo e estatura alta, çingidos de seus traçados, e quando nos fallaraõ nos fizeraõ muitas e grandes perguntas: quem eramos, de que Reino, e quem nos governava.

Tendo assim examinado tudo, nos levaraõ por huma Cidade dentro de grandes Edefícios, mas pouca gente nella, os quais todos nos pareciaõ gente do outro mundo; e tanto que nos viraõ nos levaraõ com grande cortezia a hum Palacio que parecia encantado. Entramos por elle dentro com algum temor, e passamos por varias guardas até chegar-mos à Salla, aonde estava o Rei, ou Governador daquella terra, a quem nos apresentáraõ.

Era este Homem, segundo nos parecia, de muita idade, (se hera D. Sebastião tinha entãõ 84 annos), e barba veneranda, e de representação que inculcava maior grandeza; e no que nós reparamos, e nos servio de admiração, foi conhecer-nos elle logo pelo habito de que Religiaõ eramos, e que eramos Portuguezes, e nos diçe que esta era a melhor de todas as Naçõins, e que Deos os tinha escolhido para se servir della. Mostrou grande gosto de nos ver, e de nos fallar, onde nos fes varias perguntas, entre as quais foi o perguntar-nos quem era o nosso Rei, e como se chamava, de quem deçendia, e com quem tinha cazado.

Nós lhe respondemos como sabiamos, e lhe contamos o sucesso da nossa tempestade e o motivo que nos obrigou a ali xegar-mos, e que fiados na proteção de Deos, e de Maria Santissima saltamos em terra a fim de indagar aquella Ilha não conhecida, e ignorada dos Mareantes.

Concluido isto, nos levou a huma grande Salla de Leitura, e Magestade, e nos hospedou com toda a attençãõ. Ali puzemos os olhos em hum quadro no qual estava pintado hum grande exercito, mas já quasi derrotado, e vencido dos inimigos; e da outra parte do quadro outro exercito vitorioso, o qual nos trages dos cavalos e vestidos mostravaõ ser Mauritanos, e sahiaõ delles alguns Portuguezes, e sahiaõ embarcados em faluas, e se hiaõ meter ou embarcar em Navios de Alto bordo que pelas bandeiras figuravaõ ser Portuguezes, e de vermos estes quadros, e outros mais, ficamos admirados.

Dahi fomos a outra Salla aonde estavaõ humas Estatuas de Marmore fino, e observamos nas suas figuras serem Riais, e Progenitores daquela Personagem.

Vimos ali retratadas varias vitorias dos Portuguezes, do que ficamos suspensos, e nos mandou que olhasemos para o teto das cazas, aonde vimos as cidades de Portugal pintadas ao natural, e dignas de memoria.

Daqui fomos a hum jardim de muitas flores, e no meio dellas estava huma Ermida muito curioza, cuja porta guardavam dois Lioins, os quais tinham feito hum passeio, e não deixavaõ lá entrar ninguem senaõ aquelle Venerando Velho, e aquelle que fosse na sua companhia. Na dita Ermida tinha hum Altar muito asiado com hum retabulo pintado com huma Senhora de vulto, a qual tinha na maõ direita huma espada Columbrina fazendo açãõ de a dar aquelle Venerando Velho; a advertimos que em toda esta Cidade não vimos frades, nem clérigos. Dali tornamos outra vez à sala aonde tinhamos estado e como eraõ já horas de gentar, nos levaram a outra sala aonde estava já a meza posta, e nos hospedaraõ com carne de viado muito saboroza, carneiro muito bom, vinho pouco, e algum tanto aspero, muita quantidade de Laranjas doçes, e Limoins.

Enquanto comiamos estava o Veneravel Velho taobem jantando com grande pompa, e da Ermida lhe trouçeraõ os Lioins, e lhos pozeraõ à porta da camera onde estava a Meza Real.

Tanto que accabou de jantar, se foi à dita Ermida, mas nós como estavamos com o sentido no Navio, temendo nos deixasem em terra, não quizemos fazer mais demora.

Levaram-nos a ver algumas ruas, aonde vimos Offeciais de Carpinteiro, Alfaiates, e alguns Cavalleiros, mas pouca gente nas cazas, que eraõ todas de pedra

negra, mas muito anchas, e aonde toda agente gostava de nos ver.

Nesta Cidade vimos seis Ribeiros de agoa muito exçelente, e no meio de huma praça hum chafariz, donde corriaõ 16 bicas, couza muito grandioza. Neste chafariz estavam as 5 quinas de Portugal, e ao redor destas armas estavaõ estas letras – Rei – Lice – Leal - e o mais naõ pudemos ler por ser isto muito antigo.

Logo que nos despedimos vieraõ acompanharnos até o cais o Magestoso Velho, acompanhado de 30 Cavaleiros homens Nobres, e todos muito bem vestidos, e sesenta homens de pé todos com seus traçados na cinta, descarapuçados, e ao pé do Rei vinha hum Liaõ, tocando-se diante desta comitiva muitos timbales.

Eraõ 4 horas da tarde quando chegamos ao cais, e alli nos mostrou o Rei dois quadros, e em cada hum delles está hum de nós retratado, do que nos cauzou isto grande espanto de vermos os nossos retratos repentinamente; e ahi nos mandou o dito Rei que puzesemos os nossos nomes nos ditos quadros, e que nos viesemos embora, porque em lembrança disto, e para memoria que lá ficavam os nossos nomes, e nós retratados: feito isto foraõ-se embora, e ficamos sós.

Logo açenamos com hum lenço ao Navio que nos veio buscar na lancha, fomos para bordo, e contamos o que tinhamos passado. A vista do que ficou o Capitaõ taõ admirado que esperou com o Navio até o dia seguinte com tençaõ de ir em pessoa examinar aquella Ilha; mas quando amanheço já naõ vimos terra, nem signal della; tudo tinha desaparecido.

Seguindo pois a nossa viagem no dia seguinte descobrimos a Ilha da Madeira, aonde demos fundo, e estivemos 4 dias. Contamos o sucesso, e nos diçeraõ que a Ilha que nos tinha apparecido, se via de tempos em tempos, porem que logo desaparecia. Tudo juramos aos Santos Evangelhos in verbo sacerdotis (?).

Fr. Jose de Jesus – Fr. Francisco dos Martires.

E eu Fr. Francisco de Jesus Prezidente o escrevi, e signei.

Passado em Lisboa neste Convento de S. Antonio aos 24 de Janeiro de 1733

Fr. Francisco de Jesus.

Professias de hum Lavrador do Algarve

Bartholomeu Vaz Pinto,

homem de bom nome. Rustico por não saber ler, nem escrever, e foi prezo, e diçe o que sentia no seu coração, a saber: Hade vir hum Rei que reinou em Portugal ha hoje nesta era 10 annos.

Tomai tino, em Agosto ficou hum Rei que não naço, huma serpente o cercou, em Portugal Reinou. As agoas do Mar passou, em terra de Hereges se perdeo, e não morreo, e veio a este termo de Portugal entregar a Espada a Santa Cruz de Coimbra às seis horas da noite a hum Franciscano, tinha signo de serpente. Passou outra vez as agoas do Mar, e meteose em huma Ilha, que he huma barreira, cuja se chama Medina: tem sete villas, e 4 Cidades. Huma Cidade tem duas legoas de comprido, que Deos tem encuberto, e ouviao-se cantar os Galos, e rinchar cavalos, e ninguem os via. Tem o Rei 2 filhos de mulher recebida, hum Afonso, outro Antonio. Afonso fará destruição na Barbaria. Bispo não haverá sem ordem deste rei. Trezentas Naos traz, antes mais que menos, quinze pares de cavaleiros dobrados traz, fora outros cavaleiros, que Deos criou para estas guerras, e não morreraõ em batalhas. Em Roma entrará este Rei, e o Papa se retirará para essa hora da Cadeira. Virá hum Anjo do Çeo, que lhe deite a benção, e trará huma Cruz na mão; e tomada a benção, pelo estreito tomará, hirá direito ao Cabo de S. Viçente buscar as Armas a hum Castello junto ao pe de hum Musteiro; e não haverá quem possa abrir as portas senão este Rei; e depois de estar entregue das Armas, virá a Lisboa, e antes de chegar ao Rio Teijo, se verá o mesmo Teijo vermelho huma hora até 2. Grande temor na gente haverá, e virá huma nuvem cuberta toda. Tomai tino, diante do Santissimo Sacramento da mesma freguezia de S. Bartholomeu em dia de S. Andre na era de 1658 hade desembarcar no sitio de Belem; e havia hum grande gemido pelo seu Reino.

Virá este Rei emcuberto, que ninguem o verá senão na dita Cidade. Acometerá 2 vezes sem poder entrar, e à 3ª entrará de repente para huma rua Nova em quinta feira, tomará à mão direita para o atalho, tomará 2 ruas por onde está huma Cruz vermelha; e entãõ hirá ao Castello, e lhe entregaraõ as chaves, e o poder; e depois acudirá Deos, estando já junto, virá o Rei da Turquia a buscalo, e fazer-se Christaõ e toda a sua gente que trouçer consigo, e o Senhor Rei D. Sebastiaõ taõ chorado, taõ gemido e dezejado, reinando já huma vez em Portugal, e tornando a reinar, aonde lhe destes lhe cobrarás,

hirá tomar huma terra alem das agoas do Mar. Hirá grande Armada Portugueza entre o mar e terra, guerra por terra. Retirar-se há o nosso Rei vinte ou trinta legoas com temor dos Mouros, que são muitos. Haverá grandes gemidos de meninos, Mulheres ouviraõ falar vindo huma voz do Ceo “Anda Leão que hasde vencer, e resgatar a Caza Santa, que Deos lho tem promettido. Tomai tino quando no mez de Agosto esteve na sala fixada que havia de apparecer hum signal do emcuberto a hum apostolado; tomai tino quando a 18 de Dezembro apparecer outro signal, a 25 outro: tomai tino que appareçeraõ 5 estrellas vermelhas ao pôr do sol, meia hora quando se puzer, meia hora digo, quando se puzer será 12 dias, e não sei em que tempo será, mas no mez que apparecer, nesse proprio mez o Encuberto 5 Cruzes trará. Outro signal do Emcuberto, o cavallo que traz he branco mascarado de preto, e reviveo; a Professia não erra. Fim

Nota. Esta professia está muito obscura, entretanto concorda com as mais. O tempo nos mostrará, ou aos nossos vindouros, a clareza destes enigmas. Em marcar a era de 1658 ou elle errou, ou algum copista, porque esta era já passou, e não veio nella,

ou se veio não quis Deos que se desse a conhecer, ou o meteraõ em algum segredo até quando Deos N. Senhor quizer.

Professia de Fr. Bartholomeu Salutivo

Relegioso da Ordem Serafica, homem de grande virtude, e como tal venerado em Roma pelos annos de 1606

*Ma si volete una cansona
Verra de Lisbona
Chiarra, e illustre Persona
Adorna de ogni opera buona,
La cui fama rizona
In tuta parte e lido
Nel mondo dá gran grido.*

Quer dizer

Quer dizer que para remedio dos grandes males e oppresoins que o Turco fazia à Christandade, hirá de Lisboa huma clara, e illustre Pessoa, adornada de todas as boas obras cuja fama soará por todas as partes do mar, e da terra, e dará grande brado no Mundo...”

Mouro da Berberia e Acan Burulei

Refere o Padre Vieira que

Ficando Francisco de Menezes e Jorge de Albuquerque captivos em Bereberia na perda do Rey D. Sebastião, hum Mouro, em cujo poder estiveram, lhe diçera por muitas vezes, que nos seus Mosefos, ou Livros de tradiçoins, estava escrito que em Portugal havia naçer huma cobra, a qual seria muito arrogante, e queria tragar todo o mundo; e que depois de muito adelgaçada por varios acontecimentos, tornaria a engrossar como a nuvem que toma agoa, e conquistaria a Africa, e seria Senhora da maior parte do mundo...”

Refere o mesmo Vieira que

Hum Astrologo Mouro, chamado Acan Burulei, deixára escrito no anno de 1200 em lingua Arabica que aquella Monarchia será arruinada e destruida por hum Rey naçido nos ultimos fins do Poente (que é Portugal.) Este Rey, diz, será o castigo do povo de Mafoma, e açoute do povo de Ismael, o qual pelo favor da sua Religião começará a perseguir os Mouros, lançando-os fora de suas terras, e fazendo grandes armadas contra eles. A Espada dos Mouros estará então taõ debotada que nada cortará...”

N. Veja-se na tomo 14 dos Sermoins de Vieira o de S. Sebastião a f. 289 e verse-há que este homem nem sempre julçou ser este Rey D. João 4º.

Nota. Para ver-mos se BonaParte he a Besta de que S. Joaõ falla no Cap. 13 do Apocalipse; (como alguns querem:) Se o degredo para a Ilha de Elba he a ferida de que o Santo falla no v.º 3; e se a guerra, depois da ferida curada, dura 42 mezes (como muitos esperaõ) aponto aqui o dia em que sahio da Ilha, e chegou de novo a Paris.

Sahio a 26 de Fevereiro, e chegou a Paris a 19 de Março de 1815.

Vem os 14 mezes a findar em Agosto de 1818 contando do mez em que xegou a Paris.

Professia de S. Cezario Bispo de Arles

Os Ademenistradores deste Reino seraõ de tal modo çegos que o deixaraõ sem defeza; a maõ de Deos cahira sobre elles, e sobre todos os Ricos.

Todos os Nobres seraõ despojados de suas fazendas, e Dignidades. O Cisma entrarã na Igreja de Deos, que terá dois Esposos, hum verdadeiro, outro adúltero; o legitimo Esposo será posto em fuga; e haverã huma grande mortandade, e taõ grande efusaõ de sangue como no tempo dos Gentios. A Igreja universal, e o Mundo choraraõ a ruina, e tomada da mais çelebre Capital, e Senhora da França; os Altares e os Templos seraõ destruidos, as Virgens violadas fugiraõ dos seus Musteiros. O Pastor da Igreja será despojado de todos os bens temporais; (mas verá seu fim.) Apareçerã a Águia Negra, e o Liaõ de Paizes remotos; desgraçada de ti, Cidade da opulencia, tu te invergonharás desde logo, mas chegarã o teu fim. Desgraçada de ti, Cidade de Filosofos, tu serás submergida, e hum Rey captivo, e humilhado fará a tua confuzaõ. Recobrarã ao fim a croa de Luis, e destruirã os filhos do Bruto.

Nota. Já muito disto está realizado; e o tempo nos mostrarã de quem Deos se serve para realizar o resto.

A 9 de Julho de 1815 entrou segunda vez em Pariz Luis 18 com os Aliados.

*A 13 de Julho de 1815 escreveo **Bonaparte** de Rochefort ao Príncipe da Inglaterra a carta seguinte.*

“ Victima das façoins que devidem a minha patria, e da inimizade das maiores Potencias da Europa, tenho terminado a minha carreira política, e vou, á semilhança de Themistocles, confiar-me na hospitalidade da Nação Ingleza. Entrego-me à proteção das suas Leis, que reclamo de V.A.R. como o mais poderoso, o mais constante, e o mais generoso dos meus enemigos”

(assignado)

Napoleaõ”

A 24 de Julho 1815 chegou Napoleaõ à Inglaterra.

A 2 e Agosto de 1815 partio Bonaparte para a Ilha de Santa Helena, e só se lhe premetio levar 200 guineos. Andará sempre acompanhado de hum official, e duas sentinellas, que tem ordem para o matar, querendo elle fugir. Apenas se lhe premitio levar da sua comitiva 3, ou 4 pessoas, e destas nenhum General.

Mercurio nº 124. Discurso do Visconde de Chateubriand

Na noite do dia 1 para 2 de Fevereiro de 1816 a meia noite, e 3 quartos observou-se em Coimbra hum terremoto por tempo de 3 para 4 minutos; naõ fez estrago, mas cauzou muito susto, e muita gente fugio para fora da Cidade, e pedindo a Deos mizericordia. (veremos as noticias que vem de Lisboa a este respeito). Em Lisboa foi mais pequeno do que aqui, esta é a noticia que veio.

No dia 25 de Fevereiro de 1816 pelas 5 horas e meia da manha appareçeo no Çeo sobre os Bentos hum Metheoro, que sendo do tamanho da Lua cheia, mas sendo taõ resplandeçente que deixaria ler huma carta, deo huma volta em redondo desfazendo-se por fim em partes à semilhança das lagrimas de hum foguete. Todos os que o viraõ se ademeráraõ e encheraõ de susto. O tempo que durou foi muito breve.

A 3 de Março de 1816 me vieraõ á mãõ os seguintes Prognosticos, enviados por Pessoa de virtude, e crédito.

D. Sebastiaõ de La Morera Catedratico de Mathematica na Universidade de Sevilha escrevendo a hum Amigo lhe diz que nos papeis de hum grande Servo de Deos apparçeraõ os seguintes

Prognosticos.

1807 – Deixa la Espanha, e vaiates.

1808 – Revienta el Corcho.

1809 – Errantes homens, e mujeres.

1810 – Espanha por la Francia.

1811 – Buelve a tomar el Bronze.

1812 – Empieza em Espanha el gozo.

1813 – Espanha livre de Françezes.

1814 – Buelve Fernando a su Trono, e gove.

1815 – Muerçe Napoliaõ, e la França lo maldiçe.

1816 – Em França hay nuevo Rey.

1817 – Enlaçase Espanha com los Inglezes.

1818 - Espanha lena de gozo.

1819 – Espanha lena de Bens.

1820 – Paz com toda la gente.

A 27 de Novembro de 1807

Embarcou em Lisboa para o Rio de Janeiro a Rainha, D. Maria 1^a com o Principe D. Joaõ, e toda a Familia Rial.

No dia 28 entrou Junód com o Exercito Françes.

Em Maio de 1816 hum Alfaiate das Vezinhanças de Coimbra sonhou huma noite que via BonaParte na frente de hum poderoso Exercito de Mouros asolando tudo, e dizendo vinha vingar-se de seus inimigos sem deixar hum só.

A 20 de Março de 1816 morreo no Rio de Janeiro a Rainha Nossa Senhora D.

Maria 1ª.

O Veraõ de 1816 foi muito frio por todas as partes, se bem que se notou xegar o calor na Rucia a hum gráo extraordinario ao mesmo tempo que o frio já dito se experimentava em outras partes. Foraõ as inundaçoins terriveis; desapareçeraõ pontes as mais fortes, e até mesmo em Alemanha cahiraõ pedras semelhantes a chixorros de ferreiros de 30 e 40 arrateis. A saraiva em partes teve 3 palmos de altura, e pedras della, como ovos, foraõ bem frequentes nos Paizes baixos. Em Portugal, até hoje 24 de Agosto, tem somente havido frio bastante, poucos dias quentes, e nada de enchentes. Entre aquellas pedras acima cahio huma de 100 tt.

A 18 de Agosto de 1816 aí 9 horas da noite viose de Coimbra para a parte do Norte hum cajado de fogo no ar que durou pouco tempo, e desapareceo repentinamente sem fazer movimento algum para as partes(); tinha a grosura de huma taxa grande, e cumprimento de 15 a 16 palmos; e permaneeço firme couza de 4 a 5 minutos.

No 1º de Agosto, digo, de Setembro de 1816 fez tanto frio que ninguem se atrevia a sahir fora sem capote, o mesmo vai hoje que saõ 2 do dito mez. (Coimbra) Naõ tem sucedido assim na Rusia, pois dizem os papeis publicados que o calor de 10 de Junho ate 13 de Julho, tem sido como naõ há memoria, e por isso grandes cecas, etc.

Em a noite de 8 para 9 de Setembro de 1816 hum Relegioso em Coimbra teve hum sonho que via às 3 horas da tarde no ar para as partes do meyo dia a Jesus Christo na figura do reçusitado, Nossa Senhora com a Lua debaixo dos pés, à sua maõ esquerda cuberta com hum manto azul claro, e ao lado esquerdo de Nossa Senhora hum homem vestido de branco com huma bandeyra branca na maõ esquerda. E que, demorando-se estas 3 figuras quietas couza de dois minutos, no fim delles o homem vestido de branco, e que tinha a bandeyra, fazia para a terra com a maõ direita muitas cortezias como quem dava parabens. Daqui entendeo o Relegioso que Portugal viria a ter para o futuro alguma renhida guerra para as partes de Lisboa, ou Alentejo, mas que Deos lhe daria a vitoria.

A 4 de Setembro de 1816 chegaraõ a Cadis as 2 Princezas de Portugal. D.

Maria Isabel para cazar com Fernando 7º e D. Maria Francisca para cazar com Carlos Maria, Irmaõ do Rey.

Aquella morreo, sem filhos, no dia 26 de Dezembro de 1818.

Rio de Janeiro 19 de Junho 1816

A 9 do corrente observouse nesta Cidade hum eclipse total da Lua, muito notavel. Começou a emersão na sombra às 8 horas e meia; às 10 estava perfeitamente eclipsada, e persistio perto de 48' neste estado; Começou a emersão às 10 horas e 48'; e completou-se às 12 horas e 12'.

No dia 27 de Outubro de 1816 depois das 4 horas da manhã entre a meia e os 3 quartos para as 5 sentiose em Coimbra hum tremor de terra que duraria 3 segundos. Pela mizericordia de Deos não fez damno.

Nos fins de Setembro do mesmo anno 1816 começou a verse tanto de Coimbra, como das vizinhanças hum maravilhoso signal no Ceo; e continua a ver-se de madrugada para diversas partes, e em diversas figuras. Huns o explicam a modo de huma bandeira, outros a modo de hum arco despedindo muitas fitas encarnadas, e hum clerigo de muita verdade, e temor de Deos me diz agora (27 de Outubro) que o vira à menos de 10 dias à maneira de hum bordaõ, ou cajado das 4 para as 5 da manhã em forma de fogo; que durára huma boa hora, e por fim observára que huma nevoa, como de proposito, o fora cubrindo, e assim desapareçeo. Espero que os papeis publicos fação menção delle muito principalmente se continuar a apparecer.

Este mesmo clerigo me dis que haverá 12 annos vira taobem para a parte do sul, huma hora depois de posto o sol, huma perfeita espada de fogo no ar, e que estando firme mais de hum quarto de hora, desapareçera. Que seus vezinhos se asustaram muito, chorando alguma desgraça futura. (Não faltaraõ na entrada dos Françeses.)

A 15 de Agosto de 1816 ove em Constantinopla hum fogo taõ grande que queimou 1:200 cazas, e 3:000 Lojas, e Armazens.

Noticias de Constantinopla de 26 de Setembro dizem ter ardido todo o Serralho do Gran Senhor com tal violência que as Madamas apenas tiveraõ tempo de fugir em

desordem para os Jardins. A perda reputa-se imensa. E quem nos diz que não he este, e o antecedente incendio aquelle lume de que falla o Pretinho nas suas trovas, pag. 73?...

Poucos dias depois do referido, houve outro incendio no Palacio de Veraõ do Gran Senhor; e se diz que a filha mais nova do dito morrerá nas chamas.

Prucia

Colonia 23 de Outubro 1816

Hontem pelas 9 horas da noite cahio em huma rua desta Cidade hum grande globo de fogo, o qual quando esfriou apresentava huma materia compacta, mas facilmente quebradiça, que cheirava muito a inxofre. Os meteóros desta especie são aqui mui raros.”

Escrevem de Refojos, que no dia 10 de Janeyro 1817 pelas 8 da manha houvera ali hum terramoto pouco duravel, mas forte. Obrigou os Padres a fugir do Choro. Poucos dias antes sentiraõ outro de tarde; em Coimbra nada sentimos, nem de Lisboa tivemos noticia alguma.

Em Coimbra na madrugada do dia 23 de Janeyro sentiosse outro terramoto, breve, mas bem sensível. 1817.

A 3 de Setembro de 1816 foi destronizado pelos guardas do seu Palacio o Imperador da China; em consequencia de huma conjuraçãõ conduzida, segundo se diz, por huma mulher.

No dia 4 de Janeyro de 1817 houve em Coimbra huma trovoada terrivel das seis para as sete horas da manha. A agoa não foi demasiada, mas os trovains e relampans foraõ por 3 vezes ou 4 repetidos com muito estrondo. Alguns homens velhos tomaõ isto como máo anuncio. Não nos castigue Deos como nós mereçemos.

Levantamento em Inglaterra em Dezembro de 1816.

Rucia. Moscovo. Dezembro 1816

Os homens mais velhos não tem noticia aconteçesse em algum tempo o cazo seguinte. Em o dito mez chegáraõ inundaçõins de urços até as portas da Cidade de

Moscovo. Inundáraõ todos os campos vezinhos, causárao grande susto, e foi neçessário sahir artilharia para lhe dar caça. Matáraõ-se mais de 600, e julgasse que o resto voltou aos seus antigos covis, longe dali mais de 200 legoas.

Aclamação

No dia 6 de Abril de 1817, em que cahio a festa da Paschoa, foi aclamado em todo o Reyno de Portugal, e Algarves o Sr. D. Joaõ 6º mandando elle mesmo se cantasse hum Te Deum, e puzesem Luminarias hum só dia.

Em Junho de 1817 se vio em Miranda do Corvo, pelas 10 para 11 horas da noite claraõ que do Nascente caminhava para o Poente, mas muito devagar; e notáraõ muitas pessoas que no meio delle se via huma figura, que parecia hum Altar, e hum Saçerdote revestido? a elle.

Vi isto em huma carta, e naõ de pessoa de vista.

No Compendio da Paixaõ de Christo composto em italiano por Antonio Mavini, e traduzido por Andre Dias em 1752 a f. 317 se diz que os Moradores de Jeruzalem ao meio dia das 6ª feiras sempre fexaõ as portas da Cidade persuadidos que em tal dia, e em tal hora hade ser tomada pelos christaons...

No dia 13 de Maio de 1817 se celebrou por Procuração em Viana de Austria o cazamento do Sr. D. Pedro com a Princeza Leopoldina.

No anno de 1818 cahio a sinza a 4 de Fevereiro, Paschoa a 22 de Março, o que naõ tornará acontecer ate 1881 ou 82.

Na Gazeta nº 99 do anno de 1819 (26 de Abril) vem declarada a descuberta que se fez do Azeite bebido para remedio da peste.

A 23 de Dezembro de 1819 colhi na Quinta deste Mosteiro de S. Cruz duas cereijas completas na carne, na cor, e no gosto.

A 24 de Setembro de 1820 foi o levantamento do Porto contra o Governo da Regencia de Lisboa.

No dia 15 de Setembro de 1820 se levantou o povo e Tropa de Lisboa, e nomeou novo Governo, depondo o que estava nomiado pelo Rey D. Joaõ 6º.

No dia 1º de Outubro de 1820 entrou em Lisboa o sobredito Governo Supremo do Porto no meio dos maiores aplausos, vivas, e aclamaçoins. Estes antes que chegassem a Coimbra remetteraõ insinuaçoins sobre acoartelamentos, mencionavaõ nelle as Ilustres Personagens, e rematavaõ dizendo “Declarasse que alguns destes comem peixe 6ª. feira e Sabbado”

Pelos principios de Dezembro dizem que, alem de outros pasquins, appareçeraõ os seguintes.

“Toda a Revolução de tripas deo em mer...”

“Se a minha razaõ me não engana, os novos Reis vão ao Campo de S. Anna.”²⁵⁵

Hoje 11 de Dezembro de 1820 começaõ as Ileiçoins de Deputados para as Cortes.

A 17 de Dezembro 1820, em que continúa a elleiçaõ experimentouse em Coimbra huma grande trovoada, parece que o anno quer accabar com estrondo, e Deos queira não seja maior o do seguinte.

11 de Janeiro 1821. Até este dia desde o 1º do dito mez tem havido trovoada de dia, e de noite. Grandes trovains, vivos relanpaons, e copiozas chuvas. Pouco falta para a cheia do Rio chegar a Sansaõ.

12 de Janeiro 1821

Nos dias passados apereçeo em Lisboa na porta do Palacio do Governo este pasquim

“Queremos carne, vinho, e paõ; viva o Rey D. Joaõ, e morra a Constituiçaõ”

Appareçeo taobem o seguinte.

... Fernandes Thomas

(couza lamentavel!)

²⁵⁵ A referência ao Campo de Santana remete para a execução, em 1817, dos partidários de Gomes Freire de Andrade, pelos ingleses que, na prática, governavam em Portugal.

*He hum Pedreiraõ
No gráo de Veneravel.”*

6 de Abril 1821

Chegou prezo a Coimbra o Iminentíssimo Sr. Cardial Patriarca; demorou-se no dia 7, e partio no dia 8 ás 8 horas da manhã para Busaco. Vai escoltado com 50 soldados; e em frente o Dezembargador Roque de Maçedo, digo, Manoel de Maçedo, natural de Verride. Nas Professias que se dizem de S. Theotonio (tomo 1º f. 256) dis o 4º (quadra)

“A equinocial linha – ella (a Rainha) passará - um cazo estranho entãõ haverá”

Com efeito bastantes cazos estranhos tem havido; mas no meu conçeito nenhum mais estranho do que este. Um Cardial Patriarca de Lisboa, prezo no meio de bacamartes, e espadas desimbainhadas!! Ora não dê Deos a Portugal os castigos que por isto mereçe...

21 de Abril 1821

Hoje foi confirmada ao mesmo Cardial Patriarcha a ordem para despijar o Reino dentro de 30 dias; e desde entãõ tem a chuva sido tanta, entre nós, que parece ser isto castigo de Deos (31 dito.)

24 de Fevereiro 1821

Neste memoravel dia azeitou o Sr. D. Joaõ 6º no Rio de Janeiro a Constituiçaõ tal qual fizeram as Cortes actuais em Portugal. No dia 26 jurou o Senhor Principe D. Pedro em seu nome e do seu Pay a mesma Constituiçaõ, e taobem o Senhor Infante D. Miguel.

Estarãõ por isto as Potencias do Norte – Rucia, Austria, e Prucia? O tempo o mostrará.

O Priodico – Jornal de Hamburgo tras este artigo “No seculo 17 hum Astrologo prediçe que o anno de 1822 seria fatal ao Imperio Turco, que seriaõ inornes suas calamidades, e talvez fosse destruido..” 6 de Julho 1821

A 4 de Julho de 1821 desembarcou em Lisboa o Sr. D. Joaõ 6º: e 18 dias depois nomeou Reitor da Universidade, Coadjutor e futuro suçessor no Bispado de Coimbra Frei Francisco de S. Luis (!!!)

Pariz 27 de Julho 1821

“ A 15 de Junho, pelas 3 horas da tarde, cahio do Çeo huma pedra meteórica, que pezava 220 libras, em hum campo semiado de batatas situado no limite de Libões, a qual entrou pela terra a profundidade de 6 pes. Quando a pedra hia a cahir ouviraõ-se dois trovains a mais de 10 legoas.”

“ Na Irlanda, Condado de Corh

(dis a mesma Gazeta) se observa agora hum fenomeno inaudito. Em consequencia de hum tremor de terra, imensos espaços de terreno se tem convertido repentinamente em lagos. As arvores, e habitaçoins vaõ desapparecendo, e julgaõ os habitantes que isto he rio subterraneo que vai meter-se no mar perto de Falberte.

Ate agora (21 de Junho) já contaõ submergidas mais de 2:500 fazendas.

Setembro 3 de 1821

Appareçeo à dias em Lisboa este pasquim

“ Que faz la o Joaõ?

Faz o que lhe mandaõ

Come o que lhe daõ.”

A 5 de maio pelas 5 horas da tarde morreo na Ilha de S. Ilena Napoliaõ Bonaparte. (1821) Em igual dia despojou elle do Trono de Espanha a Fernando 7º na Cidade de Baiona. A sua morte, e detalhes de enterro, na verdade curiozos, podem verse nos diarios, e jornais deste tempo. Naõ falta quem diga que foi morto com veneno. Naõ he pois Bonaparte quem hade ser degolado no campo Aonde Sertorio deixou aqueduto fabricado.

Devemos esperar outro ainda pior do que elle; e quem será? O tempo o mostrará a quem viver. Há porem quem pense que elle fugira da Ilha, e que se fingio outro morto em nome delle... e acomodaõlhe aquele 4º (quarteto) de Bandarra, que dis “Meto a sovela nas viras – e veijo pelo buraco – Os ossos de Pedro Jaco - No penedo das mentiras” Apelemos para o tempo...

A 22 de Agosto de 1821 pediraõ passaportes, e sahiraõ de Lisboa os Embaixadores da Rucia, e Austria.

A 19 de Outubro chegou Fr. Francisco de S. Luis a Coimbra, e no dia 20 tomou posse de Reitor da Universidade. 1821.

Diário do Governo nº 253

Londres 2 de Outubro 1821.

“ Os astronomos annunciáraõ a appariçaõ de hum cometa para o fim de 1821, ou principio de 1822’.

(4 de Fevereiro 1823. Ainda naõ appareço)

Lembrança

“ Consequistes fazer-me Pedreiro, Mas naõ livre.” Respondeo o Sr. D. Joaõ 6º no dia do anniversario da restauraçãõ politica ao tempo que lhe metiaõ na maõ a trolha para lançar a 1ª pedra de memoria...’

24 de Dezembro 1821

Choveo tanto neste dia que já às 10 horas da noite estava o Adro cheio, e nem a noite de Natal, nem no dia 25 se pode abrir a porta da Igreja calafetada para naõ entrar a agoa. No dia 28 tivemos 2ª cheia vindo a chuva sempre acompanhada de muitos trovains, e relampaons. Pela falta de 2 palmos naõ chegou aonde a 1ª.

Dito agudo e satirico

Chegando à noticia de çerto sugeito o donativo que outro tinha offerecido às Cortes para ajuda das despezas do Estado; diçe: “Só gastando-o consigo mesmo, o podia empregar pior.”

Pasquins que appareçeraõ em Coimbra na noite de 23 de Janeiro 1822

1º

“ Andaõ os Ladroins

Roubando as Naçoins

E que he o Capataz?

[M] Frei Thomaz'

2º

“Viva a Relegião

Viva o Rey,

E morra a Constituição”

1822

A 2 de Janeiro (dis a Gazeta Contitucional, digo, Universal) abriu o ex Conego Regular D. Joze do Loreto, em Lisboa, no Bairro do Ferragial, a sua Loge (!!!)

Anaedota

Coimbra 24 de Janeiro 1822

Estando na tarde deste dia mais de 80 Estudantes, passou hum Estudante, digo, hum Frade franciscano, pegaõ delle, e dizem-lhe “ou V. D. hade dizer alto, e em bom som – merda para as cortes, e para todos os Deputados, ou vai da ponte abaixo” Oh Senhores! Pois eu heide proferir tal blasfemia? Sim, alias vai da ponte abaixo. Tornou a desculpar-se, mas nada valleo, e para evitar o banho – gritou - merda para as Cortes, e para os seus Deputados. Accabado isto, gritou toda a multidaõ “e nós taobem mijamos , e cag. para as Cortes..”

4 de Fevereiro 1822

Pegando hoje por acaso em hum reportorio deste anno, vejo o seguinte:

“ se o dia de hoje (4) estiver o tempo sereno, denota fertilidade; mas se estiver ventoso, denota guerra.

Veremos o que acontece. O dia esta brusco, não se ve o Sol, e algum vento faz, pouco.

Porto.15 de Março

1822

“Hoje acontece nesta Cidade o que nunca aconteceu, e foi emforçar hum homem que estava havia onze annos prezo. Nunca se vio emforçar hum homem na

*Chuaresma, e menos em huma 6ª feira. Que piedade! Que relegião a deste Céculo!!!
Em onze annos só se axou huma 6ª feira de Março!!!”*

Anaedota

A 20 de Maio de 1822 appareço em huma gruta junto a Carnaxid, termo de Oeiras, a Imagem da Nossa Senhora da Conceição, com os mais requizitos, de que fallaõ os papeis publicos do tempo, como Diario do Governo, Astro, e Gazeta Universal. Concorrendo ali povo imenso atraido pelos milagres que Nossa Senhora fazia, determinou Jozé da Silva Carvalho, Secretario de Estado, que Nossa Senhora viesse para Lisboa, e a gruta fosse arrazada: Assim se fez. Mandou meter dentro hum, ou mais barris de polvora, deitado o fogo, foi pelos ares!!! Que quer dizer isto? Quer dizer o mesmo que deitar abaixo a estatua da fé que estava no frontespicio do palacio da Inquizição!!!

Rio de Janeiro

12 de Outubro 1822

*“ Hoje foi aclamado Imperador do Brazil independente o Principe D. Pedro.”
(Que ventura para Portugal!!!)*

Madrid, 11 de Janeiro

1823

Hoje os Embaixadores de França, Prucia, Austria, e Rucia pediraõ seus pasaportes para sahir de Madrid, deraõ-se-lhe, e partiraõ. Vide Gazeta Universal nº 16 21 de Janeiro

Em hum dos dias seguintes sahio taobem o Nuncio.....

5 de Fevereiro 1823

Hoje pelas duas horas da tarde veio huma trovoada das maiores que à vinte annos tenho visto em Coimbra²⁵⁶; durou só hum quarto de hora, mas cahio hum raio no Colegio dos Loios, outro no dos Jeronimos, e outro no patio da Universidade. Todos sem perigo, Louvado Deos.

13 de Fevereiro 1823

²⁵⁶ Esta afirmação permite situar o autor em Coimbra desde 1803, aproximadamente.

Hoje pelas 3 horas da tarde nos chamou a todos ao Capitulo o Corregedor da Comarca, e diçe vinha por ordem de S. M. fazer o Inventario deste Mosteiro.

Astro da Luzitania anno 1823

Nº 35 de 14 de Fevereiro

S. Redator

Cauza espanto que tendo S.M. dardejado raios luminosos nos esconderijos da conduta de alguns figuroins, que era neçessário desmascarar a Nação degenerada, tenha deixado passar trambolhos capazes de ofender os maiores corcundas. Ora diga-me, Sr. Redator, hade, desaforo maior do que ver hum Bisparraõ, que xuxa as rendas Inormes do Bispado de Coimbra, e do Reitorado da Universidade indignamente, estender maõ sacrilega para receber do Tezoiro Nacional agonizante a esfalfada moedinha do ocio diário? e isto quando com a mais patriotica dureza, e catonismo se reduzem a 600, e trezentos milreis, magistrados velhos, carregados de familia, com dereito adequerido a huma velhiçe sem neçesidade? Ó egoismo fradesco, ó deshonrra nacional! E quem faz isto, Sr. Redator? Eu lho digo: hum fradinho sem mulher, nem filhos (que eu saiba) para sustentar: hum fradinho que das pobres, e inxovalhadas coecas monacais sob o solio Episcopal, aonde acha, dizem, com dez mil cruzados em moeda, que reçebeo (pedindo segredo a quem lhos contou), um espolio de Princepe, 700 lençois, muita seda, capa preçioza, aneis de mil cruzados, etc etc? e que já hoje se não contenta com isto; em fim, Sr. Redator, hum Regenerador!! Ó desgraça! Ó atrocidade! Meu A, parece que Deos tem çegado o nosso governo, alias tais dezaforos teriaõ excitado pronta reforma.

Louvado seja Deos Sr. Redator!

estava rezervado ao grande patriota, o Exmo Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, o voltar em poder do outro mundo para derramar huma tal bispota sobre o bom povo de Coimbra pois dizem que a elle e com a ajuda de outro que tal, foi quem alcançou do nosso bom Rey a espantosa nomiação do fradinho seu velho amigo... Alimpe a maõ à parede, Exmo Sr. Protetor... “ Mas olhe que talvez ainda lhe saia caro o patronato! Mas diga-me, Sr. Redator, já ouviu a fanhoza vox, e agalegado asento do Sr. Bispo em favor da Nação? Qual istoria! Saio a defender as goticas instituiçõins do seu benefificio singular da Universidade, de que vive, e que he incapaz de reformar.

Como bom frade, atacou quanto pode aquelle estebelecimento, que

ambicionára; hoje – tudo vai bien – que menino! E a Nação sofre isto? Faz pasmar que o general Borges Carneiro, que avançou a este preveligiado frade, se metesse nas [emcorpias] para sempre, e deixe levar o Diabo a Constituição! He na verdade caõ de fila, de boa raça, mas não fila, estava melhor para rafeiro. Sr. Redator, digaõ o que diçerem, aqui anda couza oculta, que tem maõ nos arrancos patrioticos de alguns homens zelozos!!! Daõ-lhes unturas fortes, que de repente os amoleçem, e la vai a cauza publica. Acuda-lhe V. M. e seus colegas, alias, a D. Regeneração;

Requiestat in paçe. Mas acautelesse: Olhe que o fradinho não é taõ tonto, que não saiba que hoje, e sempre, o saber he meio seguro de se conservar, e ate de atirar com jornalistas a voar. Esperamos que V.M. publique no seu Astro esta Insaboadella a hum tal Regenerador: no que faz muito à nossa Cauza, e este favor ao seu

M.P.E.S.D.N.

Villa Rial

23 de fevereiro 1823.

Das 3 para as 4 horas da tarde fes nesta Villa o levantamento, clamando – Viva a Relegião, Viva o Rey e a Rainha absolutos – Manoel da Silveira Pinto Conde de Amarante.

Gazeta Universal de 6 de Março N.58

Lisboa 27 de Maio 1823

Hoje sahio de Lisboa o Infante D. Miguel com o Regimento 23.

Diario do Governo nº 129

Lisboa 30 de Maio 1823

Hoje à boca da noite sahio o Rey de Lisboa com o Regimento 18.

Coimbra 30 de Maio 1823

Hoje appareço em varios sitios desta Cidade o Avizo seguinte.

“Os Mestres Alfaiates desta Cidade fazem avizo ao publico que todo o mez de Junho se não encarregaraõ de obra nova, por que têm muitas cazacas, e fardas para

virar”²⁵⁷

Coimbra 8 de Junho 1823

Hoje, pelas 11 e meia da noite, se fez levanttamento contra a Constituição, pelo Regimento, a quem seguio o povo, clamando “Viva a Relegião, viva o Rey e a Rainha absolutos, viva o Infante D. Miguel, viva o Silveira, e morra para sempre a Constituição”

Idem 5 pelas nove horas chegaraõ 33 soldados da Policia fugidos do Porto. Naõ se pode explicar o regozijo com que foraõ reçebidos. Trazem seus cavalos, mas naõ poderaõ trazer clavinas.

Coimbra 5 de Agosto 1823

Hoje chegou, voltando do seu desterro, o Cardial Patriarca; e foi reçebido nesta Cidade com a maior pompa, e regozijo. Ficou no cuarto do Geral em Sta Cruz.

Advertencia

Quem quizer ver por extenso os progetos, e Constituição dos Pedreiros Livres, e o quanto as nossas Cortes cuidavaõ em executar, leia a Gazeta de Lisboa N. 139 em Junho de 1823 a folhas 1078 (que homens!!!)

Advertencia

Quem quizer ver por extenso a Apologia do Clero Espanhol nos annos de 1821 – 22 - 23, leia a Gazeta de Lisboa N. 30 do Anno 1824, folhas 127. Começa – Duas palavras sobre o Clero. Traduzida do Espanhol. Que papel!!!

Hoje 19 de Agosto de 1824 pelas 8 horas da noite entra em Coimbra o Bispo Conde D. Frei [Joaquim] de Nazareth, Religioso Arrabido trasladado do Maranhão. (e Fr. Francisco de S. Luis em Abatalha!...)

Entrega de Lisboa em 20 de Julho de 1833. Terá na Historia Portugueza hum

²⁵⁷ Esta noção de “virar a casaca” já se tinha encontrado nestes apontamentos, quando o compilador acusa António Vieira de virar a roupeta para passar de sebastianista a partidário da interpretação joanista das trovas de Bandarra. Na viragem da Monarquia para a República este fenómeno foi grandemente criticado e alvo dos humoristas de então, tendo os novos aderentes à causa republicana ficado conhecidos pelo nome de “adesivos”. Após o 25 de Abril, novamente entra em voga a noção de “virar a casaca” e a figura do alfaiate aflito mais uma vez aparece no anedotário.

cazo como este?...

Semide. Neste lugar, perto de Coimbra para o meio dia, em cima das noites do mez de Agosto 1833, appareço no ar huma Cruz com muitas palmas em roda de si, e huma coroa em cima da mesma Cruz. Isto me affirmaõ pessoas de verdades.

A 24 de Julho 1833 entregou o Duque de Cadaval Lisboa, e ainda vive em 16 de Fevereiro 1834!!!

A 24 de Janeiro 1834 sahiraõ de S. Cruz os trastes possiveis fugindo dos M. (miguelistas?) e foraõ parar no Busaco. Voltáraõ em 11 de Fevereiro seguinte.

A 26 de Outubro 1834 em Three Mile-Houze (Inglaterra) observou-se por tempo de 20 minutos huma nevoa espesa de insetos de cor vermelha carmezim, deixando a pos de si caudas, que pareciaõ de hum cometa na direçaõ de Ocidente para Oriente; Varios cardumes seguindo-se huns aos outros à maneira de pombos; 25 a 30 pes distante da terra. Este Fenomeno extraordinario vem no Jornal Universal n° 39 f. 290.

N.B.

A 28 de Março 1835 morreo às 2 horas e 20 minutos da tarde o Principe D. Augusto Napoliaõ, tendo cazado havia 2 mezes com D. Maria 2ª!...

III - Fontes e bibliografia

1 - Fontes

1 . 1 – Fontes manuscritas

Bandarra Descuberto nas suas trovas. Collecção das Professias as mais notaveis em respeito à felecidade de Portugal, e Cahida dos maiores Inperios do Mundo. Copiadas de Seus A.A. no anno de 1815, tomos I e II. [Manuscrito] ²⁵⁸

Epitome das esperadas venturas de Portugal e resão da resão q tem os reputados loucos sebastianistas, não para persuadir ao curioso leytor a pia crensa mas para lhe diminuir a censura... [Manuscrito] (B.N. 5518)

Livro das couzas mais notaveis q tenho lido acerca dos fundamentos dos sebastianistas p.a afirmarem que he vivo, e hade vir o Serenissimo S.r Rey Dom Sebastiam [Manuscrito], (B.N., 5520)

Vida da Madre Leocádia da Conceição Religiosa Franciscana do Convento da Madre de Deus de Monchique no Porto, [Manuscrito], 1702 (B.N., F 5522)

1 . 2 - Fontes impressas

A Besta de Sete Cabeças e Dez Cornos, ou Napoleão, Imperador dos Francezes. Exposição Litteral do Capitulo XIII do Apocalipse por hum Presbítero Andaluz, Visinho da Cidade de Málaga, Lisboa, Nova Oficina de João Rodrigo Neves, 1810.

Bandarra Descuberto nas suas trovas. Collecção das Professias as mais notaveis em respeito à felecidade de Portugal, e Cahida dos maiores Inperios do Mundo, Londres, W. Lewis, 1810 (B.N. 53867)

²⁵⁸ Obra objecto de análise, estudo e transcrição na dissertação agora apresentada.

Carta de hum Provinciano a hum seu amigo de Lisboa sobre A Guerra Sebástica, Lisboa, Impressão Régia, 1810. (B.N. 11961)

Crónica do Xarife Mulei Mahamet e d'el Rei D. Sebastião (1573-1578), Odivelas, Europress, 1987

Ordenações e leis do reino de Portugal, recopiladas per mandado del Rei D. Filipe o Primeiro. Undécima edição, segundo a nona de Coimbra, 1824, tomo III, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1847

Victoriosa Promessa de Christo a Portugal na Gloriosa Aparição ao Venerável D. Affonso Henriques em o Campo de Ourique Manifestada no Auto do Juramento do mesmo Rei, descoberto no Cartório de Alcobaça no anno de 1596, Lisboa, officina de João Evangelista Garcêz, 1808. (B.N. 11961)

ALBUQUERQUE, Luís (dir.),

Notícias de missionação e martírio na Índia e Insulíndia, introd. e selecção de textos de Jorge Manuel dos Santos Alves, Lisboa, Alfa, 1989.

ANJOS, Frei Luís dos

Jardim de Portugal, edição de Maria de Lurdes Correia Fernandes, Porto, Campo das Letras, 1999

CASTRO, D. João de,

Paraphrase et concordancia de alguas propheçias de Bandarra, çapateiro de Trancoso, fac-símile da edição de 1603, Porto, Lopes da Silva, 1901,

Idem

Discurso da vida do Rey D. Sebastiam, fac- simile da edição de Paris, 1603, Lisboa, Edições INAPA, 1994

DOM DUARTE

Leal Conselheiro, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1998

LEÃO, Duarte Nunes do

Crónicas dos Reis de Portugal, Reformadas pelo Licenciado Duarte Nunes do Leão,
Introdução e revisão de M. Lopes Almeida, Porto, Lello e irmão, 1975

Idem

Ortografia e Origem da Língua Portuguesa, Introdução, notas e leitura de Maria
Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983

Idem

Descrição do Reino de Portugal, Lisboa, Centro de História da Universidade de Lisboa,
2002

LOPES, Fernão

Crónica de D. João I, Barcelos, Livraria Civilização, 1990, 2 vols.

MACEDO, José Agostinho

Os Sebastianistas, Lisboa, Oficinas Antonio Rodrigues Galhardo, 1810

MENESES, D. Luis de

História de Portugal Restaurado, vol.I, Porto, Livraria Civilização, 1945

ROCHA, João Bernardo e Nuno Alvares Pereira Pato Moniz,

*Refutação analytica do folheto que escreveu o Reverendo padre José Agostinho de
Maçedo, e intitulado “Os Sebastianistas”,* Lisboa, 1810, (B.N. 11961)

SANTO AGOSTINHO

A Cidade de Deus, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, 3 vols

Idem

Confissões, edição bilingue, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000

SANTOS, Frei Manoel dos

História Sebastica, Lisboa Occidental, Officina de Antonio Pedroso Galram, 1735

S. JOÃO, Frei Baltasar de

Vida de S. Frei Gil de Santarém, tradução e introdução de Aires Nascimento, Lisboa, INIC – Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa, 1989

SILVA, Samuel

Tratado da Imortalidade da Alma, fixação do texto, prefácio e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982

USQUE, Samuel

Consolação às Tribulações de Israel, fac-símile da edição de Ferrara de 1553, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989

VIEIRA, Padre António

Sermões, Porto, Lello e Irmão, vol. I, 1959

Idem

Cartas, coordenadas e anotadas por João Lúcio de Azevedo, Lisboa, Imprensa Nacional, vol.I, 1970

Idem

Livro Antepimeiro da História do Futuro, edição crítica de José van den Besselaar, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983

Idem

História do Futuro, edição crítica de Maria Leonor Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992

Idem

Clavis Prophetarum, edição crítica de Arnaldo do Espírito Santo, Lisboa, Biblioteca Nacional, 2000

2 – Bibliografia

2.1 - Dicionários, Enciclopédias, Histórias gerais

ALMEIDA, Fortunato

História da Igreja em Portugal, Damião Peres (dir.), Porto, Portucalense Editora, vol. I, 1967

CHEVALIER, Jean e Alain Gheerbrant

Dicionário dos símbolos, Lisboa, Teorema, 1984.

DAIX, Georges

Dicionário dos Santos, Lisboa, Terramar, 2000

FOUILLOUX, Danielle et al.

Dicionário Cultural da Bíblia, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1996

GOMES, Pinharanda

Dicionário de Filosofia Portuguesa, Lisboa, Círculo de Leitores, 1990.

HERCULANO, Alexandre

História de Portugal, prefácio e notas críticas de José Mattoso, Amadora, Bertrand, 1980, 2 vols.

MARTINS, J.P. Oliveira,

História de Portugal, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988

Idem

Portugal Contemporâneo, Mem-Martins, Publicações Europa-América, s.d., 2 vols

MATTOSO, José (dir.)

História de Portugal, edição académica, Lisboa, Editorial Estampa, 1997, 5 vols.

NAVARRO, Francesc (dir.)

História Universal, Barcelona, Salvat – Público, 2005, 20 vols

NUNES, José Joaquim

Crestomatia Arcaica, 3ª edição, Lisboa, Livraria Clássica Editora, s.d.

PERES, Damião e Eleutério Cerdeira, (dirs.)

História de Portugal, Barcelos, Portucalense ed., 1937, 8 vols.

PIRES, Maria Lucília Gonçalves e José Adriano de Carvalho

Maneirismo e Barroco in História Crítica da Literatura Portuguesa, Carlos Reis (dir.),

Lisboa, Editorial Verbo, 2001

SERRÃO, Joel

Dicionário da História de Portugal, Porto, Livraria Figueirinhas, 6 vols.

2 . 2 - Bibliografia Geral

2 . 2 . 1 – Obras históricas e estudos

AMEAL, João

“D. Frei Fortunato de São Boaventura e a defesa da Tradição Nacional” in Artur Anselmo (dir.), *As grandes Polémicas Portuguesas*, Lisboa, Editorial Verbo, vol.I, 1964, pp. 393–429

ANSELMO, Artur (dir.)

As grandes Polémicas Portuguesas, Lisboa, Editorial Verbo, 1964, 2 vols.

ARAGÃO, Teixeira de

Diabruras, Santidades e Profecias, fac-simile da 1ª edição, 1894, Lisboa, Vega, 1996

AVELAR, Ana Paula

“Os Portugueses. Imagens Narrativas em Crónicas de Quinhentos – Traços de uma Identidade?” in *Discursos, Língua, Cultura e Sociedade*, Abril 1999, pp. 165-176

AZEVEDO, João Lúcio

A evolução do Sebastianismo, Lisboa, ed. Presença, 1984

BESSELAAR, José van den

O Sebastianismo. História sumária, Lisboa, Ministério da Educação e Cultura, 1987

BRANCO, Maria João

Poder Real e Eclesiásticos. A evolução do conceito de Soberania Régia e a sua relação com a praxis Política de Sancho I e Afonso II, Lisboa, Universidade Aberta, (tese de doutoramento, policopiada), 1999

BRISSAUD, Alain

Islão e Cristandade. Treze Séculos de Coabitação, Lisboa, Puma Editora, 1993

BRUNO, Sampaio

O Encoberto, Porto, Livraria Moreira, 1904

BUESCU, Ana Isabel

O Milagre de Ourique e a História de Portugal de Alexandre Herculano. Uma Polémica Oitocentista, Lisboa, INIC, 1987

Idem

“Cultura impressa e cultura manuscrita em Portugal na Época Moderna. Uma sondagem”, in *Penélope. Revista de História e Ciências Sociais*, 21, 1999, pp. 11-32.

BUESCU, Maria Leonor Carvalhão

Gramáticos Portugueses do século XVI, Lisboa, Biblioteca Breve, 1978

CAPELO, Rui Grilo

Profetismo e prognósticos políticos nos sécs. XVII e XVIII, Coimbra, (tese de mestrado policopiada), 1990

CARAMELO, Francisco

“As Orações Penitenciais e os Oráculos Proféticos: Uma Linguagem de Características Comuns” in *Piedade Popular. Sensibilidades. Representações. Espiritualidades*, Lisboa, Centro de História da Cultura/ História das Ideias/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1999, pp. 61–79

CARMO, António

Antropologia das Religiões, Lisboa, Universidade Aberta, 2001

CAROZZI, Claude e Huguette Taviani–Carozzi

La Fin des Temps, Paris, Flammarion, 1999

CARR-GOMM, Sarah

A Linguagem Secreta da Arte. A Explicação dos Códigos e Símbolos Cifrados na Pintura Ocidental, Lisboa, Editorial Estampa, 2003

CARVALHO, António Carlos

Prisioneiros da Esperança. Dois mil anos de Messias e Messianismos, Lisboa, Âncora editores, 1999

CASTELLO-BRANCO, José Barbosa Canaes de Figueiredo

Estudos biographicos ou noticia das pessoas retratadas nos quadros historicos pertencentes à Bibliotheca Nacional de Lisboa, Lisboa, F. A. da Silva, 1854.

CHAMBEL, Pedro

A Simbologia dos Animais n’A Demanda do Santo Graal, Cascais, Patrimonia, 2000

COHN, Norman

Na Senda do Milénio: Milenaristas, Revolucionários e Anarquistas Místicos na Idade Média, Lisboa, Editorial Presença, 1981

CORTESÃO, Jaime

Os Descobrimentos Portugueses, Lisboa, Livros Horizonte, vol.I, 1975

COSTA, João Paulo

D. Manuel I, Lisboa, Círculo de Leitores, 2005

COUTINHO, J.G. Romão

Ontem e Amanhã. Os profetas e o Futuro, Lisboa Terramar, 2002

COUTINHO, Valdemar

“De Dia e de Noite a Costa se Vigia” in *O Mediterrâneo Ocidental: Identidades e fronteira*, Lisboa, Edições Colibri, 2002, pp. 143 – 157

DELUMEAU, Jean

La Peur en Occident. XIVE – XVIII siècles. Une Cité assiégé, Librairie Arthème Fayard, 1978

Idem

Mil Anos de Felicidade. Uma História do Paraíso, Lisboa, Terramar, 1997

Idem

“Le Jardin des Delices et Nous” in *Piedade Popular. Sensibilidades. Representações. Espiritualidades*, Lisboa, Centro de História da Cultura/ História das Ideias/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1999, pp. 13 – 26

Diez-Zubieta, J.

“Portugal y su mito. Don Sebastián y el Pastelero de Madrigal” in *La Aventura de la Historia*, 83, Setembro de 2005, pp. 72-79

DOMINGUES, Frei Bento

A Religião dos Portugueses, Porto, Livraria Figueirinhas, 1989

Idem

A Humanidade de Deus, Porto, Mário Figueirinhas, 1995

ELIADE, Mircea

Origens. História e Sentido na Religião, Lisboa, Edições 70, 1989

FERNANDEZ, Emilio Mitra

“Animales, vícios y herejías” in *Cuadernos de Historia de España*, LXXIV, Buenos Aires, Instituto de Historia de España, 1997, pp. 255–284.

FERRO, Maria José Pimenta

Os Judeus em Portugal no século XIV. Estudos, Lisboa, Guimarães e C^a editores, 1979

FIGUEIREDO, Tomás de

“José Agostinho de Macedo contra a ‘Besta’”, in Artur Anselmo (dir.), *As grandes Polémicas Portuguesas*, Lisboa, Editorial Verbo, vol.II, 1967, pp. 59 – 72

FISH, Stanley

“Como reconhecer um poema ao vê-lo” in *Palavra*, 1, Rio de Janeiro, 1993, pp.156-165

GARCIA, José Manuel (coord.)

História da Marinha Portuguesa A Viagem de Vasco da Gama à Índia, Lisboa, Academia da Marinha, 1999

GIL, Fernando e Helder Macedo

Viagens do Olhar. Retrospecção, Visão e Profecia no Renascimento Português, Porto, Campo de Letras, 1998.

GODINHO, Vitorino Magalhães

Mito e Mercadoria. Utopia e Prática de Navegar: Séculos XIII- XVII, Lisboa, Difel, 1990.

GOMES, Pinharanda

História da Filosofia Portuguesa. A Filosofia Hebraico–Portuguesa, Lisboa, Guimarães Editores, 1999

Idem

História da Filosofia Portuguesa. A Patrologia Lusitana, Lisboa, Guimarães Editores, 2000.

HERMANN, Jacqueline

No reino do desejado: a construção do sebastianismo em Portugal, séculos XVI e XVII, São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

Idem

“Dom Sebastião contra Napoleão: a Guerra sebástica contra as tropas francesas”, in *Topoi*, Rio de Janeiro, Dezembro 2002, pp. 108-133

LIPINER, Elias

Gonçalo Anes Bandarra e os Cristãos-Novos, Associação Portuguesa de Estudos Judaicos / Câmara Municipal de Trancoso, 1996

Idem

Terror e Linguagem. Um Dicionário da Santa Inquisição, Lisboa, Círculo de Leitores, 1999

LOUREIRO, Francisco Sales

D. Sebastião e Alcácer Quibir, Lisboa, Publicações Alfa, 1989

LOURENÇO, Eduardo

O Labirinto da Saudade, Lisboa, Circulo de Leitores, 1988

Idem

Nós como Futuro, Lisboa, Assírio e Alvim, 1998

MARQUES, João Francisco

A parenética portuguesa e a dominação filipina, Porto, INIC, 1986

Idem

A parenética portuguesa e a Restauração, Porto, INIC, 1989

MARTINS, José de Pina

“Frei António de Beja contra a Astrologia Judiciária” in *As grandes Polémicas Portuguesas*, Lisboa, Editorial Verbo, vol I, 1967, pp. 85-130

MATTOSO, José

“Santos Portugueses de Origem Desconhecida” in *Piedade Popular. Sensibilidades. Representações. Espiritualidades*, Lisboa, Centro de História da Cultura/ História das Ideias/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1999, pp. 27-42

MEDINA, José Guadalajara

Las Profecías del Anticristo en la Edad Media, Madrid, Editorial Gredos, 1996

MENDONÇA, José Lourenço e António Joaquim Moreira

História dos principais Actos e Procedimentos da Inquisição em Portugal, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1980

MINC, Alain

A Nova Idade Média, Lisboa, Difel, 1994

MOREIRA, Adriano

“As utopias do fim do século e as previsões metódicas” in *Actas dos IV Cursos Internacionais de Verão de Cascais (30 de Junho a 5 de Julho de 1997)*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, vol.1, 1998, pp. 95-103

NEILL, Stephen

As Missões Cristãs, Lisboa, ed. Ulisseia, s.d.

NEVES, António da Silva

Bandarra o Profeta de Trancoso, Mem Martins, Publicações Europa América, 1990

OLIVEIRA, P. Miguel

História Eclesiástica de Portugal, Mem Martins, Publicações Europa - América, 1994

PASCOAIS, Teixeira de,

A Saudade e o Saudosismo (dispersos e opúsculos), compilação, introdução, fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa, Assírio e Alvim, 1988

PEREIRA, Paulo

Enigmas. Lugares Mágicos de Portugal. Idades do Ouro, Lisboa, Círculo de Leitores e Autor, 2004

Idem

Paraisos Perdidos e Terras Prometidas, Lisboa, Círculo de Leitores e Autor, 2004

PESSOA, Fernando

Portugal, Sebastianismo e Quinto Império, prefácio, introdução, notas e organização de António Quadros, Mem Martins, Publicações Europa - América, 1986

PINHO, Sebastião Tavares

“Abertura na Sessão Inaugural” in *Actas do Congresso Internacional Anchieta em Coimbra. Colégio das Artes da Universidade 1548-1998*, Porto, Fundação Engenheiro António de Almeida, p.21

PINTO, Jaime Nogueira

“Polémicas de António Sérgio” in Artur Anselmo (dir.), *As grandes Polémicas Portuguesas*, Lisboa, Editorial Verbo, vol.II, 1964, pp. 443-460

RAMALHO, Américo da Costa

Estudos sobre o século XVI, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.

RENAN, Ernesto

Os Apóstolos, Porto, Lello & Irmão Editores, s. d.

RIBEIRO, Fernando Jorge de Oliveira

A Utopia em Das Glasperlenspiel, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2001

SALDANHA, António Vasconcelos de

“A dimensão política dos escritos messiânicos do Padre António Vieira” in *Vieira escritor*, Lisboa, Cosmos, 1997, pp. 157-273.

SARAIVA, António José

História e utopia, Lisboa, ICALP, 1992

Idem

O Discurso Engenhoso. Ensaios sobre Vieira, Lisboa, Gradiva, 1996

SERRÃO, Joel

Do Sebastianismo ao Socialismo em Portugal, Lisboa, Livros Horizonte, 1969

SEABRA, Carlos Lino

São Frei Gil de Vouzela. Um Escritor Medieval Português, Vouzela, Câmara Municipal de Vouzela, 1996

SHERMER, Michael

Porque Acreditam as pessoas em coisas estranhas, Lisboa, ed. Replicação, 2001

SILVA, Agostinho da

Ensaios sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira, Lisboa, Âncora Editora, 2000

SILVA, José Luís Conceição

Os Painéis de D. Afonso V e o Futuro do Brasil, Brasília, Artgraf, 1997

SVENTSÍSKAIA, Irina

Os Primeiros Cristãos – Páginas de História, tradução António Pescada, Lisboa, Editorial Caminho, 1990

TAVARES, António Augusto

“Palavras e expressões portuguesas de origem hebraica” in *Estudos Orientais II. O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Lisboa, Instituto Oriental/Universidade Nova de Lisboa, 1991, pp. 217 - 244.

TAVARES, Maria José Ferro

Judaísmo e Inquisição, Estudos, Lisboa, Editorial Presença, 1987

Idem

“Características do messianismo judaico em Portugal” in *Estudos Orientais II. O Legado Cultural de Judeus e Mouros*, Lisboa, Instituto Oriental/Universidade Nova de Lisboa, 1991, pp. 245 – 266

Idem

“Bandarra e o Messianismo judaico português” in João Medina (dir.) *História de Portugal. Dos Tempos Pré-históricos aos Nossos Dias*, vol. VI, *Judaísmo, Inquisição e Sebastianismo*, Amadora, Clube Internacional do Livro, 1996, pp. 35–40

Idem

“O messianismo na obra do Padre António Vieira”, in *Terceiro Centenário da Morte do Padre António Vieira. Actas do Congresso Internacional*, Braga, Universidade Católica Portuguesa/ Província Portuguesa da Companhia de Jesus, vol I, 1999, pp. 135-164

Idem

“O difícil diálogo entre judaísmo e cristianismo” in Carlos Moreira Azevedo (dir.), *História Religiosa de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, vol. I, 2000, pp. 53-89

Idem

“O Milénio e a História” in *Discursos* (III série), Fevereiro 2002, pp. 13-38

Idem

“Construir, desconstruindo a Europa – Tensões e medos (Sécs. IV a XVII)” in *Discursos*, Jun. 2002, pp. 169-211

Idem

“O Padre António Vieira, os Judeus e os Cristãos Novos”, in *Em Louvor da Linguagem - Homenagem a Maria Leonor Buescu*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova, Lisboa, edições Colibri, 2003, pp. 415-428

Idem

Milénio e Império, Lisboa, Universidade Aberta, 2003

Idem

Milénio e Império. O caso Português, Lisboa, Universidade Aberta, 2003 (suporte em CD rom)

TRINDADE, Manuel

“Herculano Polemista” in Artur Anselmo (dir.), *As grandes Polémicas Portuguesas*, Lisboa, Editorial Verbo, vol.II, 1967, pp. 39-72

VALENSI, Lucette

Fábulas da Memória – A Gloriosa Batalha dos Três Reis, Porto, Edições Asa, 1996

VENTURA, Maria da Graça Mateus (coord.)

O Mediterrâneo Ocidental. Identidades e Fronteira, Lisboa, Edições Colibri, 2002

VIDAL, Frederico Gavazzo Perry

Descendência d’El-Rei D. João VI, Lisboa, Edições INAPA, 1996

VIEIRA, Aires dos Passos

Almada no Tempo dos Filipes. Administração, Sociedade, Economia e Cultura (1580 – 1640), Almada, Câmara Municipal de Almada, 1995

2 . 2 . 2 – Obras literárias

CAMPOS, Fernando

A Ponte dos Suspiros, 2ª edição, Lisboa, Difel, 1999

LOBO, Francisco Rodrigues

Corte na Aldeia, Biblioteca Ulisseia de Autores Portugueses, 1990

MAIA, Samuel

História Maravilhosa de Dom Sebastião Imperador do Atlântico, Lisboa, Livraria Bertrand, 1940

MORUS, Tomás

A Utopia, 11ª edição, Lisboa, Guimarães Editores, 1998

VICENTE, Gil

As Obras de Gil Vicente, direcção de José Camões, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. I, 2002

3 - Endereços Electrónicos

Biblioteca Antiga Digital – Universidade Aberta,

« <http://www.univ-ab.pt/bad/index.html> »

Índices da Biblioteca Nacional Digital,

« <http://purl.pt/index/Geral/PT/index.html> »

Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico, João Romano Torres–Editor, 1904-1915, volume I, edição electrónica 2000-2001 « <http://www.arqnet.pt/dicionario/00001a.html> »

CARMELO, Luís

O milagre de Ourique ou um mito nacional de sobrevivência

« <http://bocc.ubi.pt/pag/carmelo-luis-Ourique.html> » (5 de Maio de 2005)

CARVALHO, Francisco Moreno de

« www.vidaslusofonas.pt/manoel_bocarro_frances.htm » (10 de Maio de 2005)

COSTA, António L. M. Coelho

O Brasil dos Outros Quinhentos

«[http://rpg_ficcao.sites.uol.com.br/Outro/Outros 500.htm](http://rpg_ficcao.sites.uol.com.br/Outro/Outros_500.htm)» (28 de Junho 2004)

CRUZ, Bernardo da

Chronica de ElRey D. Sebastião, publicada por A. Herculano, e o Dr. C. Payva, Lisboa, Galhardo e Irmãos, 1837. Edição digitalizada, Biblioteca Antiga Digital – Universidade Aberta, « <http://www.univ-ab.pt/bad/index.html>»

LAJOLO, Marisa e Márcia Abreu

Projeto Memória da Leitura do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP

«<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Acervo/>» (7 de Julho de 2005)

RUSCONI, Roberto

La historia del fin: cristianismo y milenarismo, Teologia y vida, 2003, 44, pp. 209–220,

«<http://www.scielo.cl/pdf/tv/v44n2-3/art06.pdf>» (28 de Junho de 2004)